

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

ÁUREA CAVALCANTE SANTANA

**LÍNGUAS CRUZADAS, HISTÓRIAS QUE SE MESCLAM:
AÇÕES DE DOCUMENTAÇÃO, VALORIZAÇÃO E
FORTALECIMENTO DA LÍNGUA CHIKUITANO NO BRASIL**

**Goiânia
Junho de 2012**

ÁUREA CAVALCANTE SANTANA

**LÍNGUAS CRUZADAS, HISTÓRIAS QUE SE MESCLAM:
AÇÕES DE DOCUMENTAÇÃO, VALORIZAÇÃO E
FORTALECIMENTO DA LÍNGUA CHIKUITANO NO BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras e Linguística.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Pimentel da Silva

Co-Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Mônica Veloso Borges

Goiânia

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

S232l Santana, Áurea Cavalcante.

Línguas cruzadas, histórias que se mesclam: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil / Áurea Cavalcante Santana. – 2012.
xx, 290 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Maria do Socorro Pimentel da Silva.

Co-orientadora: Monica Veloso Borges.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Língua indígena. 2. Língua Chiquitano – Brasil – História.
3. Língua Chiquitano – Estudo e ensino. 4. Chiquitano – Língua ameaçada. 5. Chiquitano – Revitalização da língua. I. Título
CDU 811.871.22(817.2)

Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte

ÁUREA CAVALCANTE SANTANA

**LÍNGUAS CRUZADAS, HISTÓRIAS QUE SE MESCLAM:
AÇÕES DE DOCUMENTAÇÃO, VALORIZAÇÃO E
FORTALECIMENTO DA LÍNGUA CHIQUITANO NO BRASIL**

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Doutora, aprovada em 18 de junho de 2012, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª Drª Maria do Socorro Pimentel da Silva
Orientadora – Presidente da Banca
Faculdade de Letras - UFG

Profª Drª Mônica Veloso Borges
Co-Orientadora
Faculdade de Letras - UFG

Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha
Faculdade de História – UFG

Profª Drª Tânia Ferreira Rezende
Faculdade de Letras – UFG

Profª Drª Carmen Lúcia da Silva
Instituto de Ciências Humanas e Sociais - UFMT



A

Rosália Lopes, Inácio e Lourença Tomichá, Lourenço e Tereza Rupe, Inácio (in memorian) e Mikaela Peteá, Nicolau e Clemencia Muquissai, guardiões do jeito Chiquitano de ser.

A

Alair Fernando das Neves, incentivador do meu bem fazer.

AGRADECIMENTOS

Como todo mundo, eu suponho, tenho esta difícil tarefa de enumerar todos aqueles a quem devo algum agradecimento. Como lembrar, agora, de todos que, de um jeito ou de outro, com sua presença próxima ou distante, têm alguma participação no resultado desse trabalho?

Esta Tese dependeu, dentre tantas pessoas, dos professores que me abriram os horizontes para a linguística e para a pesquisa, dos colegas do Doutorado que apoiaram com opiniões, discussões acadêmicas, indicação de textos e momentos prazerosos em grupo; dos professores e crianças Chiquitano que me fazem descobrir novos sentidos para a descrição e análise da Língua Chiquitano; dos colegas da Funai, Coordenação Regional de Cuiabá, e de Brasília que colaboraram com apoio e incentivos para que eu pudesse prosseguir os estudos; das auxiliares domésticas que cuidaram da minha casa e dos meus filhos; dos amigos que me fizeram companhia, me prestaram favores e se mostraram sempre dispostos a colaborar; e ainda de muitas outras pessoas que me receberam com simpatia e me ofereceram encorajamento e estímulos em palavras e gestos. Desse modo, a todas essas pessoas quero registrar o primeiro agradecimento e, a elas, peço licença para agradecer, nomeando algumas pessoas relacionadas mais diretamente à elaboração desta Tese:

À Ema Marta Dunck-Cintra, pelo reencontro de luz numa tarde morna cuiabana, onde tudo isso começou.

Ao povo Chiquitano das comunidades brasileiras de Acorizal, Central, Fazendinha e Vila Nova Barbecho pela confiança, hospitalidade e alegria em partilhar comigo suas lembranças linguísticas e seu cotidiano.

Aos Chiquitano conhecedores da língua, meus auxiliares especiais: Rosália Lopes, Clemência Muquissai, Lourenço Rupe, Inácio Tomichá, Mikaela Xerupá e Inácio Pete'á (falecido em março de 2005, mas sua voz permanece me guiando em outras presenças) pela confiança, dedicação, enfim, pelas doces presenças.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria do Socorro Pimentel da Silva, com quem trilho caminhos da pesquisa linguística há alguns anos. Em todo esse tempo, devo destacar sua confiança em acreditar que eu poderia levar este projeto adiante. Menciono, aqui, também a minha grande admiração pela sua dedicação à educação intercultural e à formação de professores indígenas.

À Professora Doutora Mônica Veloso Borges, minha Co-orientadora, pela forma humana e hábil de saber resolver, comigo, tantos problemas de descrição e análise linguísticas, respeitando minhas limitações, valorizando-me e me estimulando nos caminhos da fonética e da fonologia. A ela agradeço, ainda, pelas leituras muito cuidadosas dos textos.

Aos Professores Doutores Leandro Mendes Rocha e Tânia Ferreira Rezende pela leitura criteriosa, pelos comentários e sugestões enriquecedores na Qualificação. Agradeço, também, por participarem da Banca de Defesa.

À Professora Doutora Carmen Lúcia da Silva, por ter aceitado participar da Banca de Defesa desta Tese.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT) pela concessão da bolsa de estudos para o meu doutoramento no Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG).

À colega linguista, Luisa Patatas, pelas leituras colaborativas, pelo carinho imenso e pela disponibilidade de sempre em ler e colaborar na correção dos textos.

Aos colegas linguistas, estudiosos da Língua Chiquitano, Harry de Haan, Sieglinde Falkinger, Pierric Sans e Pablino Parapaino Castro pela disponibilização e trocas de referenciais e experiências.

Ao linguista Eduardo Rivail Ribeiro pelas orientações e trocas de experiências com a língua Chiquitano. Também pelo incentivo, apoio e colaboração nos estudos históricos comparativos da língua Chiquitano.

Ao Dr. Willen Adelaar pela presteza e confiança em me enviar comentários e o rascunho de seu *hand-out* de Comunicação Oral, apresentado no IV Encontro Macro-Jê.

Aos Administradores da Coordenação da Funai em Cuiabá, Carlos Márcio Vieira Barros, Benedito César Garcia de Araújo e José Eduardo Moreira da Costa pelo apoio, incentivo para realização deste trabalho. Gostaria, ainda, de ressaltar

a minha admiração pelo trabalho sério e incansável desses colegas em prol do reconhecimento e demarcação do Território Chiquitano no Brasil.

À professora doutora Joana Fernandes da Silva, pelo apoio, incentivo e, acima de tudo, por compartilhar conosco esperanças e lutas “chiquitanas”.

Às colegas professoras Izolda Strentzke pela ajuda com os gráficos e análises estatísticas e Odila Watzel pelo empenho e dedicação comigo nas aulas de inglês.

À colega professora Márcia Horácio Barbosa, representante da “Confraria”, pela torcida, por ouvir minhas lamúrias e também pela colaboração com a língua espanhola.

Ao técnico em Eletrônica, Ribamar Costa, por me apresentar e orientar no uso do Programa Sound Forge e ao técnico em Geoprocessamento, Jonas Ferreira dos Santos, pela elaboração dos Mapas.

Aos funcionários da Coordenação da Pós-Graduação, Consuelo de Lourdes Costa e Bruno Raphael Calassa, pela atenção e presteza com esta “aluna de fora”.

A toda minha família (irmãos, cunhados, sobrinhos) pelo apoio, solidariedade e também pelo carinho e paciência em ouvir minhas conversas sobre linguística e sobre os Chiquitano. Em especial às minhas irmãs Elizabeth, Ana Rosa e Noraney, por serem tão corajosas a ponto de me influenciarem com sua força e determinação.

Aos meus filhos, Mahira & Gilson, Mirna, Luan, Luiz Felipe, Gabriel e Mayara. Sou feliz em tê-los por toda a vida.

Ao Rômulo Souza, por ser um amigo para se guardar, sempre; *imãmã tsawidi!*

Ao “meu bem”, Alair Fernando, por todos os detalhes.

MUNDO PEQUENO

Aromas de tomilho dementam cigarras.

Sombra-Boa

V

Esses lagartos curimpãpãs têm índole tropical.

Tornam-se no mês de agosto amortecidos e idiotas

Ao ponto que se deixam passar por cima como pedras.

Ao ponto que se deixam atravessar por caminhões.

Aparecem de sempre esses lagartos encostados em
muros decadentes -

Onde se criam devassos.

Bem assim, por exemplo:

Formiga puxou um pedaço de rio para ela e tomou
banho em cima.

Lagarto curimpãpã assistiu o banho com luxúria no
olho encapado.

Depois se escondeu debaixo de um tronco

(Tem um tipo de árvores que dão pros lagartos)

Alguns atravessam invernos que os pássaros morrem.

Borboletas translúcidas quedam estancadas no tronco
das árvores -

Se enxergam por perto os curimpãpãs.

Mas todos sabemos que esses lagartos curimpãpãs são
pouco favorecidos de horizontes.

Enxergam tão pequeno que às vezes pensam que a
gente é árvore e nem se mexem.

Nos barrancos há riscos de suas manguaras.

E se estão em aflição de espírito - combustam!

(Essas notícias foram colhidas por volta de 1944,
entre os índios **chiquitanos**, na Bolívia.)

Águas estavam iniciando rãs.

Manoel de Barros

RESUMO

Os Chiquitano, pouco conhecidos no Brasil, fazem parte dos grupos indígenas contemporâneos, segregados e silenciados pelos diversos contextos de povoamento das fronteiras geopolíticas. Habitando a região fronteira entre o Brasil e a Bolívia, atualmente, os Chiquitano brasileiros vivem um processo de etnogênese, buscando caminhos favoráveis à ressignificação da coletividade étnica e à cidadania de direito através do reconhecimento identitário e da demarcação de suas terras. E nesta trilha, buscando contribuir para o fortalecimento e a revitalização da Língua Chiquitano é que este trabalho se contextualiza. Fundamentada em diversas premissas teóricas e metodológicas, esta Tese aborda aspectos históricos, sociolinguísticos, fonéticos e fonológicos da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha, no município de Porto Esperidião, no Estado de Mato Grosso. Também são apresentadas, nesta Tese, reflexões sobre a condição de língua ameaçada, vivenciada nestas comunidades, e sobre o envolvimento dos indígenas nas ações para o fortalecimento da identidade e nas iniciativas para a revitalização da sua língua materna ancestral. São apresentados, ainda, descrições de como os estudos realizados sobre a língua Chiquitano, bem como as discussões e encontros mantidos com os professores durante a pesquisa para o Doutorado, subsidiaram a definição de uma ortografia experimental e fomentaram atividades pedagógicas de uso da língua nas comunidades Chiquitano brasileiras.

Palavras chave: Língua Indígena; Língua Chiquitano; Língua Ameaçada; Sociolinguística; Fonologia; Revitalização de Língua

ABSTRACT

The Chiquitano, poorly known in Brazil, are part of the contemporary Indian groups, segregated and silenced by the different contexts of population density of the geopolitical frontiers. Living currently in the frontier between Brazil and Bolivia, the Chiquitano of the Brazilian communities live in a process of ethnogenesis, searching for favorable ways to resignification of the ethnic collectivity and to the citizenship of law through the identity recognition and the demarcation of their lands. And in this way, attempting to contribute for the strengthening and the revitalization of the Chiquitano language is that this work is contextualized. Based on several theoretical and methodological premises, this Thesis addresses historical, sociolinguistic, phonetic and phonological aspects of the Chiquitano language in the Brazilian communities of Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central and Fazendinha, in the municipality of Porto Esperidião, in the State of Mato Grosso. Reflections about the situation of endangered language experienced in these communities and the Indigenous people's involvement in the actions for the strengthening of the identity and in the initiatives for the revitalization of their ancestral mother tongue are also presented in this thesis. It is also shown how the dialogic contact among the research for Doctorate, the socialization of the linguistic data and the Chiquitano community's motivation served as a basis for actions and pedagogical proposals, which subsidized the definition of an experimental orthography and encouraged didactic activities, seeking motivation of the learners for the appropriation of the Chiquitano language and culture.

Keywords: Indigenous Language; Chiquitano Language; Endangered Language; Sociolinguistics; Phonology; Revitalization of Language

RESÚMEN

Los chiquitano, pueblo todavía poco conocido en Brasil hacen parte de uno de los muchos grupos indígenas contemporáneos, segregados y silenciados por los diversos contextos de poblamiento de las fronteras geopolíticas. Habitando en la región de frontera entre Brasil y Bolivia, actualmente, los chiquitano de las comunidades brasileñas viven un proceso llamado etnogenese, dónde buscan caminos favorables para la resignificación de su colectividad étnica, además del sentido esencial de la ciudadanía de derecho, bien como el reconocimiento de la identidad del pueblo y fundamentalmente, la remarcación de sus tierras naturales. Con el objetivo de fortalecer y revitalizar la lengua del pueblo chiquitano es que ese trabajo fue contextualizado. Esta Tesis es fundamentada por varias fuentes teóricas y metodológicas, abordando los aspectos históricos, sociológicos, fonéticos y fonológicos de la lengua chiquitana en las comunidades brasileñas Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central y Fazendinha, todas localizadas en el municipio llamado Porto Esperidião, situadas en el Estado de Mato Grosso, región Centro-Oeste de Brasil. Además de los aspectos presentados, también son hechas algunas reflexiones a respecto de la amenaza que sufre la lengua chiquitana en esas comunidades y la participación de los indígenas en acciones para el fortalecimiento de la identidad lingüística, bien como la revitalización de la lengua materna ancestral. Todavía es demostrado de qué manera el contacto dialógico entre la pesquisa para la Tesis de Doctorado, la socialización de los datos lingüísticos y la motivación de la comunidad chiquitana, han ayudado en la fundamentación de acciones y propuestas pedagógicas en las cuales subsidiaron la definición de una ortografía experimental y fomentaron actividades didácticas, intentando la motivación de los aprendices para la apropiación de la lengua, y por supuesto de la cultura chiquitana.

Palabras llave: Lengua Indígena; Lengua Chiquitana; Lengua Amenazada; Sociolingüística; Fonología; Revitalización de la Lengua

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

MAPAS		
Mapa 1	Chiquitania e Missões Jesuíticas	22
Mapa 2	Localização das Comunidades Chiquitano no Brasil	41
Mapa 3	Localização da Terra Indígena Portal do Encantado	62
QUADROS		
Quadro 1	Comunidades Chiquitano	45
Quadro 2	Comparativos de Fonemas Proto-Jê e Chiquitano	86
Quadro 3	Comparativo dos Alfabetos na Língua Chiquitano	198
Quadro 4	Primeira Proposta de Alfabeto para a Língua Chiquitano no Brasil	202
Quadro 5	Grafemas para a Fricativa Retroflexa Desvozeada /ɣ/	203
Quadro 6	Segunda Proposta de Alfabeto para a Língua Chiquitano	205
Quadro 7	Lista de Nomes na Língua Chiquitano – Atividade Desenvolvida pelos Professores	208
Quadro 8	Canto: O Sapo na Beira do Rio	215
GRÁFICOS		
Gráfico 1	Demonstrativo de Faixa Etária da População das Comunidades Chiquitano de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha	47
Gráfico 2	Demonstrativo de Quantidade de Sílabas.....	187
Gráfico 3	Percentual de Ocorrência de Acento	189
FIGURAS		
Figura 1	Memorial Espírito Santo dos Chiquitano – Brasil	52
Figura 2	Igreja de Santa Ana – Bolívia	53
Figura 3	Chiquitano Brasileiros Tocam na Inauguração do Memorial .	55
Figura 4	Homem Chiquitano com Pintura Corporal	56
Figuras 5 e 6	Páginas do “Caderno da Isabel”	95
Figura 7	Cartaz Ilustrado em Sala de Aula	209
Figura 8	Jogo de Dados	210
Figuras 9 e 10	Dominó: Falas Feminina e Masculina	211

Figura 11	Jogos de Memória: Singular e Plural	211
Figura 12	Jogos de Memória: Associar Figura ao Nome	211
Figura 13	Encenação de Mito/História	213
Figura 14	Encenação de Mito/História	214
Figura 15	Ancião com as Crianças na Escola	215
Figura 16	Crianças Cantam em Festividade na Escola	216
Figura 17	Crianças em Apresentação Cultural	217
Figura 18	Criança com Máscara	218
Figura 19	Banner do Evento: I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano	221
Figura 20	Abertura do Encontro: Representantes das Comunidades ...	221
Figura 21	Abertura do Encontro: Palestra com Izabel Taukane	221
Figura 22	Oficinas de Recreação	222
Figura 23	Atividade Cultural	222
Figura 24	Exposição de Fotografias	222
Figura 25	Palestra e Exibição de Filme	222
Figura 26	Aula de Língua Portuguesa e Produção de Textos	224
Figura 27	Oficinas de Matemática e Química	224

TABELAS

Tabela 1	Fones Consonantais	114
Tabela 2	Fones Vocálicos	115
Tabela 3	Fonemas Consonantais.....	156
Tabela 4	Fonemas Vocálicos.....	156
Tabela 5	Vogais em Final de Sílabas Átonas Finais	170
Tabela 6	Vogais em Sílabas Tônicas	171

LISTA DE SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS

SÍMBOLOS

-	formas presas
—	lugar onde ocorre um segmento ou um processo
σ	estrutura silábica
'	acento primário
~	alternância fonética ou fonológica
[]	realização fonética
//	representação fonológica
.	fronteira silábica
:	alongamento vocálico
‘ ’	tradução livre
∅	zero ou apagamento
→	torna-se, realiza-se como
{ }	representação do morfema
*	forma reconstruída

ABREVIATURAS

1ª p.	1ª pessoa
2ª p.	2ª pessoa
3ª p.	3ª pessoa
C	consoante
CAA	contraste em ambiente análogo
CAI	contrate em ambiente idêntico
Dim	diminutivo
ESP	espanhol
Ff	fala feminina
Imp	imperativo

Fm	fala masculina
NP	nome próprio
Pl	plural
Sg	singular
V	vogal

SIGLAS

AI	Área Indígena
APCOB	<i>Apoyo para el Campesino Indígena del Oriente Boliviano</i>
Bird	Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento
CR	Coordenação Regional da Funai
CEI	Conselho de Educação Indígena
Cefapro	Centro de Formação de Professores
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Funai	Fundação Nacional do Índio
Funasa	Fundação Nacional de Saúde
GT	Grupo de Trabalho
IPA	International Phonetic Alphabet
ISA	Instituto Socioambiental
MT	Estado de Mato Grosso
PDPI	Plano de Desenvolvimento de Povos Indígenas
Proesi	Programa de Educação Superior Indígena Intercultural da Universidade Estadual de Mato Grosso
Secom	Secretaria de Comunicação
Seduc	Secretaria de Estado de Educação
Semec	Secretaria Municipal de Educação
SIL	Sociedade Internacional de Linguística
Sivam	Sistema de Vigilância da Amazônia
TI	Terra indígena
Unemat	Universidade do Estado de Mato Grosso
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

RESUMO.....	x
ABSTRACT	xi
RESÚMEN	xii
LISTA DAS ILUSTRAÇÕES.....	xiii
LISTA DE SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS.....	xv
 INTRODUÇÃO	 22
Entre Justificativas e Objetivos.....	26
Considerações Metodológicas	30
 CAPÍTULO I.....	 35
POVO CHIQUITANO: HISTÓRIA E TRAJETÓRIAS	35
1.1 - OS CHIQUITANO NO BRASIL	40
1.1.1 – Sobre as Comunidades Chiquitano.....	46
1.1.2 – Espaços Institucionais.....	50
1.1.3 – Fronteiras Identitárias.....	58
CONCLUSÃO.....	65
 CAPÍTULO II	 67
CONVÍVIOS NA PESQUISA DE CAMPO: EXPERIÊNCIA COM UMA LÍNGUA	
INDÍGENA AMEAÇADA	67
2.1 – A PESQUISA DE CAMPO.....	67
2.2 – O CONVÍVIO	70
CONCLUSÃO.....	77
 CAPÍTULO III	 79
A LÍNGUA CHIQUITANO: ASPECTOS HISTÓRICOS E	
SOCIOLINGÜÍSTICOS	79

3.1 – ASPECTOS HISTÓRICOS.....	79
3.1.1 – Buscando a Afiliação Linguística do Chiquitano	83
3.2 – ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS	90
3.2.1 – Diferenças entre as Falas Feminina e Masculina.....	99
3.2.2 - Diferenças e Similaridades entre os Registros da Língua Chiquitano Falada no Brasil e na Bolívia.....	104
3.2.3 – Línguas Cruzadas	108
CONCLUSÃO.....	112
 CAPÍTULO IV.....	 114
ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS.....	114
4.1 – SEGMENTOS CONSONANTAIS EM CONTRASTE	117
4.1.1 – As Oclusivas /p, t, k, g, ʔ/.....	118
4.1.2 - A Africada /tʃ/	121
4.1.3 - As Fricativas /v, s, ʃ, ʂ, h/.....	122
4.1.4 – A Vibrante Simples /r/.....	127
4.1.5 - As Nasais /m, n, ɲ/.....	127
4.1.6 - As Aproximantes /w, j/	129
4.2– SEGMENTOS CONSONANTAIS EM COMPLEMENTAÇÃO	132
4.2.1 – Variação Ambiental	132
4.2.1.1 – Os segmentos [p] e [pʲ], [t] e [tʲ], [k] e [kʲ]	132
4.2.1.2 – Os segmentos [ŋk] e [k]	135
4.2.1.3 – Os segmentos [dʲ] e [gʷ]	135
4.2.2 – Variação Livre	136
4.2.2.1 – Os segmentos [v], [β] e [w]	136
4.2.2.2 – Os segmentos [ʂ] e [χ]	139
4.2.2.3 – Os segmentos [s] e [ts]	140
4.2.2.4 – Os segmentos [ɲ], [j] e [j̃]	140
4.3 – SEGMENTOS VOCÁLICOS EM CONTRASTES.....	141
4.3.1 - As Vogais Orais Anteriores [i, e].....	141
4.3.2 - As vogais Orais Centrais [ɨ, a]	142
4.3.3 - As Vogais Orais Posteriores [u, o]	143

4.3.4 - As vogais Orais Altas [i, ɨ, u]	143
4.3.5 - As Vogais Orais Médias [e, o]	144
4.3.6 - As Vogais Nasais [ĩ, ê, ã, û, õ]	145
4.4 – SEGMENTOS VOCÁLICOS EM COMPLEMENTAÇÃO	148
4.4.1 - Variação Posicional.....	148
4.4.1.1 – Os segmentos [i], [ɪ] e [e]	148
4.4.1.2 – Os segmentos [u], [ʊ] e [o]	149
4.4.1.3 – Os segmentos [a] e [ə]	151
4.4.2 - Variação Livre	151
4.4.2.1 – Os segmentos [e] e [ɛ]	152
4.4.2.2 – Os segmentos [o] e [ɔ]	152
4.4.3 – Alongamento Vocálico.....	153
4.5 - PROCESSOS FONOLÓGICOS.....	158
4.5.1 - Processos de Assimilação	158
4.5.1.1 – Palatalização das oclusivas /p/, /t/ e /k/	158
4.5.1.2 – Pré-nasalização da oclusiva velar desvozeada /k/	160
4.5.1.3 – Velarização e sonorização da oclusiva glotal desvozeada /ʔ/	162
4.5.1.4 – A nasalização das vogais [i, e, a, u, o]	162
4.5.2 – Processos de Estruturação Silábica.....	163
4.5.2.1 - Realização não explodida da oclusiva velar desvozeada /k/	163
4.5.2.2 - Apagamento da oclusiva glotal desvozeada /ʔ/	164
4.5.2.3 - Apagamento da fricativa labiodental vozeada /v/	166
4.5.2.4 - Inserção da fricativa glotal desvozeada [h]	166
4.5.2.5 - Apagamento de vogais.....	167
4.5.2.6 - Inserção de vogais	168
4.5.2.7 - Consonantização de /i/ e /u/.....	169
4.5.3 – Processos de Enfraquecimento e Reforço	170
4.5.3.1 - Levantamento e abaixamento das vogais orais: /i/, /e/, /a/, /u/ e /o/	170
4.5.3.2 – Alongamento das vogais	172
4.5.4 – Processos de Neutralização.....	173
4.5.4.1 - Alternância entre /tʃ/ e /ʃ/	173
4.5.4.2 - Alternância entre /s/ e /ʃ/	174
4.5.4.3 - Alternância entre /ʃ/ e /ʒ/	174
4.5.4.4 - Alternância entre /ɨ/ e /u/	175

4.6 – ESTRUTURA SILÁBICA	176
4.6.1 – Tipos de Sílabas	177
4.6.1.1 - Núcleo (V)	177
4.6.1.2 - Núcleo e Coda	178
4.6.1.3 - Ataque e Núcleo	178
4.6.1.4 - Ataque, Núcleo e Coda	179
4.6.2 – Distribuição dos Fonemas nas Sílabas	181
4.6.3 - O Número de Sílabas	188
4.7– CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACENTO	188
CONCLUSÃO	191
 CAPÍTULO V	 194
DIÁLOGOS INTERCULTURAIS: AÇÕES DE VALORIZAÇÃO E FORTALECIMENTO DA LÍNGUA CHIKUITANO	194
5.1- A DEFINIÇÃO DA ORTOGRAFIA	196
5.2 – ATIVIDADES E METODOLOGIAS DE ESTUDO E ENSINO DA LÍNGUA CHIKUITANO	208
5.2.1 – Conhecendo o Léxico da Língua	208
5.2.2 – Jogos, Dominó, Quebra-cabeça e Outros	211
5.2.3 – Encenação de Histórias e Outras Apresentações	214
5.3 - O I ENCONTRO DE FORMAÇÃO E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS PARA OS PROFESSORES CHIKUITANO	221
CONCLUSÃO	227
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 229
 REFERÊNCIAS	 239
 ANEXOS	 250
ANEXO A – ORAÇÕES CRISTÃS	251
ANEXO B – MENSAGEM - PROFESSOR PABLINO PARAPAINO CASTRO	252
ANEXO C - VOCABULÁRIO GERAL	252

INTRODUÇÃO

Se a diversidade é um pré-requisito para o sucesso da humanidade, então a preservação da diversidade lingüística é essencial, pois a língua está no cerne do que significa ser humano.

Crystal (2005, p. 68)

As informações oficiais e acadêmicas sobre o povo Chiquitano, no Brasil, são recentes. Os Chiquito ou Chiquitano¹ são originários de uma vasta região denominada *Gran Chiquitania*², região esta que compreende o noroeste da Bolívia, estendendo-se pela fronteira leste do Brasil (conforme indicado no Mapa 1).

Os pesquisadores Riester (2003) e Moreno (1992) afirmam que os Chiquitano não caracterizam uma unidade étnica específica, nem grupos pertencentes a uma mesma família lingüística, e sim um grupo formado a partir da convivência de povos de diferentes culturas e línguas, o qual foi denominado Chiquitano nas reduções missionárias na Bolívia nos séculos XVII e XVIII e, a partir de então, considerados como um povo único.

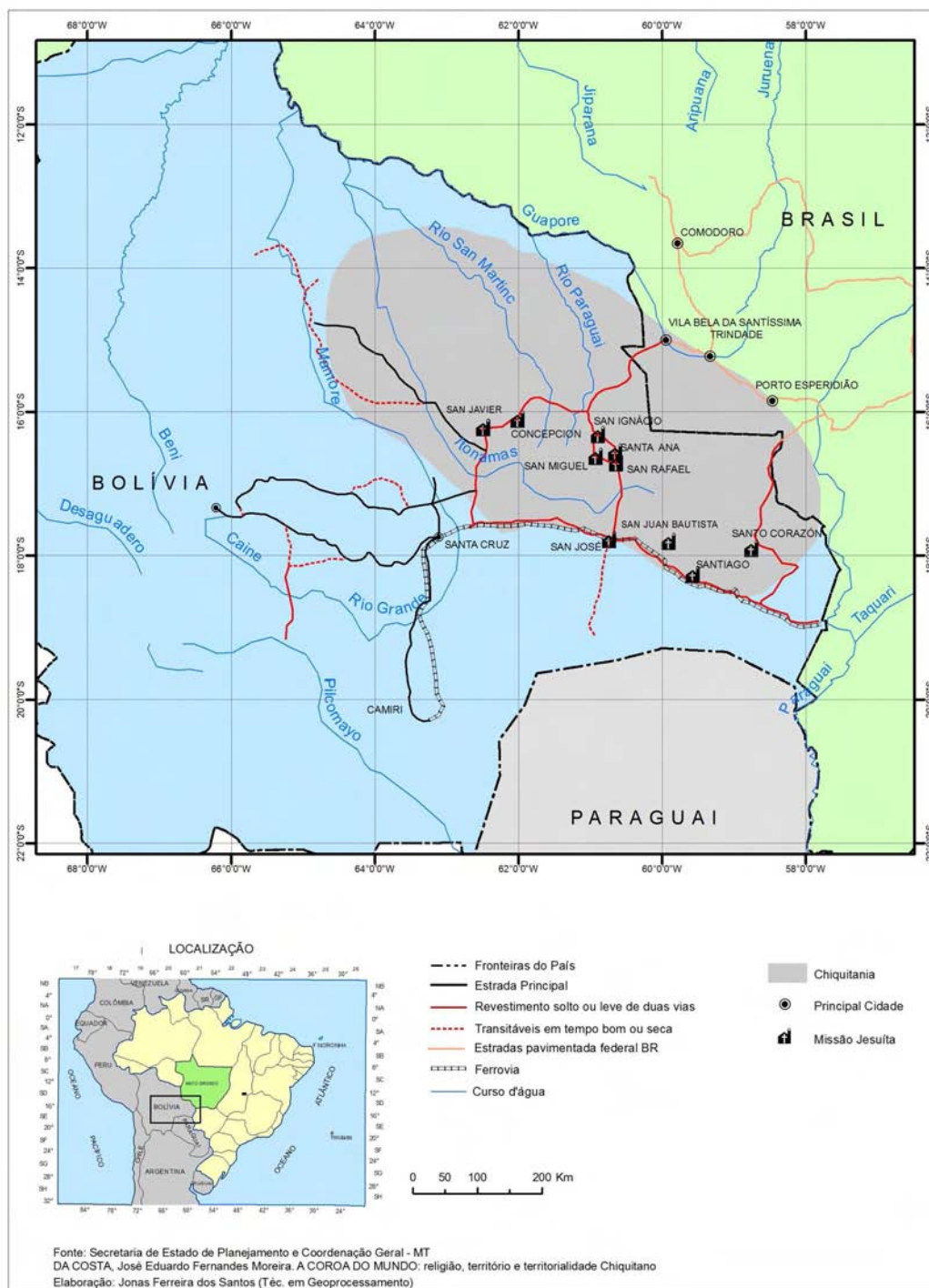
Segundo Riester (2003), provavelmente, dentre os diversos povos agrupados nos redutos missionários, um grupo majoritário caracterizou esta denominação (Chiquito/Chiquitano) utilizada pelos espanhóis e menciona duas versões para tal denominação: a primeira é que os conquistadores se referiam a este grupo como “*los chiquitos*”, pelo fato de terem casas muito pequenas e de portas tão baixas que se tinha que entrar agachado; a segunda versão é de que o nome “chiquito” é derivado do termo de origem Tupi: *tapuymiri* ou *tapiomiri*. Os Chiriguanaes os chamavam de *Taipiomiri*, que quer dizer

¹ Segundo Moreira da Costa (2004), a terminologia “Chiquitano” só apareceu no século XIX, utilizada por D’Orbigny. Para efeito didático e a fim de mantermos a fidelidade bibliográfica, utilizamos as duas terminologias: “Chiquito” quando as referências ao povo e à língua forem anteriores ao século XIX e “Chiquitano”, posteriores ao século XIX.

² A região conhecida como *Chiquitania* ou *Gran Chiquitania* limita-se ao leste com Mato Grosso e o Rio Paraguai (57° 40’ de longitude oeste), ao oeste com o rio Grande ou Guapay (62° 40’ de longitude oeste), ao norte com o rio Iténez ou Guaporé (15° de latitude) e ao sul com o *Gran Chaco* (20° de latitude sul) (Moreno, 1992; Riester, 2003).

“escravos de coisas pequenas”, e os espanhóis, então, abreviaram o termo, chamando-os *Chiquitos*.

Mapa 1 – Chiquitania e Missões Jesuíticas



Riester (2003, p. 04) menciona, ainda, outra denominação dada pelos espanhóis: “choropa”; segundo ele, seria uma variação de *Ichurapa*, que na língua Chiquitano quer dizer “amigo”. Denominações à parte, o termo Chiquito/Chiquitano, como declara Freyer (2000), é que permaneceu como nome genérico e tem sido usado como denominação própria coletiva tanto para o povo quanto para a língua.

Em Castro et al. (2003, p. 18), Pablino Parapaino, professor e linguista Chiquitano, declara que, atualmente, alguns grupos Chiquitano, a exemplo do grupo da região de Lomerío, na Bolívia, têm buscado, na história dos seus ancestrais, “uma autodenominação própria e verdadeira”, reivindicando seus valores culturais imemoriais³:

Así, el 15 y el 16 de junio de 1997, en San Ignacio de Velasco, se analizo y se definio el nombre de la etnia de Lomerio como el "monkox" o "monkoka", que significa "estuvieron o estaban siempre", El nombre de "monkox" se eligia como un homenaje a los nombres de las etnias de los antepasados, cuyos descendientes aun viven en el territorio.

Tambien se definio el nombre de la lengua como "besiro", que significa "recto" o "correcto". Este nombre aun no se ha difundido ni promocionado con intensidad en el pueblo, pero son conscientes de la importancia de la reivindicación del valor de esta cultura.

Lá, na Bolívia, o povo Chiquitano constitui um grupo numeroso, estimado entre 40 e 60 mil indivíduos (MORENO, 1992; RIESTER, 2003). No Brasil, de acordo com Moreira da Costa (2000), soma uma população próxima de duas mil e quinhentas pessoas, habitando em mais de vinte pequenas comunidades na região fronteira do estado de Mato Grosso com a Bolívia, nos municípios de Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade (conf. Mapa 2, no Capítulo I).

Apesar dos registros históricos deste povo em território brasileiro datarem de meados do século XVIII, só em 1998, o órgão indigenista nacional, a Funai, iniciou a identificação e a localização das comunidades Chiquitano brasileiras. Até então, este povo indígena não era conhecido pelas instituições públicas nacionais. Mais recentemente, após as publicações de alguns trabalhos acadêmicos sobre este grupo, é que o povo Chiquitano passou a

³ No Brasil, atualmente, também há uma tendência positiva dos povos indígenas em divulgar suas autodenominações como afirmação de sua identidade cultural e linguística.

figurar nas estatísticas e quadros demonstrativos dos Povos Indígenas Brasileiros.

Esses trabalhos acadêmicos, juntamente com ações da Funai, Funasa, Igreja Católica, entre outros, trouxeram visibilidade, denunciando o isolamento e opressões vividas pelos Chiquitano, incentivando e apoiando este povo em ações para valorização da sua cultura e língua, fortalecendo sua identidade indígena na autoafirmação como novos sujeitos políticos.

Assim, nos últimos 20 anos, os Chiquitano, segregados e silenciados pelos diversos processos de povoamento das fronteiras geopolíticas, têm vivenciado o que Oliveira (2004) denomina “viagem de volta”, um processo de etnogênese⁴. Processo este, segundo Rocha (2011, p. 63), caracterizado “pela emergência social e política de grupos tradicionalmente submetidos a relações de dominação”. No caso dos Chiquitano, a etnogênese é vivenciada, sobretudo, na busca de caminhos favoráveis à ressignificação da coletividade étnica e à cidadania de direito através do reconhecimento étnico e da demarcação de suas terras.

Sobre a língua Chiquitano, a bibliografia existente refere-se a ela como resultado do contato e/ou fusão de outras várias línguas faladas pelos grupos que se incorporaram nas reduções missionárias na Bolívia, no final do século XVII. A língua Chiquitano foi imposta nos redutos jesuíticos, como língua franca, ou seja, uma língua comum de comunicação, como declaram alguns autores, provavelmente, por pertencer a um grupo indígena mais numeroso⁵ dentre os reunidos nas missões.

Com exceção dos pesquisadores Krüsi & Krüsi (1978) da Sociedade Internacional de Linguística (SIL)⁶, que classificam a língua Chiquitano como pertencente ao Tronco “Macro-Gê”⁷, outros estudiosos da língua Chiquitano, na Bolívia, a classificaram como isolada ou independente, ou seja, sem uma filiação definida. Em publicações mais atuais, a exemplo da segunda edição da

⁴ Comentários sobre o processo de etnogênese, vivenciado pelos Chiquitano, são feitos neste trabalho, no Capítulo I, quando se trata da visibilidade do povo Chiquitano, e também no Capítulo V, quando das ações de valorização da língua e da cultura em eventos promovidos pelos professores.

⁵ Algumas observações sobre “essa escolha” são feitas no Capítulo III, neste trabalho.

⁶ Conferir em: http://www.ethnologue.com/show_language.asp?code=cax. Acesso em 28/02/2011.

⁷ Nomenclatura utilizada no Ethnologue (2009).

Encyclopedia of Language & Linguistics⁸, a língua Chiquitano já aparece incluída no tronco Macro-Jê⁹. Moore et al (2008, p. 9-10), em um artigo denominado “O Desafio de Documentar e Preservar as línguas Amazônicas”¹⁰, incluem a língua Chiquitano na família Chiquito, família esta listada numa tabela intitulada “famílias menores”, juntamente com as famílias Bóra (língua Miránha) e Guaikurú (língua Kadiwéu). Recentemente, novas pesquisas têm reforçado hipóteses sobre a inclusão dessa língua no Tronco Macro-Jê. Detalhamento e desdobramento desses estudos são descritos no Capítulo III, neste trabalho.

A situação de uso da língua Chiquitano nas comunidades¹¹ (aldeias) brasileiras, onde esta pesquisa foi realizada, é bastante crítica. De um lado, há, entre os mais velhos, a lembrança da língua; do outro, entre a maioria da população, há um completo desconhecimento da mesma, ou, quando muito, um entendimento restrito a algumas palavras e a uma ou outra frase. No entanto, percebe-se, nessas comunidades, um grande interesse dos adultos e jovens em retomar/aprender a língua materna ancestral, o Chiquitano. Situações como essas apontam para a urgência de um trabalho de documentação, valorização da língua e fortalecimento da identidade, envolvendo tanto a comunidade Chiquitano quanto os agentes externos (Secretarias de Educação, Saúde e outros), visando à revitalização e ao uso funcional da língua Chiquitano nos mais variados contextos.

Entre Justificativas e Objetivos

Um dos argumentos em favor da valorização da língua e do fortalecimento da identidade nos é dado por Crystal (2005, p. 68), quando

⁸ Disponível em: [www.http://etnolinguitica.wdfiles.com/local--files%3Aell/ELL2](http://etnolinguitica.wdfiles.com/local--files%3Aell/ELL2) . Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

⁹ As discussões sobre a formação dessa língua, bem como as hipóteses de classificação, são detalhadas no Capítulo III.

¹⁰ Em outro artigo, publicado anteriormente, Moore (2006) apresenta o mesmo quadro demonstrativo das línguas indígenas brasileiras e nele não inclui a Língua Chiquitano.

¹¹ O termo comunidade indígena é utilizado para indicar um grupo de indígenas que vivem em um mesmo ambiente. Neste trabalho, apresenta-se em dois sentidos, quando nos referimos à “comunidade Chiquitano brasileira”, nos referimos ao povo Chiquitano que mora no Brasil e quando nos referimos a uma “comunidade determinada”, como comunidade de Acorizal, por exemplo, este termo é sinônimo de aldeia.

afirma que, se quisermos manter a biodiversidade do planeta, devemos nos preocupar não só com a chamada diversidade biológica, mas também com a diversidade intelectual, cultural e linguística. Segundo o autor, se a diversidade é um pré-requisito para o sucesso da humanidade, então há boas razões ecológicas, sociais e linguísticas para nos preocuparmos com a manutenção da vitalidade das línguas minoritárias.

A 3ª edição do *Atlas of the World's Language in Danger* (Atlas das Línguas em Perigo no Mundo), publicado pela UNESCO em 2010 (MOSELEY, 2010), aponta que mais de um terço das cerca de 6.000¹² línguas faladas no mundo estão em perigo. Comparando as informações deste Atlas com os dados da 16ª Edição do Ethnologue (ETHNOLOGUE, 2009), constata-se que cerca de 90% das línguas indígenas das Américas estão na lista das línguas ameaçadas.

Se considerarmos os critérios de vitalidade de línguas ameaçadas de extinção, publicados pela UNESCO (MOSELEY, 2010), todas as línguas indígenas brasileiras correm risco de desaparecer. Moore et al (2008, p.1) mencionam que “embora o número de 180 línguas venha sendo repetido com frequência como sendo o total de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mútua, esta soma dificilmente ultrapassa a 150 línguas”. Tais autores (MOORE ET AL, 2008, p. 2) declaram ainda que “dessas 150, pelo menos 21% estão seriamente ameaçadas de desaparecer em curto prazo, devido ao número reduzido de falantes e à baixa taxa de transmissão para as novas gerações”.

Mesmo com os dados alarmantes sobre a perda da diversidade linguística, esta nova edição do Atlas nos chama atenção pelo debate provocado em torno de temas como extinção, sobrevivência das línguas e vínculo entre língua e conhecimento tradicional, ambos relacionados com a biodiversidade. Afinal, as línguas são consideradas parte da cultura e submetidas às mesmas transformações dos sistemas culturais, consequentemente, elas também se transformam e são modificadas a partir das realidades representadas.

¹² Este número de línguas é dado pela UNESCO – *Atlas of the World's languages in Danger*. Na 16ª Edição do Ethnologue (2009) são mencionadas 6.909 línguas faladas no mundo.

Nesta perspectiva, Grosjean (1982) afirma que fatores apontados como possíveis responsáveis pela extinção de línguas e culturas, como a globalização e as dinâmicas políticas e econômicas, são ambivalentes, pois podem contribuir tanto para a perda quanto para a manutenção linguística, através dos processos de diferenciação e transformação cultural das línguas.

A língua do povo Chiquitano é um claro exemplo tanto da eminente ameaça de extinção, quanto dos referidos processos de diferenciação e transformação cultural. Nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha, onde foram realizadas essas pesquisas linguísticas, há mais de quatro décadas a língua Chiquitano não é mais transmitida às novas gerações. A língua de uso cotidiano nessas comunidades é o português e, em momentos de encontros com os parentes bolivianos, o espanhol ou, como eles dizem, “o castilha”. A língua Chiquitano permanece na memória de alguns anciãos, este espaço efetivo de uso a caracteriza, segundo o conceito de Couto (2009)¹³, como uma língua “agonizante” ou, segundo Geary (1997), como uma língua “moribunda”.

Apesar dessa existência tênue, Baker (2001) traz um alento, declarando que uma língua morre quando morre seu último falante. Neste ponto de vista, considerando a existência daqueles poucos idosos Chiquitano que mantêm suas lembranças linguísticas ancestrais, ainda se tem para aquela língua perspectivas de sobrevivência. Couto (2009) afirma que uma língua ainda está viva quando existem pelo menos dois falantes. Cagliari (2002, p. 112) comenta que, ao analisar a fala, mesmo que restrita a um falante, pode-se obter uma representação bem definida da língua. E acrescenta: “como ele não é um ser isolado linguisticamente, sua fala revelará infalivelmente a maneira como a comunidade a que pertence usa a língua, pelo menos em relação à maioria dos fatos”. Seguindo esta linha de raciocínio, Albó (2005) acrescenta que, uma língua, mesmo considerada perdida, pode ser, em um nível simbólico, recuperada mediante a utilização de algumas palavras e frases, e que situações como estas podem converter-se num importante instrumento reforçador da identidade de um povo.

¹³ Para Couto (2009, p. 85), uma língua agonizante é a língua em situação em que não há mais crianças que a falam, e os últimos falantes estão idosos.

No Brasil, nas últimas décadas, diversos movimentos pela manutenção, valorização e revitalização das línguas indígenas têm alcançado bons resultados. Dentre eles, destacam-se iniciativas como o Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi - política linguística pedagógica de revitalização da língua Karajá; os programas de formação de professores indígenas pesquisadores como o Curso de Licenciatura Intercultural (UFG), o Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena (Roraima), o 3º Grau Indígena (UNEMAT); programas educativos em línguas nativas em emissoras de rádio (Roraima); montagem de arquivos linguísticos digitais modernos (Museu Emílio Goeldi, Pará) e outros projetos de documentação de línguas ameaçadas com parcerias privadas, Universidades e ONG's.

Considerando tais premissas e experiências, fiquei convencida de que as ações de políticas linguísticas, somadas ao interesse e à luta dos Chiquitano, poderiam influenciar e contribuir no processo de revitalização da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras. Ou, ainda, de forma mais otimista, possibilitar um conhecimento mais ativo dessa língua, tornando-a funcional para aquele povo.

Evidentemente, muitos aspectos da língua Chiquitano já se perderam, sobretudo aqueles dos domínios mais especializados, posto que, hoje, está restrita à memória de quatro ou cinco falantes. Ciente da dificuldade em recuperar uma língua “moribunda” e/ou “agonizante” como esta, acreditei na possibilidade de promover a sua valorização, avançando na compreensão de seus aspectos fonológicos, em sua documentação e escrita, incentivando as pessoas a usarem um pouco do que já sabiam, estimulando o orgulho pela sua língua materna indígena.

Assim, iniciei este estudo com dois amplos objetivos: promover o fortalecimento da identidade do povo Chiquitano e fomentar iniciativas para a revitalização da língua Chiquitano, junto às comunidades brasileiras das aldeias Acorizal, Central, Fazendinha e Vila Nova Barbecho, no município de Porto Esperidião, MT. Imbuída desses objetivos, trabalhei sob duas perspectivas: uma foi retomar a análise fonética e fonológica da Língua Chiquitano, apresentada na dissertação de Mestrado (SANTANA, 2005), buscando uma documentação mais abrangente, registrando um maior número de eventos comunicativos como diálogos, relatos de experiência e de

acontecimentos vivenciados no dia a dia, narração de histórias, mitos e músicas; a outra perspectiva foi aliar esses estudos linguísticos às ações para valorização e revitalização da língua Chiquitano, através do envolvimento dos indígenas em atividades de fortalecimento da língua como a definição da ortografia, a produção de material escrito e outros que pudessem subsidiar o aprendizado, o estudo, o ensino, enfim, o uso da língua Chiquitano nessas comunidades.

Considerações Metodológicas

Diversas premissas teóricas e metodológicas foram utilizadas neste trabalho. Dessa forma, as orientações conceituais abrangem desde a linguística estrutural até os recentes postulados da ecologia linguística, dialogando com diversos autores e correntes metodológicas.

Para as questões de descrição e análise fonológicas, baseei-me nos trabalhos de Gray and Wise (1959), Schane (1975), Pike (1976), Kibrik (1977), Istre (1980), Kindell (1981), Selkirk (1982), Gleason Jr. (1985), Goldsmith (1990), Hayes (1995), Payne (1997), Cagliari (2002), Silva T. (2003), Callou e Leite (2003) e Himmelmann (2005). O trabalho e as teorias desses autores contribuíram para a elaboração dos questionários, abordagens na coleta, na organização e na análise dos dados.

Para as observações sociolinguísticas e questões relacionadas às políticas de educação, de revitalização da língua e atividades com os professores Chiquitano, utilizei os pressupostos de Moita Lopes (2002), Albó (2005), Cavalcanti & Maher (2005), Pimentel da Silva (2006, 2009a, 2010b), Calvet (2007) e Labov (2008).

Sob a perspectiva de que os processos identitários não existem fora de contexto, são sempre relativos a algo específico que está em jogo, seja o resgate da língua, seja o acesso ao território, ao mercado de trabalho, às regalias e outros (AGIER, 2001), busquei outras leituras nas áreas da História, da Antropologia Cultural e da Análise do Discurso, as quais nortearam as

discussões sobre cultura, memória, identidade étnica¹⁴ e discurso: Arruti (1997), Hobsbawn & Ranger (1997), Bhabha (1998), Agier (2001), Moita Lopes (2002), Silva C. (2003), Oliveira (2004), Rocha & Gonçalves (2006), Montani (2007), Oliveira (2007), Rocha (2011) entre outros.

Durante a pesquisa de campo algumas categorias pré-estabelecidas como seleção de participantes, delimitação de faixa etária, contexto de discurso etc. não foram fixas. Assim o contato metodológico com a pesquisa de campo foi sendo construído na comunicação com os atores, no registro de suas vozes e na tradução conscienciosa de suas memórias linguísticas. Desse modo, as viagens ao campo se caracterizaram tanto como em oportunidade para reformular novas informações acerca da língua, elicitar dados, resolver pendências de transcrição, de interpretação dos registros, quanto para o encaminhamento das ações em prol da valorização, da revitalização e da inserção da língua Chiquitano, em estudo, naquelas comunidades. Além disso, algumas decisões sobre os aspectos a serem estudados, como a retomada da análise fonética e fonológica e a definição da ortografia, por exemplo, puderam ser redefinidas durante a realização da pesquisa.

Alguns questionários lexicais, proposições de narrativas e de construções do cotidiano foram elaborados com a intenção de ampliar o registro do corpus da língua Chiquitano. Para isso, orientei-me pelos princípios e modelos descritos por Kibrik (1977), Gleason Jr (1985), Payne (1997) e Himmelmann (2005). Também me baseei em outras experiências de estudos sobre línguas ameaçadas de extinção: Borges (2006), Souza (2008), Pimentel da Silva (2009a), entre outros. Nesses trabalhos busquei exemplos para a abordagem, convivência e interação no momento da coleta de dados e também orientações nas discussões para a definição da ortografia e na elaboração e proposição das oficinas didáticas.

Os dados encontrados neste trabalho são provenientes de sete (07) viagens de campo, realizadas em julho de 2008, setembro de 2008, maio de 2009, junho de 2009, outubro de 2009, dezembro de 2009 e julho de 2011. As viagens duraram, em média, de 5 a 15 dias e, somando os períodos de estada em campo, foram cerca de 60 dias no total. Além disso, por se tratar de um

¹⁴ A identificação étnica refere-se ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais ou religiosos para se identificar e, desse modo, relacionar-se com os outros (Oliveira, 2007).

estudo em que se deu prosseguimento à análise e a descrição fonológicas feitas durante os estudos para o Mestrado, também foi utilizada grande parte dos dados coletados nas viagens realizadas no período de outubro de 2003 a outubro de 2007.

Os instrumentos de coleta de dados para o estudo da língua foram basicamente de três tipos: gravação do inventário lexical, anotações em caderno de campo, registro fotográfico e em vídeo. Ao todo são contabilizadas cerca de 30 horas de gravações, sendo 12 horas de gravações em microcassete MC60 e 18 horas em gravação digital contendo registros de expressões orais, formas de diálogos espontâneos, narrativas de mitos, músicas, discursos formais e questionários. Um número grande de fotografias (cerca de 1800) compõe o acervo de pesquisa. As filmagens consistiram em poucas horas, restritas aos eventos com alunos e professores, durante os encontros e as oficinas. Todo este material, e ainda os livros, cartilhas, dissertações, teses e filmes sobre os Chiquitano deverão, ao final desta pesquisa, ser doados para compor um acervo em uma biblioteca, cujo projeto está sendo cogitado junto à Funai e deverá funcionar no Memorial Chiquitano, na aldeia Central. A proposta é que todos estes dados e informações coletados possam ficar à disposição para utilização futura, tanto das comunidades Chiquitano brasileiras, quanto de outros pesquisadores externos.

Os recursos e aparelhos utilizados para o trabalho de campo foram: um gravador Microcassete Panasonic, modelo RQ-V320, e um gravador digital Panasonic modelo RR-US470; uma máquina fotográfica Olympus AZ-210 e uma máquina fotográfica digital Sony Cyber-shot 8.1 Mega Pixels. Utilizei também o Programa Sound Forge 9.0 para transcrição dos diálogos e relatos. Todos os dados digitalizados foram armazenados em MDs e CDRs. As gravações de vídeo foram feitas com a máquina fotográfica/filmadora Sony Cyber-Shot e, como não foram utilizadas neste trabalho, ainda não foram editadas, mas deverão compor o acervo da futura Biblioteca Chiquitano.

Os registros gravados, cerca de 1200 itens entre palavras e enunciados e mais cinco pequenas narrativas, foram transcritos fonética e fonologicamente com base na convenção da Associação Internacional de Fonética com os símbolos do IPA – Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 1995), na versão SILManuscriptIPA93.

Também foram utilizados diários de campo, nos quais registrei acontecimentos diários e reflexões baseadas no convívio e acontecimentos durante a pesquisa. Neles procurei anotar o que ocorria na ocasião da estada nas comunidades: atividades, conversas, eventos, impressões sobre pessoas, curiosidades, acontecimentos e até os “presentes” solicitados e/ou prometidos.

Estes registros de campo caracterizaram momentos valiosos de reflexões, de aprendizados *sui generis* e renderam um Capítulo neste trabalho, denominado “Convívios na Pesquisa de Campo: experiência com uma língua indígena ameaçada”, no qual detalho aspectos do trabalho de campo, o envolvimento e a participação em ações e atividades com os anciãos, professores e demais pessoas das comunidades.

No decorrer deste trabalho, os exemplos dados na língua Chiquitano são apresentados com dois tipos de notações convencionais: fonética e fonológica. Na sequência, marcada por aspas (‘ ’), está uma tradução livre do enunciado. E, quando a palavra se referir à outra língua, como o espanhol, por exemplo, será exibido em itálico. Considerando as diferenças de fala feminina e fala masculina, os itens lexicais foram identificados com os símbolos (Ff) e (Fm), respectivamente, fala feminina e fala masculina. Quando o dado não tiver nenhuma especificação é porque, segundo os participantes da pesquisa, a palavra pode ser usada por pessoas de ambos os sexos. Outros símbolos e siglas utilizados neste trabalho estão na Lista de Símbolos, Abreviaturas e Siglas, nas páginas (xv-xvi).

Dessa forma, esta tese foi organizada em seis capítulos, os quais estão assim distribuídos:

No Capítulo I – **Povo Chiquitano: História e Trajetórias** - faço uma retrospectiva da história do povo Chiquitano na Bolívia e no Brasil. Especial enfoque é dado à “redescoberta” dos Chiquitano em território brasileiro e sua luta pelo reconhecimento étnico e pelos direitos territoriais. O objetivo é contextualizar o leitor, dando informações gerais sobre os processos históricos e a situação atual do povo Chiquitano no Brasil;

No capítulo II – **Convívios na Pesquisa de Campo: Experiência com uma Língua Indígena Ameaçada** – teço reflexões sobre aspectos da pesquisa de campo, detalhando passos seguidos para uma pesquisa com língua

ameaçada, ressaltando a convivência com o povo, as limitações, os avanços e as conquistas durante a pesquisa;

No Capítulo III – **A Língua Chiquitano: Aspectos Históricos e Sociolinguísticos** - discorro sobre a história da formação da língua, reunindo hipóteses sobre sua classificação linguística. Teço, ainda, comentários sobre a situação sociolinguística das comunidades brasileiras;

No Capítulo IV – **Aspectos Fonéticos e Fonológicos da Língua Chiquitano** – apresento uma descrição fonética e fonológica da língua Chiquitano. Demonstro ainda os processos fonológicos e faço considerações sobre o acento e os padrões silábicos;

No Capítulo V – **Diálogos Interculturais: Ações de Valorização e Fortalecimento da Língua Chiquitano** – demonstro como a pesquisa linguística, em especial os estudos de fonética e fonologia foram se aliando às atividades e ações para valorização e iniciativas em prol da revitalização da língua Chiquitano. Apresento, ainda, detalhes das oficinas e outras atividades desenvolvidas no I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano.

No Capítulo - **Considerações Finais** – desvelo as ideias propostas de ações futuras que foram se firmando na tessitura do trabalho. E, na sequência, apresento as **Referências** e os **Anexos**.

Ressalto, ainda, que o estudo da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras está apenas iniciado, restando muito e muito a ser feito. Também é preciso esclarecer que algumas ações, como a definição da ortografia da língua e a seleção dos itens lexicais para uma publicação experimental, ainda não foram concluídas, mas o meu compromisso com as atividades nas comunidades Chiquitano brasileiras continua, a partir de agora, através de programas desenvolvidos em parceria entre a Coordenação Regional da Funai em Cuiabá, MT e a Secretaria de Estado de Educação Seduc-MT.

Bem vindo ao diálogo!

“Línguas Cruzadas, Histórias que se Mesclam: Ações de Documentação, Valorização e Fortalecimento da Língua Chiquitano no Brasil”.

CAPÍTULO I

POVO CHIQUITANO: HISTÓRIA E TRAJETÓRIAS

As culturas são vivas, como os seres humanos, e, como eles, sua comunidade não é estática, mas dinâmica. [...] As únicas culturas estáticas são as que já desapareceram ou ficaram “congeladas” nos museus.

Xavier Albó (2005, p. 37)

A trajetória do povo Chiquitano remonta a meados do século XVI, quando os conquistadores espanhóis, impulsionados pelo sonho do *El Dorado*, no Peru, chegaram ao Paraguai e às terras baixas orientais na Bolívia. Naquele tempo, afirma Riester (2003), estas regiões eram povoadas por dezenas de povos indígenas de culturas distintas, variando de grandes grupos sedentários, agricultores, seminômades, a pequenos grupos caçadores e coletores.

Os primeiros jesuítas chegaram a Santa Cruz “La Vieja”, em 1587, antes da mudança da cidade¹⁵, e lá começaram o trabalho de evangelização com os habitantes espanhóis e também com os indígenas. Com o traslado da cidade de Santa Cruz, tiveram que abandonar a região (RIESTER, 2003). Anos depois, em 1690, o governador de Santa Cruz, Agustín de Arce, com a intenção de controlar os indígenas que assaltavam as cidades, solicitou ao colégio de Tarija o retorno dos jesuítas para a evangelização dos Chiquitos. Riester (2003, p. 14) menciona que:

La intención de los españoles era “pacificar” a estos indígenas, que asaltaban regularmente la ciudad y, por otro lado, incorporar a La Provincia de Chiquitos a La Gobernación de Santa Cruz para que actuara como “muro de contención” contra las cada vez más frecuentes incursiones de los cazadores de esclavos brasileños.

¹⁵ “En 1590 se funda San Lorenzo sobre el río Guapay que es trasladada en 1595 a la llanura de Grigotá. Años más tarde, Santa Cruz es trasladada a las cercanías de San Lorenzo para sacarla de su aislamiento y es poco a poco absorbida por San Lorenzo, rebautizado por los antiguos habitantes de Santa Cruz La Vieja, de Santa Cruz de La Sierra” (RIESTER, 2003, p. 11).

Assim, os missionários espanhóis jesuítas se estabeleceram na região da *Gran Chiquitania*. Impulsionados pelo desejo de salvação e pela fé, acreditavam ter pela frente um trabalho inédito e uma enorme responsabilidade nas mãos; tudo estaria por se fazer em nome e para glória de Deus (MORENO, 1992).

Imbuídos das chamadas '*cazas espirituales*', os jesuítas fundaram, em 1692, o primeiro reduto missionário: San Francisco Javier. Daí em diante, foram mais 10 reduções na Chiquitania que chegaram a agrupar cerca de 40 mil indígenas de etnias distintas: San Rafael (1696), San José (1698), San Juan Bautista (1699), Concepción (1699), San Miguel (1721), San Ignacio (1748), Santiago (1754), Santa Ana (1755), Santo Corazón (1760) e, mais a Missão San Ignacio de Zamucos (1717/1723). Esta, segundo Moreira da Costa (2004), foi abandonada pelos jesuítas em 1743 e sua população, possivelmente, foi incorporada às missões de Santiago e Santo Corazón (Conf. Mapa 1).

A criação dessas missões serviu para atender às necessidades do governador de manter os indígenas da região sob controle e os redutos missionários serviram, também, de fortaleza contra as incursões dos bandeirantes em busca de riquezas. A presença das missões jesuíticas também era encarada com hostilidade pelos novos colonos, habitantes de Santa Cruz, pois lhes impediam a captura dos indígenas para o comércio de escravos.

A formação desses redutos missionários, segundo Moreira da Costa (2004), obedecia a um planejamento com interesse estratégico; em cada missão independente de outros grupos, era recorrente a presença de famílias Chiquito (pela sua capacidade política e bélica), Guaraní (pela sua facilidade em estabelecer contato com a missão platina, no Paraguai) e Aruak (pela agricultura desenvolvida e também pela facilidade que tinham em comercializar produtos e em trafegar por entre outros grupos).

Um dos grandes obstáculos enfrentados pelos jesuítas para a catequização e a evangelização dos povos indígenas, agrupados nos redutos missionários, foi a barreira do idioma (MORENO, 1992). Catequizar aqueles povos tornava-se um desafio, pois para realizar a grande tarefa cristã era necessário dominar vários idiomas a fim de submeter os povos aos dogmas

religiosos e, conseqüentemente, ter uma maior eficiência na aculturação dos grupos indígenas. Os missionários, declara Krekeler (1992), perceberam, então, que seria mais sensato e mais efetivo se comunicar e/ou lidar com os indígenas em uma única língua. Assim, diante da multiplicidade linguística encontrada, recorreram, provavelmente, ao idioma do grupo mais numeroso¹⁶, no caso o “Chiquito”, e o transformaram em língua de comunicação geral (RIESTER, 1986, 2003; MORENO, 1992; TORMO, 1993). Segundo Krekeler (1992, p. 136):

Cada misión de Chiquitos estaba compuesta de diferentes etnias y familias lingüísticas, consistiendo en el primer esfuerzo de los padres el de unificar la cultura y sobre todo las lenguas. Como 'lengua general' servía el chiquito. A los miembros de las parcialidades diversas es permitido, sin embargo, hablar en su lengua entre ellos, y la estructura de la aldea se orientaba en la forma de las parcialidades nativas.

Oliveira (2004, p. 25) declara que “as missões religiosas foram instrumentos importantes da política colonial” e, sendo as missões unidades básicas de ocupação territorial e de produção econômica, havia uma clara intenção, nos redutos missionários, “em acomodar as culturas, homogeneizando-as pelo processo de catequese e pelo disciplinamento através do trabalho”. E era esse o objetivo fundamental dos missionários da Companhia de Jesus, evangelizar, disciplinar e “moldar para os ofícios” os povos agrupados nas reduções. Para tanto, valeram-se, além da imposição de uma língua geral, “o Chiquito”, de frequentes celebrações de missas, repetições de sermões, da utilização de paralelismos entre os missionários e os xamãs. Tais políticas de evangelização coadunavam com as de colonização; unificar, cristianizar, “civilizar” para dominar.

Os missionários jesuítas, percebendo também o interesse dos indígenas pelas diferentes expressões artísticas, também utilizaram a música, as procissões solenes, as encenações da vida dos apóstolos e as festas religiosas, reforçando a imaginação mística e as associações com a cosmovisão dos grupos. Ao mesmo tempo, com o objetivo de formar especialistas, os jesuítas introduziram uma economia que combinava uma

¹⁶ Em entrevista concedida a mim em 07/03/2012, em Cuiabá, MT, José Eduardo Moreira da Costa menciona outros interesses para essa escolha, conforme detalhado no Capítulo III, neste trabalho.

agricultura em grande escala com múltiplas artes e ofícios¹⁷, dentre elas, a pintura, a escultura, a carpintaria (que variava, desde a fabricação de móveis, à construção de casas e à confecção de instrumentos musicais), serralheria, curtume (para fabricação de baús, sapatos e utensílios) e fabricação de tecidos e velas. As jornadas de trabalho, fossem no campo ou nas oficinas, sempre começavam e terminavam na igreja. Nas manhãs, ao soarem os sinos, todos tinham de ir à missa e, à tardezinha, novamente se reuniam na igreja para o “rosário”¹⁸. Os jesuítas também utilizaram a força, tanto para arrebanhar os indígenas e mantê-los nos redutos missionários, quanto para lhes impor hábitos cristãos e do trabalho diário nas missões. Os missionários desenvolveram um sistema rígido de sanção e castigo para as infrações cometidas (RIESTER, 2003; MORENO, 1992; TORMO, 1993; KREKELER, 1992). Otaviano Cabral (1963, p.69) descreve uma dessas situações:

As índias fiavam algodão torcendo-o na coxa. Se erravam no peso e na grossura, eram castigadas com açoites na presença do padre todo-poderoso, cuja mão beijavam terminado o castigo, dizendo: “*Dios te to pague, yáita!*”.

No final de 1767, o trabalho dos missionários espanhóis foi interrompido, pois, com a proibição da Companhia de Jesus em Portugal, Carlos III, então Rei da Espanha, ordenou a expulsão dos Jesuítas da América. Mesmo com a saída dos missionários, as missões continuaram funcionando, administradas por outros sacerdotes formalmente subordinados a um governador. Mas como eles não tinham o espírito missionário dos jesuítas, não conseguiram administrá-las.

Com a desestruturação dos redutos missionários, os indígenas, então denominados Chiquito/Chiquitano, ficaram sem alternativas; uns retornaram aos antigos *habitat*, tentando, ao mesmo tempo, adaptar seu antigo modo de vida aos hábitos culturais e sociais adquiridos nas reduções; outros suprimiram a carência de mão de obra nas grandes fazendas, mediante um “apadrinhamento forçoso”, imposto pelo governo boliviano. Sistema este que, segundo Riester (2003), significou seguramente a escravidão de muitos Chiquitano, os quais

¹⁷ Ainda hoje, as antigas reduções resistem como povoados vivos. São belíssimas construções em estilo barroco, herdeiras da habilidade artística desenvolvida pelos indígenas. Para saber mais sobre essas construções, ver Moreno e Salas (1992).

¹⁸ Conjunto de orações composto de 150 ave-marias, divididas em 15 dezenas, cada uma das dezenas é precedida de um padre-nosso.

passaram a ser propriedade dos fazendeiros que podiam, inclusive, vendê-los junto com a terra.

Com a exploração da borracha em alta, cresceram também a produção agrícola e a criação de gado, atividades que igualmente recrutavam mão de obra daqueles Chiquitano moldados para o trabalho nas missões. Neste período, muitos Chiquitano morreram vitimados por desnutrição, doenças infecciosas e más condições de trabalho.

No princípio dos anos 20, cai a produção da borracha e explode a *Guerra del Chaco* (1932 – 1935) entre Bolívia e Paraguai. Na época, muitos homens indígenas, inclusive os Chiquitano, foram recrutados para lutar na Guerra. Com a situação de instabilidade, famílias aproveitaram para fugir da servidão nas fazendas e retornaram aos bosques, agrupando-se em pequenas comunidades (RIESTER, 2003).

Duas décadas depois, outro auge da exploração da borracha e a recuperação do setor pecuário demandaram, mais uma vez, mão de obra indígena e, apesar do apadrinhamento forçoso ter sido abolido (por volta de 1937), trabalhadores Chiquitano eram mantidos em um sistema de endividamento encadeado¹⁹ (RIESTER, 2003). Ainda, segundo Riester (2003), na ocasião da construção da Estrada de Ferro ligando Santa Cruz (na Bolívia) a Corumbá (no Brasil), os Chiquitano foram recrutados para o trabalho, e pela primeira vez receberam dinheiro pelos serviços prestados. No entanto, o sistema de endividamento encadeado tornou-se frequente e continua até hoje, com os regimes de permissionato e formas análogas de exploração de trabalhadores.

Finalmente, entre os anos 1953 e 1960, com a proclamação da Reforma Agrária nas terras baixas do Oriente boliviano, os Chiquitano, que moravam na Bolívia, tiveram sua “libertação” da servidão nas estâncias.

Hoje, aqueles Chiquitano estão organizados em comunidades, sub centrais e em centrais indígenas. Segundo Castro et al (2003), depois da reforma Agrária, os Chiquitano se organizaram em pequenos sindicatos que

¹⁹ Entende-se aqui por endividamento encadeado o sistema de comprometimento consecutivo, com o próprio patrão, dos ganhos/salários obtidos com o trabalho remunerado; de forma que o indivíduo tem sempre um saldo devedor, obrigando-se a continuar a trabalhar para pagar sua dívida e novamente contraindo outras.

depois se converteram em subcentrais campesinas²⁰, ou seja, em associações camponesas/rurais ligadas aos sindicatos comunais. Atualmente, cerca de 60 mil Chiquitano habitam o noroeste do Departamento de Santa Cruz, nas Províncias de Ñuflo de Chávez, Velasco, Ángel Sandóval, German Busch e Chiquitos. Encontram-se também no povoado de Buena Vista, ao norte de Santa Cruz de La Sierra, na Província de Alto Iténez e no Departamento de Beni (CASTRO ET AL, 2003).

No Brasil, os Chiquitano, vivenciando um processo de etnogênese, saíram, recentemente, de um silêncio de segregação para a luta, com o objetivo de serem reconhecidos como povo autóctone, como povo indígena brasileiro. Silva e Moreira da Costa (2000), primeiros estudiosos desse povo no Brasil, afirmam que pertencem ao mesmo povo Chiquitano da Bolívia, partilhando traços comuns como a língua, território e relações familiares com moradores de vilas bolivianas e de redutos missionários como San Inácio, Santa Ana, San Miguel e outros. Segundo esses autores (SILVA & MOREIRA DA COSTA, 2000, p. 4), configuram uma organização social própria, com uma complexa trajetória histórica em comum com os Chiquitano bolivianos: “seguramente há um território Chiquitano que antecede a divisão política entre os dois países e que continuou existindo apesar das definições mais recentes dos marcos políticos”. Esta trajetória de luta, resistência e de sobrevivência no lado brasileiro é que relato a seguir.

1.1 - OS CHIQUITANO NO BRASIL

A visibilidade e as notícias sobre a existência dos Chiquitano no Brasil vieram à tona através de um documento dirigido à Funai pelo fotógrafo Mário Fredlander, no qual ele mencionava e demonstrava preocupação com a presença de inúmeras comunidades indígenas na região da Serra de Santa Bárbara, os quais não eram reconhecidos nem pela Funai, nem pelo Governo brasileiro (Silva J., 2008b). Mais tarde, em 1995, outro Relatório é apresentado à Funai pela antropóloga Denise Maldi e pelo indigenista Juscelino Melo (MALDI, 1995). Estes profissionais coordenavam um GT (Grupo de Trabalho)

²⁰ Na Bolívia, os indígenas também são denominados campesinos.

que realizou uma vistoria na Fazenda Nacional de Casalvasco, atendendo a uma solicitação da Agropecuária Triunfo feita à Funai. Maldi e o Grupo de Trabalho identificaram algumas comunidades de índios Chiquitano nas imediações da Fazenda Nacional de Casalvasco, fronteira de Mato Grosso com a Bolívia. Três anos depois, em 1998, o órgão indigenista (Funai) indicou outro Grupo de Trabalho, coordenado pela antropóloga Joana Fernandes Silva, para promover a identificação e localização das comunidades Chiquitano. Esta investigação coincidiu com os procedimentos necessários para a realização do EIA (Estudo de Impacto Ambiental), no traçado do Gasoduto Bolívia-Mato Grosso.

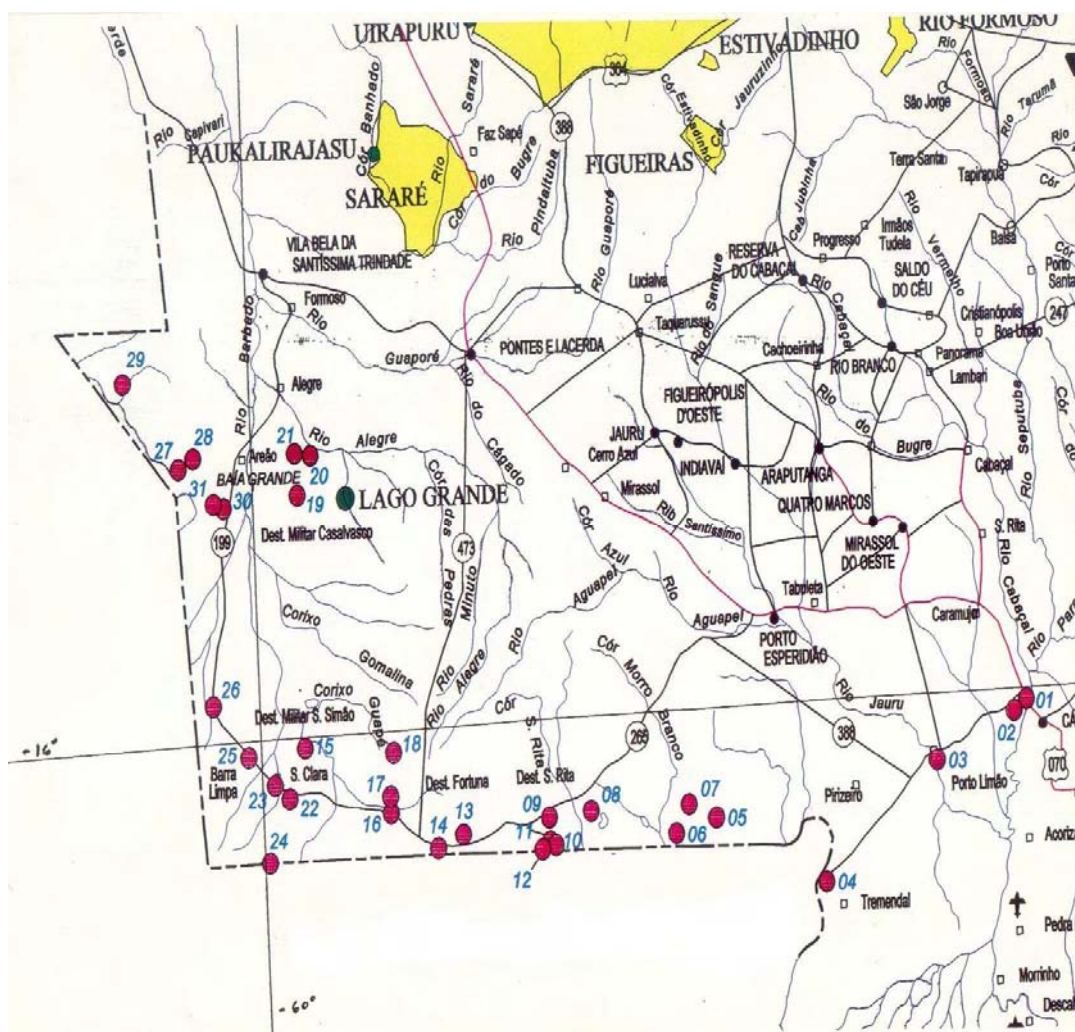
O relatório apresentado por este último GT (Grupo de Trabalho) identificou comunidades Chiquitano, localizadas na Área de Influência do Gasoduto Bolívia – Mato Grosso, e atestou que eram pertencentes aos mesmos grupos indígenas referidos pelos viajantes do século XVIII e recomendou a continuidade dos estudos preliminares, visando à celebração de um PDPI (Plano de Desenvolvimento de Povos Indígenas) e à identificação e à Demarcação da Terra Indígena Chiquitano, através de Convênio entre a Funai e a Gasocidente (FUNAI/DAF, 2002).

Neste período, Moreira da Costa (2000) listou, baseado em relatos de moradores, 31 comunidades Chiquitano e uma população estimada em 2.400 indígenas na região fronteira entre Brasil e Bolívia (observar círculos vermelhos, seguidos de numeração, no Mapa 2). Dessa lista apresentada por Moreira da Costa (2000), nem todas as indicações puderam ser verificadas pelos técnicos da Funai, sendo assim, a maioria delas ainda carece de identificação e verificação. Algumas daquelas comunidades como Vila Nova, Acurizinho e Barbecho, indicadas no Mapa 2, respectivamente, pelos círculos vermelhos acompanhados dos números 10, 11 e 12, se juntaram e atualmente moram em um mesmo local, denominado Vila Nova Barbecho (Conf. Mapa 3). Outras comunidades, apesar de terem sido visitadas e identificadas por antropólogos e outros técnicos, a exemplo da comunidade de São Fabiano, se recusam a assumir a identidade indígena. Muitas vezes impedidos de constituírem famílias nos espaços habitados pelos pais e, ainda, levados pela necessidade de formação escolar e pela busca de novas oportunidades de trabalho, muitos Chiquitano foram se instalar nas cidades vizinhas às suas

comunidades. Embora não haja nenhum levantamento oficial, acredita-se que haja um grande número de Chiquitano morando nas cidades de Vila Bela da Santíssima Trindade, Porto Esperidião, Cáceres e em vilarejos como Vila Picada, Ponta do Aterro e outros.

No Mapa 2, a seguir, os círculos vermelhos seguidos de uma numeração indicam as comunidades Chiquitano, identificadas por Moreira da Costa, na região fronteiriça entre o Brasil e a Bolívia. Na sequência, elas são nomeadas, segundo a numeração apresentada no Mapa.

Mapa 2 – Localização das Comunidades Chiquitano no Brasil



Mapa publicado no PDPI – Diretoria de Assuntos Fundiários (FUNAI, 2002)

Nome das Comunidades Chiquitano Indicadas no Mapa 2

Nº	Comunidade	Município
01	Abandonado (Sítio São Sebastião)	Cáceres
02	“Beira de Estrada”	Cáceres
03	Porto Limão	Cáceres
04	Corixa Grande	Cáceres
05	Roça Velha	Cáceres
06	Baía Bela	Cáceres
07	Morrinho	Cáceres
08	Asa Branca	Porto Esperidião
09	São Fabiano	Porto Esperidião
10	Vila Nova	Porto Esperidião
11	Acurizinho	Porto Esperidião
12	Barbecho	Porto Esperidião
13	Acorizal	Porto Esperidião
14	Fazendinha / Lagoa	Porto Esperidião
15	Nossa Senhora Aparecida	Vila Bela da Santíssima Trindade
16	Santa Lúcia	Vila Bela da Santíssima Trindade
17	Furnalinda	Pontes e Lacerda
18	Vila Nova	Pontes e Lacerda
19	Bocaina	Pontes e Lacerda
20	São Sebastião	Pontes e Lacerda
21	São José	Pontes e Lacerda
22	São Miguel	Vila Bela da Santíssima Trindade
23	São Sebastião	Vila Bela da Santíssima Trindade
24	“As Cruz”	Vila Bela da Santíssima Trindade
25	Morrinho Tarumã	Vila Bela da Santíssima Trindade
26	Santa Mônica	Vila Bela da Santíssima Trindade
27	Palmarito	Vila Bela da Santíssima Trindade
28	Matão	Vila Bela da Santíssima Trindade
29	Nova Fortuna	Vila Bela da Santíssima Trindade
30	Casalvasco	Vila Bela da Santíssima Trindade
31	Cantão	Vila Bela da Santíssima Trindade

Quadro publicado no PDPI – Diretoria de Assuntos Fundiários (FUNAI, 2002).

Apesar de essa visibilidade ser aparentemente contemporânea, Moreira da Costa (2000) afirma que a presença dos Chiquitano no Brasil está registrada em documentos desde meados do século XVIII, quando houve interesse político em fixar aldeias junto aos destacamentos militares, fortificações e povoados do lado brasileiro. Segundo o autor (2000, p. 40):

O processo de territorialização vivenciado pelas diversas etnias da região da fronteira, em especial pelos Chiquitano e pelos Bororo Ocidentais, impulsionado pela disputa territorial e pelo processo histórico da formação dos Estados brasileiro e boliviano, provocou uma intensa articulação interétnica. Inicialmente, as missões religiosas espanholas e, mais tarde, as vilas e destacamentos militares portugueses, visando à incorporação de mão-de-obra de *índios mansos*, objetivavam promover a ocupação territorial e a produção econômica para o abastecimento do mercado. A intensificação da presença Chiquitano em solo atual brasileiro foi marcada por ondas

migratórias, relacionadas a diversos eventos históricos, entre os quais as guerras de independência da Bolívia e do Chaco.

Em Moreira da Costa (2002), o autor declara ainda:

A Capitania de Mato Grosso tinha um claro interesse pela mão de obra qualificada dos Chiquitano, para que pudesse abastecer suas vilas de serviços e produtos, já que os índios do lado português eram *bravios* e demandariam muitos esforços e tempo para *amansá-los* [...] (p. 59)

Com o estabelecimento da política de povoamento da fronteira, a posse da terra sem a mão de obra necessária para a sua exploração de nada valia. As Fazendas Nacionais de Caiçara e Casalvasco vêm ao encontro do desejo de fomentar a produção de gêneros alimentícios e fornecer braços para a ocupação. Casalvasco foi a porta de entrada (ou retorno) para muitas populações indígenas em momentos diferentes. Foi construída com o objetivo de servir de posto avançado [...]. (p. 59-60)

Casalvasco disputava terras e mão de obra com a missão de Santa Ana, não dispensando esforços para manter os índios na região [...] (p.61)

João Severiano da Fonseca em sua obra: *Viagem ao Redor do Brasil* (1875 -1878) também fala da presença dos Chiquitano quando descreve sua estada no sítio Uauassú, na fronteira de Mato Grosso com a Bolívia (FONSECA, 1880, p.363): “são estas bandas povoadas pelos restos das nações dos chiquitos e bororós, aldeiados outr’ora pelos jesuítas hespanhoes [...]”.

Outros relatos e documentos de viajantes, missionários e pesquisadores mencionam que o povo Chiquitano já vivia na região da Capitania de Mato Grosso quando Vila Maria do Paraguai (hoje, cidade de Cáceres) foi fundada em 1778. Registros de grupos e de famílias Chiquitano eram constantes nas grandes fazendas de exploração da borracha e criação de gado. Esses trabalhadores permaneciam nas fazendas, incentivados pelo bom tratamento dado por fazendeiros brasileiros, os quais se interessavam pelas suas experiências nas missões jesuíticas (MOREIRA DA COSTA, 2000 e 2002; SILVA 2001/2002).

Silva (2001/2002) ressalta que registros de informações e testemunhos de viajantes, missionários e pesquisadores sobre os Chiquitano são encontrados do século XVIII até o início do século XX, depois houve um

silêncio sobre os Chiquitano brasileiros. Dessa forma, esse povo permaneceu longe das políticas públicas e do reconhecimento das instituições indigenistas brasileiras. Tanto que nenhuma referência sobre o povo e a língua Chiquitano no Brasil é encontrada nas publicações mais conhecidas²¹ sobre os indígenas brasileiros como:

- a) “Línguas Brasileiras - para o conhecimento das línguas indígenas”, de Aryon Rodrigues (1986);
- b) “Índios do Brasil”, de Júlio Cezar Melatti (1993);
- c) “A Temática Indígena na Escola - novos subsídios para professores de 1º e 2º graus”, Org. por Aracy Lopes da Silva e Luiz Donisete Grupione (1995).

Em publicações mais recentes, como os *sites* do Instituto Socioambiental²², e da Funai²³, os Chiquitano constam como povo indígena de Mato Grosso. No entanto, nos quadros de classificação das línguas indígenas brasileiras (nestes mesmos *sites*), a língua Chiquitano ainda não é mencionada²⁴. No Brasil, as referências recentes à língua Chiquitano são advindas das publicações resultantes das pesquisas para o Mestrado de Santana (2005) e de Dunck-Cintra (2005)²⁵. E, a partir destas pesquisas, outras publicações de Santana (2008), Dunck-Cintra (2008) e Santana e Dunck-Cintra (2009) são referências para a língua Chiquitano brasileira.

Existem alguns estudos sobre os Chiquitano no Brasil nas áreas de Educação, Antropologia, História, Geografia. A maioria deles está em formato de Dissertação e/ou Tese. Dentre as publicações em livros, ressalta-se: Moreira da Costa (2004) e Silva J. (2008b), esta última, organizada por Joana Fernandes da Silva, consiste em uma coletânea de estudos sobre os Chiquitano, envolvendo história, língua, cultura e territorialidade.

²¹ Embora essas publicações não sejam atuais, são importantes referências básicas para quaisquer pesquisas sobre as línguas indígenas brasileiras.

²² <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral> em 10/11/2011.

²³ <http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm> - em 10/11/2011.

²⁴ <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias> - em 10/11/2011.

²⁵ Estas dissertações e outras informações sobre a Língua Chiquitano podem ser encontradas em: www.etnolinguistica.org, um *website* com informações sobre línguas e culturas indígenas da América do Sul.

1.1.1 – Sobre as Comunidades Chiquitano

Atualmente, 04 comunidades Chiquitano Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha são reconhecidas e atendidas pelas instituições públicas brasileiras. Tais comunidades estão localizadas próximas à estrada de rodagem que liga a Rodovia BR 174 à cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, no *continuum* fronteiro entre os Destacamentos Militares de Santa Rita e Fortuna a cerca de 500 km de Cuiabá (Conf. Mapa 3, neste Capítulo). A cidade brasileira mais próxima é Porto Esperidião e está a 80 km de distância de Vila Nova Barbecho e a (+ ou -) 125 km de distância de Acorizal, Central e Fazendinha. Na Bolívia, os povoados mais próximos são *San Marquito* e *Ascenpción* (entre 8 e 10 km de Fazendinha). Ali, desde muito tempo, os Chiquitano transitam livremente pelos dois lados, visitam parentes, amigos, fazem compras e participam de festas, cerimônias religiosas e ainda de atividades recreativas como torneios de futebol etc.

Dados da Funasa (2009)²⁶ mencionam 325 Chiquitano habitando essas comunidades conforme demonstrado a seguir, no Quadro 1- Comunidades Chiquitano.

Quadro 1 – Comunidades Chiquitano

Aldeias	População (2009)	
	Quant. famílias	Quant. pessoas
Vila Nova Barbecho	12	93
Acorizal	27	103
Central	05	41
Fazendinha	22	88
Total	66	325

Fonte: Dados da Funasa (2009)

²⁶ Recentemente, em 23 de março de 2012, tive acesso a uma listagem da Funasa com a população do Polo Chiquitano. Nesta listagem consta uma população de 467 indivíduos, sendo 142 pessoas (cerca de 44%) a mais do que nas informações de 2009. Como os dados são apresentados de forma diferente nas duas listagens, não foi possível observar de onde vem o aumento no número de habitantes das três comunidades, sendo que os nascimentos entre 2009 e 2011 somam 18 crianças. Dessa forma, entendemos que esses dados, embora sejam mais atuais, mereçam uma leitura e uma pesquisa mais atentas antes de substituir os dados de 2009 utilizados aqui.

Na comunidade de Vila Nova Barbecho moram 12 (doze) famílias, somando 93 pessoas (Funasa, 2009). Está a 50 km das outras comunidades e tem, mais recentemente, como já comentado, enfrentado luta e resistência pela permanência em seu local de moradia. A escola funciona precariamente em um galpão central e a comunidade está, por decisão da Justiça, proibida de fazer qualquer reforma e/ou construção de novas moradias etc, até que seja dada a posse da terra para os Chiquitano. São reconhecidos como líderes Nicolau Urupi (72 anos) e Clemência Muquissai (70 anos), casal de anciãos da comunidade. O cacique é o filho do casal, Florêncio Urupê. A maioria dos moradores de Vila Nova Barbecho tem parentesco com os moradores de Fazendinha. Muitos deles frequentam, quando possível, as atividades culturais e religiosas no Memorial Chiquitano, na aldeia Central.

Em Acorizal moram vinte e sete famílias, uma população aproximada de 103 pessoas. A comunidade fica na cabeceira do córrego Tarumã ou Las Petas, a uns 15 km do Destacamento Fortuna. Reconhecem como líder Inácio Tomichá, de 79 anos. Ele é casado com Lourença Mendes Tomichá (70 anos) e tem uma família numerosa, sendo a maioria dos habitantes de Acorizal seus descendentes. O cacique é José Arruda Mendes, professor e neto do casal ancião.

A comunidade Fazendinha, um pouco menor que Acorizal, é composta por 22 famílias, num total de 88 pessoas. Em Fazendinha, é reconhecido como líder, Lourenço Rupe, de 75 anos. Ele também se apresenta como guia espiritual da comunidade. É casado com Tereza Peteá (75 anos). É ele quem organiza as festas de santo e demais atividades religiosas. A casa de Lourenço Rupe funciona como um centro comunitário de recepção e informações. Ele e sua família estão sempre dispostos a receber as equipes de pesquisadores, das instituições, e outros que chegam àquelas comunidades. O cacique desta comunidade é Cirilo Rupe, filho de Lourenço e Tereza.

A comunidade Central é formada por cerca de cinco (05) famílias vindas das comunidades de Acorizal e Fazendinha, constituindo uma população de 41 indivíduos (FUNASA, 2009). As famílias vieram, na maioria, da aldeia Acorizal e se instalaram nas proximidades do complexo do Posto Indígena, formando uma nova aldeia. Como essa mudança é recente, aparentemente ainda não se tem uma liderança intitulada, mas percebe-se que

José Ramos (Ito) assume esta postura de líder. Nesta comunidade também não tem um cacique instituído, quando necessário são representados por Ito e pelo Cirilo Rupe, cacique de Fazendinha.

Como se pode perceber, a liderança nas comunidades Chiquitano é formada pelos anciãos, em especial pelos que têm maior número de descendentes habitando a aldeia. A figura do cacique é recente e veio com a implantação do Posto da Funai e, no caso daquelas comunidades, os caciques são descendentes dos líderes, e tratam de assuntos mais externos.

A população dessas quatro comunidades (325 pessoas) é considerada jovem, formada, na sua maioria, por pessoas com menos de 40 anos. Este e outros detalhes sobre a população podem ser verificados no Gráfico 1 – Demonstrativo de Faixa Etária da População das Comunidades Chiquitano de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha.

Gráfico 1 - Demonstrativo de Faixa Etária da População das Comunidades Chiquitano de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha

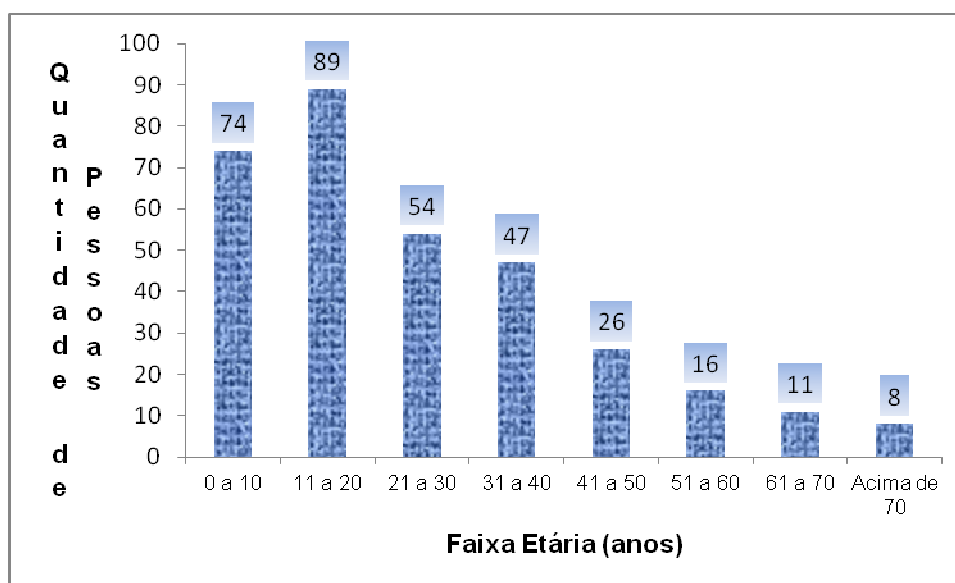


Gráfico baseado em dados da Funasa (2009)

Observando-se o gráfico, percebe-se que 50% da população têm até 20 anos e 31% entre 21 e 40 anos. Uma das hipóteses para justificar o pequeno número de habitantes entre 40 e 60 anos seria o êxodo dos jovens de outrora em busca de trabalho nas fazendas e cidades da região, uma prática

comum naquelas comunidades, já que o sistema de permissão e usufruto vivido por eles nas “terras do exército” ²⁷ não permitia o aumento de casas para abrigar novas famílias.

Hoje, o êxodo acontece ao inverso. Muitos jovens entre 08 e 20 anos têm retornado à comunidade para morar com os pais, tios, avós, principalmente pelas oportunidades de estudo e trabalho. Tal fato pode ser justificado pelo grande número de pessoas na faixa etária de 11 a 20 anos. Essa presença de jovens também tem resultado em casamentos e constituição de novas famílias, o que pode ser visível no número de pessoas entre 0 e 10 anos (cerca de 22%).

O pequeno número de pessoas com mais de 60 anos pode ser justificado pelo próprio processo de agrupamento familiar das comunidades, geralmente formado por pequenos núcleos familiares. Também se deve levar em consideração a expectativa de vida no Estado de Mato Grosso que, segundo dados publicados no site do IBGE²⁸, está em torno de 68 anos.

Considerando o parentesco declarado pelos mais velhos, a maioria da população daquelas comunidades é indígena, ou seja, é Chiquitano. Renata Bortoletto Silva (2008), antropóloga que fez um estudo sobre a organização social dos Chiquitano, declara que, em geral, as moradias de pessoas aparentadas são próximas, formando um grupo familiar composto pela relação entre sogros e genros e entre mães e filhas. Quanto aos casamentos, eles podem ocorrer com pessoas de outros locais²⁹, com indígenas Chiquitano e com não indígenas. Os homens “de fora” são geralmente homens não indígenas que habitam a região, e trabalham nas fazendas próximas e as mulheres “de fora” são, em sua maioria, indígenas Chiquitano das comunidades bolivianas próximas à fronteira, como *San Marquito*, por exemplo (SILVA R., 2008). Poucos casamentos foram registrados entre mulheres Chiquitano brasileiras e homens bolivianos³⁰. Não registrei, durante minha

²⁷ Segundo Moreira da Costa (2002, p. 69), o Exército fixou destacamentos militares ao longo da fronteira, muitos deles em locais onde já existiam aldeamentos indígenas. As famílias Chiquitano que habitavam as terras, consideradas pertencentes ao Exército (União) (grifo meu), foram relacionadas como permissionárias e submetidas às regras e restrições quanto ao uso e ocupação do solo.

²⁸ <http://www.ibge.gov.br> Acesso em 02 de março de 2012.

²⁹ Não foi registrado, nas comunidades nas quais se realizaram as pesquisas, casamento entre Chiquitano e outra etnia.

³⁰ Dois bolivianos, casados com mulheres Chiquitano, não se identificaram como indígenas.

estada nas comunidades, presença de não indígenas morando nelas, sem que fossem ligados aos Chiquitano por laços de parentesco.

Em todas as comunidades, a religiosidade é muito presente. A grande maioria dos habitantes é católica, herança clara dos tempos jesuíticos. Pode-se observar, nas casas, oratórios ornamentados com estátuas e cartões com imagens de santos, rosários, velas e flores. Presenciamos duas festas de devoção aos santos (Santa Terezinha, São João) e vários encontros para rezar o terço. Apesar de o catolicismo ser bem visível, também foram identificadas, naquelas comunidades, famílias de “evangélicos”, pentecostais das igrejas Adventista do Sétimo Dia, Assembleia de Deus e outras. Não percebemos a existência de templos desses segmentos religiosos. Os cultos e encontros de orações são realizados nas casas dos moradores.

1.1.2 – Espaços Institucionais

Com a recente visibilidade, os Chiquitano brasileiros passam por um meteórico processo de retomada de suas tradições, partindo de uma identidade genérica “bugres”, caboclos a outro universo sócio-político e cultural, o dos indígenas brasileiros. Universo este com garantia de alguns “direitos” específicos (saúde, educação etc), por sinal, muito valorizados pela população regional.

Sobre as situações de emergência de grupos indígenas, Arruti (1997, p.27) diz que a recuperação da identidade genérica de “índios” está sempre associada a descobertas da existência de alguns “direitos”:

É simultaneamente ao processo de descoberta dos direitos que aquelas fronteiras, sempre tão porosas e atravessadas pela “mistura” e pelo “sincretismo”, mudam de consistência, que o arranjo político interno às comunidades passa por transformações no sentido de uma maior formalização e que a relação com a memória e com as “tradições” também passa por profundas transformações.

Para os Chiquitano, a ação mais visível do acesso a estes direitos está na presença e no atendimento dado pelas instituições Funai, Funasa e Seduc-MT àquelas comunidades. A unidade administrativa da Funai dá aos indígenas credibilidade e segurança na luta pela permanência no território, além de eles

terem, de imediato, a quem recorrer em caso de emergência. A implantação do Posto de Saúde e da Escola Estadual Chiquitano foram conquistas vantajosas sob dois aspectos. Primeiro pela facilidade de acesso às instituições, devido ao fato de existir uma legislação própria e específica que preconiza que tanto o município quanto o estado têm o dever de assumir a saúde e a educação indígena. Segundo, seriam as opções de trabalho remunerado, já que faz parte dessas políticas a prioridade de contratação de atendentes, auxiliares de enfermagem, professores e demais funcionários (diretor(a), secretário(a), merendeira e auxiliar de limpeza) da própria comunidade.

Silva (2010, p. 32), citando Shroder, menciona que, no Brasil, de maneira geral, há uma espécie de “kit mínimo” na constituição de uma aldeia: “Um cacique reconhecido pela Funai, escola, professor e rádio”. Para os Chiquitano brasileiros ter uma Escola Indígena “formal” revelava um instrumento poderoso na reconstrução e afirmação de suas identidades sociais, políticas e culturais. Significava, ainda, um reconhecimento público “como grupo indígena” por uma instituição estadual. Assim, a conquista da Escola causou naquele povo uma sensação vitoriosa (“sim, nós podemos!”), servindo para fortalecer e alimentar as esperanças para continuarem a luta em prol da demarcação de seu território.

As sedes dessas instituições estão no espaço denominado “Central”, entre as aldeias Acorizal e Fazendinha, na Terra Indígena Portal do Encantado. Lá funcionam o Posto Indígena da Funai, o Posto de Saúde, a Escola Indígena Chiquitano e o Memorial Espírito Santo dos Chiquitano. A ideia de se criar um espaço “central”, segundo Benedito Garcia³¹, Coordenador Regional da Funai em Cuiabá, “era instituir um espaço neutro para a instalação dos Postos da Funai, de Saúde, da Escola e do Memorial, facilitando o atendimento e unindo as comunidades em torno de objetivos comuns”.

Sobre esse espaço institucional, José Eduardo Moreira da Costa³² acrescenta que o mesmo foi pensado para ser um espaço de referência para todas as comunidades. Um espaço delimitado, fora da ambiência das duas

³¹ Entrevista informal, concedida a mim pelo Coordenador Regional da FUNAI - Cuiabá, MT, Benedito César Garcia de Araújo, em 06 de dezembro de 2009, em Cuiabá, MT.

³² Entrevista concedida a mim por José Eduardo Moreira da Costa, indigenista, em 07 de março de 2012, em Cuiabá, MT.

comunidades (Acorizal e Fazendinha), a fim de manter a autonomia e a neutralidade, interferindo o menos possível nos espaços já delimitados pelos núcleos familiares. Segundo o indigenista, o local escolhido retoma um antigo entroncamento onde outrora passava a Estrada Real, que, na época do Brasil Colônia, ligava a capital da *Província de Matto Grosso*, Vila Bela da Santíssima Trindade, à cidade de Cuiabá. Para ele, esta “escolha tem um passado significativo e representa o despertar de um espaço tradicional, o romper com o exército”. Aquele lugar, segundo ele, “representa a retomada dos caminhos, a religação com a Coroa do Mundo (missão de Santa Ana), anteriormente feita através da procissão a Santa Ana” (conferir detalhes dessa procissão em Moreira da Costa, 2004).

Hoje já existem moradores no entorno da Central, mas, segundo José Eduardo, isso não interfere na delimitação do espaço institucional e o fato de famílias ocuparem o entorno era previsível e esperado, já que naturalmente essa situação remete ao modelo de povoamento das missões jesuíticas.

Percebemos, durante a estada em campo, que os moradores de Acorizal mantêm certa distância da Central. Não aceitaram manter uma escola única, alegando a dificuldade de deslocamento dos alunos pequenos, e acabaram optando pelo funcionamento de salas especiais em suas próprias aldeias, ligadas, administrativamente, à escola central. Os moradores de Acorizal também manifestam resistência quanto à utilização do Memorial e demais atividades religiosas e culturais na aldeia Central. Para Moreira da Costa esta situação também era previsível, já que, tradicionalmente, as comunidades Chiquitano são muito autônomas política e economicamente e que Acorizal sempre manteve sua autonomia. O importante, segundo eles (Benedito Garcia e José Eduardo), é que as instituições (Funai, Funasa, Seduc) estejam lá, garantindo os direitos constitucionais a todos os Chiquitano.

O Posto Indígena Chiquitano³³ é uma unidade técnico-administrativa da Funai que recebe funcionários e representantes da instituição em coordenação de diversas atividades e projetos. O Posto de Saúde é de responsabilidade da Funasa, que mantém lá um pequeno ambulatório e uma equipe com enfermeiro profissional, auxiliares de enfermagem (da própria comunidade) e um carro

³³ No final de 2010, houve uma Reestruturação Administrativa na Funai e, até o momento, não há definição sobre a organização técnico-administrativa no Posto Indígena Chiquitano.

com motorista. Os profissionais de enfermagem trabalham com esquema de revezamento quinzenal. Também há um dentista e um médico que visitam as comunidades regularmente.

A Escola, ainda sem prédio próprio, é mantida pelo Estado com a contratação dos Chiquitano como professores, coordenador, diretor, secretário, auxiliar de limpeza e merendeira (nutrição). As atividades acontecem em salas de aula improvisadas no Memorial e em um barracão de palha até que seja construído o novo prédio, já aprovado pela Secretaria de Educação do Estado. A escola funciona com três ciclos do Ensino Fundamental e Ensino Médio³⁴.

O Memorial Espírito Santo dos Chiquitano consiste em uma edificação, construída nos moldes das igrejas existentes nas missões jesuíticas na Bolívia (Figura 1). É composto de um salão central onde podem ser realizadas atividades culturais e religiosas e de uma sala anexa, destinada a uma futura biblioteca e às atividades administrativas. Na Figura 1, pode-se observar a edificação; em primeiro plano está o salão: à direita, a sala administrativa, e, no pátio, mais à esquerda, um elevado com cobertura onde foi instalado um sino.



Figura 1 – Memorial Espírito Santo dos Chiquitano - Brasil
Foto: Áurea Santana - SET 2008

³⁴ Nos dois últimos anos, muitos moradores vizinhos 'não indígenas' têm procurado essa escola para matricularem os filhos.

Os recursos financeiros para a construção inicialmente vieram da Funai, que utilizou, em parte, mão de obra dos indígenas Chiquitano. Também contribuiu para a construção, através de doações de material e de pagamento de mão de obra, a Pastoral da Criança (Cuiabá, MT)³⁵.

A construção do Memorial começou em meados de 2006 e ainda está por terminar, faltando alguns detalhes de acabamento como janelas, portas, entalhamento das colunas, piso etc. Mesmo sem esses acabamentos, o Memorial é utilizado em diversas atividades festivas escolares (Dia do Índio, Dia das Mães, Dia das Crianças), em eventos promovidos pelas instituições (Encontros, Cursos, Treinamentos) e outras manifestações culturais.

Motivo de orgulho para muitos, a arquitetura do Memorial imita as igrejas das Missões Jesuíticas, na Bolívia (Figura 2).



Figura 2 - Igreja de Santa Ana - Bolívia
Foto: Áurea Santana - MAI 2008

Considerado como mentor da criação do Memorial, José Eduardo Moreira da Costa afirma que a ideia da criação e da arquitetura do memorial surgiu de conversas entre ele e os Chiquitano e que essa ideia está estreitamente ligada à retomada de território, num processo que passa pelas

³⁵ A Pastoral da Criança é um organismo de ação social, ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

vertentes econômica, política e cultural. Segundo ele, a garantia de permanência no território, juntamente com as ações e programas desenvolvidos pelas instituições, davam, aos Chiquitano, caminhos para o desenvolvimento econômico e autonomia política. Faltava então, para completar as ações desenvolvidas pelas instituições junto às comunidades, um espaço de promoção da vertente cultural, surgindo, assim, o interesse na criação do Memorial. Com os Chiquitano vivenciando esse processo de retomada de valores étnico-ancestrais, a ideia foi reproduzir um modelo de referência para eles, tanto arquitetônico, quanto espacial. Assim, juntamente com os indígenas, a construção do Memorial foi pensada e projetada arquitetonicamente nos moldes das igrejas nas missões jesuíticas, retomando um espaço ancestral, ou seja, o caminho outrora percorrido pelos antepassados na procissão que ligava as comunidades à Coroa do Mundo (Missão de Santa Ana).

A estrutura física do Memorial e as associações aos lugares ancestrais refletem, na perspectiva da diáspora, vivenciada nos redutos missionários, a mão contrária³⁶ do processo de territorialização, o retorno em busca de uma identidade étnica individualizada, face ao conjunto genérico “bugres”, “bolivianos”, aos quais ficaram associados nos últimos tempos.

A escolha do nome Memorial Espírito Santo dos Chiquitano foi feita idealizando um contexto múltiplo. Segundo José Eduardo, tradicionalmente os espaços Chiquitano têm nomes de santos e também padroeiros. Neste sentido, escolher um nome de santo, poderia caracterizar um privilégio para determinado local. Então, o nome Espírito Santo refletiria uma identidade ampla e múltipla, inclusive em respeito às famílias de evangélicos pentecostais.

Para o indigenista, o espaço tem e deve primar por possibilidades de utilização diversas; tem funcionado provisoriamente como sala de aula³⁷, como local de reuniões e oficinas, promovidas pelos indígenas e/ou pelas instituições que desenvolvem programas e atividades junto às comunidades e, aos domingos, são realizadas missas. Essas missas geralmente são rezadas pelos

³⁶ Segundo Oliveira (2004, p. 28), “o processo de territorialização não deve jamais ser entendido simplesmente como de mão única, dirigido externamente e homogeneizador, pois sua atualização pelos indígenas conduz justamente ao contrário, isto é, à construção de uma identidade étnica individualizada daquela comunidade em face de todo o conjunto genérico de ‘índios do Nordeste’”.

³⁷ Como a escola está em construção, algumas salas de aula funcionam no Memorial.

padres de Porto Esperidião que atendem a região e, na falta destes, as reuniões ecumênicas são realizadas pelos próprios Chiquitano. O grande desafio para a utilização e ocupação dos espaços do Memorial, segundo José Eduardo, é não permitir que fiquem caracterizados como espaços da igreja católica.

A inauguração do Memorial, em junho de 2009, representou um momento de muita emoção tanto para os Chiquitano, quanto para os pesquisadores e atores institucionais envolvidos com este povo. A festa de inauguração teve grande participação da comunidade. Houve missa e apresentações culturais. Durante a missa as crianças cantaram hinos em Chiquitano e, em momentos distintos, os homens tocaram caixa (tambor) e flauta (conferir Figura 03).



Figura 3 - Chiquitano Brasileiros Tocam na Inauguração do Memorial
Foto: Áurea Santana - JUN 2009

O ritmo era marcado e repetido, similar aos propagados nas missões jesuíticas bolivianas, denominados Barroco. As orações³⁸ Pai Nosso, Ave Maria e Santa Maria foram rezadas, em Chiquitano, por um grupo de jovens durante a missa. Pela primeira vez, em muitos anos, a língua Chiquitano era falada em público.

³⁸ Essas orações, a pedido dos jovens Chiquitano, foram retiradas de publicações bolivianas e adaptadas por mim, para o alfabeto experimental Chiquitano brasileiro. Conferir Anexo 1 – Orações em Chiquitano.

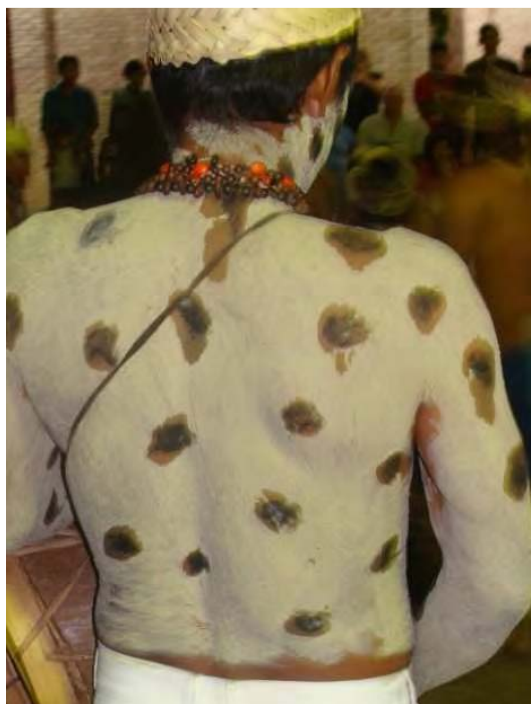


Figura 4 – Homem Chiquitano com Pintura Corporal
Foto: Áurea Santana – JUN 2009

O uso de adornos como cocares trançados de palha de buriti, cocares com penas, colares de sementes e pintura corporal feita à base de argila e carvão (Figuras 3 e 4) demonstrava que os Chiquitano estavam vivenciando um processo de invenção das tradições, processo este que, segundo Hobsbawn & Ranger (1997), é caracterizado pela formalização e ritualização de tradições que visam a estabelecer continuidade apropriada ao passado histórico. Outro elemento presente, o crucifixo em destaque no pescoço do tocador (Figura 3), demonstrava, ao lado das tradições, a forte presença da religiosidade. Assim, esses elementos foram exibidos pelos Chiquitano como traços culturais, servindo de “sinais externos” a ser reconhecidos pelos mediadores, nesse caso, pelas instituições e outros ali presentes. Sobre esses sinais, Arruti (1997, p. 23) declara que:

Independente de “como de fato foi” no passado, os laços das comunidades atuais com grupos do passado precisam ser produzidos, hoje, através da seleção e recriação de elementos da memória, de traços culturais que sirvam como sinais externos reconhecidos pelos mediadores e o órgão que tem a autoridade de nomeação.

Estar ali e observar a participação dos Chiquitano, naquele evento, foram experiências únicas. Olhando as Figuras 3 e 4, quem poderia contestar a

identidade daquele grupo que, num passado próximo, sujeito a segregações diversas, não se dizia Chiquitano? Atitudes como estas, segundo Oliveira (2004), sejam com aspectos culturais retomados e/ou inventados, contribuem para dotar as identidades de uma grande importância normativa, afetiva e valorativa, criando as condições de possibilidade para que surja em torno daqueles sujeitos históricos um sentimento de unidade, de pertencimento e destino comuns. Silva C. (2003), em trabalho com as narrativas dos sobreviventes do povo Xetá (grupo Tupi-Guarani do noroeste do Paraná), declara que o resgate da memória não caracteriza a reconstrução de uma sociedade como ela existiu no passado, mas permite trazer aspectos de um passado rico e vivido, acrescido de outras versões, perpassado por outras experiências. E, naquele contexto, vivenciado pelos Chiquitano, cultura e tradição brotavam em terreno fértil.

1.1.3 – Fronteiras Identitárias

Hoje, os Chiquitano já estão inseridos nos programas de atendimento e de assistência do órgão indigenista nacional (Funai) e de outras instituições públicas federais, estaduais e municipais. No entanto, com esse reconhecimento público institucional e com essa recente visibilidade dada aos Chiquitano, conflitos étnico-político-econômicos foram instaurados na fronteira entre Mato Grosso e Bolívia. A grande discussão promovida pelos proprietários de terra e alguns políticos da região gira em torno de “classificar” os Chiquitano como bolivianos ou brasileiros. Para esses opressores, ser “boliviano” colocaria esse povo numa condição de indígenas, mas, conseqüentemente, estrangeiros no seu próprio território. Por outro lado, ser brasileiro estaria condicionando-os a “não ser índio” e, portanto, sem direitos sobre o mesmo território. Ou seja, de qualquer forma, nenhuma das condições lhes garantiria acesso ao território de direito.

Matérias em revistas e jornais de circulação nacional e regional e até mesmo uma Audiência Pública para tratar da caracterização dos Chiquitano foram (e ainda são) armas utilizadas pelos políticos e fazendeiros, na tentativa

de reprimir o movimento pela posse da terra. Os excertos a seguir ilustram estes conflitos:

- Matéria publicada no jornal Diário de Cuiabá, em 25/11/2005³⁹:

Em mais uma das ações que comprovam a preocupação do Governo do Estado na prestação de serviço para questões que exigem a presença do poder público estadual, o governador Blairo Maggi reúne-se, nesta sexta-feira (25), em Porto Esperidião, para discutir, em audiência pública, a resolução da Fundação Nacional do Índio (Funai) em criar na faixa de fronteira entre Brasil e Bolívia uma reserva indígena para abrigar **os povos descendentes dos índios chiquitanos, de origem boliviana, que habitam a área, com a intenção de caracterizá-los e impor-lhes a condição de índio** (grifo meu).

A ação do Estado se deve para conter o clima de descontentamento estabelecido na região, que pelos estudos dirigidos pela Funai pretende estabelecer, como reserva indígena, áreas dos municípios de Vila Bela da Santíssima Trindade, Pontes e Lacerda, Porto Esperidião e Cáceres. Porém, conforme estudos realizados pelo Governo estadual, coordenados pela Superintendência de Política Indígena, ligada à Casa Civil, **os descendentes dos chiquitanos não se reconhecem como índios, mas sim como cidadãos brasileiros** (grifo meu)⁴⁰. (Raquel Teixeira/Secom-MT)

- Título/manchete de reportagem da Revista Veja de 14/12/2005⁴¹:

“Chiquitanos se recusam a ser índios; Funai insiste com reservas”.

- Matéria disponível no Portal de Notícias (*on line*) da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso de 25/10/2007⁴²:

Os chiquitanos não são índios, diz Riva⁴³. “Aquela população e aquela área não se enquadram como indígenas, apesar de outros órgãos ambientais tentarem fazê-los”, disse Riva.

“Não são índios. São descendentes de bolivianos e brasileiros com traços parecidos e estrutura abaixo da média, ou seja, são chamados de chiquitanos por conta da expressão castelhana que significa pequeno”, declara o pecuarista Luciano Barbosa

³⁹ Texto encontrado em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=237523> – acesso em 01/09/2010.

⁴⁰ Esta afirmação, muito postulada pelos fazendeiros, demonstra a incoerência da situação, já que ser indígena não exclui o fato de ser um cidadão brasileiro.

⁴¹ Texto disponível em: <http://www.24horasnews.com.br/index.php/mat=162015> - acesso em 01/09/2010.

⁴² Texto disponível em: http://www.al.mt.gov.br/V2008/ViewConteudo.asp?no_codigo=17533.

⁴³ José Riva é Deputado Estadual, e, na ocasião, presidente da Assembléia Legislativa de Mato Grosso. Há comentários de que o Deputado é pecuarista na região onde estão os Chiquitano brasileiros.

que esteve em Cuiabá reforçando o clamor destes cidadãos às lideranças políticas mato-grossenses. (Ubiratan Braga – Assessoria de Imprensa)

Em contrapartida ao poderio político e econômico, os Chiquitano se defendem, tentando mobilizar a opinião pública como podem. Na ocasião do 1º Encontro de Afirmção dos Povos Chiquitanos - realizado em Cáceres, MT, em novembro de 2006 - estes eram os dizeres em uma das faixas afixadas no local: “Sou Chiquitano, eis a questão! Mestiço ou índio, e por que não? Trago nos olhos, sede e justiça, de libertação”⁴⁴.

Na verdade, frente a uma realidade tão adversa, assumir ser “boliviano” ou ser “brasileiro” não ameniza a situação de opressão e de segregação imposta pela sociedade nacional e, mais especificamente no caso dos Chiquitano, pelos fazendeiros locais que se veem ameaçados com a presença, “agora oficial”, desse povo indígena. Sobre esta situação, Silva (2001/2002, p. 201) comenta:

[...] antes de serem bolivianos ou brasileiros, os Chiquitos são, na verdade, moradores de uma região alvo de conflitos e de inúmeros tratados e acordos, durante quase 500 anos; eles vivem em um país deles, com fronteiras políticas específicas. Fronteiras que foram desconsideradas e arrasadas pela imposição da presença dos colonizadores e por uma luta pela hegemonia de um território e que ignorou historicidades particulares e a presença de etnias distintas e já muito antigas nesse lugar.

Albó (2005, p. 27-28) comenta que este tipo de conflito, envolvendo povos divididos pelas fronteiras geopolíticas, merece uma reflexão particular. Segundo o autor, “muitos desses povos foram envolvidos em guerras alheias, obrigados a tomar o partido de um ou de outro lado, o que acabou por fazer que fossem alvo de *massacres, exílio e perda ou invasão de seu território*”. Esta situação é bem exemplificada no caso dos Chiquitano, os quais Moreira da Costa (2000) afirma serem típicos representantes de povos originários que ficaram divididos pelas fronteiras atuais dos Estados modernos, neste caso, Brasil e Bolívia⁴⁵.

⁴⁴ Mais informações em: <http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=2227&eid=353>.

⁴⁵ Em Cabral (1963, p. 30), encontramos o seguinte relato sobre os Chiquitano que acompanhavam os missionários jesuítas na Aldeia Santa Rosa: “pelo Tratado de Madri os jesuítas no Guaporé-Itenéz desocupariam a aldeia Santa Rosa e os índios poderiam optar por uma ou outra banda, cláusula que importaria, como de fato, por falta de controle luso, na total

Para esses Chiquitano, o que está em jogo não é apenas uma questão ligada à identidade e autenticidade, mas uma disputa por suas terras. O discurso que os “proprietários de terra” e alguns políticos fazem circular é de que naquela região não há indígenas, apenas estrangeiros e imigrantes. Segundo Silva J. (2008a), isso é uma maneira própria de negar os direitos legítimos de quem é brasileiro e nacional.

Alguns moradores das comunidades de Acorizal e Fazendinha contam que, em 2002, um pouco antes dos técnicos da Funai, participantes do Grupo de Trabalho coordenado pela antropóloga Joana Fernandes da Silva lá chegarem, todas as famílias Chiquitano haviam sido convocadas pelos comandantes do Destacamento Fortuna, para assinar um documento⁴⁶ que dava a elas um mês de prazo para sair daquele lugar. O motivo alegado pelos militares para expulsão, segundo os moradores, era de que eles não eram índios, que eram posseiros⁴⁷, e estavam ocupando as terras pertencentes ao Exército Brasileiro (Terras da União). Relatos dos indígenas exemplificam a tensão vivida naquele momento: *“o capitão passou por aqui apurando nós para, no prazo de trinta dias, sair daqui. Nós ficamos tudo apavorado, aonde nós vai?”* (J.R.)⁴⁸.

Diante daquela situação intimidante, os Chiquitano, percebendo a necessidade de se afirmarem como povo indígena, buscaram legitimar sua identidade, evocando para si o espaço político da diferença. Partiram para um contradiscurso, rompendo o silêncio em que se encontravam para fortalecer a possibilidade de ficar com seu espaço e marcar sua territorialidade, inclusive buscando seus filhos e descendentes de volta, como demonstrado no Gráfico 1.

O processo de emergência de identidade⁴⁹, nesse caso, foi iniciado na perspectiva de retomar os valores étnicos ancestrais. Os Chiquitano

submissão dos índios que acompanhavam os padres a estes ligados por longa e paternal convivência”.

⁴⁶ Apesar de não ter sido encontrado registro ou cópia deste documento, Silva J. (2008b, p. 27) também o menciona: “em 2002, os moradores de Fazendinha e Acorizal receberam um *ultimatum* para que desocupassem, no prazo de 30 dias, a área onde viviam”.

⁴⁷ Indivíduo que estabelece permanência em um local e, com o tempo, poderá adquirir direito de propriedade.

⁴⁸ Trechos extraídos das entrevistas feitas com moradores das comunidades de Acorizal e Fazendinha (Dunck-Cintra, 2005).

⁴⁹ O termo emergência de identidade é utilizado por Oliveira (2007) quando trata da identificação e das categorias de desenvolvimento das identidades pessoal e social.

procuraram apoiar-se na memória linguística dos mais velhos, fazendo circular o sentido de ser índio, retomando, em um primeiro plano, a língua Chiquitano, criando momentos para aprendê-la da maneira que lhes era possível, buscando palavras e nomes que ainda se encontravam na memória dos mais idosos. Dunck-Cintra (2005) exemplifica este contexto na fala de alguns Chiquitano:

“[...] os fazendeiros falam, até agora, que nós não somos Chiquitano, porque não sabemos a língua, até agora não param de falar que nós não somos Chiquitano, que pra ser Chiquitano tem que ser na Bolívia, aqui não” (L. S.).

“Eles [os que sabiam a língua] tinham que começar a falar para ajudar o nosso povo aqui” (R. C.).

A reconstrução dessa nova realidade social estava visivelmente representada nas ações de autoafirmação, iniciadas pelo povo Chiquitano de Acorizal e Fazendinha quando, em 2003, chegamos àquelas comunidades. Dentre essas ações há de se ressaltar os cartazes com nomes de animais em Chiquitano fixados nas salas de aula e os encontros/aulas para aprendizado da língua Chiquitano⁵⁰.

Com a interferência e o reconhecimento pelo órgão indigenista nacional⁵¹, a Funai, os Chiquitano das comunidades de Acorizal e Fazendinha puderam permanecer onde estavam e serem integrados nas ações do PDPI (Plano de Desenvolvimento de Povos Indígenas da Funai). Segundo Moreira da Costa (2004, p.02), esse reconhecimento resultou em pequenos avanços:

A partir do reconhecimento étnico promovido pela FUNAI, em 1999, os índios Chiquitano passaram a fazer parte de ações afirmativas de diversos programas de governo, visando ao desenvolvimento dessa região fronteiriça. Essa agenda inclui, desde assistência diferenciada na área de saúde e educação, até programas estratégicos, como o BIRD Pantanal, o Sistema de Vigilância da Amazônia – SIVAM e o Projeto de Segurança Integrada da Região da Fronteira Oeste.

Como parte das ações afirmativas promovidas pela Funai, o Processo de Demarcação das Terras Indígenas dos Chiquitano brasileiros já foi iniciado

⁵⁰ Mais detalhes sobre esses encontros/aulas para aprendizado da língua Chiquitano, neste trabalho, no Capítulo III, item 3.2.

⁵¹ Implementado pela Instrução Executiva nº 036/Diretoria Fundiária, de 19.04.99 e por meio da Portaria nº 57/PRES/FUNAI, de 09.02.00 (ALMEIDA, 2000, P. 5-7).

Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade, no estado de Mato Grosso, fronteira com a Bolívia. Nela estão localizadas as duas comunidades Acorizal e Fazendinha, anteriormente “permissionadas” pelo Exército Brasileiro no Destacamento Militar de Fortuna, município de Porto Esperidião, MT.

Essa luta pelo reconhecimento étnico, em especial a possibilidade de demarcação da Terra Indígena trouxe, também, conflitos internos entre os próprios moradores das comunidades. Levados por pressões diversas, alguns deles não se declaram indígenas, dizem apenas que são “brasileiros”.

Para Bhabha (1998, p. 30), os espaços domésticos tornam-se, muitas vezes, os lugares complexos e mais críticos das invasões históricas, e acrescenta: “nesse deslocamento, as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora”.

Neste sentido, tais atitudes de “negação da identidade indígena” refletem, em uma perspectiva mais geral, uma marca traumática de uma alteridade retroativa às lembranças da marginalização. E, em uma perspectiva mais específica, tal atitude poderia ser justificada: pela necessidade de acompanhar o parceiro, no caso de casamento com não indígena; em virtude de rixas e disputas entre famílias ou, no caso mais comum, para manter o trabalho/emprego fora da aldeia, já que fazendeiros e comerciantes da região, em represália à reivindicação dos Chiquitano pelo reconhecimento étnico e desocupação das terras tradicionais, recusam-se a contratá-los para o trabalho.

Sobre estes conflitos internos, a orientação da Funai, segundo o administrador da Instituição em Cuiabá, Benedito Garcia⁵³, é que todos que estão nas comunidades, reconhecidos pelos laços de parentesco, devem permanecer, independente de se declararem indígenas ou não. A ideia é mantê-los unidos contra as pressões externas.

Atualmente, os Chiquitano de Vila Nova Barbecho lutam na justiça para terem o direito de permanecer em seu território. Território este disputado por fazendeiros e também por grupos de sem-terra. Recentemente, uma Decisão Liminar da Justiça Federal obrigou a desocupação e a desobstrução pelos fazendeiros e sem-terra da área onde está Vila Nova Barbecho. No entanto, os

⁵³ Entrevista concedida a mim por Benedito Garcia, Coordenador Regional da Funai – Cuiabá, em 06 de dezembro de 2009, em Cuiabá, MT.

indígenas moradores daquela comunidade ainda não têm garantido o direito de permanecer naquela área. Os Chiquitano sabem que a luta é grande, mas as pequenas vitórias vão trazendo novos ânimos e esperanças neste percurso histórico.

CONCLUSÃO

Neste Capítulo, discorri sobre a história e a trajetória do povo Chiquitano, fazendo uma retrospectiva desde os redutos missionários até as recentes conquistas, entre as quais se destaca a Demarcação da Terra Indígena Portal Encantado, a primeira Terra Indígena Chiquitano no Brasil.

O povo Chiquitano, como se conhece hoje, resulta da mistura de diversos povos distintos habitantes do *Gran Chaco*, os quais foram, de maneira generalizada, denominados Chiquito/Chiquitano pelos missionários jesuítas nos redutos Missionários nos séculos XVII e XVIII. Com o objetivo de catequizar os povos indígenas agrupados, os jesuítas elegeram uma das línguas existentes, o Chiquitano, como língua de evangelização e a impuseram como língua geral de comunicação.

Atualmente, na Bolívia, os Chiquitano constituem um grupo numeroso, estimado entre 40 e 60 mil indivíduos, habitando 374 comunidades (MORENO, 1992; RIESTER, 2003). Aqui no Brasil, de acordo com Moreira da Costa (2000), constituem uma população próxima de duas mil e quinhentas pessoas, habitando em mais de vinte pequenas comunidades na região fronteira de Mato Grosso com a Bolívia, nos municípios de Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade.

Registros da presença dos Chiquitano em terras brasileiras remontam ao século XVIII, mas só na década de 90 é que a Funai começou o processo de identificação de alguns grupos na região fronteira de Mato Grosso com a Bolívia. Hoje, os Chiquitano, no Brasil, já são reconhecidos pelo órgão indigenista nacional (Funai) e por algumas instituições públicas federais, estaduais e municipais. Estudos acadêmicos recentes nas áreas de Linguística, Educação, História, Antropologia, Pedagogia, Geografia e outros têm dado visibilidade e contribuído para o reconhecimento desse povo indígena brasileiro, como sujeitos políticos e detentores de uma cultura própria.

Segundo dados da Funasa (2009) quatro comunidades Chiquitano, com uma população de 325 indivíduos, são atendidas pelo seu sistema de Saúde. São elas: Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha, localizadas nos municípios de Porto Esperidião, MT. Essas comunidades também são assistidas por outras instituições públicas nacionais como Funai, Seduc - MT e Pastoral da Criança.

As presenças institucionais, garantindo direitos e desenvolvendo programas junto aos Chiquitano são conquistas políticas e sociais efetivas na luta pelo reconhecimento étnico e pela demarcação da Terra. A Construção do Memorial Espírito Santo dos Chiquitano, sem dúvidas, trouxe novas perspectivas para a retomada das tradições ancestrais e das memórias culturais e linguísticas.

No Capítulo II, a seguir, detalho situações referentes ao convívio com o grupo durante a pesquisa de campo, e também teço considerações sobre o desenvolvimento da pesquisa com uma língua ameaçada.

CAPÍTULO II

CONVÍVIOS NA PESQUISA DE CAMPO: EXPERIÊNCIA COM UMA LÍNGUA INDÍGENA AMEAÇADA

As políticas linguísticas existem para nos
recordar, em caso de dúvida, os laços estreitos
entre línguas e sociedades.

Calvet (2007, p.157)

Neste Capítulo, abordo alguns aspectos que envolveram a pesquisa de campo, detalhando a convivência com os Chiquitano e a participação nas ações para valorização e fortalecimento da língua Chiquitano nas comunidades de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha.

2.1 – A PESQUISA DE CAMPO

As atividades e ações desenvolvidas em campo estavam voltadas para a descrição fonológica da língua e para o desenvolvimento de políticas de revitalização da língua Chiquitano. Dessa forma, a coleta de dados aconteceu em contextos de convivência, discussões e ações visando à valorização e à inserção da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras. O envolvimento dos professores e da comunidade escolar (pais e alunos), em alguns momentos de gravação da fala dos idosos e de discussões sobre aspectos fonéticos e fonológicos da língua Chiquitano, durante a pesquisa, foi essencial, tanto para as questões relacionadas à documentação, quanto à promoção da língua materna ancestral. Assim, trabalhei mais diretamente com os anciãos e

com os professores, mas, de maneira geral, todos das comunidades foram participantes da pesquisa.

Os dados referentes aos aspectos fonéticos e fonológicos da língua foram levantados, mais diretamente com os indígenas: Rosália Lopes (71 anos), moradora da aldeia Acorizal; Lourenço Rupe (76 anos), morador da aldeia Fazendinha e Clemência Muquissai (70 anos), moradora da aldeia Vila Nova Barbecho. Também contribuíram de maneira indireta, participando de conversas e de momentos mais lúdicos: Inácio Tomichá (79 anos), da aldeia Acorizal; Nicolau Urupi (71 anos), da aldeia Vila Nova Barbecho, e Micaela Surubi (60 anos), da aldeia Fazendinha. A escolha dessas pessoas deveu-se ao fato de serem eles identificados como os únicos “falantes” da língua Chiquitano. Coadunando com a denominação “bilinguismo de memória”, utilizada por Dunck-Cintra (2005) para se referir à situação sociolinguística desses anciãos, utilizo, no decorrer deste trabalho, o termo “lembradores” da língua para me referir a esses conhecedores da língua Chiquitano.

As gravações da fala desses anciãos lembradores aconteceram de maneira informal e espontânea, intercalando diálogos, questionários lexicais, narrativas de histórias pessoais e também momentos de elicitación dos dados. Além dos inventários gravados com os anciãos, reuniões e oficinas realizadas com os professores foram registradas em fotografias, filmagens e anotações em diário de campo. Também foram registradas músicas e encenações apresentadas pelos alunos em momentos de festividade na escola (Dia do Índio, Dia das Crianças, Inauguração do Memorial Espírito Santo dos Chiquitano, abertura e encerramento do I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano). Himmelmann (2005) menciona que estes tipos de ações condizem com o direito das comunidades e indivíduos contribuírem para a documentação da língua.

Após a gravação, transcrição e observação dos dados, eu recorria aos “lembradores” - participantes da pesquisa - para correção e elicitación dos registros. A técnica da elicitación me permitiu explicitar, descrever e expor as características relevantes dos dados da língua. Segundo Samarin (1967), no caso dos enunciados linguísticos, esta técnica é efetivamente válida para contextualizar os termos e expressões, contribuindo para esclarecer o sistema da língua. Borges (2006), citando Mithun, acrescenta que a elicitación direta é

muito útil tanto na observação do inventário fonológico de uma língua, quanto para a coleta de palavras básicas do léxico como plantas, animais, partes do corpo, termos de parentesco, elementos da natureza, numerais etc. No entanto, como mencionam estes autores, e também pelo que pude observar durante a pesquisa de campo, a elicitación é uma atividade muito cansativa e desagradável para os falantes da língua que se está estudando.

O trabalho com falantes idosos, segundo Samarin (1967), pode tornar-se bastante dificultoso em função de suas condições físicas como: surdez, problemas de saúde, articulação lenta, incapacidade de concentração em atividades longas e assim por diante. Considerando as circunstâncias de coleta dos dados e as condições físicas dos “lembradores” Chiquitano, não consegui estabelecer momentos de elicitación mais abrangentes. Constatei que esses momentos eram, realmente, muito cansativos, e alguns não gostavam desta parte. Por isso não tive muito sucesso com as transcrições e registros das narrativas, de depoimentos, de alguns paradigmas nominais e verbais, de rezas, considerados mais complexos.

Desse modo, o *corpus* linguístico apresentado neste trabalho é composto basicamente de itens lexicais (nomes de animais, elementos da natureza, partes do corpo humano, utensílios diversos, adjetivos, verbos etc.) e algumas frases / construções do cotidiano (cumprimentos, pequenos diálogos com perguntas e respostas).

Gravei, ainda, algumas rezas (orações cristãs) com Micaela Surubi. A ideia era transcrever algumas orações (rezas) mais comuns como Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, Credo, para que pudéssemos elaborar um pequeno livro de orações na língua Chiquitano. Mas não tive muito sucesso na transcrição dos dados. Micaela, tida como conhecedora das rezas, não teve paciência para me ajudar nas transcrições e elicitación dos itens lexicais, e Rosália alegou que não entendia o que estava gravado. Com Lourenço, considerado líder espiritual do grupo, também não avancei; fiz algumas gravações, mas não consegui transcrevê-las.

Com relação a espaços linguísticos especializados, como este, Himmelmann (2005) alerta para o fato de que “alguns eventos em determinadas comunidades são sigilosos ou secretos”. Imagino que devam existir casos assim na comunidade Chiquitano em questão, mas também

atribuo ao fato de que a língua, nestes eventos, seja um pouco mais especializada e influenciada por outros recursos como entonação, por exemplo, gerando uma dificuldade de compreensão.

Atendendo aos pedidos de alguns jovens que estavam se preparando para a inauguração do Memorial Espírito Santo dos Chiquitano, fiz uma adaptação das orações: Sinal da Cruz, Pai Nosso, Ave Maria e Santa Maria a partir de uma publicação na língua Chiquitano boliviana (Conferir Anexo A). Essas adaptações foram feitas no alfabeto Chiquitano brasileiro, consistindo, assim, em motivos para utilização da língua Chiquitano pelos jovens. Eles puderam ler e/ou falar as orações em público, e também escrever na língua Chiquitano.

2.2 – O CONVÍVIO

O meu convívio com os Chiquitano iniciou-se em 2003, durante as pesquisas para os estudos do Mestrado. De lá para cá, o meu envolvimento com as comunidades brasileiras tem sido constante⁵⁴, procurando manter as discussões e ações para a revitalização e a inserção da língua Chiquitano nas comunidades e, ainda, dando contribuições na orientação dos professores indígenas.

A interação e a convivência com os anciãos “lembradores” da língua, professores e demais pessoas das comunidades, participantes da pesquisa, têm se constituído não só de um grande aprendizado em momentos de estudo e interação com uma nova língua, mas de momentos *sui generis* na busca de suas memórias linguísticas e culturais. Para Le Goff (2003, p. 419), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Pimentel da Silva (2009a, p. 111) acrescenta, declarando que: “ensinar e aprender uma língua significa ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos nos sistemas culturais”. Nesta perspectiva,

⁵⁴ O fato de ser funcionária da Funai tem facilitado e permitido a continuidade dos projetos desenvolvidos na escola.

os encontros com os Chiquitano foram sempre permeados de muita emoção para aqueles idosos e todos estiveram sempre dispostos, mesmo com algumas limitações, a colaborar e ensinar. Para Perini (2006, p.39):

Estudar uma língua é, em última análise, estudar um fenômeno psicológico, portanto não observável diretamente. Só temos acesso a suas manifestações exteriores e aos julgamentos sobre elas, e daí temos que deduzir as características do fenômeno estudado: a língua, considerada como sistema de conhecimento armazenado na memória [...] Para isso, é preciso lançar mão de todos os recursos disponíveis, sem esquecer a devida cautela, sabendo que lidamos com dados bastante inseguros. O corpus, as testagens e a introspecção são recursos a ser utilizados com consciência de suas vantagens e de suas fraquezas.

Este fenômeno psicológico, mencionado por Perini (ibid), ficou evidente durante as entrevistas com aqueles anciãos. Eles ficavam muito emocionados, principalmente quando ouviam os colegas falando ou mesmo quando escutavam suas próprias vozes. Elogiavam a fala que escutavam, dizendo que o outro “se lembrava bem da língua”, “que falava bonito”. As lembranças da língua materna ancestral possibilitam aos sobreviventes estar próximos da sociedade que se perdeu, mesmo que seja no campo intangível da memória (SILVA C., 2003).

Isto nos leva a refletir sobre a experiência do retraimento, do silêncio e da negação étnica na condição do marginalizado, como menciona Bhabha (1998, p.102), “daqueles que têm de viver sob a vigilância de um signo de identidade e de fantasia que lhes nega a diferença”. Para os anciãos Chiquitano, escutar a língua materna ancestral na fala do outro, extrapolava, naquele momento, as bordas da identificação, revelando o lugar lúdico onde a identidade e as lembranças se entrelaçam.

Segundo Bhabha (1998, p. 20):

“Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria idéia de sociedade.”

Aquele povo não deixou de falar e de ensinar sua língua materna por livre e espontânea vontade. A língua Chiquitano foi mantida no silêncio de suas reminiscências, mascaradas pelas influências de opressores diversos por mais

de seis décadas. Para Meliá (2010, p. 112), quando uma identidade se sente ameaçada é porque já se encontra ameaçada sua possibilidade de reconhecer a si mesma, já há uma ruptura nesta relação. E os múltiplos recursos que essa identidade pode contar para reconhecer-se e relacionar-se são a voz e a língua, as quais se dizem em diversas linguagens.

Os silêncios, no caso dos Chiquitano, se fizeram na perspectiva de sobrevivência e agora os anciãos viviam o momento do retorno de sua voz e língua como estratégias de reconhecimento de sua identidade. Para Pimentel da Silva (2010b, p. 101): “as línguas são sustentabilidade de uma memória histórica sem precedente”. Assim, essas lembranças levam em consideração a riqueza de experiências que surgem em momentos de estima.

O que se percebe é que a “vigilância”, apontada por Bhabha (1998), foi sendo atenuada. Ao longo do tempo, os anciãos, participantes da pesquisa, foram se “soltando”, ficando mais seguros, falando melhor, o que levou à ocorrência de inúmeras correções no decorrer da coleta de dados. Eles próprios faziam questão de alterar itens lexicais, outrora informados em espanhol ou em português.

Rosália Lopes foi a participante de pesquisa mais solicitada, tinha muita paciência em ensinar e corrigir os textos. Estava sempre preocupada em ensinar certo, dizendo: *“Você tinha me falado que... era pra falar as coisas tudo certinho, né, por isso é que eu falo pra você, o que eu num lembro não tem de pôr, o que eu lembro tudo eu vou falar, é esse, é esse tem que ser isso mesmo, pra num errar”*, dizia ela. Ela também tinha sempre a preocupação em esclarecer se determinado termo era “inaciano” ou “miguelenho”, o que quer dizer: utilizado nas regiões bolivianas de *San Inácio* ou *San Miguel*, ou se o termo era “castilha”, para se referir ao espanhol.

Em alguns momentos de correção, Rosália Lopes, muito atenta, às vezes me interrompia, e perguntava: *“Quem falou isso? Fui eu?”* Mesmo sabendo que tinha sido outro falante, eu assumia a “culpa” e respondia que era coisa antiga, que, possivelmente, eu é que tinha anotado errado. Ela achava graça e dizia: *“isso aí é castilha, o ditado dele na língua é...”* Outras vezes criticava a minha pronúncia de alguns sons da língua: *“é como diz o ditado, é vc que não... nossa língua não dá pra falar, dá... mas o outro está explicando certo pro céu.”*, e acrescentava: *“aí como vc está falando tá certo, só que*

assim... sua língua tá meio assim pesadinha, né!". Em outros momentos, quando ela não se lembrava de alguma palavra, dizia: "*vamos ver se você tem aí, se alguém já falou pro cé*"; e assim seguíamos corrigindo os registros transcritos anteriormente.

Lourenço Rupe também colaborava muito nas correções da minha fala, dizendo que a minha pronúncia deveria ser "*um pouco mais puxada*", quando queria se referir à fricativa retroflexa desvozeada [ʂ], por exemplo.

Aos poucos, esses "lebradores" têm reavivado suas memórias, exercitando melhor os usos da sua língua e partilhando suas reminiscências linguísticas, a fim de transmiti-las aos mais jovens, estabelecendo novas funções para a língua Chiquitano, que vive, nesse momento, um novo contexto. Neste sentido, Pimentel da Silva (2010b, p. 95) declara:

As línguas estão a serviço das pessoas, de seus propósitos interativos reais, os mais diversificados, conforme as realidades contextuais, conforme os eventos e os estados em que os interlocutores se encontram. Daí que o que existe é a língua em uso, concretizada em muitas formas de atividade, de ação, de atuação. É por isso que se pode reconhecer a estreita relação entre língua e sociedade, entre língua e história, entre língua e cultura, entre língua e saber. A sociedade, a história e a cultura se constituem, entre outros fatores, pela ação da linguagem. A recíproca também é verdadeira: a linguagem se constitui mediante a atuação das pessoas na sociedade.

Estendendo as observações para as situações de uso da língua, em alguns eventos como o I Encontro de Afirmação dos Povos Chiquitanos (realizado em Cáceres) e a Inauguração do Memorial (na aldeia Central), procurei presenciar conversas entre Chiquitano brasileiros e bolivianos. A intenção era observar qual era a língua de interação entre eles.

Em um desses momentos, consegui me juntar a algumas mulheres enquanto conversavam alegremente em espanhol; estavam no grupo Micaela Surubi e mais duas senhoras bolivianas, apresentei-me e as cumprimentei em Chiquitano, elas acharam graça e me responderam também em Chiquitano. Micaela falou que eu estava lá estudando a língua, novamente acharam graça e falaram coisas simples (em Chiquitano) sobre eu estar lá aprendendo, que eu era esforçada, professora etc. Quando eu conseguia entender algo, riam muito e mudavam de assunto, falando coisas mais complexas e continuavam rindo. Foi um momento muito sutil e interessante, mas não pudemos estendê-lo, nem

fazer gravações com elas, pois os “parentes bolivianos” tiveram de retornar logo depois da cerimônia de inauguração do Memorial⁵⁵.

Fora esses momentos de minha intervenção, a língua de interação entre eles era o espanhol, ou o “castilha”, como dizem. A língua Chiquitano não apareceu em primeiro plano entre os anciãos conhecedores da língua, como eu pensava. Assim, retomando um dizer de Micaela Surubi, “*as línguas estavam assim, meio cruzadas*” e, nessa perspectiva, tinha-se para os Chiquitano brasileiros o português em primeiro plano, o espanhol em segundo, e o Chiquitano, reservado efetivamente aos espaços da memória ou, quem sabe, a eventos singulares e particulares, ainda não observados.

Durante a minha estada nas comunidades, procurei, na medida do possível, visitar todos os moradores, inclusive aqueles que não se consideravam Chiquitano. Ia até suas casas e conversávamos sobre amenidades, sempre evitando discutir problemas políticos da comunidade. Às vezes, perguntavam-me sobre a situação da demarcação da terra, a contratação de professores, a Funasa e também sobre a Funai. Em alguns momentos, levei álbuns de fotografias de indígenas de regiões diversas para que conhecessem outras realidades. Ficavam sempre muito curiosos, faziam perguntas, queriam saber como viviam os indígenas de outros lugares. Nesses momentos, eu aproveitava para falar de assuntos gerais como políticas indigenistas, demarcação de terras etc. Também falava sobre as atividades que estavam sendo desenvolvidas nas comunidades e convidava-os para participar de alguns desses eventos.

Especialmente com os idosos Rosália e Lourenço pude conviver mais tempo. Acompanhei Rosália à roça, à casa de parentes e amigos, em atividades domésticas, à missa e a outros eventos. Como fiquei diversas vezes hospedada na casa do Lourenço, sempre sobrava um tempinho para uma conversa. Falávamos sobre a situação da terra, dos vizinhos, da escola e mesmo das atividades da escola, onde suas filhas exerciam cargos de professora, coordenadora e diretora. Este tipo de convivência foi muito

⁵⁵ Pensando nesta possibilidade de interação, planejei ir, com Rosália Lopes, ao povoado de *Asenpción*, bem próximo da fronteira. A ideia era formar um pequeno grupo de falantes para estimular diálogos e eventos de fala. Rosália ficou muito entusiasmada, mas as duas tentativas que fizemos de ir até o vilarejo boliviano não deram certo.

importante, pois fortaleceu laços de confiança e de intimidade com os mais velhos.

Assim, a pesquisa de campo foi fluindo, respeitando o tempo, os Chiquitano e a sua realidade sociolinguística. Além do meu desconhecimento sobre a língua, juntou-se ao contexto o fato de que, trabalhando com as “lembranças”, as ações planejadas tornaram-se mais vulneráveis e delicadas, pois dependem, dentre outras situações, do estado emocional e físico dos participantes da pesquisa. Segundo Borges (2006, p.36), “é difícil descrever e analisar de modo satisfatório uma língua ameaçada de extinção num período tão curto de tempo, como é o curso de doutorado”. A autora menciona, ainda, certo sentimento de frustração que se passa com o pesquisador quando este não obtém respostas às eliciações.

Durante a pesquisa com os Chiquitano, em alguns momentos, vivenciei este tipo de situação; era comum eles não conseguirem se lembrar da palavra e/ou frase solicitada, como ilustra a fala de Rosália: “*mas tem o ditado dele (jeito de falar em Chiquitano), num tô lembrada, porque a gente quase não fala, né? A gente vai esquecendo*”. Em outros momentos aconteceu de encontrá-los indispostos, doentes, viajando para tratamento ou para visitar parentes. Estas situações me obrigaram, algumas vezes, a refazer o planejamento e/ou mudar algumas ações. Mas todas essas dificuldades foram amenizadas pela convivência espontânea e respeitosa com a comunidade. As atividades de pesquisa foram sempre abertas à participação de todos e isso permitiu a mudança de planos e ações em muitos momentos da pesquisa de campo.

Com os professores Chiquitano, a participação mais efetiva se deu em três situações. Uma consistiu no acompanhamento durante a gravação das falas dos anciãos. Professores e alguns alunos indicados por eles poderiam me acompanhar nas entrevistas com os anciãos “lembradores” da língua e até mesmo gravar alguma coisa que lhes interessasse. A ideia era mostrar a eles como o trabalho estava sendo feito, para que, no futuro, com uma formação em fonética e fonologia, pudessem eles mesmos desenvolver projetos de pesquisa em suas comunidades.

Outra se referiu aos encontros para discutir políticas educacionais e linguísticas, visando à definição de uma ortografia para a língua Chiquitano,

baseada nos registros feitos no Brasil⁵⁶. Nos primeiros encontros, as discussões foram muito produtivas com a participação de todos os professores. Aos poucos, fui socializando/compartilhando com os professores o conhecimento de aspectos fonéticos e fonológicos da língua, como os fonemas, alofones, estrutura silábica, diferenças dos falares masculino e feminino e, ainda, comentários sobre a formação básica de plural e diminutivo dos nomes na língua Chiquitano. Mais tarde, esses estudos refletiram positivamente em atividades e estratégias para o ensino da língua Chiquitano, elaboradas pelos professores (conf. Capítulo V, item 5.2.4).

Desses encontros e discussões com os professores resultou a elaboração de um alfabeto experimental e, depois de um tempo, fizemos alguns ajustes. Infelizmente, por problemas políticos entre os professores, não pudemos avançar na definição da ortografia, pois dois deles se recusaram a participar das duas últimas reuniões para discutir adequações na ortografia. Assim, a fim de evitar atritos e hostilidades sobre as possíveis alterações, o grupo de professores reunido em outubro de 2009, apesar de ter discutido algumas propostas de alteração, decidiu manter as decisões da reunião de que todos participaram, até que a situação ficasse mais tranquila entre eles. No Capítulo V, são detalhadas as discussões que envolveram a definição da ortografia da língua Chiquitano no Brasil.

Outros momentos específicos de contribuição para inserção da língua Chiquitano, na comunidade, consistiram nas oficinas para a elaboração de material didático nessa língua para o uso na sala de aula. Estas oficinas foram ministradas por mim e pela linguista Ema Marta Dunck-Cintra e aconteceram concomitantes aos encontros para discussão da ortografia e, mais especificamente, no I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano. O detalhamento e as reflexões advindas destas atividades estão no Capítulo V, neste trabalho.

A ideia de um encontro de formação para os professores Chiquitano surgiu da reivindicação dos próprios professores, que alegavam a necessidade de oficinas em outras áreas de ensino como matemática, física e química. Os professores sentiam que precisavam também de apoio para ministrar as

⁵⁶ Existem ortografias diferenciadas do Chiquitano na Bolívia; essas são demonstradas e comentadas no III Capítulo, neste Trabalho.

referidas disciplinas. Em dezembro de 2009, realizamos, então, o I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano. Esse encontro teve a duração de 48 horas. Professores e alunos e demais membros das comunidades participaram dos estudos de formação e oficinas. Os estudos de formação e as oficinas nas áreas de Língua Portuguesa e Produção Textual, Matemática e Química foram ministrados por professores da Funai, Seduc-MT e Unemat e, na Língua Chiquitano, foram ministrados por mim. Detalhes da realização destas atividades estão no Capítulo V, deste trabalho.

Participaram mais diretamente das reuniões, encontros e oficinas, 14 professores. Dentre os professores participantes, relacionam-se: Benedito Santana, Celiane Mendes, Elizabete Surubi, José de Arruda Mendes, Laucino Costa Mendes, Maria Isabel Rup, Maria Siria Rupê, Michel Gomes, Pedro Célio Tossue Soares, Pricila Terezinha Rup da Silva, Roberto Luciano Ortiz, Rosane Maria Rup Leite, Rosiane Catarina Rup e Saturnina Urupe Chue.

CONCLUSÃO

Neste capítulo, procurei detalhar as atividades desenvolvidas durante a pesquisa e o convívio nas comunidades Chiquitano brasileiras, objetivando esclarecer o contexto em que se deu esta pesquisa, e como conciliei as técnicas e métodos das abordagens que envolveram o trabalho de campo.

As pesquisas foram feitas sob duas perspectivas: a descrição fonética e fonológica e o desenvolvimento de políticas de revitalização da língua, através de discussões e ações visando à valorização e à revitalização da língua Chiquitano.

Os dados fonéticos e fonológicos da língua foram obtidos através da coleta de dados *in loco*, utilizando questionários, conversas informais e narrativas de histórias pessoais. Os participantes da pesquisa foram os anciãos, identificados como conhecedores da língua e também professores, alunos e demais pessoas das comunidades.

As discussões, em torno das ações de planejamento e políticas linguísticas, foram desenvolvidas juntamente com os professores e demais pessoas da comunidade como pais e alunos. Desses encontros resultaram a

definição preliminar da ortografia da língua Chiquitano e realizações de oficinas de produção de material didático para ser usado na escola.

Antes de se tratar dos aspectos fonéticos e fonológicos, é necessária uma contextualização da língua, seus aspectos históricos e sociolinguísticos. É o que apresento a seguir, no Capítulo III.

CAPÍTULO III

A LÍNGUA CHIQUITANO: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS

A língua é assim, antes de tudo, no seu esquema, uma representação do universo cultural em que o homem se acha [...]

MATTOSO CAMARA (1979, p.16)

Neste Capítulo, apresento um panorama histórico da língua Chiquitano, reunindo hipóteses sobre a sua classificação linguística e tecendo comentários sobre os aspectos sociolinguísticos, de usos e alternâncias dessa língua nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha.

3.1 – ASPECTOS HISTÓRICOS

De maneira geral, a língua do povo Chiquitano é conhecida como Chiquitano. Mas, segundo Castro et al (2003), na Bolívia alguns grupos Chiquitano a chamam de “besüro” ou “besiro”⁵⁷, termo que na língua Chiquitano significa “correto”.

A língua Chiquitano foi constituída como resultado de uma intensa interação histórica e linguística entre povos diferentes, associada ao processo de integração nas reduções missionárias, promovido pelos jesuítas, na Bolívia, entre os séculos XVII e XVIII. Segundo os autores Riester (1967-68, 1986) e

⁵⁷ Nos dados coletados no Brasil, este termo foi pronunciado como: ['vesĩru] ‘correto’.

Moreno (1992), nas primeiras reduções fundadas pelos jesuítas, os povos Chiquito constituíam a maioria e conviviam com outros povos distintos.

Moreno (1992) menciona que diversos grupos mantiveram contatos com os Chiquito nas missões. São eles: os **Otukeas** (Otuke, Covareca, Curuminaca), os **Churapa** e os **Xarayé** (Xarayes, Perabazan, Arienee, Caiguare, Ortuguee, Siberi, Simeno, Mayagueno, Artanese e Aburuñe). Falkinger (1993) supõe ainda a coexistência, em Chiquitos, das famílias: Arawak, Tupi-guarani/Guaikuru, Zamuko/Chamacoco, Bororo, Chapacura, Yuracare e Guató. A maioria desses grupos, segundo Riester (1967-68), formava, nos redutos missionários, uma minoria nas suas parciaisidades. Esses diferentes grupos dos redutos missionários podiam utilizar sua língua materna em momentos privados, mas deviam aprender o Chiquito como língua de comunicação geral.

O contato dos jesuítas com os Chiquitano iniciou-se no final do século XVII e foi até a expulsão deles em 1767 (meados do século XVIII). Neste período, a língua Chiquitano foi utilizada como uma espécie de língua franca⁵⁸, imposta pelos missionários, no processo de evangelização nas reduções jesuíticas, fundadas na Chiquitania (RIESTER, 1967-68, 1986; MORENO, 1992; ALBÓ, 1991).

Em entrevista⁵⁹, Moreira da Costa menciona que a escolha da língua dos Chiquito, como língua de comunicação geral nas reduções jesuíticas, não foi levada apenas pelo maior número de pessoas dentre os grupos aldeados. O indigenista acredita que a escolha se deu de maneira estratégica, considerando a força política e militar do grupo Chiquito, já que eles tinham o controle do veneno da flecha, e também pelas possibilidades de associações entre concepções judaico-cristãs e entidades da cosmovisão dos Chiquito. Um exemplo seria a associação do “*Kipozi*”, um ser da cosmovisão Chiquitano, às entidades que faziam, a exemplo dos “Santos” na cultura cristã, a intermediação entre o filho de Deus e as demais pessoas da sociedade. Grasso (1982, p. 218) também menciona essas associações, declarando que como os povos Chiquitano acreditavam em uma divindade composta por uma

⁵⁸ As línguas francas, necessárias nas atividades de comércio e na gerência de povos, sempre foram companheiras de impérios (MOITA LOPES, 2002).

⁵⁹ Entrevista concedida a mim por José Eduardo Moreira da Costa, indigenista da Funai Cuiabá, em 07 de março de 2012 em Cuiabá, MT.

figura masculina, uma feminina e um filho, e os jesuítas logo associaram esse aspecto da cosmovisão dos grupos Chiquitano a uma memória da Divina Trindade.

Na verdade, essa múltipla convivência resultou em um processo intenso de hibridização cultural, no qual os elementos constituintes das identidades foram marcados por uma heterogeneidade forjada, vivenciada nos redutos missionários através do processo de evangelização jesuítica. Tal processo de miscigenação e de fusão cultural vivido pelos Chiquitano, nas reduções missionárias, se assemelha aos muitos outros vividos por povos indígenas nacionais, como, por exemplo, o contato entre culturas vivido atualmente pelos grupos indígenas do Xingu. Rodrigues (2008, p.202), citando Santos-Granero (2002), menciona processos similares de fusão cultural, registrados, também, no noroeste amazônico:

No noroeste amazônico, uma série de eventos complexos pré e pós-contato “deu origem a um processo intensivo de trocas culturais e étnicas que levaram à Tukanização de grupos Arawak e à Arawakização de grupos Tukano” (Santos-Granero, 2002:35), como no caso dos Tariana que adotaram a língua Tukano, ao mesmo tempo em que mantiveram um *ethos* Arawak (ver Wright, 1992, sobre a relação histórica entre os Tukano e Arawak); quanto ao nordeste sul-americano, “os Karipuna são um exemplo notável de identidade transétnica. Apesar de sua língua materna ser Arawak, sua organização social e práticas culturais estavam mais próximas daquelas dos Kariña, falantes Caribe, do que dos Taíno ou Lokono, falantes Arawak” (Santos-Granero, 2002:40).

Ainda sobre essas similaridades, a hipótese levantada sobre a formação do povo Javaé exemplifica esse processo de fusão étnica. Segundo Rodrigues (2008, p.25), “os Javaé atuais são o produto de uma complexa fusão entre povos de origem Arawak e Macro-Jê”. A autora, citando Heckenberger (2002), considera esse tipo de influência múltipla como “uma espécie de regionalismo, como no caso alto-xinguano, associado à frequência do multilinguismo e do desenvolvimento das identidades transétnicas em situações diversas de contato”.

O relacionamento entre grupos étnicos não resulta simplesmente de uma mistura, mas de encontros interculturais que revelam pluralidade de significados e de sentidos. As culturas nunca se encontram isoladas, elas são híbridas porque resultam do relacionamento entre grupos étnicos, elas se

cruzam e recebem contribuições intercambiando experiências, formando espaços fluidos onde as identidades se superpõem avançando no desconhecido, caracterizando, assim, um contexto cultural híbrido, entendido, aqui, como aquele no qual se encontra a ambivalência das culturas (BHABHA, 1998).

Neste sentido, tais processos de fusão interétnica, gerados e acentuados pela normatização das culturas na época das missões, reforçaram certas incongruências a respeito das “culturas Chiquitano” e, mais especificamente, a respeito de suas línguas nativas. Em função das dificuldades dos missionários em lidar com aspectos da formação linguística do Chiquitano, muitas premissas sobre a complexidade dessa língua foram difundidas em diversos escritos jesuíticos⁶⁰ (RIESTER, 2003). Tormo (1993, p. 13) diz que a língua Chiquitano era considerada uma língua ‘ampla e complexa’, cuja aprendizagem causava grandes dificuldades aos jesuítas que guiavam as missões da Chiquitania nos séculos XVII – XVIII. Cita o testemunho de P. Fernádes que, em 1726, dizia:

Lo que toca a su idioma y lenguaje es tan difícil, que para saberla y aprenderla no bastan muchos años... cada ranchería usa un lenguaje diferentísimo y difícil, y mucho más que todos el de los Chiquitos... La gramática es difícilísima, y el artificio, y la distinción de los verbos es increíble. No hay paciencia para haber de decir con diferentes verbos, y conjugaciones; yo amo; yo amo a Pedro; yo lo amo; yo me amo; yo la amo; por esto amo; con tal incongruencia en las conjugaciones, que poco aprovecha saber conjugar un verbo, para poder hacer lo mismo con otro.

Adelaar (2008, p. 12) comenta que “do ponto de vista fonológico e morfossintático, o Chiquitano, na época colonial, tinha a fama de ser uma língua extraordinariamente complexa, rica em paradigmas irregulares”. O autor justifica esta fama pelo fato de, na língua Chiquitano, as categorias morfológicas e a estrutura sintática estarem mais próximas de línguas amazônicas do que de andinas e pré-andinas. Talvez por isso algumas características se diferenciavam tanto das línguas dos missionários e de

⁶⁰ Pela ótica das “complexidades” frequentemente mencionadas pelos jesuítas, o comentário feito por José Eduardo de que havia outros interesses para a utilização do Chiquitano como língua de comunicação geral, parece fazer sentido, ou seja, deveria haver um motivo maior para essa escolha que não fosse simplesmente pelo fato de o Chiquitano ser o grupo mais numeroso nos redutos missionários.

outras línguas com as quais já mantinham contato, como exemplificado acima, no testemunho do Pe. Fernádes.

Outra menção à complexidade da língua Chiquitano é quanto à existência de uma variante para os homens e outra para as mulheres. O que no século XVII parecia uma excentricidade é, hoje, uma característica conhecida e estudada em muitas línguas do mundo e em muitas línguas indígenas brasileiras, especialmente em línguas do Tronco Macro-Jê (Karajá, Rikbaktsa, Xerente, Xavante, Kayapó). Também é registrada em línguas Tupi (Awetí, Kamaiurá, Cocama) e na família Guaikurú (Kadiwéu).

Os relatos da língua Chiquitano, em especial os que tratam dos períodos jesuítas, trazem sempre informações sobre as complexidades da língua. Os estudiosos da língua Chiquitano na Bolívia, Riester (1986, 2003), Moreno (1992), Tormo (1993), Krekeler (1992), Falkinger (1993) e Castro et al (2003), a trataram como uma língua isolada ou independente, ou seja, sem uma filiação conhecida. No entanto, estudos mais recentes têm revelado aspectos estruturais e outras especificidades dessa língua. Partindo desses novos entendimentos, hipóteses plausíveis têm surgido em direção à classificação do Chiquitano como uma família no Tronco Macro-Jê. Buscando uma tessitura desses estudos, traço, a seguir, uma retrospectiva histórica⁶¹, demonstrando os diversos postulados dos pesquisadores ao longo das últimas décadas. Inicio esta retrospectiva, mencionando a própria dificuldade em entender os nomes dos grupos de formação do Chiquitano.

3.1.1 – Buscando a Afiliação Linguística do Chiquitano

Métraux (1942, p. 134) afirma que as maiores dificuldades de se obter um quadro claro da afiliação linguística do Chiquitano não vêm da diversidade na sua formação e, sim, das divergências entre os documentos históricos e os relatos dos jesuítas, bem como do fato de os jesuítas terem tratado o povo Chiquito como povo de uma identidade única:

One of the difficulties in the ethnography of the Chiquitos region is that the information extracted from historical documents is not

⁶¹ Para estas discussões, menciono as pesquisas da língua Chiquitano tanto do Brasil, quanto da Bolívia.

*corroborated by later evidence obtained from the more detailed Jesuit sources. The numerous Indians mentioned by the conquistadors seem to disappear suddenly and we do not know whether they were exterminated or whether they continued to live under other names. The Jesuit descriptions of the Chiquito Indians in their native stage are few and very inadequate, and the value of these reports further impaired by indiscriminated reference to the Chiquito as an ethnic unit.*⁶²

Sieglinde Falkinger (1993), linguista austríaca que estuda os manuscritos dos missionários jesuítas e de outros viajantes e historiadores, corrobora o ponto de vista de Métraux (1942), declarando, por exemplo, que muitos problemas referentes à denominação dos povos indígenas da Chiquitania advêm de incoerências, duplicidades e multiplicidade de nomes tradicionais que se usaram para denominar os grupos menores. Ainda, segundo Falkinger (1993, p.09):

En la literatura acumulada por 400 anos concerniente a las tierras bajas de Bolivia, se encuentran aprox. 150 nombres para idiomas, siendo mencionada, a menudo, un mismo grupo con diferentes denominaciones [...]. En parte, las denominaciones propias y ajenas provinieron de distintos idiomas y fueron siempre traducidas y reinterpretadas. Las denominaciones otras veces se refirieron tambien al area o a las costumbres y usos de un grupo [...]. Posiblemente, algunos grupos se llamaron según sus lideres [...].

Estudos, observações e tentativas de classificação e afiliação da língua Chiquitano vêm sendo feitos desde os tempos jesuíticos. Segundo Métraux (1942, p. 115), uma das primeiras classificações foi feita por Hervás, que classificou os dialetos⁶³ do grupo Chiquitano em quatro subgrupos: distinguindo-os da seguinte maneira:

- **Dialeto Tao** – falado pelos grupos: Arupareca, Bazoroca, Booca, Boro, Pequica, Piococa, Puntagica, Quibiquica, Tañopica, Tabiica, Tao, Tubacica, Xuberesa e Zamanuca (falado nas missões Santa Ana, San

⁶² Tradução livre: “Uma das dificuldades na etnografia da região de Chiquitos é que as informações extraídas de documentos históricos não são corroboradas por provas posteriormente obtidas a partir das fontes mais detalhadas dos Jesuítas. Os numerosos indígenas mencionados pelos conquistadores parecem desaparecer, de repente, e não sabemos se foram exterminados ou se continuaram a viver sob outros nomes. As descrições jesuíticas dos índios Chiquito, em sua fase nativa, são poucas e inadequadas, e o valor destes relatórios ainda mais comprometido pela referência indiscriminada ao Chiquito como uma unidade étnica”.

⁶³ O termo dialeto é utilizado por Métraux (1942).

Rafael, San Miguel, San Inácio, San Juan, Santiago, Santo Coración e Concepción).

- **Dialeto Piñoco** – falado pelos Guapaca, Motaquita, Piococa⁶⁴, Pogisoca, Quimeca, Quitagica, Taumoca e Zemuquica (falado em San Xavier, San José de Chiquitos e em San José de Buenavista, em Mojos).
- **Manasí ou Manasica**⁶⁵ - falado pelos Cucica, Manasí/Manacica, Quimomeca, Sibaca, Tapacuraca, Yirituca e Yuracareca (falado em Concepción⁶⁶).
- **Peñoqui** - Esse dialeto era falado por um único povo, estabelecido na Missão de *San Jose*; era o mais diferenciado de todos os dialetos e, em pouco tempo, foi substituído pelo dialeto Piñoco.

Mais tarde, Grasso (1982, p. 216), citando D’Orbigny, menciona alguma semelhança da língua Chiquitano com a família Nu-arawak⁶⁷ pela presença de prefixos possessivos, como o “N”, que aparecem igualmente em outras variadas línguas no Chaco mais ao sul, todas de origem Arawak. O referido autor afirma que, apesar da cultura dos Chiquitano ser fundamentalmente de agricultores desenvolvidos com uma organização social bastante complexa, isto tenderia a corresponder a povos típicos amazônicos com algumas influências andinas incluídas, como as que se apresentam entre os Tupi-guarani, porém sua língua, quanto à estrutura fonética, não corresponderia às grandes famílias linguísticas amazônicas:

La lengua de los chiquitos es una de las más difundidas y completas de América. [...] Se distingue completamente de los otros idiomas del Chaco y del Guaraní, y puede ser considerada la única fuente de algunas otras tribus de las mismas comarcas. Sin embargo, considerándola por sus

⁶⁴ Segundo Métraux (1942), este dialeto falado em San Xavier é diferente do Piococa falado em San Inácio e Santa Ana.

⁶⁵ Existe uma controvérsia sobre a afiliação linguística dos Manacica. Segundo Moreno (1992), Hervás e Caballero os classificam dentro da família Chiquitano, porém com notáveis diferenças, e Charlevoix, baseado em fontes de P. Fernández, diz que os Manacica têm a mesma origem dos Chiquitos, mas a separação causada pelas contínuas guerras civis e ainda o contato com outros povos causaram distanciamento linguístico, ao ponto de quase não entenderem um ao outro. Freyer (2000) afirma que existem importantes diferenças entre os Chiquitano e os grupos de fala Manasí com respeito à religião e à organização política. Outra controvérsia foi encontrada em Grasso (1982), que menciona que a língua Chiquito, que se conhece hoje, seja possivelmente do povo Manacica.

⁶⁶ Mais tarde foi substituído pelo dialeto Tao.

⁶⁷ Segundo Grasso (1982), essas famílias têm sido chamadas de **nu-arawak**, precisamente pela utilização desse prefixo.

sonidos, se descubrirán muchos de éstos como característicos de la lengua Guaraní, como nuestra u, pronunciada con la nariz [...].

A língua Chiquito, acrescenta Grasso (1982, p. 217), foi comparada por Lafones Quevedo com as línguas da família Guaycuru (Toba etc.) e também com a língua Bororo, mas não foram encontradas correspondências significativas entre o Chiquitano e elas.

Dando continuidade aos estudos, Greenberg (1987:66-67), baseado numa comparação etimológica com as formas do Proto-Jê (reconstruídas por Davis em 1966), considerou haver evidências suficientes para incluir o Chiquitano em um dos 15 subgrupos do Macro-Jê.

Na sequência, Freyer (2000) menciona que autores como Muller, Disselhoff e Zerries colocariam a língua Chiquitano ligada à língua Bororo, formando uma família linguística própria, incluída apenas em termos culturais no grande tronco Macro-Jê.

Falando de “relações externas” com o Macro-Jê, Adelaar (2005)⁶⁸ menciona semelhanças morfológicas e lexicais do Chiquitano (dialeto de Lomerio, São Miguel, São Xavier) com outras línguas Macro-Jê. Cita como similaridades: a distinção entre o vocabulário das falas feminina e masculina; traços característicos da língua com verbo inicial, posposições, ausência de caso, adjetivo posposto ao nome; paradigmas de referência pessoal e marcadores de posse inalienável. O autor apresenta, ainda, uma lista de cognatos na língua Chiquitano com semelhanças lexicais a outras línguas Macro-Jê como Panará, Xicrin, Maxacali, Parkatêjê, Rikbaktsa, Ofayé, Karirí, Karajá, Apinajé, Kaingang, Xavante, Bororo, Canela, Guató entre outras.

Seguindo algumas dessas observações de Adelaar (2005) e também aquelas de Greenberg (1987), na tentativa de buscar maiores evidências de correspondências com o Macro-Jê, apresentei (SANTANA, 2006) uma investigação preliminar sobre as similaridades da língua Chiquitano⁶⁹ com o Proto-Jê. Dos 112 itens da lista lexical do Proto-Jê, reconstruídas por Davis

⁶⁸ *Hand-out* de Comunicação Oral: “Buscando as relações externas do Macro-Jê”, apresentado no IV Encontro Macro-Jê, realizado em Recife, PE - Brasil, em novembro de 2005. Texto gentilmente enviado pelo autor em 14/04/2006.

⁶⁹ Para esta pesquisa, apresentada em Santana (2006), foram utilizados dados do Chiquitano do Brasil e de regiões diversas na Bolívia.

(1966,1968), registrei 18 casos de semelhanças com itens lexicais Chiquitano, como demonstrado a seguir no Quadro 2 - Comparativos de Fonemas Proto-Jê e Chiquitano⁷⁰. Tais semelhanças apontaram para uma variedade considerável de reflexos de fonemas do Proto-Jê: (*p, *t, *k, *ɲ, *z, *i, *ə, *o, *ɛ, *a, *ɔ, *ĩ, *õ) (Santana, 2006).

Quadro 2 – Comparativos de Fonemas Proto-Jê e Chiquitano

Nº	Proto-Jê (Davis 1966)	Chiquitano - Brasil	Português
5.	* i-, ic-	(i)ɲẽmu	meu (para mim)
6.	* ka	aʃ (ki)	você
16.	* ka-zo, -zor	aj(soʔ)	chupar – sugar – mamar
17.	* kə	tia(kiʃ)	pele / casca
21.	* kɛn	(ka)ãʃ	pedra
23.	* ko	tapa (kiʃ)	chifre
61.	* ɲĩ	na(ɲɛs)	carne
62.	* ɲĩ-kra	ɲĩ(ɲẽ)ʔẽ	mão
63.	* ɲĩ-ɲa-kɾɛ	ɲĩ(ɲa)	nariz
65.	* ɲōt- ɲōr	ʃa(no)ka	dormir
66.	* ɲōtɔ	(ɲi) o(to)	língua
74.	* pa	ni(piãʃ)	braço
78.	* par	ni(pi)opɛ	pé
91.	* ta, tam	(to)onɛʔɛ	3ª p. pronome ele / estes
93.	* tɛ	(ta) paʃ	perna
101.	* tik	pu(tsiʃ)	preto / negro
108.	* zaz-kwa	(sa) ʔi	boca
111.	* zo, zoc	na(su)siʃ	folha

Apesar de o percentual de 16% parecer pouco em um estudo comparativo, essas correspondências sonoras do Proto-Jê com o Chiquitano são muito significativas, não só pela condição de língua ameaçada, mas também pelo fato de corroborar as hipóteses feitas por Adelaar (2005, 2008), tornando a língua Chiquitano mais próxima das línguas Macro-Jê.

Ribeiro (2006), ao apresentar as famílias e línguas do tronco Macro-Jê, já inclui o Chiquitano como uma de suas 15 famílias, fazendo a declaração de que tal inclusão é baseada em Greenberg e Kaufman. Apesar da inclusão, Ribeiro ponderou, declarando que os argumentos de Greenberg para a

⁷⁰ Quadro reelaborado com base nos quadros apresentados em Santana (2006).

inclusão do Chiquitano no Macro-Jê (conjunto de prefixos pessoais no singular muito semelhante ao encontrado em várias famílias Macro-Jê) eram significativos, mas ainda faltavam evidências lexicais para uma classificação mais consistente.

Ainda neste mesmo ano, em 2006, em uma comunicação pessoal, através de e-mail, Adelaar escreve dizendo que encontrou “mais elementos que parecem apoiar a ideia de afiliação com o Jê”, um deles seria a “visível nasalidade do Jê nos paradigmas Chiquitano”.

Mais tarde, retomando a questão da nasalidade e as discussões apresentadas no IV Encontro Macro-Jê, Adelaar (2008) declara que as semelhanças morfológicas e lexicais do Chiquitano com Jê e outras línguas Macro-Jê constituem uma indicação de parentesco bastante poderosa. Sobre a lista de cognatos com semelhanças lexicais com as línguas Macro-Jê, mencionadas anteriormente, ele acrescenta que tais correspondências são por si mesmas uma indicação de um parentesco genealógico possível. Esta lista de cognatos, comparadas por Adelaar (2008, p. 12-14), foi baseada, sobretudo, em substantivos pertencentes ao vocabulário básico (partes do corpo, elementos da natureza, cultura material indígena etc), provenientes, em sua maioria, do vocabulário apresentado por Tormo (1993), referente ao Chiquitano da região de Lomerio.

Ainda, segundo o autor (ADELAAR, 2008, p. 25), as notáveis semelhanças nos sistemas de prefixos pessoais e “a combinação de coincidências lexicais e morfológicas que unem o Chiquitano com as línguas Jê (ou com outras línguas Macro-Jê) parecem justificar uma classificação do Chiquitano como um ramo independente do tronco Macro-Jê”, e declara que é possível que, genealogicamente, o Chiquitano seja mais próximo do próprio Jê do que outras famílias como o Yathê e o Maxacali, por exemplo (ADELAAR 2008, p.15).

Mais recentemente, Ribeiro (2011a, p. 117) menciona que as línguas Chiquitano, Arikapú e Djeoromitxi apresentam, respectivamente, “consoantes de ligação e alternâncias consonantais iniciais que têm, muito provavelmente, a mesma origem que consoantes de ligação documentadas para outras línguas do tronco Macro-Jê”, constituindo uma forte evidência de parentesco genético. O autor acrescenta, ainda, que os estudos de Adelaar (2008) e de Ribeiro

(2011a) apresentam fortes evidências lexicais e gramaticais para a inclusão dessas línguas no tronco Macro-Jê.

Estou convencida de que os diálogos acadêmicos entre as pesquisas linguísticas feitas por mim, Santana (2005, 2006), Falkinger (1993, 2008, 2010), Haan (2008), Sans (2010, 2011) entre outros, bem como as novas evidências advindas dos estudos históricos comparativos de Adelaar (2005, 2008), Ribeiro (2006, 2011a, 2011b), detalhadas aqui, têm constituído premissas e corroborado hipóteses consistentes para incluir a língua Chiquitano no tronco Macro-Jê.

Apesar de não ter feito estudos histórico-comparativos, as observações dos aspectos fonéticos e fonológicos apresentadas por mim, no Capítulo IV deste trabalho, bem como as hipóteses postuladas sobre a nasalidade e alternâncias consonantais, dentre outras⁷¹, devem contribuir para reforçar a afiliação linguística do Chiquitano ao Macro-Jê.

Esta afiliação teria, segundo Ribeiro (2011b, p.01), “implicações interessantes para a compreensão dos movimentos populacionais na América do sul pré-colombiana em geral, e, em particular, para a hipótese de relacionamento genético entre Tupi, Karib e Macro-Jê, proposta por Aryan Rodrigues (1985, 2000)”. Tal inclusão sugere ainda, segundo Ribeiro (2011b), a plausibilidade de uma hipótese mais ampla, de que a origem do tronco Macro-Jê estaria no oeste do Brasil, possivelmente no velho **Matto Grosso** (grifo do autor).

Para o povo Chiquitano, em especial os que estão no lado do Brasil, ser reconhecido como pertencente ao Macro-Jê, reforça sua presença no espaço ancestral brasileiro, provando que seu território original transcendia as fronteiras políticas atuais, e que, devido ao processo de colonização, foram usurpadas e passadas, primeiro para as missões, depois ao controle estatal e, finalmente, aos latifundiários.

Pensar em uma classificação linguística para o Chiquitano é considerar as perspectivas históricas, interétnica e dinâmica, levando em conta as situações de contato, as fusões culturais entre povos de origens diferentes e,

⁷¹ Uma lista com cerca de 740 (setecentos e quarenta) itens lexicais, coletados durante a pesquisa, foi anexada a este trabalho com o intuito de que possa servir de subsídios em estudos futuros, para análises histórico-comparativas, por exemplo.

até mesmo, o desenvolvimento de identidades transnacionais. Poder associar genética e tipologicamente uma língua seriamente ameaçada, como o Chiquitano, a outras línguas, consideradas vivas, é muito importante, pois tais associações possibilitam novos contatos, trocas de experiências, podendo aumentar as suas chances de sobrevivência. Assim, também, estaremos reafirmando a riqueza da pluralidade cultural Chiquitano, criando condições que possibilitem que essa língua continue existindo e requerendo políticas de reconhecimento e de valorização de sua presença.

3.2 – ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Os primeiros estudos linguísticos acadêmicos sobre a língua Chiquitano no Brasil foram iniciados em 2003, por mim e pela linguista Ema Marta Dunck-Cintra e resultaram em duas Dissertações de Mestrado, intituladas: *Vozes Silenciadas: Situação Sociolinguística dos Chiquitano do Brasil – Acorizal e Fazendinha – MT* (DUNCK-CINTRA, 2005) e *Transnacionalidade Linguística: A Língua Chiquitano do Brasil* (SANTANA, 2005), ambas do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Em Dunck-Cintra (2005) foi apresentado um estudo sociolinguístico, demonstrando o conflito de identidade linguística e territorial pelo qual passou e passa o povo Chiquitano brasileiro. Em Santana (2005), apresentei um levantamento fonético e fonológico preliminar da língua Chiquitano. Neste trabalho foram apresentadas, ainda, comparações dos aspectos fonéticos e fonológicos e itens lexicais da língua Chiquitano falada no Brasil, com aspectos linguísticos em publicações na Bolívia relatando similaridades e diferenças entre elas.

O que se conhece sobre a língua Chiquitano, no Brasil, anterior às pesquisas acadêmicas de Dunck-Cintra (2005) e Santana (2005), são itens coletados por viajantes nos séculos XVIII e XIX, e uma pequena amostra de itens lexicais comparados ao Chiquitano na Bolívia por Silva (2001/2002) e Moreira da Costa (2004).

Das listas coletadas por viajantes, a mais significativa é uma relação com 215 itens lexicais da língua Chiquitano coletados por João Severiano da

Fonseca, um viajante do final no século XIX. Nesta coletânea, Fonseca (1880, p.365) faz observações interessantes sobre as diferenças sonoras da língua Chiquitano e ainda identifica alguns itens, os quais, segundo ele, seriam oriundos do português, do castelhano, do Tupi e de outras línguas como Heucu, Maniva, Tariana e Galibi:

O dialecto chiquitano, oriundo do tupi, ou pelo menos seu aliado, offerece uma diferença completa das das outras tribus visinhas; nem conheço nenhum á que se prenda. **Sua phonética assemelha-se alguma cousa á slava, e só se póde representar na escripta a terminação das vozes por um h ou ch, tal a entonação que lhe dão, mais ou menos aspirada** (grifo meu).

Fonseca (1880), neste trecho grifado, chama a atenção para a pronúncia da fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/⁷², tentando dar-lhe uma representação escrita. Segundo ele, era um som diferenciado, não compartilhado pelas línguas dos grupos vizinhos. Fonseca (1880, p.364) faz ainda referências ao fato de os Chiquitano falarem, naquela época, até quatro idiomas, manifestando surpresa e admiração pelo conhecimento multilíngue dos indígenas:

Fallam estas gentes mais ou menos quatro idiomas; o chiquitano, o bororó, o hespanhol e o portuguez. Ora, de um povo, que dispõe assim de tão vastos conhecimentos lingüísticos, longe deve ir a idéia de dizê-lo curto de civilização.

Hoje, a situação sociolinguística do Chiquitano no Brasil revela que a condição de vitalidade da língua não é tão animadora, uma vez que esta língua nas comunidades de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha se encontra em acelerado processo de extinção. Se considerarmos que apenas alguns idosos, cerca de 2% da população se lembram da língua Chiquitano, e que a maioria da população, cerca de 80%⁷³, diz não saber a língua, conclui-se que há, pelo menos, quatro gerações que a língua Chiquitano, naquelas comunidades, não é mais transmitida como língua materna entre pais e filhos. O português é a língua de uso cotidiano nessas comunidades e, em alguns momentos de festividades e encontro com os parentes, o espanhol, ou “castilha”, como dizem, é a segunda língua utilizada. Uma língua nessa

⁷² Conferir discussões sobre a presença da fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/ na língua Chiquitano mais adiante, neste Capítulo e também nos Capítulos IV e V.

⁷³ Conferir dados estatísticos no Gráfico 1 – Capítulo I.

situação, segundo Geary (1997), é considerada “moribunda” e, para Couto (2009), “agonizante”, pois sobrevive apenas na memória de poucos anciãos, ou seja, os últimos falantes já são idosos⁷⁴.

Em 2003, quando iniciamos as pesquisas nas comunidades brasileiras de Acorizal e Fazendinha, eu e Dunck-Cintra constatamos que somente 05 (cinco) pessoas, acima de 60 anos, “se lembravam” da língua. Hoje, em função da idade avançada dos falantes, a situação está mais crítica. Um dos falantes do grupo faleceu em maio de 2005 e, nos últimos 3 anos, outros dois ficaram com problemas de saúde, o que tem limitado a participação deles nas atividades de pesquisa. Em 2007, conhecemos na comunidade de Vila Nova Barbecho mais uma anciã que sabia a língua Chiquitano, e, a partir de então, esta anciã tem sido participante das pesquisas. Assim, contamos, ultimamente, com 3 (três) falantes da língua Chiquitano, um homem e duas mulheres, contribuindo efetivamente na pesquisa.

O fato desses “lembradores da língua” morarem em aldeias diferentes, não nos permitiu observar, durante nossa estada nas comunidades, interações e interlocuções espontâneas na língua Chiquitano entre eles. As situações de interações presenciadas ocorreram quando em alguns momentos de festividade nos reunimos e, de alguma maneira, provoqueei um contexto de uso da língua Chiquitano. Esta situação levou Dunck-Cintra (2005) a declarar que há naquelas comunidades um tipo de bilinguismo, entre os anciãos, que ela denominou “bilinguismo de memória”.

Dunck-Cintra (2005) ressalta que foram muitos os fatores que provocaram no povo Chiquitano, daquelas comunidades brasileiras, o “silenciamento” da língua materna. Historicamente, num contexto mais amplo, poderiam ser elencados: a morte de milhares de Chiquitano em virtude do massacre colonizador, a ocupação e a usurpação do território tradicional, a escravidão pelos colonizadores, a homogeneização da língua e o conflito linguístico vivenciado nos redutos missionários. Ainda, segundo a autora, fatores em contexto mais imediato também contribuíram para o deslocamento

⁷⁴ A situação sociolinguística do Chiquitano, falado na Bolívia, também é preocupante. Segundo Sans (2010), na região boliviana de Lomerio, a língua Chiquitano também já não é mais transmitida às novas gerações como língua materna. Segundo ele, a grande maioria dos jovens e adultos entre 20 e 30 anos pode entender alguns trechos de conversa, mas não a falam e nem conseguem transmitir a língua aos seus filhos.

da língua Chiquitano: o contato e as relações de trabalho com os fazendeiros, a escola com o tipo de ensino e as concepções político-doutrinárias da época, a convivência subalterna com os militares⁷⁵, os novos produtos vindos da sociedade envolvente, dentre outros.

Todas essas influências e interferências contribuíram para o silenciamento da voz e também dos usos da língua Chiquitano, pois faziam com que os indivíduos tivessem uma atitude negativa em relação à sua língua materna. Isto é visível nos comentários dos Chiquitano, extraídos de entrevistas⁷⁶, nas quais se perguntava por que eles tinham deixado de falar, e por que não teriam aprendido e/ou ensinado a língua Chiquitano para seus filhos:

“Nós não gostava, porque muitos reparava, né, na gente, hã, hã. Falavam que se nós conversava assim, era feio, bugre, chamam de bugre, daí foi deixando, foi deixando, nem as crianças, nem os velho conversa”. (M. S.)

“Porque entrô muita gente de fora, né. Entrô muita gente de fora e aí foi ficando envergonhado... e foi largando mão, né, de falar essa linguagem, porque achava feio, né, de falar essa língua, né”. (M. C. L.)

“Porque tem vergonha de ensiná, porque não queria mais falá”. (R. L.)

Outras falas, abaixo, extraídas de conversas com jovens Chiquitano, traduzem a gama de preconceitos que incidem sobre a população indígena em geral, em especial sobre aquelas, como os Chiquitano, que convivem diretamente com a população regional. Aspectos pejorativos como incapazes, ingênuos, bêbados, animais, antropófagos são constantemente dirigidos aos Chiquitano, pelos moradores (não indígenas) daquela região, na tentativa de depreciá-los e hostilizá-los.

“eles pensavam que eu não era capaz de pensar o que eu queria pro meu povo” (L.M.)

“o fazendeiro falou assim pra mim: é só ocê parar de beber pinga, pro cê ficar rico” (C.R.)

“eu disse que era índia e ele falou: você não é índia não! índio é animal, você é gente” (I.R.)

⁷⁵ Esses aspectos todos estão detalhados em Dunck-Cintra (2005).

⁷⁶ Dados inéditos cedidos por Dunck-Cintra (trechos extraídos das entrevistas feitas com moradores das comunidades de Acorizal e Fazendinha em 2004).

“um colega falou que índio tem estômago de avestruz” (I.R.)

“aí ele chegou e falou assim: Você é índio? Falei, sou índio! Ahh ele falou... e índio come gente?” (L.M.)

“eles acha a gente assim... diferente, né?” (M.S.)

Atitudes negativas como estas poderiam, segundo Oliveira (2007), ser justificadas pela soma das identificações e dos fragmentos de identidade, que os indivíduos tiveram de reprimir em si mesmos por serem indesejáveis ou pelas quais foram forçados a se sentir diferentes. Oliveira (2007, p.01) afirma que: “no caso de crises agravadas, um indivíduo (ou mesmo um grupo) pode perder as esperanças de ter habilidade para conter esses elementos negativos”. Neste sentido, Dunck-Cintra (2008) afirma que o contexto histórico-social provocou nos Chiquitano uma atitude negativa em relação à sua cultura, numa condição em que eles procuravam esconder aquilo que os diferenciava dos “não-indígenas”, como, por exemplo, a língua Chiquitano.

Para Meliá (2010) as línguas se debilitam, entram em anemia e morrem através do silêncio, seja do silêncio imposto, seja do silêncio assumido. Segundo ele, as causas e os motivos que levam ao silêncio são diversos, mas que todos eles se encontram fora da língua. E Meliá (2010, p. 220) acrescenta: *“no hay ninguna lengua que por su estructura está destinada a morir”*.

Os Chiquitano viveram estes silêncios impostos e assumidos quando tiveram de “se esconder”, silenciando sua voz e abandonando o uso de sua língua ancestral para que pudessem ser aceitos. Buscaram aprender a língua dos invasores (o português) de modo a assegurar a permanência em seu próprio território. A negação da identidade indígena foi uma questão de sobrevivência. Segundo Couto (2009, p. 96-97), “as minorias que abrem mão da própria cultura por motivos econômicos o fazem forçosamente. Se lhes tivesse sido dada a chance de escolher, provavelmente teriam optado por conservar a língua étnica”.

O histórico de discriminação e de segregação vivenciado pelos Chiquitano não só não lhes deu a chance de manter em uso sua língua materna, como provocou uma desterritorialização que afetaria tanto a sua ocupação de espaço físico quanto a ocupação do espaço sociocultural próprio;

a subalternidade fez a ponte para o silêncio. Dunck-Cintra (2008, p.117) observou, naquele contexto, um silêncio como parte da retórica do oprimido e declarou:

A opção dos Chiquitano foi a de calar aquilo que os diferenciava dos não-índios, um refúgio, o silêncio como refúgio, da resistência, da oposição (Orlandi, 1994), da não-aceitação total dos valores impostos, mas que o fizeram de modo que fossem “aceitos” pela sociedade dominante e para isso, esconderam sua identidade étnica e obedeceram e obedecem àqueles considerados dominadores.

Mas esse silenciamento para os Chiquitano brasileiros, antes de ser um sinal de enfraquecimento, demonstrou ser uma capacidade de resistência. Neste sentido, as memórias subterrâneas prosseguiram seu trabalho de persuasão da sobrevivência para, de maneira quase imperceptível, aflorar no momento de crise, como exemplificado pela reação àquela ordem de expulsão, dada pelos militares.

Diante daquela situação de confronto, um grupo Chiquitano, composto por moradores da comunidade de Fazendinha, reagiu, buscando ações de reafirmação de sua identidade. Uma delas foi se reunir para aprender a língua Chiquitano. As “aulas na língua Chiquitano” eram coordenadas por Maria Isabel Rupe, filha de Lourenço e Teresa. O pai, como já explicitamos, é um dos anciãos, conhecedores da língua e líder espiritual do grupo, e a mãe diz que entende apenas algumas palavras na língua. Isabel estava, na época, com 25 anos e, apesar de não ter completado o ensino fundamental, já tinha tido uma experiência como professora na zona rural da região. Isabel sabe quase nada (segundo ela) da língua Chiquitano. Entretanto, com o auxílio do pai e de outros anciãos que se lembravam da língua, reuniu um grupo de pessoas e foi criando um momento para retomá-la da maneira que lhes era possível. Escrevia o que escutava, de acordo com o seu entendimento, e ajudava os demais. Ao comentar sobre as aulas, Isabel nos mostrou um caderno de anotações, o que nos proporcionou algumas reflexões interessantes⁷⁷.

Observando as páginas do “Caderno da Isabel”, encontramos uma página datada de 06.15.03 (ela explicou ser dia 15, mês 06 e ano 2003) com

⁷⁷ Mais tarde, conseguimos fotocópias de algumas páginas do Caderno de Isabel, mas nem todas estão legíveis. Algumas, como a que denominamos 1ª página, estão cheias de rabiscos de contas e outras anotações.

Na Figura 5 – vê-se uma lista de nomes pessoais dos membros das comunidades. Nesta lista, podem-se perceber, algumas vezes, adaptações e mudanças linguísticas em relação a alguns sons que não aparecem no inventário fonêmico da língua (conferir Capítulo IV), como a lateral alveolar vozeada [l], a oclusiva alveolar vozeada [d] e a fricativa alveopalatal vozeada [ʒ], substituídas, respectivamente, pela vibrante simples alveolar vozeada /r/, pela oclusiva alveolar desvozeada /t/ e pela oclusiva velar desvozeada /k/: (*Lourenço* = *Rorenço*, *Rorençors*, *Laura* = *Raurars*, *Alves* = *Arves*), (*Davi* = *Tiavis*, *Tavis*), (*José* = *Cosé*).

Na Figura 6, outra lista com itens lexicais diversos em chiquitano/português. Em ambas percebe-se que o final ‘-ars’ representa a marcação da fricativa retroflexa desvozeada [ʂ], presente em coda silábica na maioria dos nomes na língua Chiquitano (conferir itens 4.1.3 e 4.6.2 no Capítulo IV, neste trabalho). Acredito que a marcação explícita desse fonema se justifica por ser um traço diferente do português e do espanhol. Desse modo, acrescentando-o aos nomes, tanto aos pessoais, quanto aos outros nomes (coisas, animais) estariam recuperando, naquele momento, traços da língua materna ancestral e também da identidade Chiquitano.

Segundo a própria Isabel, os encontros com o grupo não foram adiante, estudaram apenas uns três meses e muitos desistiram, então ela continuou sozinha, aprendendo a língua com o seu pai. Hoje ela é, fora os anciãos, considerada a pessoa mais conhecedora da língua Chiquitano naquelas comunidades. Isto a deixa orgulhosa, vontade de aprender cada vez mais a língua Chiquitano e também com vontade de fazer um curso superior para poder ser “contratada” como professora de língua materna.

Sabe-se que atitudes conjuntas como estas são importantes para a recuperação da língua, mas este esforço pessoal, somente, não sustenta a vitalidade da cultura e da língua de uma sociedade e, no caso dos Chiquitano, a revitalização e retomadas de valores ancestrais desejadas naquele momento. Albó (1988, p.101) afirma que o futuro da língua dos oprimidos está estreitamente ligado ao futuro dos povos oprimidos, e que este futuro não depende apenas de medidas linguísticas ou culturais, mas depende, sobretudo, de medidas políticas e econômicas.

Neste sentido, aproveitando o reconhecimento e o apoio da Funai e de outras instituições, os Chiquitano passaram a vivenciar uma situação nova; se antes eles tinham de silenciar suas características para serem aceitos pela sociedade dominante, agora as atitudes poderiam ser voltadas para o rompimento do “silêncio”, para a retomada da língua materna ancestral, fortalecendo a possibilidade de ficar em seu espaço, lutando pelo reconhecimento étnico e pela demarcação de seu território. E a insígnia dessa bandeira, o símbolo da luta, é a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/.

Muitos Chiquitano estavam imbuídos no aprendizado da língua, pois sabiam da importância deste aspecto cultural para o seu reconhecimento como grupo indígena. Os lembradores viviam um momento especial, poderiam ativar suas memórias e partilhá-las com seus descendentes. Esta motivação e esta vontade dos indivíduos para aprender a língua Chiquitano, naquele momento, eram propulsoras para as ações de valorização e revitalização linguísticas naquelas comunidades. Sabe-se que, mesmo com o apoio profissional e recursos didáticos, a vitalidade de uma língua depende muito dos falantes. Somente as atitudes de uma comunidade de fala podem salvar sua língua, tirá-la do esquecimento.

Nesse contexto de reavivamento da língua Chiquitano, algumas características como as diferenças entre a fala feminina e a fala masculina, os usos de itens lexicais “adaptados” do português e do espanhol e outras variações observadas no processo de descrição dos aspectos fonéticos e fonológicos da língua, constituíram importantes instrumentos nas ações de revitalização da língua Chiquitano, desenvolvidas naquelas comunidades.

O que se denomina aqui de itens lexicais adaptados são itens em português ou espanhol, falados pelos anciãos com “marcas da língua Chiquitano” como, por exemplo, o uso da fricativa retroflexa desvozeada [ɣ] no final de substantivos: [mezaɣ] – ‘mesa’, [pueβloɣ] – ‘pueblo’ (povoado). Esta situação é melhor comentada no item 3.2.3, neste mesmo Capítulo.

Tais características chamaram a atenção tanto por serem especificidades da língua, mantidas nas lembranças dos idosos, quanto pelas possibilidades de utilizá-las em atividades didáticas, subsidiando os

professores e envolvendo os alunos no aprendizado da língua materna ancestral. Elas também serviram como reflexões para a definição da ortografia da língua, como demonstrado no Capítulo V, deste trabalho. Sobre tais características, teço algumas considerações.

3.2.1 – Diferenças entre as Falas Feminina e Masculina

Em todos os estudos apresentados sobre o Chiquitano, na Bolívia, há referências aos falares masculino e feminino (RIESTER, 1967-68, 1986, 2003; GRASSO, 1982; TORMO, 1993; MORENO, 1992; CASTRO ET AL, 2003). Essas diferenças constituem uma variação sistêmica na língua.

Falkinger (2002a) acrescenta que a diferença dos falares masculino e feminino na língua Chiquitano é mencionada desde os primeiros relatos e gramáticas jesuíticas no século XVIII. Sobre a situação atual na Bolívia, a autora (2002a, p.121) também lamenta, declarando que este fato poderia ser muito interessante para se estudar a aquisição da língua materna com suas variantes masculina e feminina, mas, infelizmente, acrescenta ela; *“Es demasiado tarde, ya que prácticamente no hay niños que lo aprenden como primera lengua”*.

Vários estudos comprovam as distinções entre falas feminina e masculina, estabelecidas nas línguas do mundo. Essas diferenças acontecem principalmente no campo lexical, com formas distintas para designar o mesmo objeto/pessoa, e são condicionadas pelo sexo do locutor, do interlocutor, de ambos ou da pessoa sobre a qual se fala. Borges (1999/2000) declara que em algumas línguas indígenas, essa oposição também é demonstrada de forma mais categórica, manifestando-se nos níveis fonético, fonológico, morfossintático, semântico e discursivo (BORGES, 1999/2000).

Ainda sobre a diferenciação entre as falas feminina e masculina, a autora (BORGES, 1999/2000) apresenta uma descrição desse fenômeno na língua Karajá, demonstrando que nessa língua alguns itens lexicais da fala das mulheres possuem até três unidades temporais a mais do que seus correspondentes na fala dos homens e que existem, também, exemplos nos quais as formas femininas e masculinas diferem pela sonoridade dos onsets.

Baseada em Bodine e Balmori, Borges (1999/2000) relaciona outras línguas que apresentam o fenômeno da diferenciação entre as falas feminina e masculina: Biloxi (norte dos Estados Unidos), Chiquitano (Bolívia), Chukchee (norte da Sibéria Oriental), Cocáma (fronteira da Colômbia com o Brasil), Hitchiti (Flórida, Estados Unidos), Koasati (Louisiana, Estados Unidos), Mataco (Paraguai e Argentina), Muskogee (Estados Unidos), Pirahã (Brasil), Quileuta (Estados Unidos), Thai (Península Indo-Chinesa), Xavante (Brasil) e Yana (Estados Unidos).

Atualmente, são encontradas mais referências aos falares feminino e masculino em outras línguas indígenas brasileiras: Macro-Jê (Rikbaktsa, Xerente e Kayapó), Tupi (Awetí, Kamaiurá, Cocáma) e na família Guaikurú (Kadiwéu).

Segundo Riester (1986), Tormo (1993) e Falkinger (1993), as distinções nos falares masculino e feminino, na língua Chiquitano, se mostram, tanto no singular quanto no plural, em nomes, pronomes, designação de parentesco (e outros como 'amigo', 'escravo' etc), verbos, posposições, advérbios e formas com sufixos possessivos ou pessoais de terceira pessoa.

Ainda segundo os autores Riester (1986), Tormo (1993) e Falkinger, (2002a), a mulher emprega a forma feminina sempre, seja para se referir a Deus, aos homens, a outras mulheres, aos seres animados e inanimados. O homem pode empregar ambas as formas, tanto a masculina quanto a feminina, mas, quando fala de Deus, pessoas celestiais, anjos, homens e seus semelhantes, usa a fala masculina e, quando fala de qualquer outra coisa, mulheres, seres animados ou inanimados, usa a fala feminina.

Borges (1999/2000, p. 80-81), citando os exemplos de Adam e Henry (1880), menciona que na língua Chiquitano, falada na Bolívia, encontram-se exemplos de distinções feitas de acordo com o sexo do locutor e do interlocutor e, pelo sexo da pessoa sobre quem se fala. Borges menciona, ainda, baseada naqueles autores, que, em Chiquitano, os contrastes entre as falas feminina e masculina se fazem notar:

- na estrutura silábica (nível fonológico), quando, na fala da mulher, a consoante ou vogal inicial é suprimida de certos vocábulos, especialmente os que designam alguns tipos de animais e árvores;

Fala masculina: *opetas* – ‘tartaruga’ *ñoñoís* – ‘homem’
 Fala feminina: *petas* – ‘tartaruga’ *oñeís* – ‘homem’

- no uso, pelos homens, do sufixo **-tii** (nível morfológico) quando se referem a alguém do sexo masculino. Na fala feminina não há distinção para: *ele/ela* – *dele/dela*;

Fala masculina: *yebotii ti n-ipoostii* - ‘ele foi para a casa dele’
yebotii ti n-ipoos – ‘ele foi para a casa dela’
yebo ti n-ipoostii – ‘ela foi para a casa dele’

Fala feminina: *yebo ti n-ipoos* - ‘ela/ele foi para casa dela/dele’

Para Pimentel da Silva (2010b, p.93), as falas masculina e feminina são riquezas linguísticas e “indicam questões fundamentais que devem ser consideradas no ensino e aprendizagem da linguagem escrita das línguas maternas dos indígenas, e também a complexidade da oralidade envolvida”. Para os professores Chiquitano, estas características, por serem diferentes do português, agregaram valores especiais à sua língua, despertando interesse, curiosidades, possibilitando bons motivos para a elaboração de jogos, cartazes e outras atividades didáticas (Conf. as Figuras 9 e 10 no Capítulo V). Essa valorização e as atividades desenvolvidas pelos professores contribuíram para a mudança de atitudes com relação à língua. Agora, já não acham a língua “feia”, uma “gíria”, mas uma língua com *status*, com uma “riqueza especial”, como dizem. Dentre as distinções de falas feminina e masculina registradas nas comunidades pesquisadas, destacam-se:

- Formas lexicais diferentes para os substantivos designativos de parentesco⁸⁰: avó, avô, irmã, irmão, sogra e sogro:

⁸⁰ Balmori (apud Borges, 1999/2000, p.90) diz que “o emprego de termos diferenciados para expressar relações de parentesco é comum às línguas indígenas e resulta da existência de relações familiares, sociais e funcionais distintas entre homem ou a mulher e o parente a quem ele/ela se refere”.

(01)

Português	Chiquitano	
	fala feminina	fala masculina
minha avó	napae	kiasí
meu avô	nakaru	niuma
minha irmã	saruki	nesiasi
meu irmão	nitʃigaʊʃ	saruki
minha sogra	nipiapaso	nipiakiso
meu sogro	nispuso	niauso

Algumas formas demonstradas acima apresentam os prefixos {ni-}, {ne-} e {na-} agregados aos nomes. Tormo (1993, p. 69-70) declara que, em Chiquitano, os substantivos que designam nomes de parentesco, partes do corpo humano, qualidade ou sentimentos apresentam declinação pessoal, expressando uma relação de propriedade, de posse. Com base nesse estudo de Tormo (1993), percebe-se que os prefixos mencionados acima parecem indicar posse inalienável de primeira pessoa⁸¹: /nipiapaso/ e /nipiakiso/ ‘minha sogra’ e /nispuso/ e /niauso/ ‘meu sogro’. Estes termos, em formas similares, também foram registrados nas variedades bolivianas como, por exemplo, em Castro (2008a): *nipiapáso* ‘minha sogra’ (Ff), *nipiakíso* ‘minha sogra’ (Fm) e *nixhupusu* ‘meu sogro’ (Ff), *yaíso* ‘meu sogro’ (Fm) e em Riester (1986): *zaruki* ‘irmão/irmã’, *ipae* ‘avó’ (Ff) *ikiási* ‘avó’ (Fm) e *akari* ‘avô’ (Ff), *iñuma* ‘avô’ (Fm). Nesta pesquisa, não foram feitas observações detalhadas sobre as falas feminina e masculina. Desta forma, estas diferenças e similaridades precisam ser averiguadas em estudos mais específicos.

- Acréscimo do sufixo {-ti} na fala masculina como marcador de terceira pessoa masculino:

⁸¹ Estas observações carecem de informações sobre a morfologia da língua.

(02)

Português	Chiquitano	
	fala feminina	fala masculina
ele está bêbado	oşugavo	oşujavoti
ele chorou	areoku	areokuti
ele morreu	koŋo	koŋoti

Percebe-se, neste exemplo, que além do sufixo {-ti} como indicador de 3ª pessoa masculino, nas formas para as falas feminina e masculina, utilizadas para a expressão ‘ele está bêbado’, há uma alternância entre a oclusiva velar vozeada /g/ e a aproximante palatal vozeada /j/. Esta diferença parece corroborar uma hipótese de que a oclusiva velar vozeada /g/ seria uma característica da fala feminina como explicitado no Capítulo IV (item 4.1.1).

- Acréscimo do prefixo {no-} na fala masculina, tanto para determinados fenômenos da natureza⁸², quanto para nomes de diversos animais:

(03)

Fenômenos da Natureza		
Português	Chiquitano	
	fala feminina	fala masculina
arco-íris	şoşiiş	noşoşiiş
constelação 7 estrelas	vurikia	novurikia
estrela	sutoŋēs	nosutoŋēs

(04)

Animais		
Português	Chiquitano	
	fala feminina	fala masculina
gato	meses	nomeses
águia	tamoşiş	notamoşiş
formiga	tipiş	notipiş
caititu	kitşorios	nokitşorios
galinha	kuruvasiş	nokuruvasiş

⁸² Estes foram os únicos fenômenos registrados, com diferença, nas falas feminina e masculina.

Nota-se que houve diferenças nos registros das falas masculina e feminina para os animais domésticos “galinha” e “gato” e, no entanto, para “galo” e “ovelha”, foram encontradas as mesmas formas para as falas feminina e masculina: /poos/ e /noviʃas/ respectivamente. Também para a denominação de alguns animais foi informada uma única forma: /niʃiʃ/ ‘larva’, /nookiʃ/ ‘cotia’, /noʃasu/ ‘lebre’, /noiʃ/ ‘quati’. Segundo os “lembradores”, participantes da pesquisa, essas formas podem ser utilizadas tanto por homens, quanto por mulheres.

Pelos dados coletados, não consegui detalhar tais usos. Talvez pelo fato de ter coletado dados basicamente com duas mulheres, não foi possível observar essa variação sistêmica em suas formas mais complexas. Outras explicações devem ser encontradas em estudos de formas de categorização, por exemplo.

Mesmo assim, as distinções percebidas serviram de inspiração para atividades em sala de aula. Elas foram vistas pelos professores e alunos como características diferentes e específicas da língua Chiquitano com relação ao português e ao espanhol, gerando motivo de orgulho pela língua materna ancestral.

3.2.2 - Diferenças e Similaridades entre os Registros da Língua Chiquitano Falada no Brasil e na Bolívia

O Chiquitano, a exemplo de outras línguas, como o português em países transcontinentais, como a língua Guaraní e o espanhol nos países vizinhos (América Latina) e até mesmo como o português no Brasil e suas variantes regionais, não se limita às fronteiras geopolíticas. Para Calvet (2002, p. 109), se as sociedades são plurilíngues, o mercado linguístico também tem de ser plural. Neste sentido, declara:

De um lado, a legitimidade de uma língua não se limita a fronteiras estatais (pense-se no francês na França, na Suíça, na Bélgica...) e, sobretudo, por outro lado, a sociedade não é estratificada apenas por referência à língua legítima, ela é também plurilíngüe, e se existe um mercado linguístico, ele também tem de ser plural, o que levanta o problema da definição de uma comunidade linguística.

Corroborando tais perspectivas para a língua Chiquitano, admite-se a possibilidade de se ter duas ou mais variedades linguísticas entre as comunidades brasileiras e, ainda, entre as outras comunidades bolivianas.

De maneira geral, as variedades consistem na mesma língua Chiquitano, com algumas diferenças fonéticas, fonológicas e lexicais, mas isto não impede a compreensão mútua da língua⁸³. E o objetivo em discutir tais similaridades e diferenças com os professores Chiquitano foi subsidiar a definição da ortografia para a língua Chiquitano registrada no Brasil (conforme discutido no Capítulo V, neste trabalho) e permitir, também, uma melhor compreensão das diversas escritas, ou seja, das ortografias da língua Chiquitano com as quais eles já tinham contato através de publicações vindas da Bolívia (livros de orações, cartilhas, gramáticas e outros).

Como referências para o levantamento das similaridades e diferenças entre as línguas Chiquitano da Bolívia e do Brasil foram utilizadas descrições apresentadas por Krüsi & Krüsi (1978), Riester (1986), Tormo (1993), Castro (2008a) e Sans (2010). Desses, com exceção de Riester (1986), que realizou as pesquisas nas Províncias de Velasco, Chiquitos e Sandoval, todos os outros estudos foram realizados na região de Lomerio, Província de Ñuflo de Chaves, ambos na Bolívia.

A seguir, apresento uma síntese dessas observações, a maioria delas já apresentada por mim, em Santana (2005):

- as consoantes oclusivas desvozeadas, bilabial /p/, alveolar /t/ e velar /k/; as nasais vozeadas bilabial /m/, alveolar /n/ e palatal /ɲ/; a vibrante alveolar vozeada /r/; a fricativa alveolar desvozeada /s/; a africada alveopalatal desvozeada /tʃ/ e a aproximante palatal vozeada /j/, presentes no quadro de fonemas do Chiquitano do Brasil (SANTANA, 2005), foram mencionadas também como fonemas em todas as referências de estudos das variedades Chiquitano da Bolívia, com algumas diferenças na ortografia:

⁸³ Na verdade, as maiores diferenças entre as variedades da língua Chiquitano, hoje, estão nos registros ortográficos (conferir esta discussão no Capítulo V, quando trato da definição da Ortografia).

- a oclusiva bilabial vozeada /b/ foi mencionada pelos autores bolivianos, mas não foi identificada por Santana (2005);
- Sans (2010) postulou a fricativa bilabial vozeada /β/ como fonema e a oclusiva bilabial vozeada [b] como seu alofone;
- a oclusiva velar vozeada /g/ foi mencionada por Riester (1986) e também identificada por Santana (2005);
- a oclusiva glotal desvozeada /ʔ/ foi considerada fonema por Santana (2005) e também por Krüsi & Krüsi (1978), Riester (1986), Castro (2008a) e Sans (2010);
- A oclusiva palatalizada alveolar desvozeada /tʲ/ foi considerada como fonema apenas por Castro (2008a). Sans (2010) considerou como fonema a oclusiva palatal desvozeada /c/ e propôs, em nível fonético, a palatalização das oclusivas desvozeadas bilabial /p/, velar /k/ e da nasal bilabial vozeada /m/, as quais se realizam, respectivamente como [pʲ], [kʲ] e [mʲ]. Riester (1986) menciona uma vogal [i] como uma espécie de afixo ligada às consoantes /p/, /t/, /k/, apenas em nível fonético. Aqui no Brasil, como demonstrado no Capítulo IV (item 4.2.1), eu trabalho com a hipótese de palatalização das oclusivas desvozeadas bilabial /p/, alveolar /t/ e velar /k/ → [pʲ], [tʲ], [kʲ], mas também apenas em nível fonético;
- a fricativa labiodental vozeada /v/ foi mencionada como fonema só por Santana (2005);
- a fricativa alveolar vozeada /z/ foi considerada como fonema apenas por Riester (1986);
- a fricativa glotal desvozeada /h/ foi considerada como fonema por Riester (1986), Tormo (1993) e por Santana (2005);
- a fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/ foi considerada como fonema por Riester (1986), por Castro (2008a, 2008b), por Sans (2010) e por Santana (2005). Krüsi & Krüsi (1978) e Tormo (1993) mencionaram-na como alofone do fonema /ʃ/;

- a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/ foi considerada pelos estudiosos Krüsi & Krüsi (1978), Riester (1986), Tormo (1993), Castro (2008a), e Santana (2005) como fonema. A exceção ficou com Sans (2010), que a postulou como alofone da fricativa retroflexa alveolar desvozeada /ʂ/;
- a aproximante labiovelar vozeada /w/ foi considerada fonema por Castro (2008a) e também por Santana (2005). Sans mencionou-a como alofone do fonema /β/.

Quanto às vogais, a similaridade maior foi com relação aos fonemas vocálicos orais /i, e, a, u, o/, mencionados em todas as referências citadas. As divergências foram encontradas em relação à nasalização das vogais e aos segmentos vocálicos [ɨ] e [ʉ]:

- Os linguistas Krüsi & Krüsi (1978) e Sans (2010) descrevem a nasalização em todas as vogais /ĩ, ē, ā, ō, ũ, ŭ/. Já Riester (1986) diz que as vogais /e, i, a, u, o/ aparecem nasalizadas, muitas vezes condicionadas pela proximidade de uma consoante nasal. Tormo (1993) e Castro (2008a) não mencionam a nasalização, mas a registram na forma ortográfica, como na palavra: *canrr* (TORMO, 1993) e *kanxĩ* (CASTRO, 2008a), ambas designando ‘pedra’, por exemplo. Neste trabalho, proponho a nasalização para as vogais /ĩ, ē, ā, ō, ũ/;
- Krüsi & Krüsi (1978) postulam uma vogal alta central arredondada /ʉ/. Riester (1986) classifica-a como “i gutural” e utiliza o símbolo /ü/. Tormo (1993) a considera uma vogal média-alta central não arredondada e a representa também com o símbolo /ü/. Castro (2008a) e Sans (2010) a classificam como vogal central não arredondada /ɨ/. Aqui no Brasil, em Santana (2005), considerei esse segmento vocálico como uma vogal alta central arredondada /ʉ/. Agora, em nova análise (conf. itens: 4.3.2 e 4.3.4 no Capítulo IV deste trabalho), classifiquei-a como vogal alta central não arredondada /ɨ/.

As similaridades entre as variedades da língua Chiquitano brasileira e boliviana não permanecem apenas nos campos fonéticos e/ou fonológicos. Elas foram notadas, ainda, no campo lexical. Em Santana (2005), foi apresentado um levantamento léxico-estatístico feito entre os itens lexicais, coletados no Brasil, e os publicados como glossários nas referências bibliográficas bolivianas. Foram encontrados cerca de 70% de cognatos, dentre eles, substantivos e adjetivos. Também foram encontrados cognatos para verbos e advérbios. Isto contribuiu para reforçar a hipótese de que os Chiquitano estão aqui, em território brasileiro, há mais de 200 anos.

3.2.3 – Línguas Cruzadas

Sabe-se que as línguas estão sujeitas não só à variação, mas também à mudança no modo como são utilizadas pelos falantes (LABOV, 2008). Neste sentido, não permanecem as mesmas em seu domínio, pois estão em constante movimento. Couto (2009) menciona que toda língua real, falada por populações reais, está sempre em formação e transformação a fim de se adaptar às novas exigências comunicativas de ecologias linguísticas diferentes.

As línguas mudam para acompanhar as transformações sociais e culturais, os avanços tecnológicos, os movimentos artísticos etc. Isso acontece o tempo todo e, antes de ser uma ameaça, é um sinal de que estão vivas, e que se adaptam para continuar a existir.

Nesta perspectiva, compreende-se que a morte não é fim natural das línguas. O natural é que todas as línguas ativas apresentem mudanças (DAY, 1985, citado por SOUZA, 2008), o que torna todos os contextos linguísticos bilíngues, bidialetais e, sobretudo, múltiplos. Desta forma, retomar uma língua, aparentemente adormecida (como o Chiquitano, por exemplo), é trazê-la à tona a este movimento, é colocá-la em trajetória, em seus diferentes estágios de uso.

E o espaço das lembranças da língua Chiquitano, no Brasil, mantém essas particularidades múltiplas. Nele funcionam o português, o espanhol, a língua Chiquitano e, possivelmente, outras línguas indígenas. “As línguas estão assim, meio cruzadas”, como nos disse Micaela Surubi, referindo-se ao

multilinguismo vivenciado por eles. Essas línguas, ao conviverem nesse espaço específico, se modificam em virtude das relações particulares entre si, em virtude da relação dos falantes uns com os outros e com suas próprias lembranças. São línguas que se tocam, que se cruzam nas lacunas das memórias.

Para Silva T. (2003, p. 229), “os fatos descritos em uma análise podem não refletir o estágio atual de desenvolvimento da variedade linguística estudada”. No caso da língua Chiquitano, aqui mencionada, esta premissa é coerente, considerando que lidamos com uma língua moribunda em que as lembranças dessa língua, reavivadas na memória dos anciãos, apresentam lacunas linguísticas, e até mesmo lapsos casuais, os quais refletem, em uma perspectiva diacrônica, traços de uma língua possivelmente utilizada na infância e na juventude dessas pessoas, já que, como mencionado anteriormente, há algumas gerações a língua Chiquitano não é mais utilizada como interação naquelas comunidades.

Durante as entrevistas para a coleta de dados, um número significativo de itens lexicais do português e do espanhol, na sua maioria com adaptações (marcas linguísticas Chiquitano), era mencionado pelos anciãos lembradores evidenciando o convívio multilíngue daquelas comunidades. Alguns exemplos desses itens adaptados são demonstrados a seguir.

(05)

Português	Chiquitano	
	português	castilha (espanhol)
anjo		nãheles (ángel)
arroz	naɾoʃ	
cama	kamaʃ	
cidade / vila		puevloʃ (pueblo)
dois	doʃ	
meu parente	nipariête	
rua		kaʎes (calle)

Estes itens lexicais do Chiquitano, como se pode observar nos exemplos, são formas de outras línguas, adaptadas fonologicamente para a língua Chiquitano pela inclusão das fricativas retroflexa desvozeada /ɣ/,

alveolar desvozeada /s/ e alveopalatal desvozeada /ʃ/ no final das palavras; pelo acréscimo do prefixo {ni-}, indicando posse; pelo acréscimo da nasal alveolar vozeada /n/ no início das palavras ‘arroz’ e ‘ángel’. Com essas adaptações ambas se aproximam da estrutura silábica da língua Chiquitano.

Em uma observação preliminar, essas situações de uso e de adaptação poderiam ser caracterizadas como alternância de código (*code switching*), mistura de línguas (*code mixing*) ou, ainda, como empréstimo, considerando a possibilidade de uma incorporação lexical mais ampla vinda do tempo em que esses anciãos utilizavam a língua Chiquitano no cotidiano. No entanto, compreende-se que tais variações (alternância, mistura e empréstimo) são fenômenos sociais e coletivos (Calvet, 2002; Labov 2008), assim, não seria conveniente adotá-las para caracterizar os termos “estrangeiros” e os “adaptados” utilizados pelos anciãos Chiquitano, já que as circunstâncias de uso da língua, na atualidade, estão efetivamente no espaço da memória, fugindo ao caráter social e de interação coletiva.

Durante as primeiras pesquisas para coleta de dados, por exemplo, o termo ‘*maani*’ foi mencionado por uma anciã para amendoim. Algum tempo depois, a mesma anciã, em um momento de elicitación, mencionou que o termo ‘*maani*’ é castilha/espanhol, e que o “nome certinho” para amendoim em Chiquitano é [naa'kiʃ]. O que se percebe, pelo exemplo dado, é que, nas circunstâncias de coleta de dados, de entrevistas, nem tudo o que se solicita aos “lembradores” está em prontidão em suas memórias; quando lhes falta a informação imediata, os lembradores tendem a preencher essa lacuna com o que lhe é mais familiar e confortável no seu repertório linguístico, seja em português, seja em espanhol ou em Chiquitano.

Segundo Riester (1986), os primeiros missionários introduziram na língua Chiquitano muitas palavras para novos conceitos religiosos⁸⁴ como: graça, santo, missa, sacramento, batismo etc. Muitos outros nomes de coisas e animais foram adaptados fonologicamente para a língua Chiquitano como: *kabaiursch* (cavalo), *bakarsch* (vaca), *kamisarsch* (camisa), *kompare* (compadre) e *komar* (comadre). Aparentemente esses itens tiveram alguns

⁸⁴ O referido autor (Riester, 1986) não apresenta a “adaptação” em Chiquitano para estes itens lexicais.

fonemas do espanhol, como /v/ e /d/, substituídos e também tiveram acrescidos, no final, a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/. O autor ainda menciona que a convivência com os não indígenas eliminou, a princípio, expressões existentes na língua, que passaram a ser substituídas por formas em espanhol. Algumas palavras Chiquitano, em contrapartida, também foram incorporadas, na Bolívia, pelos não indígenas: *tacú* (morteiro), *jones* (pedrinhas), *peni* (lagartixa grande) e muitos outros nomes de lugares, plantas e animais.

Pelo histórico de convivência desses povos, é possível que estas palavras tenham sido incorporadas no cotidiano e permanecido na memória coletiva do grupo. Mas, para uma observação mais contundente e uma visão melhor dessas influências, seriam necessários estudos voltados para os aspectos histórico comparativos dessa língua e suas variantes regionais.

No entanto, fatos como estes demonstram que a substituição de uma língua por outra não caracteriza simplesmente uma mudança, uma modificação no uso. Uma língua tradicional não desaparece de forma abrupta, acidental. Ao contrário, antes de desaparecer tinge a nova língua, deixando nela manchas linguísticas (elementos fônicos, morfológicos, sintáticos, léxicos etc). Assim como fazem os lembradores Chiquitano quando falam em português ou em espanhol, eles transportam de suas memórias linguísticas marcas de sua língua tradicional, como a ênfase na fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/, por exemplo.

Em um trabalho com as narrativas dos sobreviventes Xetá, Silva C. (2003) relata que um de seus narradores contou-lhe que sonhava estar conversando e interagindo na sua língua materna ancestral, a qual não era utilizada no seu cotidiano. Isto nos faz perceber, segundo a autora (SILVA C., 2003, p. 153), que as “memórias individuais não são inteiramente isoladas e fechadas, uma vez que elas trazem coladas em si a memória coletiva”. Contextualizando a relação com os lembradores Chiquitano, entende-se que eles permanecem reavivando suas lembranças, exercitando suas memórias linguísticas individuais e coletivas, assim como os Xetá.

E as particularidades linguísticas tratadas aqui, como as diferenças entre as falas feminina e masculina, as diferenças e similaridades entre as

variantes do Chiquitano faladas no Brasil e na Bolívia, os usos de palavras adaptadas e também de outras línguas, bem como as variações internas, denominadas livres (tratadas no Capítulo IV), demonstram que a língua Chiquitano, mesmo moribunda, apresenta traços de mutação, indicando um sopro de vida, uma perspectiva de sobrevivência.

CONCLUSÃO

De acordo com a bibliografia existente, a língua Chiquitano resulta do contato e/ou fusão de outras várias línguas faladas pelos grupos que se incorporaram nas reduções missionárias na Bolívia, nos séculos XVII e XVIII. Estudos linguísticos comparativos mais recentes têm levantado hipóteses sobre a afiliação dessa língua ao Tronco Macro-Jê e, inclusive, contribuído para corroborar hipóteses de origem e constituição do tronco Macro-Jê e também do relacionamento genético desse tronco com os troncos Tupi e Karib.

Os Chiquitano atuais estão muito imbuídos na retomada da língua materna ancestral. Muitos deles têm se esforçado para aprender e também ensinar a língua Chiquitano aos mais jovens. Nesse contexto, algumas características linguísticas como as diferenças nas falas feminina e masculina, as variações regionais e outras situações de uso da língua, mantidas na memória dos lembradores, constituíram valiosas estratégias didáticas nas ações de inserção da língua na escola, como demonstrado no Capítulo V, neste trabalho.

As demonstrações e informações sobre as variações nos registros da língua Chiquitano falada na Bolívia e no Brasil também contribuíram para fomentar as discussões sobre a definição da “ortografia brasileira” e também para ajudar os professores, alunos e demais pessoas das comunidades, a compreensão dos textos escritos nas diferentes ortografias bolivianas.

A seguir, no Capítulo IV, serão abordados aspectos da fonética e da fonologia da língua Chiquitano, envolvendo a descrição dos fonemas consonantais, vocálicos, seus principais processos fonológicos, além de se discutir, de maneira geral, o acento e os padrões silábicos.

A importância do Capítulo que se segue deve-se ao fato de que o aprendizado e o ensino da língua, como desejam os Chiquitano, perpassem, também, pela necessidade de registro, de documentação e de escrita da língua materna ancestral, mantida na memória dos mais velhos. E as descrições dos aspectos fonéticos e fonológicos, aliadas às reflexões dos aspectos históricos e sociolinguísticos aqui apresentados, exerçam funções importantes e estratégicas na retomada da língua materna ancestral pelo povo Chiquitano.

CAPÍTULO IV

ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS

Perpetuando-se, mesmo através de grandes perdas, as línguas propõem-nos um modelo de imortalidade. Almas sem limites e sem contornos, a línguas são reflexos do infinito.

Claude Hagège (2000, p.19)

A fonética e a fonologia da língua Chiquitano foram preliminarmente descritas por mim em Santana (2005), no trabalho de Mestrado intitulado “Transnacionalidade Linguística: a língua Chiquitano do Brasil”. Agora, diante de coleta de novos dados⁸⁵, de um *corpus* maior, de acesso às novas pesquisas da língua e, ainda, com uma maior participação dos anciãos, lembradores da língua, refaço algumas análises, avançando na compreensão das realizações fonéticas, do sistema e dos processos fonológicos, do acento e da estrutura da sílaba, buscando uma documentação mais abrangente dessa língua.

A importância dessa descrição para os Chiquitano se dá pela valorização e pelo reconhecimento identitário, ou seja, o reconhecimento deles como povo indígena brasileiro, pela possibilidade de incrementar ações para a revitalização de sua língua materna ancestral e, ainda, pela possibilidade de criar um espaço de uso, como uma segunda língua, no programa de escolarização, por exemplo.

Revisando a análise apresentada em Santana (2005), proponho algumas alterações nos quadros fonético, consonantal e vocálico, anteriormente propostos. Para o quadro fonético consonantal proponho: a

⁸⁵ Os dados utilizados nesta análise consistiram de coletas efetuadas por mim, tanto do período de 2003 a 2004, quanto do período de 2008 a 2010.

substituição da nasal velar vozeada [ŋ] pela oclusiva pré-nasalizada velar [ŋk]; a presença da oclusiva velar vozeada [g], encontrada anteriormente em palavras oriundas do português ou do espanhol, e que agora foi identificada em novas ocorrências; a palatalização das oclusivas desvozeadas: bilabial [p^j], alveolar [t^j] e velar [k^j]; a presença da oclusiva alveolar vozeada palatalizada [d^j], identificada em apenas uma ocorrência e ainda a realização não explodida da oclusiva velar desvozeada [k^ɿ].

Nesta análise, apresento para a língua Chiquitano um inventário de 62 realizações fonéticas, sendo 33 consonantais e 29 vocálicas. As 33 realizações fonéticas consonantais, em conformidade com os parâmetros articulatórios, apresentam as seguintes características: 13 oclusivas, 02 africadas, 09 fricativas, 01 vibrante simples, 03 nasais, 02 laterais e 03 aproximantes, demonstradas na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Fones Consonantais

	bilabial desv voz	labiodental desv voz	alveolar desv voz	alveopalatal desv	retroflexa desv	palatal voz	velar desv voz	uvular desv	glotal desv
oclusiva	p		t (d)				k g		ʔ
oclusiva não explodida							k ^ɿ		
oclusiva palatalizada	p ^j		t ^j d ^j				k ^j		
oclusiva labializada							g ^w		
oclusiva pré nasalizada							ŋk		
africada			ts	tʃ					
fricativa	β (f) v		s (z)	ʃ	ʂ			χ	h
vibrante simples			r						
nasal	m		n			ɲ			
lateral			(l)			(ʎ)			
aproximante	w					j			
aproximante nasal						ɟ̃			

As realizações [d], [f], [z], [l], [ʎ], apresentadas entre parênteses, referem-se aos sons identificados em palavras de origem do português, como: ['doʃ] 'dois', ['fakaʃ]⁸⁶ 'faca', ['mezaʃ] 'mesa'; e do espanhol: [ama'rio] 'amarillo' e ['kaʎes] 'calle', versões dadas quando solicitados os itens lexicais 'dois', 'faca', 'mesa', 'amarelo' e 'rua', respectivamente.

Fazendo uma revisão dos dados, com melhor observação dos áudios, proponho as seguintes alterações no quadro fonético vocálico: a substituição dos fones vocálicos altos anterior arredondado [y] e central arredondado [ʉ] pelo fone vocálico central alto não arredondado [ɨ]⁸⁷; o acréscimo dos fones distensos altos anterior [ɪ], posterior [ʊ], e média central [ə], e o alongamento de 13 fones vocálicos orais. Assim, o quadro dos fones vocálicos fica constituído de 29 realizações, sendo 19 orais (07 anteriores, 05 centrais e 07 posteriores) e 10 nasais (04 anteriores, 02 centrais e 04 posteriores), demonstrados na Tabela 2.

Tabela 2 – Fones Vocálicos

		anterior			central		posterior		
		não arredondada			não arredondada		arredondada		
		breve		longa	breve	longa	breve		longa
		tensa	distensa				tensa	distensa	
alta	oral	ɨ	ɪ	ɨː	ɨ	ɨː	ʉ	ʊ	ʉː
	nasal	ĩ		ĩː	ə		ũ		ũː
média fechada	oral	e		eː			o		oː
	nasal	ẽ		ẽː			õ		õː
média aberta	oral	ɛ		ɛː			ɔ		ɔː
baixa	oral				a	aː			
	nasal				ã	ãː			

⁸⁶ Essas palavras foram pronunciadas com a fricativa retroflexa desvozeada [ʃ] em coda de sílaba final, seguindo o padrão da língua, como demonstrado na seção 4.6.2, neste Capítulo.

⁸⁷ Ribeiro e Cândido (2006) postulam que a vogal alta central não arredondada [ɨ] poderia ser considerada como uma propriedade tipológica das línguas brasileiras, já que está presente em “quase todas as 107 línguas das famílias: Tupi, Macro-Jê, Karib, Tukano, Pano, Nambikuara, Txapacura, Mura, Guaykuru, Jabuti, Aruák, Arawá, Maku, Yanomami e outras isoladas”, por eles analisadas. Segundo os autores, esta propriedade poderia ser uma característica do Tronco Ameríndio, proposto por Greenberg (1987).

Tomando como ponto de partida a análise feita anteriormente por mim (SANTANA, 2005), retomo a descrição do sistema fonológico, utilizando dois procedimentos básicos: **o Contraste**, demonstrados em pares de segmentos, contrastando em ambientes idênticos ou análogos e **a Complementação**⁸⁸, em arranjos distributivos, identificando os alofones e as variantes ambientais, posicionais e livres (KINDELL, 1981; SILVA T., 2003; CALLOU E LEITE, 2003).

Na seleção dos exemplos foi dada a preferência para os contrastes em ambientes idênticos (CAI) e em sílabas tônicas e, na falta destes, foram utilizados exemplos de contrastes em ambientes idênticos (CAI) em sílabas átonas. Quando não foram encontrados exemplos em ambientes idênticos, foram utilizados exemplos de contrastes em ambientes análogos (CAA), também seguindo a preferência, em primeiro lugar, por sílaba tônica e, quando não encontrados, em sílabas átonas. Apesar de alguns dos exemplos de contrastes em ambiente idêntico (CAI) com sílabas átonas comprovarem o contraste entre os fonemas, foi apresentado, quando encontrado, outro exemplo de contraste entre os fonemas em ambientes análogos (CAA) em sílaba tônica.

4.1 – SEGMENTOS CONSONANTAIS EM CONTRASTE

Foram identificados 17 (dezessete) fonemas consonantais, contrastando em oito pontos de articulação. A distinção das oclusivas se dá nos pontos bilabial /p/, alveolar /t/, velar /k/ e /g/, e glotal /ʔ/. A distinção das africadas ocorre no ponto alveopalatal /tʃ/, e a das fricativas nos pontos labiodental /v/, alveolar /s/, alveopalatal /ʃ/, retroflexo /ʂ/⁸⁹ e glotal /h/. A

⁸⁸ Alguns autores, como Cagliari (2002), por exemplo, utilizam o termo Distribuição Complementar para tratar mais especificamente das variações ambientais e posicionais, abordando em separado a variação livre e a neutralização. Aqui, baseada em Kindell (1981), utilizo o termo Complementação para descrever o arranjo distributivo dos sons em variação, sejam eles condicionados (ambientais e posicionais), sejam livres, compreendendo também a neutralização.

⁸⁹ Baseada em Schane (1975), Pike (1976), Cagliari (2002) e Callou e Leite (2003), considere a retroflexão como lugar de articulação, acompanhando, também, a tabela do Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 1995).

distinção da vibrante simples ocorre no ponto alveolar /r/. A distinção entre as nasais ocorre nos pontos bilabial /m/, alveolar /n/ e palatal /ɲ/, e a das aproximantes se dá nos pontos bilabial /w/ e palatal /j/ (conf. Tabela 3).

4.1.1 – As Oclusivas /p, t, k, g, ʔ/

- /p/ e /t/ contrastam em ambiente idêntico (CAI) quando ocorrem em início de sílaba tônica final, antecedendo e seguindo a vogal oral baixa central /a/:

(06) a. /kiapaʃ/ → [kia'paʃ] 'caramujo da água'
 b. /kiataʃ/ → [kia'taʃ] 'alguém, outra pessoa'

- /t/ e /k/ contrastam em ambiente idêntico (CAI): ocorrem em início de sílaba tônica inicial, antecedendo a vogal oral alta central não arredondada /i/:

(07) a. /tiʃ/ → ['tiʃ] 'mosquito' (Ff)
 b. /kiʃ/ → ['kiʃ] 'capivara' (Ff)

Os fonemas /p/ e /t/ possuem dois alofones cada. São alofones de /p/: [p] e [p^j], e de /t/: [t] e [t^j], ambos explicitados em Variação Ambiental, na seção 4.2.1.1, neste Capítulo.

O fonema /k/ possui quatro alofones. Além de [k] e [k^j], explicitados em Variação Ambiental, na seção 4.2.1.1, possui o alofone [k^ɿ], resultado da realização não explodida de /k/, em decorrência do apagamento de vogal final, conforme descrito em Processos de Estruturação Silábica, na

seção 4.5.2.1; e o alofone [ŋk], resultado de uma pré-nasalização de /k/, conforme descrito em Processos de Assimilação, na seção 4.5.1.2, neste Capítulo.

- /k/ e /g/ contrastam em ambientes análogos (CAA): em (08), ocorrem em início de sílaba tônica final, antecedendo a vogal oral média fechada posterior arredondada /o/; em (09), ocorrem em sílaba medial átona pós-tônica, seguindo a vogal oral média fechada posterior arredondada /o/:

(08) a. /nopiokoʃ/ → [nopʲoˈkɔʃ] ⁹⁰	‘peixe’
b. /kusagoʃ/ → [kutsaˈgɔʃ] ⁹¹	‘nuvem’
(09) a. /hogavo/ → [ˈhogavu] ⁹²	‘seco’
b. /hokoro/ → [ˈhokoru]	‘azedo’

Sobre a oclusiva velar /g/, Riester (1986) menciona que ela não existia na língua Chiquitano e que, agora, a sua presença se caracteriza na fala feminina e nos empréstimos. Em trabalhos mais recentes sobre a língua Chiquitano na Bolívia (CASTRO ET AL, 2003; CASTRO, 2008a e 2008b; SANS, 2010) não foram encontradas referências quanto à ocorrência da oclusiva velar vozeada /g/⁹³.

⁹⁰ A vogal média aberta posterior arredondada [ɔ] é alofone da vogal média fechada posterior arredondada /o/, conforme demonstrado em Variação Livre, na seção 4.4.2.2, neste Capítulo.

⁹¹ A africada alveolar desvozeada [ts] é alofone da fricativa alveolar desvozeada /s/, conforme demonstrado em Variação Livre, na seção 4.2.2.3, neste Capítulo.

⁹² A vogal distensa [u] é alofone das vogais orais posteriores arredondadas alta /u/ e média fechada /o/, conforme demonstrado em Variação Posicional, na seção 4.4.1.2, neste Capítulo.

⁹³ Ressalta-se que estas pesquisas foram realizadas em regiões diferentes. Riester (1986) menciona que esta publicação se refere a um levantamento linguístico feito por ele e pelo estudioso Max Fuss nas Províncias de Velasco, Chiquitos e Sandoval. Os outros estudos da variedade boliviana foram realizados na região de Lomerio, na província de Ñuflo de Chaves.

Tendo em vista a situação sociolinguística das comunidades Chiquitano onde foi realizada a pesquisa, ainda não foi possível investigar a existência desse fonema também na fala masculina. Assim, a oclusiva velar vozeada /g/, apesar de ter sido considerada aqui como fonema, carece de maiores investigações, uma vez que foi encontrada em um número bastante reduzido de palavras, diante de vogais não anteriores, e pronunciadas apenas por mulheres.

- /k/ e /ʔ/ contrastam em ambiente idêntico (CAI): ocorrem em início de sílaba tônica final, antecedendo e seguindo a vogal oral média fechada posterior arredondada /o/:

(10) a. /nokoʃ/	→ [no ^h 'koʃ]	‘abóbora’
b. /noʔoʃ/	→ [no ^h 'ʔoʃ]	‘dente’

- /ʔ/ e /h/ contrastam em ambientes análogos (CAA): em (11) ocorrem em início de sílaba pós tônica final⁹⁴, precedendo a vogal oral alta posterior arredondada /u/; em (12), ocorrem em início de sílaba átona final, seguindo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/ e precedendo as vogais médias fechadas posteriores arredondadas nasal /õ/ e oral /o/ (realizada como [u]):

(11) a. /akiaʔu/	→ [aki ^h 'aʔu]	‘arrancar (mandioca)’
b. /ajauhu/	→ [aja ^h 'uhu]	‘abra! (IMP)’
(12) a. /okusiʔõ/	→ [oku ^h 'tsiʔõ]	‘brigar’
b. /asusiho/	→ [asu ^h 'tsihu]	‘aceitou’

⁹⁴ Nos dados que disponho, não foram encontrados exemplos de contrastes em início de sílabas iniciais e/ou mediais.

4.1.2 - A Africada /tʃ/

- /tʃ/ e /ʃ/ contrastam em ambiente idêntico (CAI): em (13), ocorrem em início de sílaba tônica medial entre as vogais orais alta anterior /i/ e baixa central /a/, e, em (14), ocorrem em início de sílaba átona final, entre as vogais nasal alta anterior /ĩ/ e oral baixa central /a/.

- (13) a. /itʃaka/ → [i 'tʃakə] 'eu bebo / bebi'
 b. /iʃaka/ → [i 'ʃakə] 'eu como / comi'
- (14) a. /niĩtʃa/ → [ni 'ĩtʃa] 'joelho'
 b. /niĩʃa/ → [ni 'ĩʃa] 'xará (homem)'

- /tʃ/ e /t/ contrastam em ambientes análogos (CAA): em (15), ocorrem em início de sílaba tônica inicial, antecedendo a vogal oral central baixa /a/, e, em (16), ocorrem em início de sílaba átona inicial antecedendo a vogal oral alta anterior /i/:

- (15) a. /tʃavo/ → ['tʃavu] 'beber'
 b. /tavuro/ → ['tavuru] 'ver/estou vendo'
- (16) a. /tʃikiʃ/ → [tʃi 'kiʃ] 'ovo'
 b. /tipiʃ/ → [ti 'piʃ] 'formiga' (Ff)

- /tʃ/ e /s/ contrastam em ambientes idênticos e análogos: em (17), (CAI), ocorrem em início de sílaba pré-tônica inicial, antecedendo a vogal oral baixa central /a/; em (18), (CAA), ocorrem em início de sílaba tônica medial, antecedendo a vogal oral alta posterior

arredondada /u/ e seguindo as vogais orais anteriores não arredondadas /i/ e /e/:

- (17) a. /tʃapoɣ/ → [tʃa'pɔɣ] 'copo'
 b. /sapoɣ/ → [sa'pɔɣ] 'sapo' (Ff)
- (18) a. /nitʃusi/ → [ni'tʃusɪ]⁹⁵ 'meu peito / tórax'
 b. /nesuki/ → [ne'sukɪ]⁹⁶ 'meus cílios'

4.1.3 - As Fricativas /v, s, ʃ, ɣ, h/

- /v/ e /s/ contrastam em ambientes análogos (CAA): em (19) ocorrem em início de sílaba tônica final, precedendo a vogal oral anterior alta não arredondada /i/ e seguindo a vogal oral alta posterior arredondada /u/; em (20) ocorrem em início de sílaba átona inicial, precedendo a vogal oral central baixa /a/.

- (19) a. /tuviʃ/ → [tu'viʃ] 'concha de rio'
 b. /susiʃ/ → [su'siʃ] 'cervo' (Ff)
- (20) a. /vaiɣ/ → [va'iɣ] 'coelho' (Ff)
 b. /saũɣ/ → [sa'ũɣ] 'formigão' (Ff)

⁹⁵ Tormo (1993, p. 69-70) declara que em Chiquitano, os substantivos que designam nomes de parentesco, partes do corpo humano, qualidade ou sentimentos apresentam declinação pessoal, expressando uma relação de propriedade, de posse. Esta declinação é formada por prefixos e radicais e ambos podem sofrer variações morfológicas. Apesar de não ter feito estudo morfológico da língua Chiquitano no Brasil, percebe-se, com base nas informações de Tormo (1993), que os prefixos {ni-} e {ne-}, agregados aos nomes, parecem indicar posse inalienável de 1ª pessoa.

⁹⁶ A vogal oral distensa [ɪ] é alofone das vogais orais anteriores alta /i/ e média fechada /e/, conforme demonstrado em Variação Posicional, na seção 4.4.1.1, neste Capítulo.

- /v/ e /ʃ/ contrastam em ambientes idênticos e análogos: em (21), (CAI), ocorrem em início de sílaba átona inicial precedendo a vogal oral média fechada posterior arredondada /o/. Em (22), (CAA), ocorrem em início de sílaba tônica final antecedendo a vogal oral anterior não arredondada /i/ e seguindo as vogais orais altas posterior arredondada /u/ e anterior não arredondada /i/:

(21) a. /vouɣ/ → [vo¹uɣ] 'mel' (Ff)

b. /ʃous/ → [ʃo¹us] ‘cobra’ (Ff)

(22) a. /tuviʃ/ → [tu¹viʃ] 'concha de rio'

b. /niʃiʃ/ → [ni¹ʃiʃ] 'bicho, larva'

O fonema /v/ possui três alofones em variação livre: [v], [β] e [w], conforme explicitados em Variação Livre, na seção 4.2.2.1, neste Capítulo.

- /s/ e /ʃ/ contrastam em ambientes análogos (CAA). Em (23) ocorrem em início de sílaba tônica medial, seguindo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/ e antecedendo as vogais orais altas central não arredondada /ɪ/ e posterior arredondada /u/. Em (24) ocorrem em início de sílaba tônica medial, precedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/, após as vogais orais anteriores não arredondadas /i/ e /e/:

(23) a. /isita/ → [i 'sitə]⁹⁷ 'eu chupo, sugo o caldo'

b. /iʃukapu/ → [i^h ʃukapu] ‘eu tenho medo’

⁹⁷ A vogal [ə] é alofone da vogal oral baixa central /a/, conforme demonstrado em Variação Posicional, na seção 4.4.1.3, neste Capítulo.

- (24) a. /nesitʃi/ → [neˈsitʃɪ] ‘sua filha’
 b. /niʃiʃ/ → [niˈʃiʃ] ‘bicho, larva’

- /s/ e /ʃ/ contrastam em ambiente idêntico (CAI): ocorrem em início de sílaba tônica final, antecedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/ e seguindo a vogal oral posterior média fechada arredondada /o/:

- (25) a. /poʃiʃ/ → [pɔɔˈʃiʃ] ‘casa grande/antiga’
 b. /poosiʃ/ → [pɔɔˈsiʃ] ‘peteca’ (um tipo de brinquedo)

- /s/ e /h/ contrastam em ambiente idêntico (CAI): ocorrem em início de sílaba tônica inicial, antecedendo a vogal oral média fechada posterior arredondada /o/:

- (26) a. /sovi/ → [ˈsoʋɪ] ‘meu’
 b. /hovi/ → [ˈhoʋɪ] ‘seu, teu’

O fonema /s/ possui dois alofones em variação livre. São alofones de /s/: [s] e [ts], ambos explicitados em Variação Livre, na seção 4.2.2.3, neste Capítulo.

- /ʃ/ e /ʒ/ contrastam em ambientes análogos (CAA): em (27) ocorrem em início de sílaba tônica medial, precedendo a vogal oral alta posterior arredondada /u/ e seguindo as vogais orais posteriores arredondadas, alta /u/ e média fechada /o/; em (28) ocorrem em início de sílaba tônica final, precedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/:

- (27) a. /uʒuʒio/ → [u'ʒuʒiw] 'frio'
 b. /noʒunuma/ → [no'ʒunumã]⁹⁸ 'beija-flor' (Fm)
- (28) a. /maʒaʒiʒ/ → [maʒa'ʒiʒ] 'macaco bugio' (Ff)
 b. /niʒiʒ/ → [ni'ʒiʒ] 'bicho, larva'

- /ʒ/ e /r/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em início de sílaba tônica final, precedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/:

- (29) a. /vaʒoʒiʒ/ → [vaʒo'ʒiʒ] 'flauta'
 b. /vaʒuriʒ/ → [vaʒu'riʒ] 'anu preto' (Ff)

- /ʒ/ e /h/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em início de sílaba átona inicial, precedendo a vogal oral posterior média fechada arredondada /o/:

- (30) a. /ʒoʒiiʒ/ → [ʒoʒi'iʒ] 'arco-íris'
 b. /hoʒiiʒ/ → [hoʒi'iʒ] 'fundo'

Observando nos dados os registros da retroflexa [ʒ] e da glotal [h], percebe-se que [ʒ] está quase sempre em coda de sílaba final: ['pɔʒ] 'casa', [ta'aʒ] 'chuva' e [h] quase sempre em ataque de sílaba inicial: [husi'na] 'está doce', ['hokoro] 'azedo'. Pouquíssimos casos de ambos foram encontrados em ataque de sílabas medial e final. Um único caso foi

⁹⁸ Os prefixos {no-} e {nu-} são utilizados em fala masculina. Conferir comentários sobre este assunto neste trabalho no Capítulo III (seção 3.2.1).

encontrado com [ɣ] em ataque de sílaba inicial: [ɣoɣi 'iɣ] ‘arco-íris’ e nenhum caso foi encontrado com [h] em coda de sílaba final.

Na tentativa de se demonstrar todos os contrastes identificados nos registros dos dados, relacionamos, ainda, um exemplo de contraste entre a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/ e a sua ausência, ou seja, /ø/.

- /ɣ/e {ø} contrastam em ambiente idêntico (CAI): em (31a.), a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/ ocorre em final de sílaba tônica final, após a vogal oral baixa central /a/ e, em (31b.), essa consoante não ocorre:

- (31) a. /taaɣ/ → [ta 'aɣ] ‘chuva’
 b. /taa/ → [ta 'a] ‘lá’

A fricativa retroflexa desvozeada [ɣ] é bastante significativa na língua Chiquitano, por isso a importância em se certificar o seu *status* de fonema. Apesar da pouca ocorrência em ataque de sílabas: iniciais [ɣoɣi 'iɣ] ‘arco-íris’, mediais [o 'ɣugavɯ] ‘bêbado’ e finais [tamo 'ɣiɣ] ‘águia’ (Ff), ela é muito frequente em coda silábica final, na maioria dos nomes e, também, está muito presente no uso de palavras do português ou do espanhol, funcionando como “uma marca de identificação linguística Chiquitano”⁹⁹, tanto para nomes comuns, quanto para nomes próprios. Ex.: ['mezaɣ] ‘mesa’, [lorē 'soɣ] ‘Lourenço’, ['siɬaɣ] ‘silla - cadeira’.

O fonema /ɣ/, quando em coda silábica final, possui dois alofones em variação livre. São alofones de /ɣ/: [ɣ] e [χ] conforme demonstrado em Variação Livre, na seção 4.2.2.2, neste Capítulo.

⁹⁹ Pela ocorrência aparentemente exclusiva nos nomes, é possível que a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/, na língua Chiquitano, seja um marcador nominal, mas ainda é preciso estudos neste sentido para confirmar esta hipótese.

4.1.4 – A Vibrante Simple /r/

- /r/ e /s/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em início de sílaba tônica final, precedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/ e seguindo as vogais orais altas central não arredondada /ɨ/ e posterior arredondada /u/:

(32) a. /kɪrɪʃ/ → [kɪ¹ rɪʃ]

'jacaré' (Ff)

b. /kusiʃ/ → [ku^ʰsiʃ]

‘palmeira / coco babaçu’

- /r/ e /n/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em início de sílaba tônica final, precedendo a vogal oral média fechada anterior não arredondada /e/ e seguindo a vogal oral média fechada posterior arredondada /o/:

(33) a. /nokores/ → [noko 'rɛs]¹⁰⁰

'cigarra' (Fm)

b. /takones/ → [takonɛs]

'cana'

4.1.5 - As Nasais /m, n, ɲ/

- /m/ e /n/ contrastam em ambiente idêntico (CAI): ocorrem em início de sílaba tônica final, antecedendo a vogal oral média fechada anterior não arredondada /e/ e após a vogal oral média fechada posterior arredondada /o/:

¹⁰⁰ A vogal oral média aberta anterior não arredondada [ɛ] é alofone da vogal oral média fechada anterior não arredondada /e/, conforme demonstrado em Variação Livre, na seção 4.4.2.1, neste Capítulo.

- (34) a. /takomes/ → [tako 'mɛs] 'laranja'
 b. /takones/ → [tako 'nɛs] 'cana'

- /m/ e /ɲ/ contrastam em ambientes análogos (CAA). Em (35), ocorrem em início de sílaba tônica medial, precedendo a vogal oral baixa central não arredondada /a/, e em (36) ocorrem em início de sílaba tônica final, precedendo a vogal oral média fechada anterior não arredondada /e/:

- (35) a. /kamana/ → [ka 'mãna]¹⁰¹ 'aqui, cá'
 b. /kipana/ → [ki 'pãna] 'debaixo'

- (36) a. /momes/ → [mo 'mɛs] 'instrumento de pesca'
 b. /napes/ → [na 'ɲɛs] 'carne'

- /n/ e /ɲ/ contrastam em ambientes análogos (CAA): em (37) ocorrem em início de sílaba tônica final, precedendo a vogal oral média fechada anterior não arredondada /e/. Em (38), ocorrem em início de sílaba átona inicial, precedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/:

- (37) a. /nanenes/ → [nanɛ 'nɛs] 'o dia'
 b. /napes/ → [na 'ɲɛs] 'carne'
- (38) a. /nioka/ → [ni 'okə] 'abelhas'
 b. /pioto/ → [ɲĩ 'otu] 'minha língua'

¹⁰¹ Nos exemplos dados, a nasalização das vogais central [a], em (35a e 35b), e da anterior alta não arredondada [i], em (38b), está condicionada à proximidade com as consoantes nasais vozeadas: bilabial [m], alveopalatal [n] e palatal [ɲ]. Conferir explicações sobre este tipo de nasalização em Processos de Assimilação, na seção 4.5.1.4, neste Capítulo.

O fonema /ɲ/ possui três alofones em variação livre. São alofones de /ɲ/: [ɲ], [j] e [ʝ], conforme explicados em Variação Livre, na seção 4.2.2.4, neste Capítulo.

4.1.6 - As Aproximantes /w, j/

- /w/ e /j/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em início de sílaba átona inicial, precedendo a vogal oral baixa central /a/:

(39) a. /watatʃevo/ → [wataˈtʃevu] ‘alguém está cansado’
 b. /jatatʃeka/ → [jataˈtʃekə] ‘eu estou cansado’

- /w/ e /ʃ/ contrastam em ambiente idêntico (CAI)¹⁰²: ocorrem em início de sílaba átona inicial, precedendo a vogal oral baixa central não arredondada /a/:

(40) a. /wakipu/ → [waˈkipu] ‘vamos mandar’
 b. /ʃakipu/ → [ʃaˈkipu] ‘eu mandei’

- /j/ e /h/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em início de sílaba átona inicial; em (41) precedem a vogal oral baixa central não arredondada /a/ e em (42) precedem a vogal oral média fechada posterior arredondada /o/:

(41) a. /jasunaʃ/ → [jasuˈnaʃ] ‘raio’
 b. /hasatimo/ → [hasaˈtimu] ‘olha para ele’

¹⁰² Apesar dos fones [w] e [ʃ] não serem foneticamente semelhantes, utilizei-os como exemplos de contraste em ambiente idêntico, porque o par mínimo formado entre eles reforça o *status* de fonema da aproximante bilabial desvozeada /w/.

- (42) a. /jopouʃ/ → [jopoˈuʃ] ‘cera’
 b. /hotɪɪʃ/ → [hotɪˈɪʃ] ‘fundo’

Apesar dos poucos exemplos de ocorrência dos segmentos /w/ e /j/ (e estes quase sempre antecedendo a vogal /a/), os considereei, tendo como base os contrastes em ambientes análogos, como fonemas consonantais.

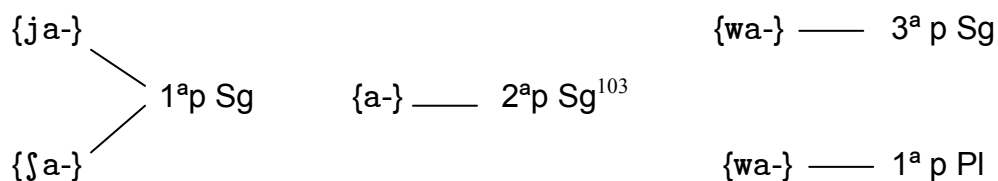
Em estudo recente sobre a língua Chiquitano na Bolívia, Sans (2010) denominou as aproximantes palatal [j] e bilabial [w] de semivogal palatal, e semivogal labiovelar, respectivamente. O autor postulou a semivogal palatal [j] como alofone da vogal alta anterior /i/ quando tal vogal é semi vocalizada, ocorrendo entre vogal e consoante: ['tajta] 'tio' e entre consoante e vogal: [nopjo'koχ] 'peixe'. Segundo ele, tal semivogal palatal também pode ocorrer entre duas vogais, em posição de ataque silábico: [ʃ^japa'juka] 'disparar com arma' e ainda pode iniciar palavra, se seguida por vogal: [jore'soɕ] 'flauta', ou finalizar palavra, se anteceder por vogal: ['tʃim^jantaj] 'pouco'. Já a aproximante bilabial [w] foi caracterizada como alofone de /β/ quando posicionada entre duas vogais: [tuβa'siʃ] ~ [tuwa'siʃ] 'pato'.

Essa semivogal labiovelar, segundo o referido autor, é alofone de /u/ quando está entre consoante e vogal: [tʃa'swes] 'cabaça' ou entre vogal e consoante: [nawsa'siʃ] 'coração'. Também pode ser encontrada em posição inicial de palavra, quando seguida de vogal: [wi'māmakama] 'secar'. Em ambos os casos, [w] e [u] estão em variação livre quando o fonema for parte de ditongo.

Estas postulações de Sans (2010) não puderam ser totalmente testadas e confrontadas com os dados de que disponho. Desta forma, as aproximantes /w/ e /j/ foram classificadas, na variedade Chiquitano brasileira, como fonemas consonantais quando ocorrem em início de sílaba, em posição de ataque, conforme demonstrado nos exemplos (39), (40), (41) e

(42). Outras realizações de tais aproximantes, como resultantes de processos de consonantização de /i/ e de /u/, são tratadas, neste mesmo Capítulo, em Processos de Estruturação Silábica, na seção 4.5.2.7.

Mesmo não tendo feito a análise morfológica da língua, observei que os segmentos /w/, /j/ e /ʃ/ parecem compor um sistema de marcação de pessoa na morfologia verbal, aparentemente sugerindo:



Isto pode ser observado nas sílabas iniciais dos exemplos (39), (40) e a seguir em (43) e (44):

- | | |
|-----------------------------|---------------------|
| (43) a. /atopi/ → [a' tɒpi] | 'vá tomar banho' |
| b. /watopi/ → [wa' tɒpi] | 'vamos tomar banho' |
| (44) a. /akipo/ → [a' kɪpu] | 'vai mandar' |
| b. /wakipo/ → [wa' kɪpu] | 'vamos mandar' |

Apesar de parecer uma hipótese plausível, estas observações carecem de averiguação cuidadosa em análise posterior sobre a morfologia da língua.

Situação análoga é descrita por Mori (2008, p. 66) para a língua Mehináku (Aruak). Mori também considera tais aproximantes como fonemas e menciona que uma das interpretações para tal comportamento é o fato de estas consoantes exercerem uma função relevante na morfologia da língua, como, por exemplo, a marcação de pessoa.

¹⁰³ Apesar de os exemplos (43a) e (44a) em que aparece o morfema {a-}, estarem no modo Imperativo, foram registradas, também, ocorrências desse morfema nos modos Indicativo e Interrogativo como podem ser conferidas nos exemplos: (47a), (50a) e (53c).

4.2– SEGMENTOS CONSONANTAIS EM COMPLEMENTAÇÃO

A complementação dos segmentos consonantais é caracterizada em variações ambientais e livres.

4.2.1 – Variação Ambiental

4.2.1.1 – Os segmentos [p] e [p^j], [t] e [t^j], [k] e [k^j]

- [p] e [p^j] estão em variação nos seguintes ambientes: a oclusiva bilabial desvozeada /p/ realiza-se como [p^j] em início de sílabas tônicas, pré e pós tônicas, antecedendo a vogal alta anterior não arredondada /i/, quando esta antecede as vogais orais baixa central /a/ e as médias fechadas anterior não arredondada /e/, e posterior arredondada /o/:

- (45) a. /nipieta/ → [ni^jˈp^jetə] ‘meu calcanhar’
 b. /piotuʃ/ → [p^jo^jˈtuʃ] ‘coisa velha’
 c. /piavoʃ/ → [p^ja^jˈvoʃ] ‘macaco curiango’ (Ff)
 d. /nikipioʃ/ → [ni^jˈkip^joʃ] ‘minha barriga’

[p] ocorre nos demais ambientes:

- (46) a. /tʃopenire/ → [tʃope^jˈniɾɪ] ‘não tem nome’
 b. /napae/ → [na^jˈpae] ‘neto, neta’
 c. /kupikiʃ/ → [kupi^jˈkiʃ] ‘mocinha’
 d. /nipariête/ → [nipari^jˈêɾɪ] ‘meu parente’

- [t] e [t^j] estão em variação nos seguintes ambientes: a oclusiva alveolar desvozeada /t/ realiza-se como [t^j] em início de sílabas tônicas, pré e pós tônicas antecedendo a vogal alta anterior não arredondada /i/, quando esta antecede as vogais orais: baixa central /a/, alta posterior arredondada /u/ e média fechada posterior arredondada /o/:

- (47) a. /anitiaka/ → [ani^jt^jakə] ‘você está falando’
 b. /tiakiʃ/ → [t^ja^jkiʃ] ‘pele, casca, couro’
 c. /tiuruʃ/ → [t^ju^jruʃ] ‘porta’
 d. /tioruʃ/ → [t^jo^jruʃ] ‘bicho-de-pé’ (Ff)
 e. /sâtiaʃ/ → [ˈsât^jaʃ] ‘melancia’

[t] ocorre nos demais ambientes:

- (48) a. /kituviʃ/ → [kitu^jviʃ] ‘buraco, poço’
 b. /tîteriʃ/ → [tîte^jriʃ] ‘boneca’
 c. /vaita/ → [ˈvajta] ‘um pouco’
 d. /kitoʃ/ → [ki^jtoʃ] ‘pó’

Foi identificado, ainda, no inventário dos dados, um possível par mínimo para as oclusivas alveolares [t] e [t^j]:

- (49) a. /turuʃ/ → [tu^jruʃ] ‘caramujo do seco’
 b. /tiuruʃ/ → [t^ju^jruʃ] ‘porta’

Apesar da evidência de distinção fonêmica demonstrada por tal contraste, optei por postular para estas oclusivas uma variação ambiental, condicionada pela presença da vogal oral alta anterior não arredondada /i/,

antecedendo a vogal oral alta posterior arredondada /u/. Uma hipótese para este caso é que a vogal oral alta anterior [i] desaparece, mas mantém o traço alto pela palatalização da oclusiva alveolar /t/.

- [k] e [k^j] estão em variação nos seguintes ambientes: a oclusiva velar desvozeada /k/ realiza-se como [k^j] em início de sílabas pré e pós tônicas, antecedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/, quando esta antecede as vogais orais: baixa central [a]; médias fechadas anterior não arredondada /e/ e posterior arredondada /o/:

- (50) a. /aikiokota/ → [ajk^jo^j 'kɔta] 'você acredita'
 b. /kietɪs/ → [k^jɛ 'tɪs] 'suvela'
 c. /asikia/ → [a 'sik^ja] 'fica'
 d. /tosivikio/ → [to^j 'sivik^jo] 'estão gritando'

[k] ocorre nos demais ambientes:

- (51) a. /nioka/ → [ni 'okə] 'abelhas'
 b. /ikamana/ → [ika 'mana] 'aqui, cá'
 c. /aveiko/ → [a 'vejku] 'está cheio, satisfeito'
 d. /aitʃokoka/ → [ajtʃo^j 'kɔkə] 'dançar'

Assim, os fones palatalizados [p^j], [t^j] e [k^j] são, respectivamente, alofones opcionais dos fonemas /p/, /t/ e /k/, antes das vogais orais: baixa central /a/, média fechada anterior não arredondada /e/, alta posterior arredondada /u/ e média fechada posterior arredondada /o/.

palatalizada vozeada [dʲ], foram registradas, neste momento, apenas no inventário fonético da língua.

- O fone oclusivo velar labializado vozeado [gʷ] também foi encontrado em apenas uma ocorrência: [gʷaˈjɐvɐʃ] ‘*guayaba*’. Supõe-se que esta palavra seja a palavra ‘goiaba’ em espanhol. Assim, a oclusiva velar labializada vozeada [gʷ] foi registrada, neste momento, apenas no inventário fonético da língua.

4.2.2 – Variação Livre

Sobre as variações posicionais e livres, Hyman (1975, p. 65) declara que é possível dois fones aparecerem no mesmo contexto sem causar uma mudança de significado. Neste caso, eles são geralmente analisados como variantes livres ou variantes posicionais. Tais diferenças, segundo o autor, parecem não ter efeito sobre o estabelecimento de contrastes fonêmicos, e um mesmo falante pode, às vezes, usar uma realização fonética de um fonema e, às vezes, a outra.

Considerando os aspectos fonéticos e fonológicos da língua Chiquitano, apresentam-se as variações livres como duas formas que podem coexistir na língua, como alternativas para dizer a mesma coisa, e a escolha/determinação dos fonemas consonantais, na maioria dos casos apresentados neste trabalho, foi determinada pela recorrência e frequência na pronúncia durante a coleta e a elicitación dos dados. Desta forma, estão em variação livre:

4.2.2.1 – Os segmentos [v], [β] e [w]

- [v] e [β] variam livremente: a fricativa labiodental vozeada /v/ torna-se uma fricativa bilabial vozeada [β] antecedendo vogais:

- (54) a. /vesiro/ → ['vesirv] ~ ['βesirv] 'correto'
 b. /estovuka/ → [esto 'vukə] ~ [esto 'βukə] 'eu assustei'
 c. /noviʃaʃ/ → [novi 'ʃaʃ] ~ [noβi 'ʃaʃ] 'ovelha'
 d. /kioviʃ/ → [kio 'viʃ] ~ [kio 'βiʃ] 'macaco' (Ff)
 e. /aitʃovus/ → [ajtʃo 'vus] ~ [ajtʃo 'βus] 'folgada'
 f. /tikiovo/ → [ti 'kiovv] ~ [ti 'kioβv] 'já nasceu'

Historicamente, segundo os autores bolivianos Krüsi & Krüsi (1978) e Castro et al (2003), havia a evidência da presença da fricativa bilabial vozeada /β/ no quadro fonológico da língua Chiquitano. Hoje, segundo esses mesmos autores, nas variedades bolivianas a fricativa bilabial vozeada [β] alterna livremente com a oclusiva bilabial vozeada [b], sendo esta oclusiva o fonema escolhido para representar os sons em variação: [β] ~ [b] → /b/.

Ainda sobre a língua Chiquitano nas comunidades bolivianas da Região de Lomerio¹⁰⁴, Pierric Sans (2010, p. 56) afirma que o fonema /β/ possui quatro alofones: [β], [b], [w] e [m]:

- [b] e [β] são registrados em início de palavras, em sílabas átonas: [βoro 'kiʃ] 'fundo', [bu 'ʃiʃ] 'flauta';
- [b] realiza-se em início de sílaba tônica: [nuβato 'bjɔχʃ] 'cascavel';
- [w] está entre as vogais [u _a]: [tuβa 'siʃ] ~ [tuwa 'siʃ] 'pato'
- e [m] em contexto de nasalização: [nisumē 'nuʃ] ~ [nisuβē 'nuʃ] 'ninho'.

Aqui no Brasil, em função do contato da língua Chiquitano com o português, era de se esperar que também ocorresse alternância entre [β] e [b], já que a oclusiva bilabial vozeada /b/ é um fonema no português brasileiro. No entanto, observa-se que a alternância não acontece. A

¹⁰⁴ Departamento de Ñuflo de Chaves, Província de Santa Cruz de la Sierra.

Deste modo, [v], [β] e [w] são variantes do mesmo fonema, a fricativa labiodental vozeada /v/. A escolha da fricativa labiodental vozeada /v/, como fonema, se justifica por sua distribuição mais ampla no corpus, conforme discussão e exemplos apresentados.

4.2.2.2 – Os segmentos [ɣ] e [χ]

- [ɣ] e [χ] variam livremente em final de palavras. A fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/ torna-se uma fricativa uvular desvozeada [χ] quando segue as vogais orais altas central /ɨ/ e posterior /u/, e a baixa central /a/:

- (58) a. /noniɣ/ → [nõni 'ɨɣ] ~ [nõni 'ɨχ] 'homem'
 b. /peemakaɣ/ → [pɛɛma 'kaɣ] ~ [pɛɛma 'kaχ] 'comida'
 c. /sunaɣ/ → [suna 'uɣ] ~ [suna 'uχ] 'alto, grande'

Assim, [χ] e [ɣ] são variantes do mesmo fonema, a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/.

Sans (2010) trata desta variação mencionando que a fricativa uvular desvozeada [χ], pronunciada com menor intensidade¹⁰⁶ em final de palavras, constitui um alofone da fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/. O referido autor diz ainda que no *corpus* coletado por ele, essa variação foi encontrada apenas na fala de uma mulher, o que poderia caracterizar uma diferença nas falas masculina e feminina, já que a língua Chiquitano tem essa característica. No entanto, ele afirma que não encontrou, em autores que fazem referências à

¹⁰⁶ Kindell (1981, p. 58-59) também exemplifica uma aparente variação livre condicionada pela intensidade da fala. Segundo a autora, “na língua Yanomami, [y] e [dʒ] mostram-se condicionados da seguinte maneira: usa-se o [y] com ritmo e intensidade normal e o [dʒ] ao falar devagar, ou ao dar ênfase a uma sílaba: ['yadʒɨ] ~ ['dʒayɨ] ~ ['yayɨ] ‘minha tia’”.

diferença entre as falas feminina e masculina nesta língua, menção a este tipo de variação entre tais fricativas.

Diante desta observação, não posso deixar de ressaltar que os participantes da pesquisa, “lembradores da língua”, com os quais tenho coletado dados sobre a língua Chiquitano, são na maioria mulheres, o que pode ter uma correspondência com a diferença de fala feminina mencionada por Pierric Sans (2010).

4.2.2.3 – Os segmentos [s] e [ts]

- [s] e [ts] variam livremente em início de sílabas inicial, medial e final:

(59) a. /seresuʊʂ/ → [tseresu'ʊʂ] ~ [seresu'ʊʂ]	‘sol se pondo’
b. /sunuma/ → [sunu'mã] ~ [tsunu'mã]	‘muito’
c. /pusioʂ/ → [pusi'ɔʂ] ~ [putsi'ɔʂ]	‘flor’
d. /husara/ → ['hutsarə] ~ ['husarə]	‘derramou’
e. /ʂaresiʂ/ → [ʂare'tsiʂ] ~ [ʂare'siʂ]	‘cupim’ (Ff)
f. /kiisoʂ/ → [kii'tsoʂ] ~ [kii'soʂ]	‘areia’

Deste modo, [ts] e [s] são variantes do mesmo fonema, a fricativa alveolar desvozeada /s/.

4.2.2.4 – Os segmentos [ɲ], [j] e [ʝ]

- [ɲ] e [j] variam livremente antes de vogais orais em início de sílabas átonas inicial (60a), medial (60b) e final (60c):

(60) a. /ɲanaʊʂ/ → [ɲana'ʊʂ] ~ [jana'ʊʂ]	‘roça’
b. /aɲanokoʔo/ → [aɲano'koʔo] ~ [ajano'koʔo]	‘acenda’
c. /koɲo/ → ['kõɲo] ~ ['kõjo]	‘morreu’

- [ɲ] e [j] ocorrem livremente antes de vogais nasais em início de sílabas tônicas inicial (61a), medial (61b) e final (61c) e (61d):

(61) a. /ɲakres/ →	['ɲākres] ~ ['jākres]	‘boneca’
b. /kipana/ →	[ki 'ɲānə] ~ [ki 'jānə]	‘debaixo’
c. /anapa/ →	[ana 'ɲā] ~ [ana 'jā]	‘todo, inteiro’
d. /sutopes/ →	[sutō 'ɲēs] ~ [sutō 'jēs]	‘estrela’ (Ff)

Deste modo, [ɲ], [j] e [j̃] são variantes do mesmo fonema, a nasal palatal vozeada /ɲ/.

Foram registrados, ainda, casos de alternância entre os segmentos /s/~/ʃ/ e /ʒ/~/ʒ/, cada um em uma única ocorrência. Tais casos foram tratados como neutralização e explicitados em Processos de Neutralização, nas seções 4.5.4.2 e 4.5.4.3, neste Capítulo.

4.3 – SEGMENTOS VOCÁLICOS EM CONTRASTES

Na língua Chiquitano foram encontrados 11 (onze) fonemas vocálicos, os quais são apresentados em pares, contrastando em ambientes idênticos ou análogos. Também são apresentados alguns segmentos vocálicos que se encontram em variação.

4.3.1 - As Vogais Orais Anteriores [i, e]

- /i/ e /e/ contrastam em ambientes análogos (CAA). Ambos ocorrem em sílaba tônica final, precedendo as fricativas desvozeadas alveolar

/s/ e alveopalatal /ʃ/; em (62) seguem a vibrante simples alveolar vozeada /r/ e em (63) seguem a oclusiva bilabial desvozeada /p/:

- (62) a. /natereres/ → [nātere' res] 'tripa'
 b. /piririʃ/ → [piri' riʃ] 'perdiz do campo' (Ff)
- (63) a. /tipiʃ/ → [ti' piʃ] 'formiga' (Ff)
 b. /sepes/ → [sɛ' pɛs] 'formiga carregadeira' (Ff)

Os fonemas /i/ e /e/ possuem, respectivamente, três alofones cada. São alofones de /i/: [i], [ɪ] e [j], e de /e/: [e], [ɛ] e [ɪ], conforme explicitado em Variação Posicional, na seção 4.4.1.1, e em Variação Livre, na seção 4.4.2.1, neste Capítulo.

4.3.2 - As vogais Orais Centrais [ɨ, a]

- /ɨ/ e /a/ contrastam em ambientes idênticos (CAI); ocorrem após a oclusiva velar desvozeada /k/, seguidos da fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/:

- (64) a. /sukɨɣ/ → [su' kɨɣ] 'lágrima'
 b. /sukaɣ/ → [su' kaɣ] 'tipo de peixe'

O fonema /a/ possui dois alofones: [a] e [ə], conforme explicitado em Variação Posicional, na seção 4.4.1.3, e o fonema /ɨ/ realiza-se apenas como [ɨ].

4.3.3 - As Vogais Orais Posteriores [u, o]

- /u/ e /o/ contrastam em ambiente idêntico (CAI): ocorrem em sílaba tônica final, seguindo a oclusiva alveolar desvozeada /t/ e antecedendo a fricativa retroflexa desvozeada /ɬ/:

(65) a. /notuʃ/ → [noˈtuʃ] ‘pica-pau’ (Fm)

b. /notos/ → [noˈtɔs] ‘sangue’

Os fonemas /u/ e /o/ possuem três alofones cada. São alofones de /u/: [u], [ʊ] e [w], e de /o/: [o], [ɔ] e [ʊ], conforme explicitados em Variação Posicional, seção 4.4.1.2, e em Variação Livre, seção 4.4.2.2, neste Capítulo.

4.3.4 - As vogais Orais Altas [i, ɨ, u]

- /i/ e /i:/ contrastam em ambientes análogos (CAA). Em (66) ocorrem em início de sílaba tônica final, seguindo a vogal oral central baixa /a/, precedendo as fricativas desvozeadas alveopalatal /ʃ/ e retroflexa /ʂ/, e em (67) ocorrem em sílaba átona inicial após a oclusiva velar desvozeada /k/ e precedendo a vibrante simples vozeada /r/:

(66) a. /paiʃ/ → [pa^hiʃ] 'fumo'

b. /paɪʃ/ → [pa'ɪʃ] 'mulher'

(67) a. /kuri/ → [ku¹ri] 'vamos'

b. /kɪrɪʃ/ → [kɪ^h rɪʃ] 'jacaré'

- (71) a. /hone/ → ['hõnɪ] 'em cima'
 b. /hono/ → ['hõnu] 'vomitar'
- (72) a. /haneʔe/ → [ha 'nɛʔɛ] 'assim'
 b. /hanoʔi/ → [ha 'noʔi] 'vai dormir'

4.3.6 - As Vogais Nasais [ĩ, ĕ, ã, ũ, õ]¹⁰⁷

Nesta análise, foram identificados dois tipos de segmentos nasais vocálicos. No primeiro tipo estão as vogais nasais que resultam de um processo de nasalização pela proximidade às consoantes nasais /m, n, ɲ/. Nestes casos, a nasalização, por ser sistemática e previsível, foi tratada como processo fonológico de assimilação (conf. Seção 4.5.1.4, neste Capítulo). No segundo tipo, a nasalização das vogais acontece em contiguidade a outras consoantes. Estas vogais nasais foram tratadas como fonemas vocálicos nasais, contrastando em ambientes análogos, conforme demonstração a seguir.

- /ĩ/ e /i/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em sílaba tônica final, seguindo a vogal oral central baixa /a/, antecedendo a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/:

- (73) a. /ʃaĩʃ/ → [ʃa 'ĩʃ] 'cocô'
 b. /tiaĩʃ/ → [tʲa 'ĩʃ] 'duro'

¹⁰⁷ Não foram identificados, nos dados de que disponho, ocorrências com a vogal nasal alta central não arredondada [ɨ̃].

- /ẽ/ e /e/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em sílaba tônica medial, após a africada alveopalatal desvozeada /tʃ/, antecedendo a oclusiva velar desvozeada /k/:

(74) a. /totʃẽko/ → [toˈtʃẽku] ‘parou’
 b. /asutʃeka/ → [asuˈtʃekə] ‘você está triste’

- /ã/ e /a/ contrastam em ambientes análogos (CAA): em (75) ocorrem em sílaba tônica final, seguindo a vogal oral central baixa /a/, antecedendo a fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/; em (76) ocorrem em sílaba pré-tônica, após a vogal oral alta anterior /i/¹⁰⁸, antecedendo a oclusiva velar desvozeada /k/:

(75) a. /kaãʂ/ → [kaˈãʂ] ‘pedra’
 b. /taaʂ/ → [taˈaʂ] ‘chuva’

(76) a. /tiãkoʂ/ → [tʲãˈkoʂ] ‘está morrendo’
 b. /tiakiʂ/ → [tʲaˈkiʂ] ‘casca, couro’

- /ũ/ e /u/ contrastam em ambientes análogos (CAA): ocorrem em sílaba tônica final, seguindo a vogal oral central baixa /a/, antecedendo a fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/:

(77) a. /saũʂ/ → [saˈũʂ] ‘formigão’ (Ff)
 b. /sunaʂ/ → [sunaˈuʂ] ‘alto’

¹⁰⁸ E, na realização fonética, após a oclusiva palatalizada desvozeada [tʲ].

- /õ/ e /o/ contrastam em ambientes análogos (CAA): em (78) ocorrem em início de sílaba tônica final, antecedendo a fricativa retroflexa desvozeada /ɕ/, após as vogais posteriores arredondadas, nasal média fechada /õ/ e oral alta /u/; em (79) ocorrem em final de sílaba pós tônica final, seguindo a oclusiva glotal desvozeada /ʔ/:

(78) a. /takōōs/ → [takō¹ōs] 'tatu' (Ff)

b. /sukuos/ → [suku'os] 'brasa'

(79) a. /tuveʔõ/ → [tu¹veʔõ] ‘fora’

b. /nioʔo/ → [ni¹ oʔo] ‘minha roça’

Para o Chiquitano da região boliviana de Lomerio, Sans (2010, 2011) considera haver seis fonemas nasais vocálicos que são /ĩ/, /ẽ/, /ḭ/, /ã/, /ũ/, /õ/. Segundo o autor, há um fenômeno que ele denomina de harmonia nasal, caracterizado pelo espalhamento da nasalidade aos segmentos adjacentes, inclusive propagando-se de um morfema para outro. Para ele, as vogais em Bésiro (Chiquitano) são gatilhos de nasalidade e todas as consoantes, inclusive as surdas, têm uma variante nasal em contexto de propagação.

Devido à restrição dos dados de que se dispõe da língua Chiquitano, aqui no Brasil, esta versão, postulada por Sans (2010, 2011), não pode ser testada e comprovada em sua totalidade. Desta forma, baseada nos contrastes acima apresentados, considere as vogais nasais /ĩ, ĕ, ā, ũ, õ/ como fonemas.

Estes resultados corroboram as hipóteses de uma significativa nasalidade da língua, e de fortalecimento da relação genética com as línguas Macro-Jê, conforme os postulados de Adelaar (2008) discutidos neste trabalho, no Capítulo III. Apesar da plausibilidade dessas hipóteses, acredito que tais situações ainda necessitam de maiores observações e investigações em estudos futuros.

4.4 – SEGMENTOS VOCÁLICOS EM COMPLEMENTAÇÃO

Os segmentos vocálicos estão em complementação em variação posicional e livre, conforme demonstrado a seguir.

4.4.1 - Variação Posicional

Registramos algumas vogais orais em variação posicional, realizando-se em uma posição silábica específica. No entanto, tais vogais, como demonstrado em alguns exemplos, nos processos fonológicos de enfraquecimento e reforço (seção 4.5.3.1), podem estar em variação livre nesta mesma posição silábica. Considerando a situação de língua ameaçada, em que alterações fonológicas como estas requerem estudos mais aprofundados, optei, neste momento, pela variação posicional, considerando a ocorrência específica em final de palavras e em sílabas átonas, como demonstradas a seguir.

4.4.1.1 – Os segmentos [i], [ɪ] e [e]

- [i] e [ɪ] estão em variação posicional: a vogal alta anterior não arredondada /i/ pode realizar-se como [ɪ] em final de palavras, em sílabas átonas.

(80) a. /kiasi/ → [ki^ˈasɪ] ‘avó’ (Fm)

b. /sovi/ → ['sovi] 'meu'

[i] ocorre nos demais contextos:

(81) a. /nipia/ → [ˈnipʲa] ‘meu braço’

b. /nesitʃi/ → [neˈsitʃɪ] ‘minha filha’

c. /kuri/ → [ku¹ ri] ‘vamos! (convite)’

d. /iʃukapu/ → [iˈʃukapu] ‘eu tenho medo’

Assim, [ɪ] é alofone de /i/ em final de sílaba átona final.

- [e] e [ɪ] estão em variação posicional: a vogal média fechada anterior não arredondada /e/ pode realizar-se como [ɪ] no final de palavras, em sílabas átonas.

- (82) a. /nɪre/ → ['nɪrɪ] 'nome'
 b. /hone/ → ['hõnɪ] 'em cima'

[e] ocorre nos demais contextos:

- (83) a. /meses/ → [me 'ses] 'gato' (Ff)
 b. /tʃopeiki/ → [tʃo 'pejkɪ] 'não tem, acabou'
 c. /pakres/ → ['pākres] 'boneca'
 d. /estovuka/ → [esto 'vuka] 'está cansado'

Logo, [ɪ] é alofone de /e/¹⁰⁹ em final de sílaba átona final.

4.4.1.2 – Os segmentos [u], [ʊ] e [o]

- [u] e [ʊ] estão em variação posicional: a vogal alta posterior arredondada /u/ pode realizar-se como [ʊ] no final de palavras, em sílabas átonas.

- (84) a. /akɪpu/ → [a 'kɪpʊ] 'vai mandar'
 b. /taruku/ → ['tarukʊ] 'demais, intenso'

¹⁰⁹ A escolha do fonema /e/ se deu pela maior recorrência na pronúncia e na elicitación dos dados.

[u] ocorre nos demais contextos:

- (85) a. /ʃunuma/ → [' ʃunumã] 'beija-flor'
 b. /pakauka/ → [paka ' ukə] 'banana'
 c. /ʃouʃ/ → [ʃo ' uʃ] 'cobra' (Ff)
 d. /utʃaka/ → [u ' tʃakə] 'estão bebendo'

Desta forma, [u] é alofone de /u/ em final de sílaba átona final.

- [o] e [u] estão em variação posicional: a vogal média fechada posterior arredondada /o/ pode realizar-se como [u] no final de palavras, em sílabas átonas.

- (86) a. /ɲioto/ → [ɲĩ ' otu] 'minha língua'
 b. /hogavo/ → [' hogavu] 'seco'

[o] ocorre nos demais contextos:

- (87) a. /koɲo/ → [' kōɲo] 'ele morreu' (Ff)
 b. /nomotoriʃ/ → [nomoto ' riʃ] 'papagaio' (Fm)
 c. /momes/ → [mo ' mɛs] 'instrumento de pesca'
 d. /oviʃ/ → [o ' viʃ] 'só, somente'

Logo, [u] é alofone de /o/¹¹⁰ em final de sílaba átona final.

¹¹⁰ A escolha do fonema /o/ se deu pela maior recorrência na pronúncia e na elicitación dos dados.

4.4.1.3 – Os segmentos [a] e [ə]

- [a] e [ə] estão em variação posicional: a vogal baixa central /a/ pode realizar-se como [ə] no final de palavras, em sílabas átonas.

- (88) a. /tiʃaka/ → [ti'ʃakə] 'eu já comi'
 b. /kimika/ → [ki'mikə] 'bicheira'

[a] ocorre nos demais contextos:

- (89) a. /aʃine/ → ['aʃinē] 'eu'
 b. /tamaʔa/ → [ta'maʔa] 'um'
 c. /ʃuaʃ/ → [ʃu'aʃ] 'remédio '
 d. /avaiʃ/ → [ava'iʃ] 'comprido'

Logo, [ə] é alofone de /a/ em final de sílaba átona final.

4.4.2 - Variação Livre

Considerando a variação livre nos aspectos fonéticos e fonológicos da língua Chiquitano, a escolha/determinação dos fonemas vocálicos, tal qual nos fonemas consonantais, demonstrado na seção 4.2.2, neste capítulo, também foi feita, observando a recorrência e a frequência na pronúncia durante a coleta e elicitación dos dados. Assim, estão em variação livre:

4.4.2.1 – Os segmentos [e] e [ɛ]

- [e] e [ɛ] variam livremente e principalmente em sílabas tônicas, como demonstrado nos exemplos a seguir:

- (90) a. /vesiro/ → ['vesiɾu] ~ ['vesiɾu] 'correto'
 b. /taneneka/ → [tanɛ'nekə] ~ [tane'nekə] 'dia'
 c. /kitʃores/ → [kitʃɔ'res] ~ [kitʃɔ'res] 'feijão'

Deste modo, [e] e [ɛ] são alofones da vogal anterior média fechada não arredondada /e/.

4.4.2.2 – Os segmentos [o] e [ɔ]

- [o] e [ɔ] variam livremente e principalmente em sílabas tônicas, como demonstrado nos exemplos a seguir:

- (91) a. /hovi/ → ['hovɪ] ~ ['hovɪ] 'teu'
 b. /poʃ/ → ['poʃ] ~ ['poʃ] 'casa'
 c. /nokos/ → [no'kos] ~ [no'kos] 'abóbora'

Deste modo, [o] e [ɔ] são alofones da vogal posterior média fechada arredondada /o/.

Nos exemplos apresentados houve uma predominância da ocorrência das vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ] em sílabas tônicas, mas elas também ocorrem, em menor escala, em sílabas pré e pós-tônicas:

- (92) a. /aitʃepesuna/ → [ajtʃepe'sunə] ~ [ajtʃɛpe'sunə] 'partiu'
 b. /kurireʔe/ → [ku'rɪreʔe] ~ [ku'rɪɛʔɛ] 'então vamos!'
 c. /motakiʃ/ → [mota'kiʃ] ~ [mota'kiʃ] 'palmeira acori'

d. /poreo/ → ['poreo] ~ ['poreo] 'podre'

Foi registrado, ainda, um número considerável de ocorrências em variação livre entre as vogais altas; central não arredondada /ɨ/ e posterior arredondada /u/, tanto em sílabas tônicas, quanto em sílabas átonas. Tais casos foram tratados como neutralização e explicitados em Processos de Neutralização, 4.5.4.4, neste Capítulo.

Entende-se que muitas dessas variações posicionais, ambientais e livres, identificadas na língua Chiquitano e apresentadas aqui neste capítulo, merecem um estudo mais detalhado, com observações sobre a morfologia da língua e a utilização de recursos de programas específicos de fonética acústica, por exemplo, os quais não foram utilizados neste trabalho.

4.4.3 – Alongamento Vocálico

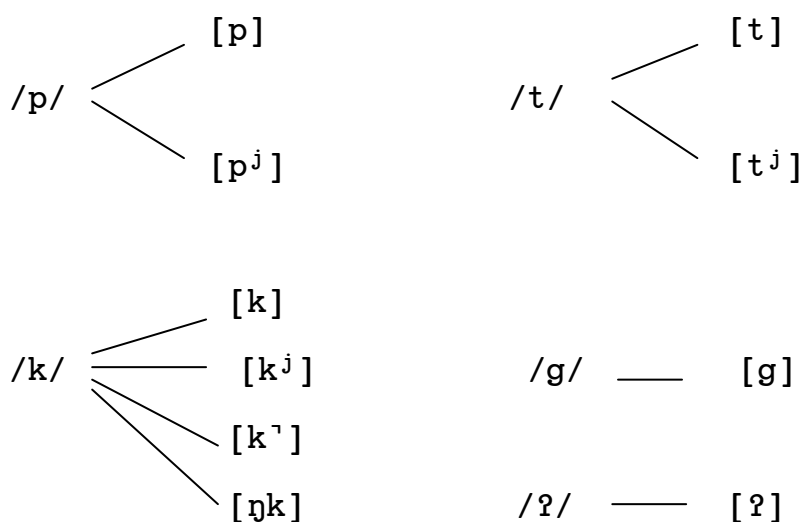
As vogais orais e nasais breves [i, ĩ, e, ě, ɛ, ɨ, a, ã, u, ũ, o, õ, ɔ] podem, facultativamente, quando em sílabas tônicas, tornarem-se mais longas: [i:, ĩ:, e:, ě:, ɛ:, ɨ:, a:, ã:, u:, ũ:, o:, õ:, ɔ:]:

- (93) a. /hiʃika/ → ['hi:ʃika] 'está com medo'
- b. /ameka/ → [a'mɛ:kə] 'andar'
- c. /homeno/ → [ho'mē:nu] 'está apertada (a roupa)'
- d. /pama/ → ['pa:mã] 'lua'
- e. /ʃatirai/ → [ʃa'ti:raj] 'vou levantar'
- f. /tovaka/ → ['to:vaka] 'amanhã'
- g. /uʃuʃio/ → [u'ʃu:ʃiw] 'frio'
- h. /nitʃana/ → [ni'tʃã:na] 'minha cabeça'
- i. /pose/ → ['pɔ:se] 'foice'
- j. /tomu/ → ['tõ:mu] 'já queimou'

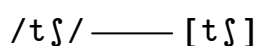
Nos casos acima, o alongamento parece não ter caráter distintivo e as vogais longas foram consideradas alofones das respectivas vogais tônicas breves. Outros casos, sugerindo alongamento opcional em sílabas pré-tônicas são discutidos em Processos Fonológicos, seção 4.5.3.2, neste Capítulo.

Em princípio, a análise fonêmica da Língua Chiquitano, baseada nos Contrastes e na Complementação demonstrados, nos permitiu diferenciar alofones e fonemas classificados em:

- **05 (cinco) consoantes oclusivas:**



- **01 (uma) africada:**



- **05 (cinco) fricativas:**



/ʃ/ — [ʃ]

/h/ — [h]

/ɐ/
 ↗ [ɐ]
 ↘ [χ]

- **01 (uma) vibrante simples:**

/r/ — [r]

- **03 (três) consoantes nasais:**

/m/ — [m]

/n/ — [n]

/ɲ/
 ↗ [ɲ]
 — [j]
 ↘ [j]

- **02 (duas) aproximantes:**

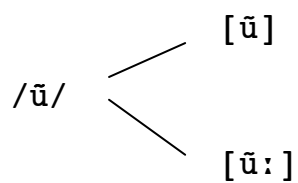
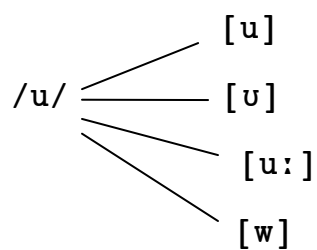
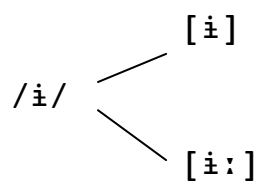
/w/ — [w]

/j/ — [j]

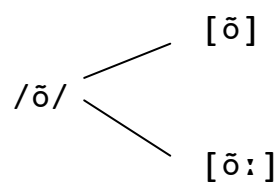
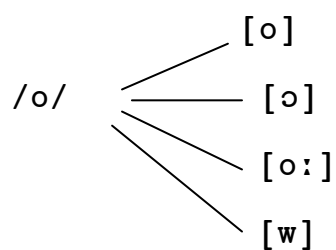
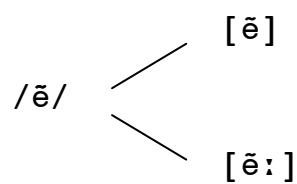
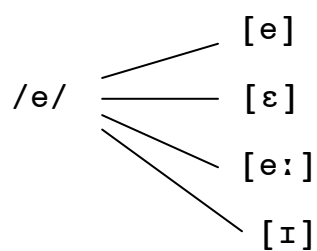
- **05 (cinco) vogais altas:**

/i/
 ↗ [i]
 — [ɪ]
 ↘ [j]
 ↘ [i:]

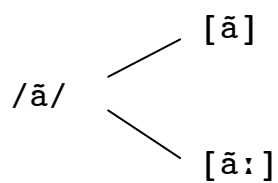
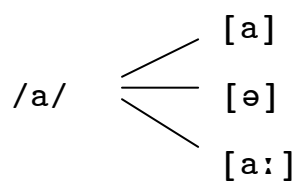
/ĩ/
 ↗ [ĩ]
 ↘ [i:]



- **04 (quatro) vogais médias fechadas:**



- **02 (duas) vogais centrais baixas:**



Ao todo, somam 28 fonemas: 17 consonantais e 11 vocálicos, os quais são apresentados, respectivamente, nas Tabelas 3 e 4:

Tabela 3 - Fonemas Consonantais

	bilabial desv voz	labiodental voz	alveolar desv voz	alveopalatal desv	retroflexa desv	palatal voz	velar desv voz	glotal desv
oclusiva	p		t				k g	ʔ
africada				tʃ				
fricativa		v	s	ʃ	ʂ			h
vibrante simples			r					
nasal	m		n			ɲ		
aproximante	w					j		

Observa-se que nesta língua, com exceção da oclusiva velar /g/ e da fricativa labiodental /v/, todas as outras consoantes oclusivas e fricativas são desvozeadas.

Tabela 4 – Fonemas Vocálicos

	anterior		central		posterior	
	não arredondada		não arredondada		arredondada	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
alta	i	ĩ	ɨ		u	ũ
média-fechada	e	ẽ			o	õ
baixa			a	ã		

Foram registrados, ainda, para esta língua, casos de assimilação, processos de estrutura silábica, neutralização, enfraquecimento, reforço e alongamento vocálico. Estes casos são comentados a seguir em Processos Fonológicos.

4.5 - PROCESSOS FONOLÓGICOS

A seguir, apresento os processos fonológicos consonantais e vocálicos, evidenciados no corpus. Para esta análise me baseei nas teorias de Istre (1980), Gray & Wise (1959), Schane (1975) e Cagliari (2002). Considerei que tais processos, segundo Cagliari (2002, p. 99), “ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente”. E, seguindo a categorização dada por Schane (1975), apresentam-se, aqui, os processos fonológicos em quatro tipos: assimilação, estruturação silábica, enfraquecimento e reforço, e neutralização.

4.5.1 - Processos de Assimilação

4.5.1.1 – Palatalização das oclusivas /p/, /t/ e /k/

As oclusivas desvozeadas bilabial /p/, alveolar /t/ e velar /k/ podem ser palatalizadas quando, antecedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/, assumem a propriedade distintiva dessa vogal alta, diante de outras vogais, como as vogais orais médias fechadas, anterior não arredondada /e/ e posterior arredondada /o/, a baixa central /a/ e a alta posterior arredondada /u/. Este processo é opcional e ocorre com mais frequência em sílaba átona.

$$\begin{array}{ccc} /p/ \rightarrow [p^j] / ____ i & \begin{cases} e \\ a \\ o \end{cases} & /t/ \rightarrow [t^j] / ____ i & \begin{cases} a \\ o \\ u \end{cases} & /k/ \rightarrow [k^j] / ____ i & \begin{cases} e \\ a \\ o \end{cases} \end{array}$$

- (94) a. /tʃapie/ → [tʃapʲɛ] 'obrigada' (agradecimento)
 b. /piakaas/ → [pʲakaʲas] 'fígado'
 c. /nopiokos/ → [nopʲoʲkos] 'peixe'

- (95) a. /ʃanitiaka/ → [ʃãni'tʲakə] 'estou conversando'
 b. /tiovaka/ → [tʲo'vakə] 'amanhã' (Fm)
 c. /tiuruʃ/ → [tʲu'ruʃ] 'porta'
- (96) a. /ĩkietu/ → ['ĩkʲetʉ] 'vou'
 b. /niʃikia/ → [ni'ʃikʲa] 'larva' (PI)
 c. /aikiokota/ → [ajkʲo'kotə] 'você acredita'

Riester (1986, p.88), em apontamentos sobre a gramática Chiquitano, comenta sobre a inserção da vogal alta anterior não arredondada [i] após as consoantes oclusivas /p/, /t/ e /k/, especialmente quando a sílaba anterior termina em vogal alta anterior não arredondada [i]: *ipiarsch*, *okirikia*, *itio*. Segundo o autor, este processo, desconhecido nos tempos dos jesuítas, está hoje cada vez mais frequente, a ponto de aparecer após uma oclusiva inicial: *piorsch*, em vez de *porsh*.

Sans (2010) traz uma ampla discussão sobre a palatalização na língua Chiquitano. Segundo ele, os fonemas /p/, /t/, /c/, /k/, /m/, /n/ e /tʃ/ podem ser palatalizados. Tal palatalização estaria condicionada pela presença, imediatamente à esquerda, de uma vogal [+ palatal], que seria /i/ ou /ĩ/.

Nos dados de que disponho, também observei a presença da vogal alta anterior não arredondada /i/ em sílabas contíguas, antecedendo a palatalização das oclusivas /p/, /t/ e /k/, como se pode observar nos exemplos (45a, 45d, 47a e 50). No entanto, tal presença contígua não foi considerada como fator determinante para a palatalização das oclusivas /p/, /t/ e /k/, pois, como se pode observar nos exemplos (46d, 48c e 51c), a mesma vogal (alta anterior não arredondada /i/) aparece, igualmente, em sílabas contíguas a essas oclusivas sem, contudo, provocar a palatalização das mesmas.

Sans (2010) considera as oclusivas /t/ e /c/ como fonemas distintos, postulando uma neutralização entre eles /T/. O referido autor apresenta algumas exceções para a palatalização dos fonemas /p/, /m/ e /k/; e para os arquifonemas /T/ e /N/. Sans (2010) observa, ainda, que o fonema /a/ é, de longe, o fonema mais comum após um segmento palatalizado.

Nos dados da variedade brasileira esta premissa também é corroborada; após os fones palatais [p^j], [t^j], e [k^j] a vogal baixa central /a/ ocorre em 63% dos casos; a vogal média fechada posterior arredondada /o/ ocorre em 27% dos casos; a vogal média fechada anterior não arredondada /e/ ocorre em 7% dos casos; e a vogal alta posterior arredondada /u/ ocorre em 3% dos casos¹¹¹.

4.5.1.2 – Pré-nasalização da oclusiva velar desvozeada /k/

A oclusiva velar desvozeada /k/ quando seguindo as vogais nasais, baixa central /ã/ e alta posterior arredondada /ũ/, antecedendo a vogal oral baixa central /a/, pode assimilar a propriedade da vogal nasal, tornando-se pré-nasalizada.

/k/ → [ŋk]/ ã, ũ ____ a

(97) a. /ʃapāka/ → [ʃa'pāŋka] 'mentir'

b. /hūka/ → ['hūŋka] 'não'

Sobre este processo de nasalização, Sans (2010, p. 93-97) menciona que no Chiquitano da região de Lomerio (Bolívia), as vogais são propagadoras de nasalidade e que todas as consoantes, mesmo as menos suscetíveis à

¹¹¹ Não foram encontrados exemplos com a vogal alta central não arredondada /ɨ/, após um segmento palatalizado.

nasalidade, têm uma variante nasal em contexto de propagação, ou seja, quando a consoante segue a vogal nasal ocorre pré-nasalização desta consoante: [nãmp̃i'ʃiʃ] ‘muco’, [ĩ'ñtʃaʃ] ‘joelho’, [nĩ'ũŋ̃s] ‘monte’. Desta forma, o autor propõe a seguinte pré-nasalização dos segmentos consonantais:

/p/ → [mp̃]	/ʃ/ → [ŋ̃ʃ]
/t/ → [nt̃]	/ʒ/ → [ŋ̃ʒ]
/tʃ/ → [nt̃ʃ]	/β/ → [m]
/c/ → [ŋ̃c]	/r/ → [n]
/k/ → [ŋ̃k]	/ʔ/ → [ɲ]
/s/ → [ŋ̃s]	

Silva (2005, p. 90), em situação análoga para a língua Sateré-Mawé (Tupi), caracteriza as sequências [mb], [nd] e [ŋg] como segmentos de contorno (“oclusivas com contorno nasal”), evidenciando uma transição fonética de um ambiente nasal para outro oral. Ainda, segundo a autora, tais segmentos são comuns nas línguas Tupi. No caso do Sateré-Mawé, esses segmentos estão, respectivamente, em distribuição complementar com os segmentos oclusivos: [p], [t] e [k]: /i-mēpit/ → [imē'mbit̃] ‘filho dele’, /kamūti/ → [kamū'ndi] ‘pote’, /hēku/ → [hē'ŋgu] ‘língua’.

Wetzels (2008, p. 251) acrescenta que estes fenômenos de “contorno nasal de consoantes” são comuns nas línguas indígenas da América do Sul. Segundo ele, normalmente esses casos derivam da difusão do traço [nasal] da vogal anterior, como em Mebengokre: /prōt+ket/ → [prō̃ntket]¹¹² ou em Kaingang: /kōkōm/ → [kō̃ŋkōm] ‘cavar’, /æprĩ/ → [ʔæ̃mprĩ] ‘caminho’.

¹¹² O autor (WETZELS, 2008), no artigo mencionado, não apresenta tradução para esta palavra.

4.5.1.3 – Velarização e sonorização da oclusiva glotal desvozeada /ʔ/

A oclusiva glotal desvozeada /ʔ/¹¹³ pode tornar-se uma oclusiva velar vozeada [g] quando está em posição intervocálica, antecedendo a vogal média fechada posterior arredondada /o/. Tal vozeamento pode ser justificado pela influência das vogais antecedente e seguinte, que são vozeadas.

(98) a. /sareʔoka/ → [sare'ʔokə] ~ [sare'gokə] 'chorar'

4.5.1.4 – A nasalização das vogais [i, e, a, u, o]

Dois tipos de segmentos nasais vocálicos foram identificados na língua Chiquitano: as vogais nasais – fonemas - conforme explicitado anteriormente em Segmentos Vocálicos em Contraste (seção 4.3.6), e as vogais nasais resultantes de processo de nasalização pela proximidade de consoantes nasais. Neste processo, a nasalização das vogais [i, e, a, u, o], na maioria das ocorrências, é justificada pela proximidade com as nasais bilabial /m/, alveolar /n/ e palatal /ɲ/, as quais podem nasalizar tanto as vogais que lhes sucedem quanto as que lhes antecedem. Desse modo, o processo de nasalização é opcional e bidirecional, podendo ocorrer tanto da direita para a esquerda, quanto da esquerda para a direita das consoantes nasais:

- (99) a. /i/ → [ĩ] /niɲa/ → ['nĩɲa] 'nariz'
- b. /e/ → [ẽ] /tikape/ → [tika'ɲẽ] 'antigamente'
- c. /a/ → [ã] /kipana/ → [ki'ɲãnə] 'debaixo'
- d. /u/ → [ũ] /ipiokunuka/ → [ipio'ku'nũkə] 'estou contente'
- e. /o/ → [õ] /homo/ → ['hõmu] 'queimou'

¹¹³ Acredita-se, neste caso, que o fonema é a oclusiva glotal desvozeada /ʔ/ por sua ocorrência mais ampla nos dados.

Esses processos ocorrem também em outras línguas indígenas. Silva E. (2008), por exemplo, menciona que na língua Manxineri (Aruak) a nasalidade não é distintiva. Os segmentos vocálicos nasais ocorrem condicionados tanto pelas consoantes nasais, quanto pelo fonema fricativo glotal /h/, e ocorrem em palavras que contêm consoantes nasais, em geral precedendo essas consoantes, mas, às vezes, também após elas: [ʰhõ:piʃi] ‘pato’; [hĩʰhĩte] ‘carne’; [hõhĩmõkõhɪ] ‘nuvem’; [hʷaʰpʰihẽ] ‘algodão’; [sapãʰnapiʰtohẽ] ‘penca de banana’; [ʰhõ:ʃa] ‘floresta’.

Já Nascimento (2008, p.17), em seu estudo sobre a língua Guajá (Tupi-Guarani), explica que a nasalidade naquela língua pode ser condicionada tanto pelas consoantes nasais quanto pela tonicidade da sílaba. Segundo a autora, “a nasalidade da vogal tônica estende-se para a esquerda através dos segmentos assilábicos não obstruintes /m, n, r, j, w, ʔ, h/, nasalizando os segmentos vocálicos e os sonorantes orais /r, j, w/ da palavra: /inaʰmĩa/ - [inãʰmĩ̃] ‘orelha dele’; /weʰhẽ/ - [wẽ̃ʰhẽ] ‘nasceu’; /aniʰjã/ - [ãniʰjã] ‘nós cantamos’. Na presença de segmentos obstruintes /p, t, tʃ, k, kʷ/, a propagação da nasalidade é interrompida: /pinaʰwã/ - [pinãʰwã] ‘bacaba’; /naʰkʷej/ - [naʰkʷej] ‘não sei’; /japijaʰwã/ - [japĩjãʰwã] ‘nariz dele’”.

4.5.2 – Processos de Estruturação Silábica

4.5.2.1 - Realização não explodida da oclusiva velar desvozeada /k/

A oclusiva velar desvozeada /k/ realiza-se como não explodida [kˀ] em final de palavras, quando há um apagamento opcional dos segmentos vocálicos /i/ e /a/, em sílaba átona final, realizando-se, respectivamente, como [ɪ] e [ə] (conf. discussão, nesta seção, em Apagamento de vogal):

(100) a. /tʃopeiki/ → [tʃo'pejkɪ] ~ [tʃo'pejkʰ] 'não tem/acabou'
 /CV.CV.V.CV/ → [CV.CVC.CV] → [CV.CVCC]

b. /iʃaka/ → [i'ʃakə] ~ [i'ʃakʰ] 'eu comi'
 /V.CV.CV/ → [V.CV.CV] → [V.CVC]

c. /nioka/ → [ni'okə] ~ [ni'okʰ] 'abelhas'
 /CV.V.CV/ → [CV.V.CV] → [CV.VC]

No processo de realização não explodida de oclusiva velar ocorreram mudanças, em nível fonético, no padrão e na estrutura silábica. Em (100a), duas sílabas CVC.CV são reduzidas e transformadas em uma sílaba CVCC. Em (100b) ocorreu uma redução do número de sílabas; duas sílabas CV.CV são reduzidas e transformadas em uma sílaba CVC. E em (100c), duas sílabas V.CV se fundem em uma sílaba VC.

4.5.2.2 - Apagamento da oclusiva glotal desvozeada /ʔ/

A oclusiva glotal desvozeada /ʔ/ pode ser apagada quando, após a vogal baixa central /a/, antecede, em sílabas átonas, as vogais altas, anterior não arredondada /i/ e posterior arredondada /u/. Nesta situação, as vogais altas, anterior não arredondada /i/ e posterior arredondada /u/, passam por um processo de consonantização, realizando-se, respectivamente como [j] e [w].

(101) a. /apataʔi/ → [apa'taʔi] ~ [apa'taj] 'você chegou'
 /V.CV.CV.CV/ → [V.CV.CV.CV] → [V.CV.CVC]

b. /paʔuma/ → ['paʔumə] ~ ['pawmə] 'menino'
 /CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV] → [CVC.CV]

c. /saʔi/ → ['tsaʔi] ~ ['tsaj] 'boca'
 [CV.CV] → [CV.CV] → [CVC]

A oclusiva glotal desvozeada /ʔ/ também pode ser apagada em sílabas pós-tônicas finais: entre as vogais nasais idênticas /õ/ e /ẽ/ e entre as vogais orais idênticas /e/, /a/ e /o/. Em (102), as vogais nasais médias, anterior não arredondada /ẽ/ e posterior arredondada /õ/ passam por um processo de fusão vocálica após o apagamento da oclusiva glotal desvozeada /ʔ/. Em (103), as vogais orais, média anterior não arredondada /e/, baixa central /a/ e média posterior arredondada /o/ passam por um processo de alongamento vocálico:

- (102) a. /atomõʔõ/ → [ato'mõʔõ] ~ [ato'mõ] 'sente-se!
 /V.CV.CV.CV/ → [V.CV.CV.CV] → [V.CV.CV]
- b. /nipẽʔẽ/ → [nĩ'pẽʔẽ] ~ [nĩ'pẽ] 'minha mão'
 /CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV] → [CV.CV]
- c. /aʃonẽʔẽ/ → [aʃo'nẽʔẽ] ~ [aʃo'nẽ] 'nós'
 /V.CV.CV.CV/ → [V.CV.CV.CV] → [V.CV.CV]
-
- (103) a. /haneʔe/ → [ha'neʔe] ~ [ha'ne:] 'assim'
 /CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV] → [CV.CV:]
- b. /tamaʔa/ → [ta'maʔa] ~ [ta'ma:] 'um'
 /CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV] → [CV.CV:]
- c. /nesoʔo/ → [ne'tsoʔo] ~ [ne'tso:] 'meu dente'
 /CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV] → [CV.CV:]

Nestes processos de apagamento de oclusiva glotal desvozeada /ʔ/ ocorreram mudanças, em nível fonético, no padrão e na estrutura silábica, caracterizando processos de consonantização, fusão vocálica e alongamento vocálico. Em (101) ocorreu uma redução do número de sílabas; duas sílabas CV.CV são reduzidas e transformadas em uma sílaba CVC, como resultado de consonantização. Em (102) duas sílabas CV.CV são fundidas, causando uma

supressão de uma sílaba CV. Já em (103), há também a redução das duas sílabas CV.CV para uma sílaba CV com vogal longa.

4.5.2.3 - Apagamento da fricativa labiodental vozeada /v/

Há casos em que uma fricativa labiodental vozeada /v/ pode ser apagada entre as vogais orais, alta posterior arredondada /u/ e anterior média fechada não arredondada /e/, em sílaba tônica; e entre as vogais orais médias fechadas anterior não arredondada /e/ e posterior arredondada /o/, em sílaba pós-tônica:

- (104) a. /tuveʔõ/ → [tu'veʔõ] ~ [tu'eʔõ] 'fora'
 /CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV] → [CV.V.CV]
- b. /watatʃevo/ → [wata'tʃevu] ~ [wata'tʃeo] 'está cansado'
 /CV.CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV.CV] → [CV.CV.CV.V]

No processo de apagamento de fricativa labiodental vozeada /v/, houve alteração, em nível fonético, na estrutura silábica. Em (104), uma sílaba CV se transforma em uma sílaba do tipo V.

4.5.2.4 - Inserção da fricativa glotal desvozeada [h]

Uma fricativa glotal desvozeada [h] pode ser inserida no início de palavras, antecedendo as vogais orais /i/, /e/, /a/ e /o/:

- (105) a. /iɲemo/ → [i'ɲẽmu] ~ [hi'ɲẽmu] 'comigo, para mim'
 /V.CV.CV/ → [V.CV.CV] → [CV.CV.CV]
- b. /esutʃeka/ → [esu'tʃɛkə] ~ [hesu'tʃɛkə] 'estou triste'
 /V.CV.CV.CV/ → [V.CV.CV.CV] → [CV.CV.CV.CV]

c. /avaiʃ/ → [ava'iʃ] ~ [hava'iʃ] 'comprido'
 /V.CV.VC/ → [V.CV.VC] → [CV.CV.VC]

d. /oviʃ/ → [o'viʃ] ~ [ho'viʃ] 'dele/dela'
 /V.CVC/ → [V.CVC] → [CV.CVC]

No processo de inserção de fricativa glotal desvozeada [h], houve alteração na estrutura silábica, em nível fonético. Nos exemplos, uma sílaba inicial V se transforma em sílaba do tipo CV.

Segundo Schane (1975, p. 57), “qualquer processo que toma uma estrutura complexa e a reduz para o padrão CV está tomando o caminho de uma estrutura silábica preferida”. No caso da língua Chiquitano, o padrão CV é o mais recorrente. Assim, tanto o acréscimo, quanto a redução para uma sílaba CV, buscam o padrão silábico mais frequente na língua.

4.5.2.5 - Apagamento de vogais

- Há um apagamento opcional dos segmentos vocálicos /a/ e /i/ finais quando estes estão posteriores a uma oclusiva velar desvozeada /k/ em sílaba átona final. Com o apagamento, ocorre ainda uma realização não explodida de oclusiva velar [k] → [k^ˀ], anteriormente explicada:

(106) a. /atʃaka/ → [a'tʃakə] ~ [a'tʃak^ˀ] 'você bebe'
 /V.CV.CV/ → [V.CV.CV] → [V.CVC]

b. /nesuki/ → [ne'sukɪ] ~ [ne'suk^ˀ] 'meus cílios'
 /CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV] → [CV.CVC]

- As vogais orais médias anterior não arredondada /e/ e posterior arredondada /o/, em sílabas átonas, podem ser apagadas, quando há vogais idênticas na palavra, e em contiguidade às consoantes oclusivas:

- (107) a. /noʃokoʃ/ → [noʃo'kɔʃ] ~ [noʃ'kɔʃ] 'doença'
 /CV.CV.CVC/ → [CV.CV.CVC] → [CVC.CVC]
- b. /ʃãterere/ → [ʃãtere're] ~ [ʃã'trere] 'tripa'
 /CV.CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV.CV] → [CV.CCV.CV]
- c. /nastʃoporo/ → [nas'tʃoporu] ~ [nas'tʃopru] 'mato'
 /CVC.CV.CV.CV/ → [CVC.CV.CV.CV] → [CVC.CV.CCV]

Nestes processos de apagamento de vogal ocorreram mudanças em nível fonético, no padrão e na estrutura silábica. Em (106) e (107a), duas sílabas CV.CV foram transformadas em uma sílaba do tipo CVC. Em (107b) e (107c), duas sílabas CV.CV são transformadas em uma sílaba do tipo CCV.

Além da alteração no padrão e estrutura da sílaba, percebe-se em (107b) a alteração no padrão acentual da palavra. Com a redução, houve um deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba.

4.5.2.6 - Inserção de vogais

- Há um acréscimo opcional da vogal oral alta anterior não arredondada distensa [ɪ] em final de palavras, em sílabas átonas, quando estas terminam com as fricativas desvozeadas alveolar /s/ e alveopalatal /ʃ/, precedidas, respectivamente, pelas vogais orais anteriores não arredondadas, média fechada /e/ e alta /i/:

- (108) a. /meses/ → [me'ses] ~ [me'sesɪ] 'gato' (Ff)
 /CV.CVC/ → [CV.CVC] → [CV.CV.CV]
- b. /kitʃores/ → [kitʃo'res] ~ [kitʃo'resɪ] 'feijão'
 /CV.CV.CVC/ → [CV.CV.CVC] → [CV.CV.CV.CV]
- c. /kigaiʃ/ → [kiga'iʃ] ~ [kiga'iʃɪ] 'grosso, forte'
 /CV.CV.VC/ → [CV.CV.VC] → [CV.CV.V.CV]

d. /vakiʃ/ → [va'kiʃ] ~ [va'kiʃɪ] 'garça' (Ff)
 /CV.CVC/ → [CV.CVC] → [CV.CV.CV]

e. /kioviʃ/ → [kʲo'viʃ] ~ [kʲo'viʃɪ] 'macaco' (Ff)
 /CV.V.CVC/ → [CV.CVC] → [CV.CV.CV]

- Também foi registrada a inserção de vogal oral átona distensa [u] depois de vibrante simples alveolar vozeada [r] em final de palavra. Este processo foi observado em apenas um caso, no qual tanto a fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/ quanto a vibrante simples alveolar vozeada /r/ também estão em variação:

(109) a. /nikipioʂ/ → [ni'kipʲoʂ] ~ [ni'kipʲoɾ] ~ [ni'kipʲoɾu] 'minha barriga'
 /CV.CV.CV.VC/ → [CV.CV.CVC] → [CV.CV.CVC] → [CV.CV.CV.CV]

Em ambos os processos de inserção de vogal, ocorreram mudanças no nível fonético, afetando o número de sílaba da palavra e também o padrão silábico. Em (108a, 108b, 108d, 108e e 109a), sílabas finais CVC foram transformadas em duas sílabas do tipo CV.CV. Em (108c) uma sílaba final do tipo VC foi transformada em duas sílabas do tipo V.CV.

4.5.2.7 - Consonantização de /i/ e /u/

As vogais orais altas, anterior /i/ e posterior /u/, quando seguem outras vogais, passam pelo processo de consonantização, realizando-se, respectivamente, como [j] e [w]:

(110) a. /a.i.ɲa.ma/ → [aj. 'ɲã.mə] 'feche! (a porta)'
 /V.V.CV.CV/ → [VC.CV.VC]

b. /i.ɲa.ta.i/ → [ĩ.ɲa. 'taj] 'eu cheguei'
 /V.CV.CV.V/ → [V.CV.CVC]

- c. /so.i.tʃa.ka/ → [soj. 'tʃa.kə] 'muitos beberam'
 /CV.V.CV.CV/ → [CVC. CV.CV]
- d. /ki.u.ma.tuʃ/ → [kiw.ma. 'tuʃ] 'feio'
 /CV.V.CV.CVC/ → [CVC.CV.CVC]
- e. /a.ne.u.ko/ → [a. 'new.ku] 'quebrando, partindo'
 /V.CV.V.CV/ → [V.CVC.CV]

Este processo de consonantização também provoca mudança em nível fonético, como redução e alteração na estrutura silábica: em (110a), duas sílabas V.V foram transformadas em uma sílaba do tipo VC; em (110b), (110c), (110d) e (110e), duas sílabas do tipo CV.V são transformadas em uma sílaba do tipo CVC.

4.5.3 – Processos de Enfraquecimento e Reforço

4.5.3.1 - Levantamento e abaixamento das vogais orais: /i/, /e/, /a/, /u/ e /o/

- As vogais orais médias, anterior /e/ e posterior /o/, e a central baixa /a/, podem realizar-se mais altas, respectivamente, como [ɪ], [ʊ] e [ə], em final de sílabas átonas finais:

- (111) a. /kurire/ → [ku'rire] ~ [ku'riɾɪ] 'então vamos!'
 b. /akipo/ → [a'kipo] ~ [a'kiɸ] 'vai mandar'
 c. /husara/ → ['hutsara] ~ ['hutsarə] 'derramou'

- As vogais altas anterior /i/ e posterior /u/ podem realizar-se mais baixas, respectivamente, como [ɪ] e [ʊ], em final de sílabas átonas finais:

Tabela 6 – Vogais em Sílabas Tônicas

ε $\downarrow$ e		c $\downarrow$ o
--------------------------------------	--	----------------------------

Tais fenômenos de abaixamento e de levantamento de vogais fazem com que [ɪ] seja alofone tanto de /i/ quanto de /e/; e que [ʊ] também seja alofone tanto de /u/, quanto de /o/, e que [ɛ] e [ɔ] sejam respectivamente alofones de /e/ e de /o/, conforme discutido em Variação Livre, nos itens 4.4.2.1 e 4.4.2.2, neste Capítulo.

Processos semelhantes foram explicitados por Borges (2006) para o Avá-Canoeiro (Tupi). Segundo a autora, devido a tais fenômenos, poder-se-ia conjecturar para aquela língua um processo de centralização vocálica em posição átona.

4.5.3.2 – Alongamento das vogais

Pelo que se observou, há duas circunstâncias de alongamento vocálico na língua Chiquitano. Em uma delas, como já discutido neste Capítulo (seção 4.4.3 – Alongamento Vocálico), as vogais breves orais e nasais podem, facultativamente, quando em sílabas tônicas, tornarem-se mais longas, ou seja, o condicionamento pode ter uma motivação prosódica. Neste caso, o alongamento não é distintivo e fica restrito ao ambiente fonético.

- (114) a. /aməka/ → [a¹mɛ:kə] ‘andar’
 b. /napanu/ → [na¹pã:nʊ] ‘você está mentindo’
 c. /at̪isai/ → [a¹t̪i:saj] ‘levantar’

Em outra circunstância observada, o alongamento vocálico aparece em ambientes de sílabas pré-tônicas. Em tais casos, o alongamento parece ser

motivado por duas vogais idênticas que, no contexto fonético, opcionalmente, se juntam, realizando-se como longas:

- (115) a. /ʃapeemaka/ → [ʃapɛɛ'maka] ~ [ʃapɛ:'maka] 'cozinhar'
 b. /kiisoʃ/ → [kii'tsoʃ] ~ [ki:'tsoʃ] 'areia'
 c. /sũũto'res/ → [sũũto'res] ~ [sũ:to'res] 'bobo'
 d. /tʃomeenopo/ → [tʃomẽẽ'nɔpu] ~ [tʃomẽ:'nɔpu] 'não está apertada (a roupa)'

Amado (2006) menciona que na língua Pykobjê (Macro-Jê) o alongamento ocorre principalmente em nomes, mas também há ocorrências em verbos e nestes o processo está relacionado a uma variação morfossintática. Já nos nomes, o alongamento parece ter motivação prosódica, condicionada pelo acento. Esta circunstância, de alongamento nos nomes, é semelhante ao que foi explicitado aqui para o Chiquitano.

4.5.4 – Processos de Neutralização

4.5.4.1 - Alternância entre /tʃ/ e /ʃ/

- A africada alveopalatal desvozeada /tʃ/ alterna-se com a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/ em início de palavras, em sílabas tônicas e pré-tônicas:

- (116) a. /tʃikiʃ/ → [tʃi'kiʃ] ~ [ʃi'kiʃ] 'ovo'
 b. /tʃapie/ → ['tʃapʲɛ] ~ ['ʃapʲɛ] 'obrigada (agradecimento)'
 c. /tʃurapa/ → [tʃu'rapə] ~ [ʃu'rapə] 'amigo'

- Outra ocorrência foi registrada em que, além da alternância entre /tʃ/ e /ʃ/, houve também um apagamento da fricativa alveolar

desvozeada /s/ diante da africada alveopalatal desvozeada /tʃ/ em sílaba pré-tônica inicial, o que ocasiona mudança na estrutura silábica em nível fonético (CVC → CV).

(117) a. /nas. tʃo. po. ro/ → [nas. 'tʃo. po. ru] ~ [na. 'ʃo. po. ru]
 /CVC.CV.CV.CV/ [CVC.CV.CV.CV] [CV.CV.CV.CV] 'mato'

4.5.4.2 - Alternância entre /s/ e /ʃ/

- Foi registrada uma ocorrência em que as fricativas alveolar desvozeada /s/ e retroflexa desvozeada /ʃ/ alternam-se após um apagamento de sílaba medial átona /ru/, provavelmente provocado pelo fato das sílabas terem a mesma vogal oral alta posterior arredondada /u/:

(118) a. /purusuvi/ → [purusu'vi] ~ [pusu'vi] ~ [puʃu'vi] 'branco'

4.5.4.3 - Alternância entre /ʃ/ e /ʒ/

- Em uma única ocorrência, as fricativas desvozeadas retroflexa /ʃ/ e alveopalatal desvozeada /ʒ/ se alternam. A proximidade da vogal oral alta anterior não arredondada /i/ seria a responsável pela mudança do modo de articulação, ou seja, a fricativa retroflexa desvozeada /ʃ/, antecedendo a vogal oral alta anterior não arredondada /i/, se transformaria em fricativa alveopalatal desvozeada [ʒ], ocorrendo um processo de palatalização pela assimilação do traço [+ alto] da vogal anterior alta não arredondada /i/:

(119) a. /hoʃina/ → ['hoʃina] ~ ['hoʒina] 'bem, bom'

4.5.4.4 - Alternância entre /ɨ/ e /u/

- Foram registradas ocorrências de alternância entre as vogais orais altas, central não arredondada /ɨ/ e posterior arredondada /u/. Em (120), a vogal central não arredondada /ɨ/ torna-se uma posterior arredondada [u], diante da fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/. Em (121), a vogal oral posterior arredondada /u/ torna-se central não arredondada [ɨ], provavelmente por ocorrer outra vogal oral posterior arredondada /u/ na sílaba contígua, demonstrando um processo de dissimilação.

(120) a. /noniɨɣ/ → [nõni'ɨɣ] ~ [nõni'uɣ] 'homem'

b. /vaiɨɣ/ → [va'ɨɣ] ~ [va'uɣ] 'coelho' (Ff)

(121) a. /ʃunuma/ → ['ʃinumã] ~ ['ʃunumã] 'beija-flor' (Ff)

b. /ipiokuruka/ → [ip^jokɨ'rukə] ~ [ip^joku'rukə] 'tenho dó'

Considerando as ocorrências restritas nos dados, essas hipóteses de neutralização das fricativas e das vogais altas, demonstradas aqui, precisam ser melhor observadas em estudos futuros.

A alta frequência de variação livre e de neutralização na língua Chiquitano nos chama a atenção. Para Aikhenvald (2002, p. 33), alguns casos de variação livre e de neutralização são típicos de línguas em contato. Outros autores mencionam que as variações são produtos de vários processos e, geralmente, com algum condicionamento sociolinguístico, ou seja, um significado sociológico para justificar a variação (HYMAN, 1975; CAGLIARI, 2002; LABOV, 2008).

Nestas primeiras observações sobre a língua Chiquitano, considera-se que esta frequência de variação se deve à formação múltipla da língua, ao contato com a língua portuguesa, e à atual situação de pouquíssimo uso da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras, conforme o histórico e as observações sociolinguísticas apresentados no Capítulo III, neste trabalho.

Borges (2006) em seu estudo sobre o Avá-Canoeiro, uma língua Tupi-Guarani com um número bem restrito de falantes, também menciona uma quantidade considerável de variação livre para aquela língua. Segundo a autora, isto foi considerado uma possível característica de línguas ameaçadas de extinção e uma das explicações talvez seja o fato de a língua ser pouco usada e, devido a isso, os fonemas vão variando em neutralização até perderem sua capacidade distintiva, tonando-se alofones uns dos outros.

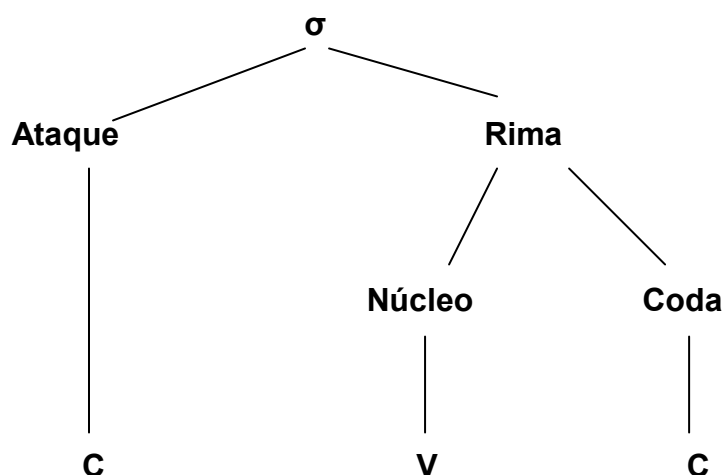
Assim, em se tratando o Chiquitano de uma língua seriamente ameaçada, em que se trabalha com as reminiscências linguísticas dos anciãos, as observações e hipóteses sobre a frequência de variação livre, a perda de contrastes entre os fonemas, o caso das vogais longas e outros processos fonológicos dessa língua, não detalhadas exaustivamente aqui, merecem ser novamente observadas em investigações futuras.

4.6 – ESTRUTURA SILÁBICA

Apresento, a seguir, considerações sobre a estrutura silábica, observando aspectos de seu padrão, de sua distribuição e de sua organização dentro da palavra. Nesta perspectiva, parti do pressuposto de que a constituição da sílaba segue o padrão hierárquico de sonoridade do centro (Núcleo) para as extremidades (Ataque e Coda), ambos caracterizados como grupos de segmentos que são pronunciados juntos, em um único movimento articulatorio (PIKE, 1976).

Pike (1976) definiu a sílaba como uma estrutura constituída por um Ataque, um Peak (ou núcleo) e uma Coda. Posteriormente, outros estudiosos como Selkirk (1982) e Goldsmith (1990) ampliaram esta concepção, sistematizando hierarquicamente esses elementos, constituindo, assim, a estrutura silábica: um elemento opcional, o Ataque, e um elemento obrigatório, a Rima, esta se subdividindo em Núcleo, também obrigatório, e em Coda, opcional.

Na língua Chiquitano, a posição central (Núcleo) é preenchida obrigatoriamente por vogais, consideradas segmentos silábicos por excelência, e as margens (Ataque e Coda), por consoantes.



4.6.1 – Tipos de Sílabas

Na língua Chiquitano do Brasil, identificamos 07 tipos silábicos V – VC – CV – CCV – CVC – CVCC – CCVC. Sílabas do tipo V e VC, apesar de frequentes, parecem não constituir palavras isoladas. O tipo CV, seguido do tipo CVC são os tipos mais comuns na constituição prosódica das palavras. Já os tipos silábicos CCV e CVCC foram registrados apenas em estruturas fonéticas. As sílabas do tipo CCVC foram identificadas, quase na totalidade, em palavras do espanhol ou do português.

Devido aos processos de palatalização das oclusivas /p, t, k/ e também aos processos fonológicos de assimilação e estruturação silábica, explicitados anteriormente neste Capítulo, nem sempre há coincidência entre sílaba fonológica e sílaba fonética nesta língua. Desta forma, as sílabas do Chiquitano estão compostas como se segue.

4.6.1.1 - Núcleo (V)

- **A sílaba V:** ocorre nas posições iniciais, mediais e finais de palavras. Nos processos fonológicos de Assimilação (conf. Seção 4.5.1.1) e Estruturação Silábica (conf. seções 4.5.2.3, 4.5.2.4, 4.5.2.6, 4.5.2.7), a sílaba V sofre diversas alterações em nível fonético.

- (122) a. /a.ʔa/ → [a. 'ʔa] 'comer'
 /V. CV/ → [V. CV]
- b. /ki.o.roʃ/ → [ki.o. 'roʃ] 'balaio'
 /CV. V. CVC/ → [CV. V. CVC]
- c. /ka.ma.pa.e/ → [ka.ma. 'pa.ɛ] 'agora mesmo'
 /CV. CV. CV. V/ → [CV. CV. CV.V]

4.6.1.2 - Núcleo e Coda

- **A sílaba VC:** é predominante em final de palavras e sofre alteração, em nível fonético, no Processo de Estruturação Silábica, conforme demonstrado na seção 4.5.2.6.

- (123) a. /tu.uʃ/ → [tu. 'uʃ] 'água'
 /CV. VC/ → [CV. VC]
- b. /no.iʃ/ → [no. 'iʃ] 'quati'
 /CV. VC/ → [CV. VC]
- c. /po.no.es/ → [po.no. 'es] 'tipo de tucano' (Ff)
 /CV. CV. VC/ → [CV. CV. VC]
- d. /pi.oʃ.ti/ → [pi.oʃ. 'ti] 'casa dele'
 /CV. VC. CV/ → [CV. VC. CV]
- e. /es.to.vu.ka/ → [es.to. 'vu.kə] 'eu assustei'
 /VC.CV.CV.CV/ → [VC. CV. CV. CV]

4.6.1.3 - Ataque e Núcleo

- **A sílaba CV:** o tipo silábico **CV** é o mais comum na língua Chiquitano e pode ocupar as posições inicial, medial e final nas palavras. Este tipo

palavras¹¹⁵. Este tipo silábico também sofre diversas mudanças, em nível fonético, nos processos fonológicos de Estruturação Silábica (conf. seções 4.5.2.1, 4.5.2.2, 4.5.2.5, 4.5.2.6 e 4.5.2.7).

- (127) a. /poʃ/ → ['poʃ] 'casa'
/CVC/ → [CVC]
- b. /nas.ki.ves/ → [nas.ki. 'ves] 'ano'
/CVC. CV. CVC/ → [CVC. CV. CVC]
- c. /u.ʃuʃ.kiʃ/ → [u.ʃuʃ. 'kiʃ] 'está frío'
/V. CVC. CVC/ → [V. CVC. CVC]
- d. /ki.riʃ/ → [ki. 'riʃ] 'jacaré' (Ff)
/CV. CVC/ → [CV. CVC]

- **A sílaba CVCC:** o tipo silábico CVCC foi identificado apenas em ocorrência fonética, no processo de realização não explodida da oclusiva velar /k/, conforme explicado em Estruturação Silábica (conf. Seção 4.5.2.1).

- (128) a. /tʃo.pe.i.ki/ → [tʃo. 'pej.kɪ] ~ [tʃo. 'pejkʷ] 'não tem/acabou'
 /CV.CV.V.CV/ → [CV.CVC.CV] → [CV.CVCC]
- b. /tʃa.u.ki/ → ['tʃaw.ki] ~ ['tʃawkʷ] 'pronto'
 /CV.V.CV/ → [CVC.CV] → [CVCC]

- **A sílaba CCVC:** este tipo de sílaba foi identificado, quase na totalidade, em palavras do português ou do espanhol, com a exceção, aparentemente, para a palavra exemplificada em (129c). Este tipo

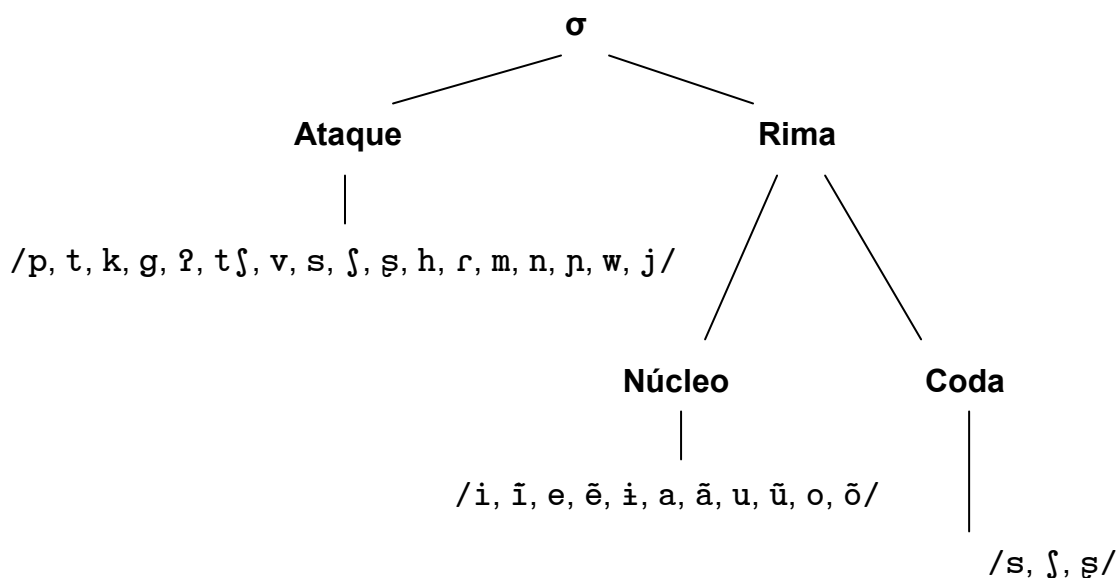
¹¹⁵ Foram encontrados, nos dados de que disponho, pouquíssimas ocorrências com sílabas CVC iniciais e mediais.

silábico não foi identificado em nenhuma das alterações provocadas pelos processos fonológicos.

- (129) a. /treʃ/ → ['treʃ] 'três'
 /CCVC/ → [CCVC]
- b. /pu.e.vloʃ/ → [pu.'e.βloʃ] 'povoado'
 /CV. V. CCVC/ → [CV. V. CCVC]
- c. /pa.kres/ → ['nã.kres] 'boneca'
 /CV. CCVC/ → [CV. CCVC]

4.6.2 – Distribuição dos Fonemas nas Sílabas

Quanto à distribuição na sílaba, os fonemas podem ser assim representados:



Todos os 17 fonemas consonantais podem ocupar a posição de ataque na sílaba CV, e todos os 11 fonemas vocálicos podem constituir o núcleo de sílabas (conf. Tabelas de Fonemas 3 e 4). Já a Coda silábica fonêmica fica restrita às consoantes /s, ʃ, ʂ/. As outras sequências de ocorrências de segmentos consonantais em Ataque de sílabas do tipo CCV e CCVC são variáveis e serão demonstradas a seguir.

- **A sílaba V:**

A sílaba V pode ser composta por todas as vogais da língua e ocorrer nas posições iniciais, mediais e finais. Esta sílaba, em nível fonético, pode resultar do apagamento de segmento consonantal e da inserção de vogal, conforme explicitado em processos de Estruturação Silábica (conf. itens 4.5.2.3 e 4.5.2.6).

- (130) a. /i.pi.e.ka/ → [i.pi. 'ε.kə] 'estou com febre'
 /V.CV.V.CV/ → [V.CV.V.CV]
- b. /na.pa.e/ → [na. 'pa.e] 'avó' (Ff)
 /CV.CV.V/ → [CV.CV.V]
- c. /ĩ.ki.o.ko.ta/ → [ĩ.kʲo. 'ko.tə] 'eu acredito'
 /V.CV.V.CV.CV/ → [V.CV.CV.CV]
- d. /ni.ẽ.so.ka/ → [ni.ẽ. 'so.kə] 'vai perder'
 /CV.V.CV.CV/ → [CV.V.CV.CV]
- e. /u.ɕu.ɕi.o/ → [u. 'ɕu.ɕiw] 'frio'
 /V.CV.CV.V/ → [V.CV.CVC]
- f. /a.re.o.ku.ti/ → [a. 'rɛ.o.ku.ti] 'o homem chorou' (Fm)
 /V.CV.V.CV.CV/ → [V.CV.V.CV.CV]
- g. /se.re.i.po/ → [tse.re. 'i.pu] 'ele entrou'
 /CV.CV.V.CV/ → [CV.CV.V.CV]
- h. /ti.ã.koɕ/ → [tʲã. 'koɕ] 'está morrendo'
 /CV.V.CVC/ → [CV.CVC]¹¹⁶
- i. /pi.o.ma/ → [pi. 'õ.ma] 'velhinho' (Fm)
 /CV.V.CV/ → [CV.V.CV]

¹¹⁶ Com o processo de palatalização da oclusiva alveolar desvozeada /t/ → [tʲ], há uma modificação das duas sílabas iniciais CV.V, que se transformam em uma sílaba CV.

j. /pa.kə.u.kə/ → [pa.kə. 'u.kə] 'bananal'
 /CV.CV.V.CV/ → [CV.CV.V.CV]

k. /ũ.tu.vu/ → [ũ. 'tu.vu] 'como?'
 /V.CV.CV/ → [V.CV.CV]

- **A sequência VC:**

Na sequência VC, registrada em sua quase totalidade em sílabas finais de palavras, o Núcleo pode ser ocupado por quaisquer vogais. Já a Coda fica restrita às consoantes /s, ʃ, ʒ/. Em alguns casos, a sílaba VC pode ser resultado da junção de duas vogais em que uma passa pelo processo de consonantização, e também da realização não explodida da oclusiva velar desvozeada /k/, conforme detalhado nos processos de Estruturação Silábica (conf. itens 4.5.2.3 e 4.5.2.7).

(131) a. /no.iʃ/ → [no. 'iʃ] 'quati'
 /CV.VC/ → [CV.VC]

b. /po.ɲo.es/ → [po.ɲõ 'es] 'tucano' (Ff)
 /CV.CV.VC/ → [CV.CV.VC]

c. /i.a.ɨʒ/ → [ja 'ɨʒ] 'rapaz jovem'
 /V.V.VC/ → [CV.VC]

d. /ka.ãʒ/ → [ka. 'ãʒ] 'pedra'
 /CV.VC/ → [CV.VC]

e. /si.oʒ/ → [si. 'oʒ] 'periquito' (Ff)
 /CV.VC/ → [CV.VC]

f. /pi.oʒ.ti/ → [pi.oʒ. 'ti] 'casa dele'
 /CV.VC.CV/ → [CV.VC.CV]

- g. /es.to.vu.ka/ → [es.to. 'vu.kə] 'eu assustei'
 /VC.CV.CV.CV/ → [VC.CV.CV.CV]
- h. /a.i.ɲa.ma/ → [aj. 'ɲã.mə] 'feche! (a porta)'
 /V.V.CV.CV/ → [VC.CV.CV]
- i. /ni.o.ka/ → [ni. 'ɔkʷ] 'abelhas'
 /CV.V.CV/ → [CV.VC]¹¹⁷

• A sequência CV

Na sequência CV, Ataque e Núcleo podem ser preenchidos por todas as consoantes e vogais da língua. Por ser a mais recorrente no padrão silábico, a sequência CV pode estar nas sílabas iniciais, mediais e finais das palavras:

- (132) a. /ku.ri/ → [ku. 'ri] 'vamos!'
 /CV.CV/ → [CV.CV]
- b. /hõ.ʔõ/ → [hõ. 'ʔõ] 'não há de quê'
 /CV.CV/ → [CV.CV]
- c. /o.ɕu.ga.vo/ → [ɔ. 'ɕu.ga.vu] 'bêbado'
 /V.CV.CV.CV/ → [V.CV.CV.CV]
- d. /sã.ti.aʃ/ → ['sã.tʲaʃ] 'melancia'
 /CV.CV.VC/ → [CV.CVC]
- e. /no.vi.ʃa.ma/ → [no.vi. 'ʃã.ma] 'ovelha novinha'
 /CV.CV.CV.CV/ → [CV.CV.CV.CV]
- f. /no.ʃo.ri.pi.a.kiʃ/ → [no.ʃo.ri.pʲa. 'kiʃ] 'barata' (Fm)
 /CV.CV.CV.CV.V.CVC/ → [CV.CV.CV.CV.CVC]

¹¹⁷ Uma formação silábica VC ocorre, apenas em nível fonético, quando há a realização não explodida da oclusiva velar desvozeada [kʷ]. Duas sílabas V.CV transformam-se em uma sílaba VC.

g. /i.ʃa.ka/ → [i.ˈsak̚] ‘eu como’ (Ff)
 /V.CV.CV/ [CV . CVC] ¹¹⁸

- **A sequência CCV**

A sequência CCV foi registrada em Chiquitano (apenas em sílabas fonéticas) e em palavras do português ou do espanhol. No Ataque, C1 pode ser preenchido pelas consoantes /p/ e /t/, C2 preenchido por /r/ e o Núcleo, pelas vogais /i/, /e/ e /o/.

(134) a. /nas.tʃo.po.ro/ → [nas.'tʃo.po.ru] ~ [nas.'tʃo.pru] ‘mato’
 /CVC.CV.CV.CV/ → [CVC.CV.CV.CV] → [CVC.CV.CCV]

b. /ka.trɪ/ → [ˈka.trɪ] ‘catre, jirau de dormir’
 /CV.CCV/ → [CV.CCV]

c. /ni.pri.mo/ → [ni. 'pri.mu] 'meu primo'
 /CV.CCV.CV/ → [CV.CCV.CV]

d. /ʃã.te.re.res/ → [ʃã. 'tre.re] 'tripa da gente'
/CV. CV. CV.CVC/ → [CV. CCV. CV]

- A sequência CCVC

Pouquíssimos casos foram registrados na sequência CCVC, dentre eles, apenas o exemplo (135a) foi considerado pelos “lebradores” como sendo da língua Chiquitano. Os outros foram identificados como sendo do português ou do espanhol. Nos exemplos citados, no Ataque, em C1, registraram-se as consoantes /k/, /t/ e /v/, e, em C2, as consoantes /r/ e

¹¹⁸ Uma formação silábica CVC ocorre, apenas em nível fonético, quando há a realização não explodida da oclusiva velar desvozeada [k̟̞]. Duas sílabas CV.CV transformam-se em uma sílaba CVC.

/l/. No núcleo, as vogais orais /e/, /i/ e /o/, e, na coda, as consoantes /s/ e /ʃ/.

- (135) a. /pa.kres/ → [pã. 'kres] 'boneca'
 / CV. CCVC/ → [CV. CCVC]
- b. /treʃ/ → ['treʃ] 'três'
 / CCVC/ → [CCVC]
- c. /kris.ti.a.nu.ka/ → [kris.tʲa. 'nu.kə] 'pessoas/cristãos'
 / CCVC. CV. V. CV. CV/ → [CCVC. CV. CV. CV]
- d. /pu.e.vloʒ/ → [pu. 'e.vloʒ] 'cidade, povoado'
 / CV.V. CCVC/ → [CV. V. CCVC]

- **A sequência CVCC**

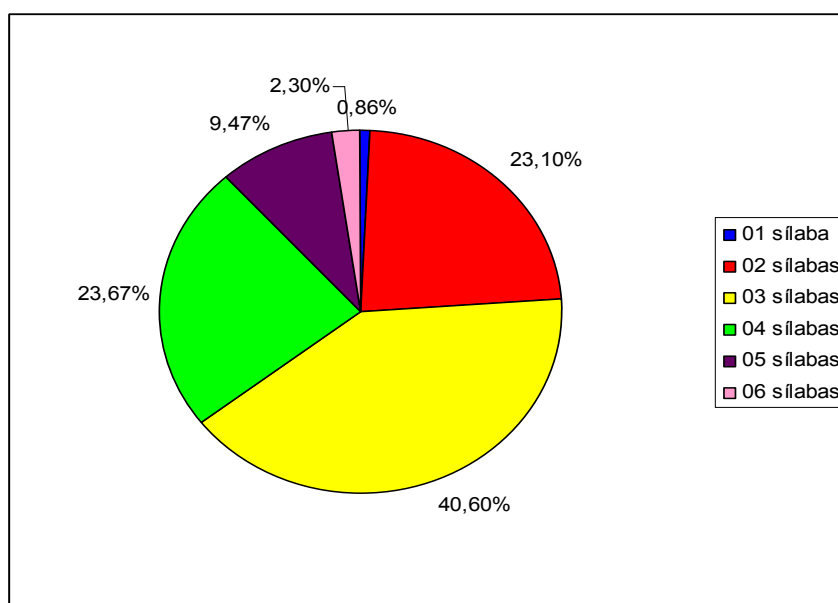
A sequência CVCC foi registrada em Chiquitano em apenas uma ocorrência e em sílaba fonética, resultante da realização não explodida da oclusiva velar desvozeada [kʰ]. O Ataque C foi preenchido pela consoante [p]; o Núcleo foi preenchido pela vogal oral [i] e a coda, C1, pela aproximante palatal desvozeada [j] e C2 pela oclusiva velar desvozeada não explodida [kʰ].

- (136) a. /tʃo.pe.i.ki/ → [tʃo. 'pej.kɪ] ~ [tʃo. 'pejkʰ] 'não tem acabou'
 / CV. CV. V. CV/ → [CV. CVC. CV] → [CV. CVCC]

4.6.3 - O Número de Sílabas

Em uma contagem simples das sílabas de 741 (setecentos e quarenta e um) itens lexicais¹¹⁹ do corpus, foram identificados itens lexicais formados por uma (01), duas (02), três (03), quatro (04), cinco (05) e seis (06) sílabas. Os itens lexicais formados por três sílabas são a maioria. Na sequência estão os itens lexicais formados por quatro, duas e cinco sílabas. Os itens lexicais com uma e seis sílabas são em número bem menor, como se pode observar no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Demonstrativo de Quantidade de Sílabas



4.7– CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACENTO

Para as observações do acento nas palavras da língua Chiquitano, baseei-me na premissa de Hayes (1995), que postula o acento como uma estrutura rítmica hierarquicamente organizada. Considerei, para esta análise,

¹¹⁹ Quando o item lexical foi registrado nas falas masculina e feminina, a contagem foi feita apenas com itens lexicais referentes à fala feminina, considerando o fato de que muitos nomes na língua Chiquitano são acrescidos, na fala masculina, de um prefixo {no-}, o que causaria uma diferença na contagem dos itens lexicais.

apenas a propriedade de culminância na qual cada palavra apresenta uma única sílaba mais forte carregando o acento principal¹²⁰.

De maneira geral, as ocorrências do acento evidenciaram que ele não é contrastivo e que recai, na maioria das vezes, na penúltima sílaba, na sequência CV, e em palavras com duas ou mais sílabas:

- (137) a. /ko.pɔ/ → ['kõ.pɔ] 'morreu' (Ff)
 /CV. CV/ → [CV. CV]
- b. /sa.ru.ki/ → [sa. 'ru.kɪ] 'irmão' (Ff)
 /CV. CV. CV/ → [CV. CV. CV]
- c. /ku.ʃa.na.ma/ → [ku.ʃa. 'nã.ma] 'bebezinho'
 /CV. CV. CV. CV/ → [CV. CV. CV. CV]
- d. /ti.ti.mi.mi.ka/ → [ti.ti.mi. 'mi.kə] 'entardecer'
 /CV.CV.CV.CV.CV/ → [CV. CV. CV. CV. CV]

A segunda maior ocorrência foi registrada como o acento na última sílaba, com maior proporção nas sequências CVC e VC, em dissílabos e em trissílabos.

- (138) a. /na.iʃ/ → [na. 'iʃ] 'boca (do outro)'
 /CV. VC/ → [CV. VC]
- b. /tu.ta.iʃ/ → [tu.ta. 'iʃ] 'bocaiuva'
 /CV. CV. VC/ → [CV. CV. VC]
- c. /ki.miʃ/ → [ki. 'miʃ] 'bicho, larva'
 /CV. CVC/ → [CV. CVC]
- d. /ʃa.na.kaʃ/ → [ʃa.na. 'kaʃ] 'raiz'
 /CV.CV.CVC/ → [CV. CV. CVC]

¹²⁰ Não foram considerados, para estas observações preliminares, o peso silábico e a relação de duração da sílaba na língua Chiquitano.

e. /no.pĩ.tu.paʃ/ → [no.pĩ.tu.ˈpaʃ] 'Deus' (Ff)
 /CV.CV. CV.CVC/ → [CV. CV. CV. CVC]

O acento na antepenúltima sílaba está em menor número, e em sua grande maioria na sequência CV, em palavras com quatro ou mais sílabas:

(139) a. /a.ʃi.ɲe/ → [ˈa.ʃi.ɲẽ] 'eu'
 /V. CV. CV/ → [V. CV. CV]

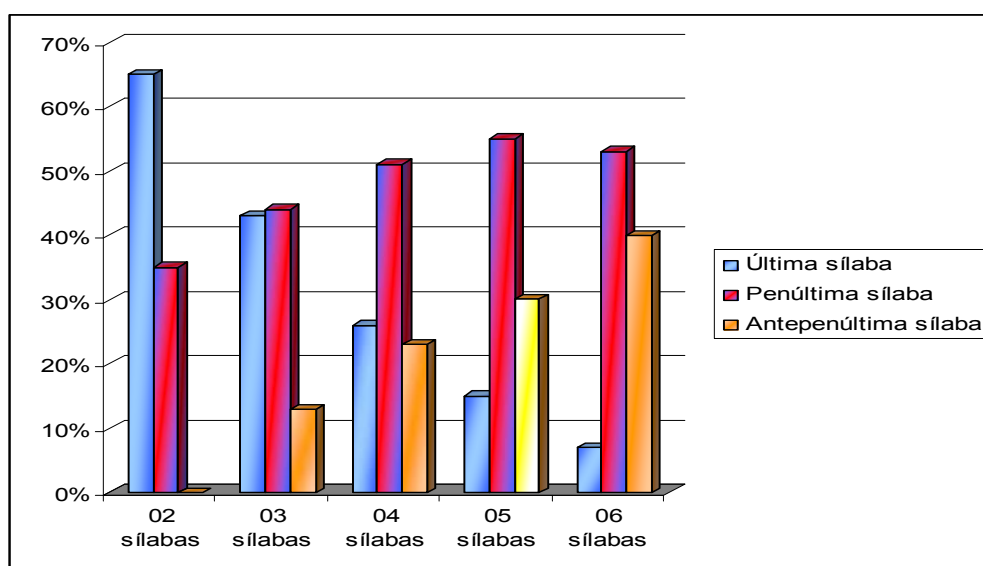
b. /hu.sa.ra/ → [ˈhu.tsa.rə] 'derramou'
 /CV. CV. CV/ → [CV. CV. CV]

c. /i.ʃu.ka.pu/ → [iˈʃukapʊ] 'eu tenho medo'
 /V. CV. CV.CV/ → [V. CV.CV.CV]

d. /ti.ʃi.pa.ka.pi.ki/ → [ti.ʃi.ˈpa.ka.pikʲ] 'não quero mais'
 /CV. CV. CV.CV. CV.CV/ → [CV. CV. CV.CV.CVC]

A seguir, no Gráfico 3 – Demonstrativo de Ocorrência de Acento, apresento as ocorrências do acento relacionadas ao número de sílabas na palavra.

Gráfico 3 – Percentual de Ocorrência de Acento



Observando-se os dados referentes ao número de sílaba e ocorrência de acento, percebe-se que:

- os itens lexicais com duas sílabas são, na grande maioria (67%), acentuados na última sílaba;
- os itens lexicais com três sílabas têm recorrência de acento mais distribuída entre a penúltima e a última sílabas, 44% e 43%, respectivamente, e o acento na antepenúltima em proporção menor, 13%;
- os itens lexicais com quatro sílabas têm 51% de ocorrência de acento na penúltima sílaba, 26% na última e 23% na antepenúltima;
- os itens lexicais com 5 sílabas também têm a maioria dos acentos na penúltima sílaba, 55% , 30% na antepenúltima e 15% na última sílaba;
- os itens lexicais com 6 sílabas são 53% acentuados na penúltima sílaba, 40% na antepenúltima e 7% na última.

Do *corpus* analisado, 741 itens lexicais, 46% apresentaram a penúltima sílaba acentuada, 39% a última sílaba e 15% a penúltima. Com isso conclui-se que, com relação ao acento, a língua Chiquitano tem a maioria dos itens lexicais acentuados na penúltima sílaba. E ainda, que a maior incidência dos acentos foi nas sílabas em sequência CV (padrão silábico também mais recorrente na língua), seguidas pelas sequências CVC, VC e V. Tais considerações sobre o acento precisam ser observadas com mais especificidade, em estudos futuros, considerando peso silábico, duração das sílabas e demais teorias sobre acento e ritmo.

CONCLUSÃO

Meu objetivo neste capítulo foi o de apresentar, a partir de uma revisão da análise apresentada em Santana (2005), uma descrição mais detalhada e abrangente da fonética e da fonologia da língua Chiquitano. Baseada nos pressupostos teóricos e metodológicos de Gray & Wise (1959), Schane (1975),

Pike (1976), Istre (1980), Kindell (1981), Selkirk (1982), Goldsmith (1990), Hayes (1995), Cagliari (2002), Callou e Leite (2003) e Silva T. (2003) demonstrei, inicialmente, os contrastes e a complementação entre os fonemas consonantais e vocálicos, tendo chegado aos seguintes inventários: /p, t, k, g, ʔ, tʃ, v, s, ʃ, ɣ, h, r, m, n, ɲ, w, j/ e /i, ī, ĩ, u, ū, e, ē, o, ō, a, ā/. Destes inventários apresentados, alguns fonemas e alofones, como a oclusiva velar vozeada /g/, a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/, a fricativa bilabial vozeada [β] e as aproximantes bilabial vozeada /w/ e palatal vozeada /j/ ainda deixaram dúvidas quanto ao seu *status* no inventário de fonemas e alofones da língua. Também chamou a atenção, nesta análise, a quantidade de sons em variação livre e em neutralização, os quais foram associados à situação sociolinguística da variedade Chiquitano brasileira.

Em seguida, discuti alguns processos fonológicos pelos quais passam as consoantes e as vogais. Tais processos deverão ainda ser objeto de estudos futuros, já que foram tratados aqui de forma superficial, considerando a carência dos dados e também a falta de estudo morfofonêmico da língua. Serão necessárias, por exemplo, análises mais cuidadosas sobre o alongamento vocálico e a nasalização das vogais, entre outros.

Na parte relativa à sílaba, mostrei quais são os tipos que ocorrem na língua, sua distribuição e incidência de quantidade nas palavras. Os tipos de sílabas identificadas foram: V, VC, CV, CCV, CVC, CVCC e CCVC. Desses, os tipos CCV e CVCC foram registrados apenas em sílaba fonética e o tipo CCVC foi registrado na quase totalidade dos dados em palavras identificadas como sendo do português ou do espanhol. Demonstrei também, através de gráficos, que as palavras formadas por três e quatro sílabas são a maioria na língua Chiquitano do Brasil.

Por fim, foi tratado, de forma ainda preliminar, o acento da língua. O que se registrou é que o acento não é contrastivo, é previsível e que recai, na maioria das vezes, nas penúltimas e últimas sílabas dos itens lexicais.

Comparei, quando pertinente, os resultados que obtive com os estudos recentes de Pierric Sans (2010, 2011) sobre a variedade Chiquitano da Bolívia e também com outros estudos apresentados por Krüsi & Krüsi (1978), Tormo (1993), Castro et al (2003) e Castro (2008a e 2008b). Na medida do possível,

tentei ainda buscar similaridades com outras línguas indígenas brasileiras nos trabalhos de Silva (2005), Amado (2006), Borges (2006), Ribeiro & Cândido (2006), Mori (2008), Nascimento (2008), Silva E. (2008), Souza (2008) e Wetzels (2008).

Esta descrição de aspectos fonológicos da língua Chiquitano, mesmo ainda com alguns pontos preliminares, serviu de fundamentação para ações e propostas didáticas, contribuindo para a valorização e o fortalecimento da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha. Tal contribuição revela-se no sucesso das ações propostas, as quais incidiram a partir do contato dialógico entre a pesquisa, a socialização dos dados linguísticos e a motivação da comunidade Chiquitano.

No Capítulo V, a seguir, faço reflexões sobre a experiência com as ações em prol da valorização e da revitalização da língua Chiquitano envolvendo anciãos, professores, alunos e demais pessoas das comunidades.

CAPÍTULO V

DIÁLOGOS INTERCULTURAIS: AÇÕES DE VALORIZAÇÃO E FORTALECIMENTO DA LÍNGUA CHIQUITANO

Em uma situação de revitalização lingüística, cada palavra aprendida, falada, é uma conquista histórica.

Pimentel da Silva (2009a, p.132)

Neste Capítulo, faço reflexões e demonstro como as atividades da pesquisa linguística em uma perspectiva dialógica junto aos interesses dos Chiquitano se contextualizaram e foram se aliando em ações para valorização e revitalização da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras de Acorizal, Central, Fazendinha e Vila Nova Barbecho. Apresento, ainda, um relato com ilustrações do I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano, evento que incentivou novas iniciativas no cotidiano da Escola Chiquitano.

Como amplamente discutido neste trabalho, a língua Chiquitano, nas comunidades brasileiras, onde as pesquisas linguísticas foram realizadas, vive em estado agonizante. No entanto, há entre aquelas comunidades, em especial entre os professores, um grande desejo em retomar essa língua tradicional, em manter em uso os novos aprendizados linguísticos (itens lexicais, cumprimentos, orações cristãs e outras interlocuções de uso cotidiano), dando continuidade às ações de valorização e fortalecimento da língua materna ancestral, incentivadas desde 2003, quando eu e Ema Marta Dunck-Cintra iniciamos os estudos linguísticos junto aos Chiquitano.

Naquele momento, o desejo dos Chiquitano em promover o avivamento linguístico, em querer modificar o percurso histórico, em

acompanhar a mudança e atuar sobre ela era estimulante e inspirador. Sabe-se que a vitalidade de uma língua não pode ser programada tecnicamente, já que elas são produtos da história e da prática dos falantes, podendo evoluir e/ou retroceder sob pressão ou fatos históricos e sociais (CALVET, 2007). Por isso, essa vontade e o envolvimento da comunidade Chiquitano foram e são tão essenciais no processo de retomada de sua língua materna ancestral. Assim, os desejos dos professores e da comunidade Chiquitano se juntaram ao meu interesse, como pesquisadora, em transpor os limites da pesquisa acadêmica, com propostas de fomentar e subsidiar ações e políticas de revitalização da língua Chiquitano naquelas comunidades.

Desta forma, o envolvimento dos Chiquitano, em especial dos professores daquelas comunidades, fez-se imprescindível em todas as etapas da pesquisa, seja acompanhando os anciãos e/ou participando ativamente das atividades propostas. Os professores Chiquitano se destacam como os principais articuladores e interlocutores políticos na defesa dos direitos, no fortalecimento da identidade e no processo de reconhecimento do povo Chiquitano¹²¹, passando da condição de subalternos a autores e coordenadores dos projetos de valorização e revitalização da língua e cultura Chiquitano.

Desde as primeiras iniciativas para a retomada da língua materna ancestral, apresentadas no Capítulo III (Seção 3.2), como as “aulas da língua Chiquitano”, os professores Chiquitano, na perspectiva de fortalecimento da identidade do seu povo, almejavam, com grande expectativa, ter a língua Chiquitano registrada e “escrita”. Segundo eles, isso daria ao povo Chiquitano credibilidade, reforçando “as provas” de que eram indígenas. Para eles, ter uma representação alfabética para a língua era muito importante, pois assim poderiam transformá-la em língua de escolarização, ou seja, uma língua de conhecimentos e diálogos intra e interculturais, ampliando as possibilidades de vitalidade da língua e, conseqüentemente, de fortalecimento da identidade étnica.

Para Meliá (2010, p. 115), a escrita para quem já está acostumado com ela, se converte em um recurso muito efetivo para os efeitos de memorização e

¹²¹ Silva (2010, p. 23), em apontamentos etnográficos sobre os Xerente, cita Luiz Roberto de Paula, mencionando que ele “identificou os professores indígenas como um novo tipo de liderança, que vem desempenhando uma função importante nas instâncias decisórias, anteriormente prerrogativa dos homens mais velhos e dos ‘caciques’”.

repetição de textos. Segundo o autor: *“Este recurso metodológico há sido generalmente incorporado al aprendizaje de las lenguas, de tal modo que casi nadie aprende una lengua indígena cuando esta es segunda lengua, sino es através de esse médio”*. E para os Chiquitano, naquele contexto, a escrita da língua era a forma imediata de pôr as pessoas em contato com a língua materna ancestral, reforçando as políticas de resistência.

Nesta perspectiva, os encontros com os professores para socialização dos estudos da língua Chiquitano e discussões para a definição da ortografia surgiram como incentivo para promover a manutenção e a revitalização da língua materna ancestral daquele grupo. E a pesquisa linguística realizada concomitante, envolvendo as observações sobre o histórico, aspectos sociolinguísticos, fonéticos e fonológicos da língua Chiquitano constituiu a base de conhecimento, subsidiando atividades e orientações voltadas para a definição da ortografia e também para as práticas na sala de aula, para usos no cotidiano, rituais religiosos etc.

Esses diálogos e a interatividade com os professores Chiquitano consistiram de momentos reflexivos muito importantes, os quais são detalhados, a seguir, em três momentos: A Definição da Ortografia, Atividades e Metodologias de Estudo e Ensino da Língua Chiquitano e o I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano.

5.1- A DEFINIÇÃO DA ORTOGRAFIA

Apesar de a língua Chiquitano já ter, na Bolívia, forma escrita e diversas publicações, a necessidade de se definir uma ortografia a ser utilizada pelas comunidades brasileiras se justifica por algumas questões políticas.

Primeiro, como mencionado na Seção 3.2.2, do Capítulo III, havia uma grande dificuldade de entendimento do material escrito publicado na Bolívia. Tal dificuldade é causada, principalmente, pela diferença entre os próprios alfabetos utilizados nas publicações bolivianas. Segundo Castro et al (2003, p. 21), desde a época dos missionários jesuítas, a língua Chiquitano é escrita, possuindo vários alfabetos. Esta situação, segundo os autores, gerou, nas comunidades Chiquitano bolivianas, uma necessidade de um alfabeto único

que fosse “fruto do esforço, debate e decisão dos falantes chiquitanos”. Assim, declaram eles, em 1995 foi realizada uma revisão técnica dos alfabetos com o intuito de determinar um alfabeto Chiquitano oficial. E nos anos seguintes, 1996, 1997, diversos encontros de difusão do alfabeto “besiro” foram realizados nas províncias Chiquitano, na Bolívia¹²².

Segundo, pelo fato de que a escolha de grafemas para uma ortografia em língua indígena, além de se basear nos estudos Fonéticos e Fonológicos, busca acompanhar, de maneira geral, a língua nacional oficial. No caso das escritas do Chiquitano existentes, a representação de alguns sons foi baseada na escrita do espanhol. Desta forma, os Chiquitano brasileiros, alfabetizados em português, têm dificuldades em entender aquelas escritas com base na ortografia da língua espanhola. Como exemplo desse tipo de dificuldade, poderíamos citar o grafema (ch), que no alfabeto espanhol representa o som da africada alveopalatal desvozeada /tʃ/, e no alfabeto do português brasileiro o grafema (ch) representa a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/, ou seja, o mesmo grafema representa, nas duas ortografias (espanhola e portuguesa), sons distintos.

Terceiro, seria a questão das diferenças fonéticas, fonológicas e lexicais, como demonstrado na Seção 3.2.2 do Capítulo III, que há entre as variedades regionais da própria língua Chiquitano. Tais diferenças podem não parecer comprometedoras para os falantes da língua. No entanto, para os aprendizes, elas podem parecer complexas, considerando o desconhecimento da língua Chiquitano pelos adultos e jovens para os quais estávamos propondo a escrita da língua.

Outro fato seria o *status* de ter uma escrita própria, com publicações mais próximas de sua realidade sociolinguística. Pelos estudos fonéticos e fonológicos realizados e demonstrados, percebeu-se diferenças na definição de fonemas como o /v/ e o /g/, por exemplo, considerados como fonemas apenas na variedade brasileira. Assim, ter uma escrita diferenciada que valorizasse esses aspectos regionais corroborava a elevação da autoestima, da

¹²² Em Sans (2010), o autor reafirma a preocupação dos professores sobre a variedade de alfabetos Chiquitano utilizados em regiões distintas da Bolívia e que, desde 1995, tem havido oficinas para a padronização desses alfabetos. A última foi realizada em 2007.

autovalorização étnica, essencial para os Chiquitano naquele momento.

Também é importante entender que a definição de um alfabeto é um processo que envolve discussões técnicas, políticas, pedagógicas e, nesse caso, até mesmo geopolíticas, em função dos países envolvidos. Sobre o processo de definição das escritas, Calvet (2007, p. 105-106) declara que elas são, pela sua própria natureza, imperfeitas, mas para serem eficazes devem combinar certos critérios como unicidade, notação dos sons e tons significativos e facilidade de aprendizagem e utilização.

Assim, as discussões e reflexões encaminhadas tiveram, como eixo norteador, a mediação entre os critérios mencionados por Calvet (2007) e também entre questões como ensino de segunda língua, similaridades linguísticas com as variedades dialetais presentes nas publicações bolivianas e até a utilização do alfabeto em meios eletrônicos como computador, celular etc.

E a preocupação com as escritas bolivianas, como já mencionado no Capítulo III, se justifica pelo acesso que o grupo tem a alguns materiais (livro de orações e textos bíblicos, cartilhas, gramática) publicados em ortografias distintas na língua Chiquitano. Também havia interesse dos professores Chiquitano brasileiros em estabelecer, no futuro, maior contato com os professores e lideranças Chiquitano bolivianos para que pudessem manter e participar das discussões de políticas linguísticas.

Considerando, então, essa questão da transnacionalidade vivenciada pelo grupo Chiquitano na região fronteira entre Brasil e Bolívia, era importante e necessário que os professores indígenas tivessem conhecimento das diferenças linguísticas, dos sistemas ortográficos das variedades linguísticas do Chiquitano e das outras línguas envolvidas ou em contato (como o português e o espanhol, por exemplo), para poder promover e/ou mediar a compreensão dos alunos nos diversos processos de aprendizado da língua Chiquitano. Nestas perspectivas, é que procederam as conversas para a definição do alfabeto para a língua Chiquitano brasileira.

O primeiro momento em que se discutiu a ortografia para a língua Chiquitano brasileira aconteceu em 2006, encaminhado por mim e pela linguista Ema Marta Dunck-Cintra. Naquela época, apresentamos aos professores Chiquitano um quadro com os sons do Chiquitano identificados por mim, em Santana (2005), e as respectivas representações no português, em

outras regiões da Bolívia e também em outras línguas indígenas brasileiras (conf. Quadro 3). Ao apresentar este quadro, especial enfoque foi dado para a ortografia apresentada por Castro et al (2003), pois, segundo os autores, esta foi a ortografia definida por uma Convenção de Professores na Bolívia em 1995. O objetivo em ressaltar esta ortografia era mostrar a articulação dos professores bolivianos e também colocá-los a par das discussões envolvendo a ortografia da língua Chiquitano.

Quadro 3 - Comparativo dos Alfabetos na Língua Chiquitano

SONS CHIKUITANO (SANTANA, 2005)	PORTUGUÊS DO BRASIL	CHIKUITANO DA BOLÍVIA			LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS
		Região de San Inácio (RIESTER, 1986)	Região de Concepción (TORMO, 1993)	Convenção de Professores (CASTRO ET AL (2003)	
a	a	a	a	a	a
e / ε	e	e	e	e	e
i	i	i	i	i	i
o / o	o	o	o	o	o
u / y ¹²³	não há	ü	ü	ɨ	ü
u	u	u	u	u	u
ʔ	não há	ʔ	não há	ʔ	ʔ
β	não há	b / v	b	b	w
tʃ	t (i)	ch	ch	ch	c tx
h	r (início) rr (meio)	h	h	não há	h
k	c (a, o, u) qu (i, e)	k	c (a, o, ü, u) qu (e, i)	k	k
m	m	m	m	m	m
n	n	n	n	n	n
ɲ	nh	ñ	ñ	ñ	ñ - nh
p	p	p	p	p	p
r	r (meio)	r	r	r	r
s	s	s	s	s	s
t	t	t	t	t	t
ʃ	x ch	sch	rr	xh	sh - x
ʂ	não há	rsch	rr	x	

¹²³ Nesta época, o *status* de fonema destes sons ainda estava indefinido.

Na apresentação do quadro, como se pode observar, a intenção era buscar similaridades, comparar e estabelecer relações dos sons na língua Chiquitano com as respectivas representações ortográficas existentes no português, no Chiquitano boliviano e também em outras línguas indígenas brasileiras.

É importante que os participantes de discussões, que envolvam definição de ortografias, conheçam outras grafias e/ou grafemas utilizados na representação dos sons. No caso dos Chiquitano, era necessário, pois, como já mencionado, eles já tinham contato e normalmente manuseavam materiais e textos na língua Chiquitano vindos da Bolívia. Também era importante para que pudessem compará-las, fazendo reflexões sobre os grafemas, observando o que era similar e o que era diferente e, a partir delas, iniciar a discussão para a escolha dos grafemas para representar os fonemas na variedade Chiquitano brasileira. E assim foi feita a escolha dos grafemas para a ortografia da língua Chiquitano a ser utilizada pelas comunidades brasileiras.

Para a representação dos fonemas vocálicos /a, e, i, o, u/ e consonantais /h, m, n, p, r, s, t/ foram escolhidos, respectivamente, os grafemas: (a, e, i, o, u) e (h, m, n, p, r, s, t). Para tais escolhas, não houve discussão, já que a representação deles era similar em todas as ortografias bolivianas e também no português brasileiro.

Apesar de as vogais orais médias abertas, anterior [ɛ] e posterior [ɔ] não serem distintivas na língua Chiquitano (Conferir, neste trabalho, a Seção 4.4.2 – Variação Livre, no Capítulo IV), os professores propuseram marcá-las com acento agudo a fim de manter a distinção na fala. Argumentei a respeito da confusão que poderia gerar a marcação da vogal aberta com a tonicidade da sílaba, procurei mostrar prós e contras que incidiriam nas escolhas e deixei a decisão final com os professores. O argumento deles, muito interessante, por sinal, foi que estaríamos propondo uma escrita que facilitasse o aprendizado da língua, então seria interessante que aprendessem “pronunciando as vogais abertas e fechadas”, assim achamos por bem manter a marcação com o acento. Em casos como esses, evitei acirrar as discussões e/ou estabelecer regras para marcar a acentuação e/ou estabelecer outras situações de uso de grafemas. Preferi, então, deixar que questões como essas fossem melhor

refletidas com a prática da escrita, e, se fosse necessário, posteriormente seriam retomadas para discussão.

Na época das primeiras reuniões para a definição da ortografia, eu estava considerando, na análise fonológica, a vogal oral alta central como arredondada /ɤ/ e a fricativa bilabial vozeada /β/ como fonemas. Então, naquela ocasião, a escolha do grafema para representar a vogal /ɤ/ seguiu a representação boliviana (ü), e, para a fricativa /β/, o grafema escolhido foi (v). Agora, com a revisão da fonologia (apresentada neste trabalho), postulei como fonemas a vogal oral alta central como não arredondada /ɪ/, substituindo /ɤ/, e a fricativa labiodental vozeada /v/, substituindo /β/¹²⁴, mas os grafemas foram mantidos, após socialização da revisão com os professores, como se comenta mais adiante.

A escolha dos grafemas para representação dos fonemas oclusivo velar desvozeado /k/ e nasal palatal vozeado /ɲ/ teve como argumento inicial a simplificação na leitura e escrita. Sobre o uso de (c) e/ou de (qu) para representar a oclusiva velar desvozeada /k/, discutiu-se que a opção por um deles ou pelos dois poderia trazer a mesma “confusão” que existe na escrita do português, por exemplo. Sobre o uso do grafema (ñ) para representar a nasal palatal vozeada /ɲ/, também poderia parecer estranho para a maioria dos jovens, alfabetizados em português e que não tinham experiência em ler em espanhol. Assim, os grafemas escolhidos para representação dos fonemas, oclusivo velar desvozeado /k/ e nasal palatal vozeado /ɲ/ foram, respectivamente, (k) e (nh).

Quanto aos grafemas para representar a africada alveopalatal desvozeada /tʃ/ e a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/, estes renderam uma discussão maior, considerando que as variedades bolivianas apresentavam grafias distintas. Com base nas grafias de outras línguas indígenas brasileiras, a primeira proposta foi a utilização dos grafemas (tx) e (x) para representar, respectivamente, os fonemas /tʃ/ e /ʃ/. O grafema (tx) foi

¹²⁴ Conferir discussão sobre as novas análises desses fonemas no Capítulo IV, Seções: (4.1.3), (4.2.2.1), (4.3.2) e (4.3.4).

até bem visto pelo grupo, mas o grafema (x) para representar o fonema /ɣ/ não foi aceito. A discussão maior era para o fato de que a fricativa alveopalatal desvozeada /ɣ/ representava o som do nome “Chiquitano” e que iria ficar difícil justificar para os alunos como a palavra Chiquitano era escrita com (ch) e outras palavras na língua, com (x). Depois de muita negociação, chegaram à conclusão de que o grafema (ch) deveria representar o fonema /ɣ/, com os argumentos de que era a “letra do nome Chiquitano” e este grafema também existia no português. Venceu o argumento intercultural, ou seja, venceu o argumento do contexto de escrita do nome do grupo: “Chiquitano”, para eles, já era uma marca de identificação étnica. E para manter a sequência, foi definido, para o fonema /tɣ/, o grafema (tch).

Como era de se esperar, a discussão maior ficou por conta da escolha da representação do fonema fricativo retroflexo desvozeado /ɣ/. Este som não existe em português, e nas grafias Chiquitano bolivianas era o símbolo mais distinto. A primeira opção dos professores foi pelo grafema (rsch), formado por quatro letras, utilizado em uma das grafias bolivianas com as quais já tinham contato através de algumas publicações. Apesar dos argumentos contrários, alegando-se uma quantidade grande de letras, os professores não abriram mão da decisão, permanecendo a escolha do grafema (rsch) para representar a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/. A escolha do grafema para representar tal fricativa rendeu ainda outras discussões, tratadas mais à frente, neste mesmo Capítulo.

Assim, em outubro de 2007, tivemos a primeira versão do alfabeto experimental Chiquitano, que pode ser conferida a seguir, no Quadro 4 – Primeira Proposta de Alfabeto para a Língua Chiquitano no Brasil. A proposta seria praticá-lo, testar a escrita para depois fazermos os ajustes, se achassem necessários.

Quadro 4 – Primeira Proposta de Alfabeto para a Língua Chiquitano no Brasil

ALFABETO LÍNGUA CHIQUITANO - JULHO DE 2007			
SOM CHIQUITANO (SANTANA, 2005)	SOM SIMILAR EM PORTUGUÊS E GRAFEMA	GRAFEMA (SÍMBOLO) ESCOLHIDO	PALAVRA ESCRITA EM CHIQUITANO
a	(asa) a	a	taropés (cuia)
e / ε	(pelé) e	e / é	pé ' és (fogo)
i	(índio) i	i	kupikinha (menina)
o / o	(olhos) i	o / ó	novorórsh (lobo)
ʉ - y	não tem	ü	tavaürsch (chicha)
u	(uva) u	u	masupakich (surdo)
ʔ	não tem	'	tama ' a (um)
h	(rua) r	h	heskonho (rápido)
k	(casa) c	k	kiumatursch (feio)
m	(mãe) m	m	mastakama (bonito)
n	(nariz) n	n	norasivirirsch (lambari)
ɲ	(manhã) nh	nh	nha'uma (criança)
p	(pato) p	p	paravarsch (arara)
r	(barata) r	r	nosorursch (córrego)
s	(sapo) s	s	pusiórch (flor)
t	(telha) t	t	nopetarsch (cágado)
β	não tem	v	tavorórsch (careca)
ʃ	(xícara) x (chá) ch	ch	notuvarich (rã)
tʃ	não tem	tch	tchapórsch (copo)
ɕ	não tem	rsch	taarsch (chuva)

- Sons em empréstimos: g, l, b, f, j = **g, l, b, f, j** (como em português)

Os itens lexicais para representar os exemplos foram sugeridos pelo grupo. Cada um ia sugerindo um ou outro item Chiquitano que conhecia ou que tinha escutado, e assim a seleção foi feita; utilizando os critérios de significado comum, conhecido pelas pessoas, facilidade de pronúncia etc.

Com o meu retorno às comunidades para a pesquisa do Doutorado, em julho de 2008, as conversas para avaliação e definição da ortografia, a pedido dos professores, foram retomadas. Assim fomos revisando as representações e, à medida que eu ia certificando através da pesquisa as alterações no quadro

fonológico da língua, estas iam sendo socializadas com os professores, a exemplo do acréscimo dos fonemas /g, w, j/, a alteração da vogal oral central não arredondada /i/ e a substituição do fonema /β/ pelo fonema /v/. As escolhas dos grafemas ficaram respectivamente: (g, w, j)¹²⁵ e (ü, v)¹²⁶, e seguiram os critérios já discutidos anteriormente, como a proximidade entre o alfabeto do português e a convenção dos professores bolivianos e, ainda, a possibilidade de “escrever o símbolo” no computador.

Também foram retomadas as discussões da representação da fricativa retroflexa desvozeada /ɬ/. Sugeriu-se, a exemplo da convenção na Bolívia, que repensassem sobre a possibilidade de escolher o grafema (x) para representar o fonema /ɬ/. Durante esta discussão, algumas tentativas de escritas foram feitas, pelos professores, com as duas formas ortográficas (conf. Quadro 5 – Grafemas para a Fricativa Retroflexa). E, novamente, comparando os grafemas com o alfabeto do português, os professores acharam que a leitura ficaria confusa para os alunos, já acostumados, em português, com o grafema (x) representando a fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/, como pode ser verificado no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Grafemas para a Fricativa Retroflexa Desvozeada /ɬ/

Forma fonética	Grafia atual	Grafia proposta	Forma hipotética: como os alunos pronunciariam
[no 'kɔɬ]	nókórsch	nokox	[no 'koʃ]
[ɬoɬi 'iɬ]	rschorschiich	xoxiix	[ʃoʃi 'iʃ]
[paka 'uɬ]	pakaursch	pakaux	[paka 'uʃ]

Segundo os professores, como os alunos já estavam acostumados com a pronúncia do (x) = [ʃ] em português, não iriam pronunciar a fricativa retroflexa como deveriam. Assim, mesmo reconhecendo que eram muitas letras no grafema (rsch) para representar o fonema /ɬ/, optaram por reduzir

¹²⁵ Penso que a discussão para a escolha dos grafemas (w e j) precisa ser retomada, considerando que apenas um terço dos professores participou da reunião para esta discussão.

¹²⁶ Estes grafemas permaneceram os mesmos na 2ª proposta do alfabeto para a língua Chiquitano.

apenas uma letra do grafema anterior, ficando a representação da fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/ como (rch).

É evidente, nas discussões, a importância dada pelos professores Chiquitano também à representação escrita da fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/. A presença de tal fricativa refletiu sempre uma identidade diferenciada, uma identidade Chiquitano, como se pode perceber em várias abordagens, neste trabalho.

A fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/ foi a “marca” utilizada no final dos nomes pessoais e outras palavras, quando resolveram assumir, por conta própria, as aulas de língua Chiquitano com os mais velhos (conferir discussão no Capítulo III, Seção 3.2). Ela está presente em coda final da maioria dos nomes (animais, coisas, plantas etc) e, nas circunstâncias de utilização de itens lexicais de outras línguas, como o português e o espanhol, por exemplo, a fricativa retroflexa é um dos elementos significativos no processo de adaptação fonológica (conf. discussão nos Capítulos IV, Seção 4.1.3 e III, Seção 3.2.3).

Também, durante a coleta e a eliciação dos dados linguísticos, a pronúncia da fricativa retroflexa desvozeada foi a que chamou mais a atenção dos “lembradores” nos momentos de correção da fala, quando me diziam: “*sua língua está assim, meio pesadinha*”, “*precisa puxar mais a língua*”. E também neste momento de discussões para escolha dos grafemas, quando os professores fizeram questão de representar a escrita da fricativa retroflexa de forma diferenciada e que não fosse confundida com outro fonema do português ou do espanhol. Estas atitudes não deixam dúvidas de que a fricativa retroflexa desvozeada /ʂ/, nessas comunidades, detém um *status* cultural muito especial e significativo.

Outra situação posta em discussão para a definição da ortografia foi a nasalização das vogais e a necessidade de se pensar como representar a ortografia das vogais nasais /ĩ/, /ẽ/ e /ũ/, já que nos programas básicos do computador não seria possível escrever os grafemas (i, e, u) com o til (~). Em situações como esta é importante participar de discussões com outros grupos indígenas, a fim de socializar impasses e soluções.

Também é importante que os Chiquitano brasileiros conheçam e estabeleçam relações com a convenção ortográfica feita na Bolívia. Neste

sentido, penso que seria interessante um contato com os professores Chiquitano bolivianos¹²⁷, a fim de estreitar laços culturais e até mesmo compartilhar programas e ações de políticas linguísticas. A definição da ortografia é um processo dinâmico e político e, por isso, envolve tantas discussões, experimentação e negociação.

Assim, conforme demonstrado a seguir, no Quadro 6 – Segunda Proposta de Alfabeto Experimental para a Língua Chiquitano no Brasil - em outubro de 2009, ficou definida uma segunda versão da ortografia experimental para a língua Chiquitano.

Quadro 6 – Segunda Proposta de Alfabeto para a Língua Chiquitano

ALFABETO LÍNGUA CHIQUITANO - OUTUBRO DE 2009			
Fonema	Grafema	Chiquitano	Português
a ã	a ã	kamapae kaãrch	agora pedra
e ẽ	e / é ẽ	péés ninhe ' ẽ	fogo minha mão
i ĩ	i ĩ	kupikinha cháich	menina cocô
o õ	o / ó õ	nokórch takõõrch (Ff)	abóbora tatu
ı	ü	paürch	mulher
u ũ	u ũ	sururch saürch (Ff)	resina formigão
ʔ	ʔ	tama ' a	um
g	g	kusagórch	nuvem
h	h	héskonho	rápido
k	k	kiumaturch	feio
m	m	mastakama	bonito
n	n	napae (Ff)	avó
ɲ	nh	nhauma	criança
p	p	paravarch (Ff)	arara
r	r	nosorurch	córrego
s	s	nosusich (Fm)	cervo

¹²⁷ Na época do Encontro de Formação e Estudos Linguísticos, tentamos uma aproximação, convidando o Professor Pablino Parapaino Castro, linguista Chiquitano e autor de manuais e cartilhas na língua Chiquitano para participar do evento. Ele aceitou o convite, mas, infelizmente, não pôde participar do Encontro.

t	t	tipich (Ff)	formiga
v	v	tavarch	mandioca
w	w	watopi	vamos tomar banho
j	j	jopourch	cera
ʃ	ch	chourch (Ff)	cobra
tʃ	tch	tchapórch	copo
ɣ	rch	taarch	chuva

Nesta segunda proposta, o Alfabeto Experimental para a Língua Chiquitano ficou composto de 23 grafemas, sendo 6 (seis) vogais e 17 (dezessete) consoantes. Este alfabeto ainda é experimental, considerando que a representação das vogais nasais /ẽ/, /ĩ/ e /ũ/ e outras questões ainda precisam ser revistas e aprovadas por todos os professores.

As abordagens dos aspectos culturais no processo de definição da ortografia contribuíram para dar maior visibilidade à dimensão sociolinguística e à revitalização da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha. Neste sentido, o conhecimento dos aspectos históricos, sociolinguísticos, fonéticos e fonológicos da língua Chiquitano, durante as discussões para definição da ortografia, foi muito mais que um conteúdo a ser explorado pelos professores no planejamento e no material didático. Ele constituiu, para ambos, professores e alunos, um aspecto motivador para o aprendizado da língua materna ancestral, como se pode perceber em alguns exemplos de atividades apresentadas a seguir.

Apresento também, no Anexo C – Vocabulário Geral, uma lista com 740 itens lexicais Chiquitano, transcritos em forma fonética e também na 2ª versão do Alfabeto para o Chiquitano no Brasil. A intenção em apresentar os itens lexicais na forma ortográfica se justifica pelo interesse em facilitar consultas e pesquisas para os professores, alunos Chiquitano e demais pessoas das comunidades, interessadas em aprender a língua.

5.2 – ATIVIDADES E METODOLOGIAS DE ESTUDO E ENSINO DA LÍNGUA CHIQUITANO

Ao se propor ações para valorização de uma língua ameaçada, praticamente em extinção, como o Chiquitano, foi importante subsidiar e fomentar a relação dialógica entre a história da língua e os novos conhecimentos sobre ela. De nada adianta, segundo Calvet (2007, p. 72), promover uma língua, dando-lhe uma escrita alfabética, se ela não aparece na vida cotidiana dos falantes dessa língua. Com este intuito é que foram promovidos os encontros e reuniões para estudo e socialização dos aspectos da língua Chiquitano. Tais reuniões tiveram como objetivo agregar e envolver os professores nas atividades de pesquisa da língua, fomentando e incentivando a criação de novos espaços de uso da língua Chiquitano naquelas comunidades.

Refletir sobre a criação de contextos socioculturais que pudessem estimular o uso da língua e, também, o conhecimento e interação da cultura representa a base das atividades desenvolvidas com os professores Chiquitano, os quais são orientados a adotarem metodologias contextualizadas em busca do conhecimento, uso e atividades de escrita da língua, da troca de experiências com os anciãos, do contato com as histórias, mitos, cantos etc. Partindo desta concepção, as atividades criadas pelos professores, durante as reuniões de estudos e oficina da língua Chiquitano, consistiram em oportunidades lúdicas e interativas, permitindo o contato com a língua de forma contextualizada, buscando a motivação dos aprendizes e a apropriação da língua e da cultura Chiquitano. Algumas delas são demonstradas a seguir.

5.2.1 – Conhecendo o Léxico da Língua

Uma atividade desenvolvida com alunos acima de 12 anos consistiu em levantamento junto aos anciãos, “lembradores da língua”, de cerca de 450 itens lexicais diversos, classificados por eles (professor e alunos) como: nomes de animais (aves, insetos, peixes, outros animais), plantas (árvores, plantas, frutas e plantas medicinais), nomes diversos (familiares, parentesco e

peças), partes do corpo humano, objetos, palavras diversas e frases¹²⁸. Alguns itens extraídos desta lista são exemplificados no Quadro 7 - Lista de Nomes na Língua Chiquitano - Atividades Desenvolvida pelos Professores, a seguir:

Quadro 7 - Lista de Nomes na Língua Chiquitano - Atividade Desenvolvida pelos Professores

ANIMAIS, ÁRVORES, COISAS, FRUTAS, PARTES DO CORPO HUMANO PLANTAS, OBJETOS E OUTROS					
PORTUGUÊS		CHIKUITANO	PORTUGUÊS		CHIKUITANO
01	abóbora	nókórch	21	cavalo	kavaiurch
02	agulha	kümés	22	céu	napés
03	alma	nausupurch	23	chapéu	takuchaparch
04	andorinha	(no) saiarés	24	copo	tchapórch
05	anta	tapakich	25	coração	korasone
06	aranha	samarch	26	corpo	nestüpo
07	arara	(no) paravarch	27	cuia	taropés
08	arroz	narorch	28	dente	no'orch
09	banana	pakaurch	29	ema	(no) paiares
10	barriga	kipiorurch	30	feijão	kitchorés
11	boca	naich	31	fígado	piakaarch
12	borboleta	paturich	32	formiga	tipich
13	braço	nipiarch	33	goma	gomarch
14	cabaça	nürurich	34	mão	ninhê'ê
15	cachorro	tamokórch	35	milho	noseórch
16	caititu	(no) kitchoriórch	36	olho	sutórch
17	cama / jirau	tchapaparch	37	pé	piopés
18	camisa	kamizarch	38	sucupira	sukupira
19	cana	takonés	39	tarumã	tarumã
20	casa	pórch	40	toco de madeira	tokórch

Pelo que se pode perceber, houve muito empenho e envolvimento dos alunos e do professor nesta atividade, contribuindo para o conhecimento de inúmeros itens lexicais na língua Chiquitano e também para despertar o interesse dos colegas (professores Chiquitano), os quais solicitaram cópias dos trabalhos para que pudessem ler e conhecer as palavras. A partir da

¹²⁸ Tomei conhecimento desta atividade, já pronta, durante uma de nossas reuniões para discussão sobre a língua. A atividade foi realizada por um professor Chiquitano, aluno do PROESI, como parte de uma pesquisa orientada por seus professores, na Universidade Indígena.

socialização desta atividade entre os professores Chiquitano, surgiu a ideia de juntar e digitar as palavras dos trabalhos dos alunos e fazer uma espécie de glossário para que todos pudessem “estudar”, levar para suas comunidades e colaborar na correção dos itens lexicais. Assim foi feito, com as observações de que poderiam surgir outras palavras, ou mesmo outras pronúncias para os mesmos significados e que todas as alterações deveriam ser anotadas para depois serem discutidas no grupo.

Considerando a situação de sobrevida da língua na memória dos mais velhos, esta lista constituiu um acervo considerável que resultou em um banco de palavras e permitiu aos professores e aprendizes exercitar o uso da língua e também o uso do alfabeto ao escrever o vocabulário. Com este tipo de atividade, alunos e professores vão descobrindo o léxico da língua, contribuindo para dar maior visibilidade à língua, fato que pode ser percebido no Cartaz (Figura 7) que observamos afixado em uma sala de aula, o qual, acredito, seja resultado de um desdobramento desse acervo lexical. Nesta atividade, os aprendizes associaram palavras da língua Chiquitano de modo contextualizado, em ambiente de uso, entendendo a relação língua, natureza e cotidiano.

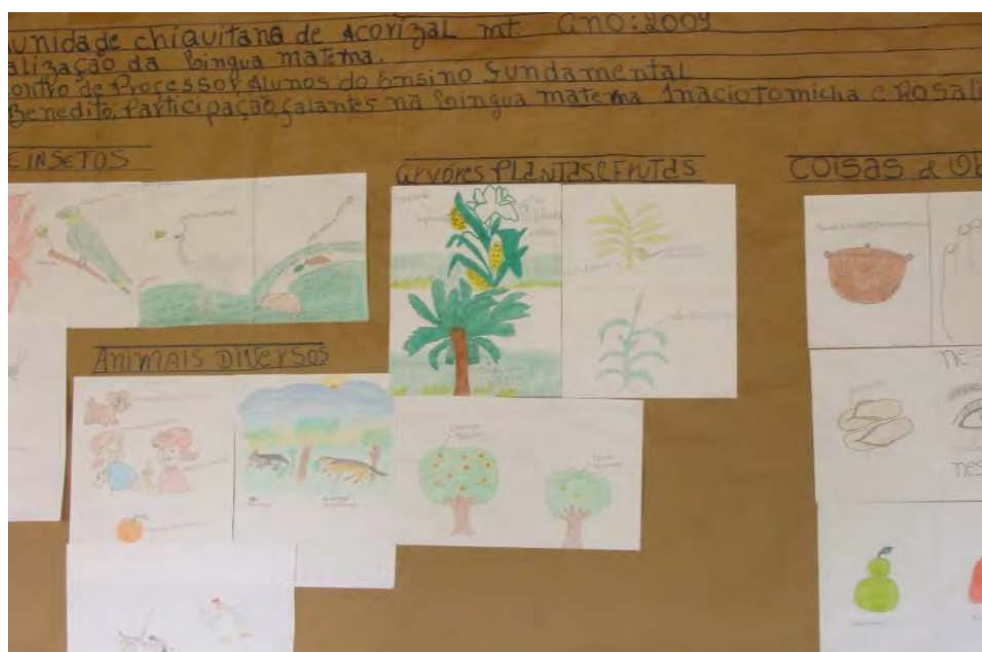


Figura 7 – Cartaz Ilustrado em Sala de Aula
Foto Aurea Santana – OUT 2009

5.2.2 – Jogos, Dominó, Quebra-cabeça e Outros

Partindo da premissa de que toda aprendizagem é uma realização interativa (PIMENTEL DA SILVA, 2009a), os professores foram aprendendo que diferentes práticas e metodologias podem ser adotadas no aprendizado e ensino de uma 2ª língua. Aprenderam, também, que tais práticas devem estar voltadas para o diálogo cultural e intercultural. Neste sentido, os jogos, os quebra-cabeças e outras atividades interativas, criadas pelos professores, consistiram em excelentes instrumentos didáticos de ensino, aprendizagem e encantamento da língua¹²⁹.



Figura 8 – Jogo de Dados
Foto Áurea Santana – DEZ 2009

O Jogo de Dados, Figura 8, é composto de cenas e figuras do cotidiano numeradas para serem associadas, na oralidade, aos respectivos nomes em Chiquitano. Este tipo de atividade lúdica incentiva os aprendizes a pesquisar e memorizar os nomes em Chiquitano. E o interessante é que este jogo pode ter múltiplas funções, pode ser jogado individualmente, em grupo, com versões

¹²⁹ A maioria dessas atividades foi criada na Oficina de Estudo da Língua Chiquitano, durante o I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano, realizado em dezembro de 2009. Depois desse encontro, não tive oportunidade de reencontrar os professores nas comunidades para verificar *in loco* os desdobramentos dessas atividades.

orais e também escritas, conforme orientação e planejamento do professor e/ou do orientador.



Figura 9 – Dominó: Falas Feminina e Masculina
Foto Áurea Santana – DEZ 2009



Figura 10 – Dominó: Falas Feminina e Masculina
Foto Áurea Santana – DEZ 2009

As Figuras 9 e 10 representam um dominó em que os nomes nas falas feminina e masculina devem ser associados às figuras. Este tipo de atividade faz com que os “novos falantes” vão entendendo a relação da língua com a natureza, com a vida, com o cotidiano, assimilando novos conceitos e particularidades da língua, como as diferenças entre as falas feminina e masculina. Neste jogo, os aprendizes interagem com a escrita e obtêm informações sistêmicas da língua, ampliando assim os conhecimentos sobre o seu funcionamento.

Nas figuras 11 e 12, as professoras socializam com os colegas duas atividades elaboradas para o ensino da língua Chiquitano. Na figura 11, o Jogo de Memória consiste em encontrar figuras iguais em que combine o singular e o plural¹³⁰. Este tipo de atividade motiva o conhecimento sobre o

¹³⁰ A formação do plural, utilizado em algumas atividades, teve como base os estudos da variedade do Chiquitano na Bolívia. Riester (1986) e Tormo (1993) afirmam que os substantivos na língua Chiquitano são variáveis e podem ser acrescidos de sufixo de plural, de diminutivo e de ambos. Segundo eles, a formação do plural na língua Chiquitano se dá da

funcionamento da língua. Na Figura 12, a atividade consiste em escrever na frente do desenho o nome respectivo em Chiquitano. Ambas são atividades de associação envolvendo aspectos oral e escrito da língua.



Figura 11 – Jogo de Memória: Singular e Plural

Foto: Áurea Santana – DEZ 2009



Figura 12 – Jogo de Memória: Associar Figura ao Nome

Foto: Áurea Santana – DEZ 2009

As atividades com jogos, encenações e outros em que o exercício da língua seja oral ou escrito incentivam, de forma lúdica, professores e alunos a pesquisarem e a conhecerem mais a língua, favorecendo o conhecimento de conceitos, a brincadeira com os conhecimentos adquiridos, a criação de novos jogos utilizando o que já se aprendeu da língua. A adoção de atividades interativas como estas é um recurso didático que se fundamenta na ideia de construir em conjunto (professores e alunos) competência comunicativa na língua de interesse. Em um projeto de retomada, de revitalização, de valorização de língua, é importante criar motivação para o uso da língua e

seguinte forma: quando os substantivos são terminados em /ɐ/ e /s/ estes fonemas são suprimidos e substituídos pelo morfema {-ka}; e quando os substantivos são terminados em /ŋ/, este é suprimido e substituído pelo morfema {-kia}.

incentivar as pessoas a usarem o pouco do que sabem ou do que estão aprendendo (PIMENTEL DA SILVA, 2009a, p.135).

5.2.3 – Encenação de Histórias e Outras Apresentações

Os aspectos históricos e culturais trazem vitalidade e visibilidade ao processo de valorização linguística. Nesse sentido, declara Pimentel da Silva (2009a, p. 114): “a cultura é muito mais do que um conteúdo a ser explorado no planejamento e no material didático, ela é o aspecto fundador na política educacional da revitalização da língua étnica”. Desta forma, as experiências dos Chiquitano com as encenações de histórias contadas pelos mais velhos, bem como o contato com as músicas, consistiram em momentos lúdicos, peculiares e muito significativos. Participar desses momentos especializados é compartilhar efetivamente a apropriação do conhecimento, é viver a língua nos seus aspectos imaginários e de significação própria.



Figura 13 – Encenação de História
Foto: Áurea Santana – OUT 2007

As atividades representadas nas Figuras 13 e 14 refletem positivamente a interação entre anciãos que foram até a escola para contar a histórias sobre o cotidiano (caçadas, parábolas e outras). Tais atividades envolveram tanto professores e alunos quanto a comunidade (pais e demais), os quais participaram ativamente nas lembranças das histórias, na produção e nas encenações.



Figura 14 – Encenação de História
Foto: Áurea Santana – OUT 2007

Segundo Silva (1998), as histórias e narrativas de vida são instrumentos que possibilitam apreender o universo social e cultural. A autora acrescenta, ainda (Silva C., 2003, p.246), que “pela fala, os narradores constroem as memórias coletivas com as quais ressuscitam a sociedade morta. É também pela fala que eles recuperam o orgulho étnico e o transmitem a seus descendentes”. No caso dos Chiquitano, a participação e a vivência nas histórias próprias, criadas e recontadas pelos anciãos, favorecem nos jovens o contato, o conhecimento e o encantamento pelos saberes tradicionais, eliminando o sentimento de inferioridade, levando-os a ficarem cada vez mais atraídos pela língua e pela sua cultura étnicas.

Os “cantinhos”, como falado pelas crianças, representam bons momentos de aprendizado lúdico. Alguns consistiram de músicas infantis já conhecidas pelas crianças e que foram traduzidas para o Chiquitano¹³¹ por um grupo de professores de Fazendinha. Um exemplo deste tipo de música foi gravado e transcrito e é demonstrado a seguir, no Quadro 8 – Canto: O Sapo na Beira do Rio.

¹³¹ Foram feitas algumas tentativas, mas não consegui nenhuma das “traduções” das músicas infantis feitas pelas professoras de Fazendinha.

Quadro 8 – Canto: O Sapo na Beira do Rio¹³²

VERSÃO EM CHIQUITANO (fonética)	VERSÃO EM PORTUGUÊS
[aʃi'ɲẽ u 'tavuru 'sɔvi ta'mãʔa sa'pɔʃ (.....)'ruʃ taku'ti 'veste ki'to:nɛpu nɔsa'pɔʃ ni'to:nɛpu nɔsa'pɔʃ (.....) paj'tʃoko no'koj nuʃuri'kiʃ]	eu vi um sapo na beira do rio de barriga verde a tremer de frio não era sapo, nem perereca era um índio a tremer de frio

Este tipo de atividade faz sucesso entre as crianças, provocando um encantamento pela língua. É, de certa forma mágico, ouvir as crianças chegarem até a mim e perguntarem: “*quer que cante o cantinho em português ou na língua materna?*”. Cenas como esta demonstravam a autoestima e a autoconfiança elevadas das crianças, comportamentos muito importantes para a sobrevivência e a vitalidade da língua e da cultura Chiquitano.



Figura 15 – Anciã com as Crianças na Escola
Foto: Áurea Santana – OUT 2007

É importante, em um processo de valorização e fortalecimento da língua, que as atividades propostas tragam prazer no exercício da mesma.

¹³² Ambas versões consistem da transcrição de uma gravação feita em julho de 2008. Quem cantou foi Ryan Rupe. Na época, ele tinha 7 anos e estava ensaiando para uma apresentação da escola.

Com isso, não só os alunos, mas todos da comunidade vão descobrindo o valor e a beleza da língua no ambiente de uso. Neste sentido, Pimentel da Silva (2009a, p. 132) afirma que: “o prazer pela língua, pelas suas riquezas é relevante na aprendizagem de línguas ameaçadas”.



Figura 16 – Crianças Cantam em Festividade na Escola
Foto: Áurea Santana – OUT 2007

Sobre o ensino da língua Chiquitano como segunda língua, percebemos pelas atividades interativas, elaboradas pelos professores, que as diferentes estratégias adotadas (pesquisa, atividades escritas, cumprimentos, rezas, orações), assim como atividades lúdicas (jogos, quebra cabeças, dominó, encenação, músicas etc), poderão servir para criar contextos de usos orais e escritos na língua. Essas atividades também servirão para motivar as pessoas a aprenderem e a usarem o que sabem da sua língua materna ancestral.

Sobre as atividades educativas e interacionais, Pimentel da Silva (2009a, p. 118) declara que:

Ensinar uma língua é ensinar diferentes habilidades, imaginação e modos efetivos de apropriação do conhecimento. É viver a língua em toda a sua complexidade e significação. É falar dessa língua em casa e nos grupos de trabalho e lazer. É deixar a língua viver na vida do falante.

Assim, tais atividades vêm favorecendo situações de letramento, incentivando alunos e professores a pesquisarem, criando contextos de usos

orais e escritos da língua, aproximando e conhecendo mais a língua, reafirmando sua identidade Chiquitano. Todas essas ações já resultam em uma aprendizagem interativa, demonstrando que as comunidades Chiquitano estão retomando suas tradições, recriando suas histórias e reavendo suas memórias linguísticas e culturais.



Figura 17 – Apresentação Cultural
Foto: Áurea Santana – DEZ 2009

Essas ações ficam visíveis também em outros detalhes, como a pintura corporal e adornos nos braços e pernas, utilizados pelas crianças durante uma apresentação cultural (Figura 17), e a criança utilizando uma máscara (Figura 18). As máscaras, utilizadas nas fotografias, foram confeccionadas em papel machê pelas próprias crianças, a partir de imagens dos Chiquitano bolivianos, exibidas nas oficinas de recreação, durante o I Encontro de Formação de Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano.



Figura 18 – Criança com Máscara
Foto: Áurea Santana – DEZ 2009

Quanto às representações de pintura corporal e adornos, percebe-se que não são tradições conservadas ou herdadas, mas manifestações reelaboradas a partir do reencontro com outras culturas indígenas com as quais os Chiquitano mantêm contato na atualidade. É a convergência do hibridismo ambivalente (BHABHA, 1998), interferindo no processo identitário, na reformulação de valores que vão se reconstruindo pela interação. Neste sentido, os Chiquitano rompem as barreiras estabelecidas pelas fronteiras fixas do ser ou não ser, criando e recriando outras significações, outros sentidos, formas identitárias com novas configurações. E quem há de lhes negar o novo jeito Chiquitano de ser?

Pelo que vivenciamos junto aos Chiquitano, o espaço escolar pode, sim, se constituir em um lugar de fortalecimento e valorização da língua indígena, desde que as propostas e metodologias estejam voltadas para uma educação intercultural e transdisciplinar. Nesta perspectiva de utilização do espaço escolar, diversos movimentos pela manutenção, valorização e revitalização das línguas indígenas têm sido criados no Brasil nas últimas décadas. Muitos desses projetos estão voltados para a formação de professores indígenas, a exemplo dos cursos de licenciatura em nível superior

como a Licenciatura Intercultural (UFG), o Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena (Roraima) e o 3º Grau Indígena (PROESI – UNEMAT).

Além desses, um projeto mais específico de revitalização de língua, o Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi – política linguística pedagógica de revitalização da língua Karajá, tem se destacado e tem servido de exemplo e inspiração para muitos outros, inclusive para alguns projetos de formação de professores indígenas citados acima. O Projeto Maurehi é desenvolvido há 18 anos com o povo Karajá, da Aldeia Buridina, no Estado de Goiás. As ações desse Projeto, segundo Pimentel da Silva (2009b, p. 158), coordenadora do projeto, iniciaram-se sob três pontos importantes: 1) estudos para mostrar as causas que provocam o deslocamento de língua; 2) a busca de medidas para motivar a comunidade a participar ativamente do projeto; 3) o levantamento da realidade sociolinguística da comunidade de Buridina. A partir de então, as ações e as atividades propostas buscaram a reconstituição dos espaços de usos formais e cotidianos da língua Karajá naquela comunidade.

Os resultados positivos do Projeto Maurehi são muitos, dentre eles pode-se ressaltar: o aumento de falantes no ambiente familiar, nos grupos de trabalho e nas atividades domésticas; a criação de contextos de usos da língua ligados aos saberes especializados e cotidianos; o surgimento de novos especialistas Karajá (artesãos, cantores, narradores de mitos etc). Pimentel da Silva (2009b, p. 161) declara que o sucesso do Projeto Maurehi está ligado, sobretudo, à ativação das condições culturais de uso da língua Karajá. A autora acrescenta, ainda, que ouvir a comunidade e trabalhar com a autoestima dos aprendizes são pontos relevantes em um programa de revitalização de língua.

Com base nessas experiências positivas, a atenção dada aos anseios da comunidade Chiquitano, o trabalho com a autoestima dos jovens e crianças e o contato com a língua Chiquitano em diferentes situações e realidades têm sido o caminho trilhado na política de revitalização e fortalecimento da língua materna ancestral nas comunidades de Acorizal, Central Fazendinha e Vila Nova Barbecho.

5.3 - O I ENCONTRO DE FORMAÇÃO E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS PARA OS PROFESSORES CHIQUITANO

A ideia da realização de um Encontro surgiu durante as reuniões de estudos da língua Chiquitano, quando os professores reivindicaram “aulas de reforço” em Matemática, Química, Física, Biologia, pois, segundo eles, estavam inseguros em ensinar essas matérias e também preocupados em preparar os alunos do Ensino Médio para o Vestibular. Esta necessidade dos professores demonstrava que estava na hora de se buscar orientações mais pontuais das instituições, principalmente da Seduc-MT, a respeito das propostas pedagógicas e curriculares para a Escola Indígena Chiquitano. Foi feito, então, um pequeno projeto de formação, voltado para essas necessidades e apresentado à Funai e à Seduc, com o objetivo de envolver estas instituições em momentos de capacitação e formação.

A proposta foi aprovada e o I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano foi realizado na aldeia Central – Terra Indígena Portal do Encantado, no período de 07 a 12 de dezembro de 2009, com Certificação Oficial de 48 horas¹³³. O Encontro foi organizado por mim e pela linguista Ema Marta Dunck-Cintra e contamos com apoio e financiamento da FUNAI, Coordenação de Cuiabá, MT e da Seduc, MT.

As Figuras 19, 20 e 21 ilustram a abertura do Evento, que contou com participação de representantes das instituições Funai, Seduc, Unemat e convidados como Izabel Taukane, índia Bakairi. Também participaram da cerimônia de abertura os anciãos e caciques representando as comunidades.

A participação de Izabel Taukane, uma jovem universitária da etnia Bakairi, foi muito importante. Os jovens Chiquitano se sentiram prestigiados com a participação dela como palestrante. Assistiram-lhe falar de cultura, estereótipos, diferenças, preconceitos e políticas indigenistas.

¹³³ Estas certificações são importantes para o Currículo dos professores, pois as instituições valorizam-nas, pontuando os Certificados nos momentos de atribuição de sala de aula.

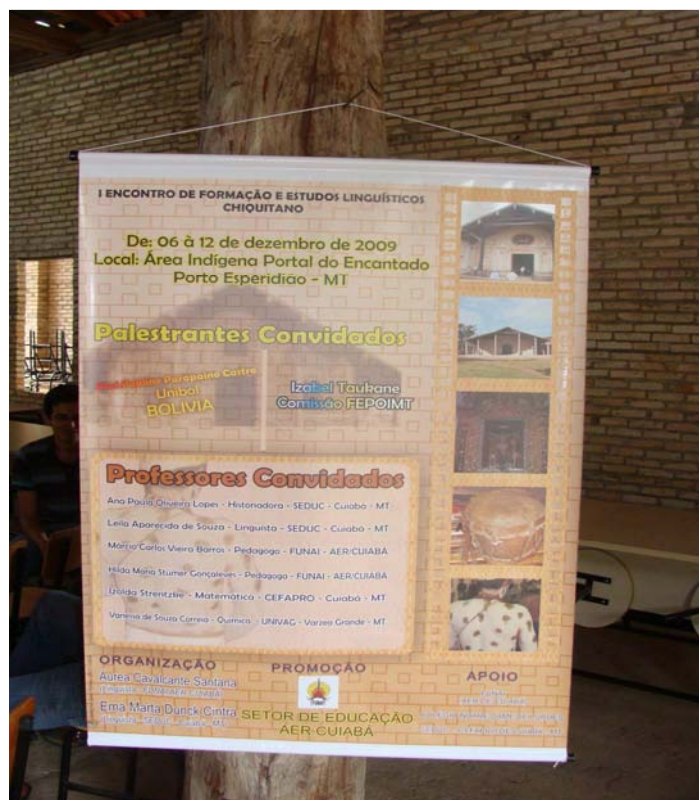


Figura 19 - Banner do Evento: I encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano
Foto: Áurea Santana – DEZ 2009



Figura 20 – Abertura do Encontro: Representantes das Comunidades
Foto: Áurea Santana - DEZ 2009



Figura 21 – Abertura do Encontro: Palestra com Izabel Taukane
Foto: Áurea Santana - DEZ 2009

Ao todo, participaram do Encontro cerca de 80 indígenas Chiquitano, entre professores, alunos do Ensino Fundamental, Médio e demais pessoas das comunidades. Os professores formadores foram cedidos pela Seduc, MT, Funai-Cuiabá e Unemat-Cáceres (Universidade Estadual de Mato Grosso). A

programação consistiu em três momentos: formação dos professores indígenas, oficinas e atividades culturais.

No período da manhã, os professores Chiquitano se reuniram com os professores das disciplinas específicas para formação teórica. Neste momento foram oferecidos estudos de Formação em Língua Portuguesa e Produção Textual, Matemática, Química e Língua Chiquitano. À tarde, pais, alunos do 3º Ciclo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e demais interessados eram convidados a participar das oficinas referentes a estas formações específicas.



Figura 22 - Oficinas de Recreação
Foto: Áurea Santana - DEZ 2009



Figura 23 - Atividade Cultural
Foto: Áurea Santana - DEZ 2009

Para os alunos do 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental, no período da tarde, foram oferecidas atividades lúdicas e de recreação (Figuras 22 e 23). Nessas atividades, organizadas pelos professores convidados, foram incluídos temas voltados para as tradições culturais do grupo, como a confecção de máscaras, por exemplo.



Figura 24 - Exposição de Fotografias
Foto: Áurea Santana - DEZ 2009



Figura 25 – Palestra e Exibição de Filme
Foto: Áurea Santana - DEZ 2009

Foram programados palestras, momentos culturais com exposição de fotografias, exibição de filmes e documentários sobre os Chiquitano e também sobre outros indígenas (Figuras 24 e 25). Esta programação foi livre e consistiu em momentos de integração entre todos.

Durante esta Programação Cultural, exibimos um documentário denominado *El Mundo de los Chiquitanos*, produzido em vídeo (CD-ROM) pela APCOB (2004). Este documentário trata da história, vida e do cotidiano dos Chiquitano na Bolívia. Uma das encenações que mais chamou a atenção foi a do Mito da Constante Destruição da Terra¹³⁴. Segundo a narrativa, a Terra, com o passar dos tempos, se torna “suja”, com muitas doenças e, quando se torna inabitável, sofre uma renovação. Assim, constantemente a Terra é totalmente destruída, uma vez com fogo, outra vez com água etc. Após a destruição, surge uma “nova” Terra, pronta para ser habitada novamente.

Depois da exibição do vídeo conversei com alguns idosos e a maioria disse que “não conhecia a história”, mas que gostaram de saber mais sobre ela. Alguns a associaram ao mito cristão do Dilúvio. Rosália Lopes, anciã presente no Evento, ficou muito atenta durante a exibição do documentário. Disse que gostou de ver, além da história da Terra, a encenação da dança do “*baile suelto*”. Disse que já tinha dançado quando mocinha, mas que aqui (no Brasil) ninguém sabia dançar. Fez um breve relato da dança, mostrando no vídeo, dizendo que era bonita mesmo a “dança de antigamente”. Também ia mostrando, durante o filme, coisas da cultura Chiquitano, como o instrumento de pesca, “o momés”, a roupa utilizada pelas mulheres nas missões jesuíticas e outras situações, acrescentando que “antigamente era daquele jeitinho mesmo”.

Tínhamos programado a participação, como convidado especial, do professor e linguista Chiquitano, Pablino Parapaino Castro. A ideia era de que ele conhecesse os Chiquitano brasileiros, pesquisadores e representantes institucionais para que pudéssemos compartilhar propostas educacionais, discutir questões ortográficas, enfim, estabelecer relações e trocas de experiências. Infelizmente o professor não pôde estar conosco no evento, justificou o cancelamento de sua participação e enviou uma carta aos

¹³⁴ Os professores encarregados da formação em Língua Portuguesa e Produção de Textos aproveitaram a exibição do Mito e o utilizaram nas oficinas didáticas.

professores Chiquitano brasileiros. Esta Carta (Anexo B) foi lida em público, reproduzida e distribuída para cada professor.

Os conteúdos dos estudos de formação estavam pautados nos programas curriculares oficiais, mas voltados aos conhecimentos cotidianos, à realidade social e cultural local. Tais conteúdos foram definidos em conjunto pelos organizadores, professores convidados, atendendo aos anseios e solicitações feitas anteriormente pelos professores e também or alguns alunos Chiquitano.

Em Língua Portuguesa e Produção de textos, a motivação foram as histórias do cotidiano e o Mito da Constante Destruição da Terra, exibido em vídeo. Para as atividades em Química, serviu de motivação a composição (química, nutricional etc) dos alimentos industrializados. Em Matemática, foram estudadas unidades de medidas e os juros do sistema financeiro, aplicados em empréstimos bancários, compras a prazo e demais financiamentos. Na Língua Chiquitano, aspectos da fonologia e os paradigmas de falas feminina e masculina e formação de singular e plural.



Figura 26 – Aula de Língua Portuguesa e Produção de Textos
Foto: Áurea Santana - DEZ 2009



Figura 27 – Oficinas de Matemática e Química
Foto: Áurea Santana - DEZ 2009

Todas as oficinas foram muito produtivas. Os grupos participantes das oficinas foram formados por professores, pais e alunos que elaboraram cartazes, criaram jogos educativos como dominós, disco de dados etc. Algumas dessas atividades relativas à língua Chiquitano foram demonstradas neste Capítulo, na Seção 5.2.2.

Houve um grande envolvimento e participação dos professores, alunos, pais e outras pessoas das comunidades. As avaliações do Encontro, feitas pelos participantes, foram muito positivas, apontando para o surgimento de novos projetos, os quais, acredito, resultarão em novas relações e possibilidades de vivências e aprendizagens, como pode ser verificado pelos excertos extraídos das avaliações a seguir¹³⁵:

- Comentários sobre as Disciplinas e Oficinas:

“As oficinas foram muito bem exercidas pelos orientadores, de maneira que todos participaram e aprendiam muito mais fácil.”

“Eu gostei de tudo que foi realizado, porque foi um encontro prático.”

“As oficinas foram importantíssimas porque houve troca de experiências e praticamos conteúdo na prática.”

“Nas oficinas tivemos oportunidade de expor o aprendizado, mostrar os experimentos, de acordo com o que foi trabalho na teoria.”

“Eu gostei porque foi a primeira Oficina na nossa aldeias, assim incentiva o futuro da nossa criança.”

- Comentários sobre a Programação Cultural (Palestras, Exposição de Fotos, Filmes e Documentários):

“A programação cultural despertou em nós uma grande curiosidade em saber mais sobre a nossa cultura.”

“Ajudou a nos encontrar e perceber que as culturas dos povos são bonitas e diferentes.”

“Foi bom, nos mostrou como é a luta dos povos indígenas em lugares diferentes, e como nós somos muito discriminados. Para mim isso me dá mais força para lutar por nosso território.”

“Gostei das exposições, aprendi que o mundo não é como eu pensava.”

¹³⁵ As avaliações foram distribuídas e preenchidas por todos os Chiquitano participantes do Encontro, professores, alunos e demais pessoas da comunidade e não foram identificadas nominalmente.

CONCLUSÃO

Neste Capítulo, apresentei discussões e reflexões sobre a tessitura das ações e atividades desenvolvidas junto às comunidades Chiquitano (em especial com os professores) de Acorizal, Central, Fazendinha e Vila Nova Barbecho, em prol do fortalecimento da identidade do povo e da valorização e revitalização da língua Chiquitano.

Demonstrei como os estudos realizados sobre a língua Chiquitano, em seus aspectos históricos, fonéticos e fonológicos, e os diálogos, junto aos professores, fomentaram e serviram de base para a definição de uma ortografia experimental para a língua Chiquitano no Brasil. Estes estudos subsidiaram também atividades e metodologias criadas pelos professores Chiquitano para o aprendizado e o ensino da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras.

Por fim, descrevi aspectos relevantes do I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano, realizado na Aldeia Central, em dezembro de 2009. O valor e a importância deste Encontro se devem tanto pela interatividade ligada às ações de fortalecimento da identidade, quanto pela formação didático-pedagógica dada aos professores Chiquitano em outras áreas de ensino, como Matemática, Química e Língua Portuguesa. Outros aspectos valiosos consistiram nas vivências compartilhadas, durante o Encontro, por todos da comunidade que puderam conhecer e participar mais efetivamente dos trabalhos desenvolvidos, compreendendo a importância dos mesmos para o resgate de sua identidade e para a promoção de uma educação indígena diferenciada e intercultural.

A criação de espaços interativos, a exemplo deste Encontro, é muito significativa em uma situação de revitalização de língua. Processos como esses ultrapassam a fronteira da educação formal, reconhecendo outros contextos de aproximação, de conhecimento e de interação intra e intercultural. Sobre esses processos, Pimentel da Silva (2009b, p.164) declara: “a revitalização de línguas, de forma cultural, é uma questão de humanidade”.

Em um programa de valorização e fortalecimento de uma língua ameaçada, é essencial criar motivo para falar a língua e também sobre a

língua. É necessário que a língua faça sentido para e na história de vida das pessoas (PIMENTEL DA SILVA, 2009b).

A seguir, apresento as Considerações Finais deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“No baile que Deus deixou no mundo tudo é certo, pois na volta da roda, todo mundo volta para o seu lugar”. Rosália Lopes

Moreira da Costa (2000, p.80)

O excerto em epígrafe, transcrito por Moreira da Costa (2000, p. 80), se refere a uma fala de Rosália Lopes, anciã Chiquitano, moradora da aldeia Acorizal. Na ocasião, ela descrevia para aquele pesquisador o *baile suelto* (baile solto), uma dança “de antigamente”¹³⁶ em que os participantes dançam em roda, com um lenço em punho. Essa associação da circularidade da vida à roda da dança, poetizada por Rosália Lopes, inspirou-me, durante a convivência com os Chiquitano, a buscar, sob a perspectiva da linguagem, outras analogias deste sentido cíclico¹³⁷ nos contextos históricos e na trajetória vivenciados pelo grupo Chiquitano brasileiro.

Tais analogias puderam ser associadas à concepção do discurso como construção social em processo, no qual os participantes constroem as realidades sociais e também a si mesmos e, ainda, à própria identidade como

¹³⁶ Na ocasião do I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano, houve, durante as atividades culturais, uma demonstração desta dança no vídeo *El Mundo de los Chiquitanos*, encenada por Chiquitanos bolivianos (APCOB, 2004). A anciã Rosália disse que conhecia o baile solto, já havia dançado, mas que por aqui (no Brasil) nunca dançaram, pois muitos não sabem. Os outros anciãos disseram já ter ouvido falar do *baile suelto*, e até viram os bolivianos dançando, mas não sabiam dançar (conf. comentário na Seção 5.3, no Capítulo V).

¹³⁷ Observando alguns mitos Chiquitano, descritos por Riester (APCOB, 2004), na Bolívia, percebe-se que as referências cíclicas são recorrentes em algumas narrativas. Ela está presente, por exemplo, nas constantes renovações mencionadas no Mito da Constante Destruição da Terra (conf. comentário na Seção 5.3, no Capítulo V). Riester (APCOB, 2004) também atribui à cosmologia Chiquitano uma concepção do Mundo como um disco em torno do qual se agrupam outros seis Mundos, o que nos dá, novamente, uma ideia cíclica da vida.

uma produção cíclica que nunca está completa, mas sempre sendo construída no processo discursivo (Moita Lopes, 2002).

Desta forma, percebe-se que esta concepção cíclica do mundo e dos acontecimentos tem reflexo no universo cultural e linguístico do povo Chiquitano, e está caracterizada pela trajetória vivenciada por eles e também por todos que, de alguma maneira, convivem e influenciam a sua história, seu *modus vivendi*. Assim, metaforizando essa “volta da roda”, faço um retrospecto contextualizando os aspectos desta pesquisa acadêmica à constituição de um “girar”, uma parte da dança, nesse “baile que Deus deixou no mundo”.

Os Chiquitano, pouco conhecidos no Brasil, fazem parte dos grupos indígenas contemporâneos, segregados e silenciados pelos diversos contextos de povoamento das fronteiras geopolíticas. Atualmente, esses indígenas têm vivenciado um processo de etnogênese, caracterizado, sobretudo, pela busca de caminhos favoráveis à ressignificação da coletividade étnica e à cidadania de direito através do reconhecimento étnico e da demarcação de suas terras.

A minha convivência com os Chiquitano no Brasil iniciou-se em 2003, quando comecei as pesquisas para o Mestrado. De lá para cá, tenho mantido contato, discussões e ações para a valorização e o fortalecimento da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha, no município de Porto Esperidião, MT. Nessas comunidades, onde as pesquisas linguísticas foram realizadas, a língua de uso cotidiano é o português. A língua Chiquitano há mais de quatro décadas não é mais transmitida às novas gerações. Ela permanece na memória de alguns anciãos, o que a caracteriza como uma língua agonizante, moribunda.

Durante esta convivência, percebi um grande interesse dos indígenas daquelas comunidades em retomar/aprender a língua materna ancestral, o Chiquitano. Este interesse dos Chiquitano me deixou convencida de que as ações de políticas linguísticas, aliadas ao desejo dos indivíduos, poderiam influenciar e contribuir no processo de revitalização da língua Chiquitano, ou, ainda, de forma mais otimista, possibilitar um conhecimento mais ativo dessa língua, tornando-a funcional para aquele povo. Sabe-se que qualquer processo de revitalização de uma língua não se sustenta somente por um esforço pessoal, nem por um programa técnico específico. A vitalidade de uma língua depende, sobretudo, do envolvimento e da vontade dos falantes. E para os

Chiquitano, naquele momento, retomar a língua materna ancestral era essencial, pois lhes daria credibilidade, reforçando “as provas” de que eram indígenas. Ter uma representação alfabética para a língua também era muito importante, pois assim poderiam transformá-la em língua de escolarização, ampliando as possibilidades de sobrevivência da língua e, conseqüentemente, de fortalecimento da identidade étnica.

Assim, convencida dessas possibilidades e com a proposta do Doutorado, decidi retomar a pesquisa linguística com o povo Chiquitano. Tinha como objetivos iniciais: a) retomar a análise fonética e fonológica da Língua Chiquitano, apresentada por mim, na dissertação de Mestrado (SANTANA, 2005), buscando uma documentação mais abrangente, registrando um maior número de eventos comunicativos; b) aliar esses estudos linguísticos às ações para a valorização e a revitalização da língua Chiquitano, através do envolvimento dos indígenas em atividades de fortalecimento da língua subsidiando o aprendizado, o estudo e o ensino da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras.

A vontade e a determinação dos Chiquitano, em especial dos professores indígenas, foram imprescindíveis para o desenvolvimento das ações e atividades propostas. Desta forma o meu envolvimento com os Chiquitano aconteceu de forma dialógica, ou seja, retomando a metáfora da epígrafe inicial: “como pares na dança em busca da sintonia com o ritmo da música”. Para efeito de apresentação do texto acadêmico, essas ações e atividades foram organizadas em 5 (cinco) Capítulos (como passos da dança), destacados a seguir.

No Capítulo I, discorri sobre a história e a trajetória do povo Chiquitano, fazendo uma retrospectiva desde os redutos missionários até as recentes conquistas do grupo brasileiro, entre as quais se destaca a Demarcação da Terra Indígena Portal Encantado, a primeira Terra Indígena Chiquitano no Brasil. As reflexões sobre os conflitos étnicos, políticos e econômicos, vividos pelos Chiquitano na região da fronteira, deram visibilidade à sua luta pelo reconhecimento identitário e a reivindicação pelos direitos junto às instituições públicas brasileiras. A reconstrução dessa nova realidade social esteve claramente representada nas ações de autoafirmação, iniciadas pelo povo Chiquitano de Acorizal e Fazendinha quando, em 2003, cheguei àquelas

comunidades. Dentre essas ações foram destacados os encontros/aulas para aprendizado da língua Chiquitano, registrados no caderno da professora Isabel Rupe.

Fiz, ainda, neste Capítulo, uma breve descrição das comunidades de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha, onde foram realizadas estas pesquisas. Na sequência, tratei sobre a presença das sedes institucionais da Funai (Posto Indígena Chiquitano), da Funasa (Posto de Saúde) e Seduc, MT (Escola Indígena Chiquitano), no espaço denominado “Central”, entre as aldeias Acorizal e Fazendinha, na Terra Indígena Portal do Encantado. Estas representações institucionais foram consideradas pelos indígenas como conquistas políticas e econômicas importantes e vantajosas. Ainda no espaço “Central”, especial destaque foi dado ao Memorial Espírito Santo dos Chiquitano, uma edificação construída nos moldes das igrejas nas Missões Jesuítas na Bolívia e que, sem dúvidas, tem constituído um espaço para a retomada das tradições ancestrais e das memórias culturais e linguísticas dos Chiquitano brasileiros.

No Capítulo II, detalhei as atividades desenvolvidas durante a pesquisa de campo, aspectos da interação e convivência com a comunidade, em especial com os anciãos, lembradores da língua. Tratei também do contexto em que se deu a coleta de dados e como conciliei as técnicas e métodos das abordagens que envolveram o trabalho de campo com uma língua ameaçada. Ressaltei aspectos importantes de como esses “lembradores” têm reavivado suas memórias, exercitando melhor os usos da sua língua e partilhando suas reminiscências linguísticas, a fim de transmiti-las aos mais jovens, possibilitando novos conhecimentos sobre a língua e a cultura ancestral Chiquitano. Os momentos de convívio com os “lembradores” foram, sem dúvidas, emocionantes, envolventes e de grande aprendizado no estudo e no processo de contato intercultural.

No Capítulo III, tracei um histórico da formação da língua Chiquitano, ressaltando os estudos linguísticos comparativos mais recentes, os quais têm levantado e corroborado hipóteses sobre a afiliação da língua Chiquitano ao Tronco Macro-Jê. Neste sentido, as investigações sobre as similaridades da língua Chiquitano com o Proto-Jê, apresentadas por mim em Santana (2006), e as observações dos aspectos fonéticos e fonológicos, detalhadas neste

trabalho, reforçam a afiliação linguística dos Chiquitano ao Macro-Jê, contribuindo para reafirmar a presença dos Chiquitano brasileiros no espaço ancestral na região fronteiriça entre Brasil e Bolívia.

Sobre a situação sociolinguística do Chiquitano no Brasil, observa-se que a condição de vitalidade da língua não é tão animadora, uma vez que esta língua se encontra em acelerado processo de extinção. Muitos fatores provocaram no povo Chiquitano daquelas comunidades brasileiras o “silenciamento” da voz, e também, dos usos da língua ancestral. No entanto, percebeu-se que esse silenciamento para os Chiquitano brasileiros se consistiu também em capacidade de resistência e de manutenção das memórias linguísticas, as quais afloraram no momento da crise, voltadas para o rompimento do “silêncio” na luta pelo reconhecimento étnico e pela defesa do território.

No contexto de avivamento da língua, dentre as diversas atitudes e bandeiras de luta utilizadas pelos Chiquitano, a manutenção, a valorização e a defesa da fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/ ficaram muito evidentes. A fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/ foi a “marca” utilizada no final dos nomes pessoais e outras palavras, quando os Chiquitano resolveram assumir, por conta própria, as aulas de língua Chiquitano com os mais velhos. Presente em coda final da maioria dos nomes (animais, coisas, plantas etc), ela também aparece com frequência nas adaptações fonológicas nos itens lexicais de outras línguas, como o português e o espanhol, por exemplo.

Durante a coleta e a elicitación dos dados linguísticos, a pronúncia da fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/ foi a que chamou mais a atenção dos “lembradores” nos momentos de correção da minha fala. E, igualmente, no momento de discussões para escolha dos grafemas, quando os professores fizeram questão de representar a escrita da fricativa retroflexa de forma diferenciada e que não fosse confundida com outro som do português ou do espanhol. Estas atitudes não deixam dúvidas de que a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/, nessas comunidades, detém um *status* cultural muito especial e significativo, constituindo um símbolo, uma insígnia da luta pelo reconhecimento étnico, representando no contexto metafórico da dança, “o lenço em punho”, elegantemente usado pelos participantes do baile.

Abordei, também, neste Capítulo, algumas características linguísticas como as diferenças nas falas feminina e masculina, variações regionais entre o Chiquitano na Bolívia e no Brasil e situações de convivência múltipla de línguas. As distinções nos falares feminino e masculino, na língua Chiquitano, apesar de não terem sido investigadas de maneira particular, chamaram a atenção tanto por serem especificidades da língua, mantidas nas lembranças dos idosos, quanto pelas possibilidades de utilizá-las em atividades didáticas, subsidiando os professores e envolvendo os alunos no aprendizado da língua materna ancestral. Quanto às variações regionais, demonstrei que, de maneira geral, as variedades consistem na mesma língua Chiquitano, com algumas diferenças fonéticas, fonológicas e lexicais, que não impedem a compreensão mútua da língua. O objetivo em discutir tais diferenças e similaridades foi subsidiar a definição da ortografia da língua Chiquitano no Brasil, possibilitando uma melhor compreensão dos textos escritos nas diferentes ortografias bolivianas.

Ficou evidente, ainda, neste Capítulo, que o espaço das lembranças da língua Chiquitano reflete um multilinguismo vivenciado por eles, em que convivem o português, o espanhol, a língua Chiquitano e, possivelmente, outras línguas indígenas. Esta convivência plurilíngue foi caracterizada por um número significativo de itens lexicais, aparentemente de outras línguas e, sua maioria, com adaptações (marcas linguísticas Chiquitano), os quais foram mencionados pelos anciãos lembradores durante a coleta de dados, evidenciando essa situação múltipla e de “cruzamento” de línguas.

No Capítulo IV, partindo de uma revisão da análise apresentada por mim, em Santana (2005), fiz uma descrição mais detalhada e abrangente da fonética e da fonologia da língua Chiquitano. Demonstrei, inicialmente, os contrastes e a complementação (compreendendo a variação ambiental, livre e posicional) entre os fonemas consonantais e vocálicos, tendo chegado aos seguintes inventários: /p, t, k, g, ʔ, tʃ, v, s, ʃ, ɣ, h, r, m, n, ɲ, w, j/ e /i, ī, ï, u, ū, e, ē, o, ō, a, ā/. Na sequência, discuti alguns processos fonológicos como assimilação, estruturação silábica, enfraquecimento e reforço, e neutralização pelos quais passam as consoantes e as vogais. Essas observações foram importantes pelo fato de que o aprendizado e o ensino da

língua, como desejam os Chiquitano, perpassam, também, pela necessidade de registro, de documentação e de reflexões dos aspectos históricos e sociolinguísticos da língua materna ancestral, mantida na memória dos mais velhos.

Ainda neste Capítulo, na parte relativa à sílaba, mostrei quais são os tipos que ocorrem na língua, sua distribuição e incidência de quantidade nas palavras. Os tipos de sílabas identificadas foram: V, VC, CV, CCV, CVC, CVCC e CCVC. Alguns tipos silábicos como CCV e CVCC foram registrados apenas em sílaba fonética, e o tipo CCVC foi registrado na quase totalidade dos dados em palavras identificadas como sendo do português ou do espanhol. Ressaltei, através de gráficos, que as palavras formadas por três e quatro sílabas são a maioria na língua Chiquitano do Brasil. Por fim, tratei de forma ainda preliminar o acento da língua, registrando que este não é contrastivo, é previsível e recai, na maioria das vezes, nas penúltimas e últimas sílabas dos itens lexicais.

No Capítulo V, detalhei algumas das ações e atividades desenvolvidas junto às comunidades Chiquitano (em especial com os professores) de Acorizal, Central, Fazendinha e Vila Nova Barbecho em prol do fortalecimento da identidade do povo e da valorização e revitalização da língua Chiquitano. Desde as primeiras iniciativas para a retomada da língua materna ancestral, apresentadas como as “aulas na língua Chiquitano”, os professores Chiquitano, na perspectiva de fortalecimento da identidade do seu povo, almejavam, com grande expectativa, ter a língua Chiquitano registrada e “escrita”.

Neste sentido, os estudos realizados sobre a língua Chiquitano, em seus aspectos históricos, sociolinguísticos, fonéticos e fonológicos serviram de base para a definição da ortografia da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras. As discussões encaminhadas para a definição da ortografia tiveram, também, como eixos norteadores a mediação entre os critérios técnicos como unicidade, notação de sons, facilidade de aprendizagem e utilização e questões contextuais como ensino de segunda língua, similaridades linguísticas com as variedades dialetais presentes nas publicações bolivianas e até a utilização do alfabeto em meios eletrônicos etc.

Partindo da premissa de que toda aprendizagem é uma realização interativa, os professores Chiquitano, inspirados em projetos com ações positivas, como o Projeto de Educação e Cultura Indígena Maurehi, por

exemplo, perceberam que uma língua étnica ancestral pode ser aprendida/retomada como uma segunda língua. Assim, os jogos, os quebra cabeças e outras atividades interativas, criadas pelos professores durante as reuniões de estudos e oficina da língua Chiquitano, consistiram em oportunidades lúdicas e interativas, permitindo o contato com a “nova” língua de forma contextualizada, buscando a motivação dos aprendizes e a apropriação da língua e da cultura Chiquitano. O que ficou visível nessas atividades é que os professores foram percebendo que diferentes práticas e metodologias podem ser adotadas no aprendizado e no ensino de uma 2ª língua. Compreenderam, também, que tais práticas devem estar voltadas para o diálogo cultural e intercultural e transdisciplinar.

Dentre as ações de resultados imediatos e visíveis, o I Encontro de Formação e Estudos Linguísticos para os Professores Chiquitano consistiu em uma das ações positivas, realizadas durante a pesquisa de campo. O valor desse Encontro se deve tanto à interatividade ligada às ações de fortalecimento da identidade, como também à formação didático-pedagógica dada aos professores Chiquitano em outras áreas de ensino como matemática, língua portuguesa e química. Também tiveram grande importância as vivências compartilhadas por todos da comunidade, que puderam conhecer melhor os trabalhos desenvolvidos e o valor dos mesmos para o resgate de sua identidade e para a promoção de uma educação indígena diferenciada e intercultural.

Como se pode perceber, os estudos linguísticos com a Língua Chiquitano estão apenas iniciados. Estas observações, descrições e análises da língua Chiquitano aqui apresentadas, mesmo ainda em alguns aspectos preliminares, já serviram de fundamentação para ações e propostas didáticas, contribuindo para a valorização e o fortalecimento da língua Chiquitano nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha. Tal contribuição se revela no sucesso das ações propostas, as quais incidiram a partir do contato dialógico entre a pesquisa, a socialização dos dados linguísticos e a motivação da comunidade Chiquitano. Mas há muito, ainda, a ser investigado.

O processo histórico vivido pelos povos Chiquitano caracteriza uma infinidade de possibilidades de investigações linguísticas como estudos sobre

os falares feminino e masculino e estudos histórico-comparativos, por exemplo. Nos aspectos fonéticos e fonológicos muitas questões ainda ficaram carentes de maiores observações, como o *status* de alguns fonemas e alofones, como a oclusiva velar vozeada /g/, a fricativa retroflexa desvozeada /ɣ/, a fricativa bilabial vozeada [β] e as aproximantes, bilabial vozeada /w/ e palatal desvozeada /j/.

Serão necessárias, por exemplo, análises mais cuidadosas sobre o alongamento vocálico e a nasalização das vogais, entre outros. Ressalta-se, ainda, uma quantidade de sons em variação livre e em neutralização, os quais foram associados, a princípio, à situação de língua ameaçada da variedade Chiquitano brasileira, mas que merecem também uma releitura mais cuidadosa em trabalhos futuros. Fica evidente, também, a necessidade emergente de estudos morfológicos, sintáticos, tipológicos etc, para que se possa entender melhor esta língua.

Por todas as situações aqui descritas, a revitalização da língua Chiquitano, nas comunidades brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal, Central e Fazendinha, que antes parecia utopia, hoje já é percebida em atitudes de valorização e “presença” na comunidade. A língua Chiquitano está em cartazes, em atividades aplicadas pelos professores, nas brincadeiras dos alunos. Já se observam crianças cantando na língua, encenando teatro, enfim, vivenciando possibilidades de encantamento por um mundo que outrora lhes foi negado. Essas presenças também são visíveis em outros detalhes, como a pintura corporal e adornos, utilizados pelos Chiquitano durante festividades, apresentações culturais e outras cerimônias.

Enfim, os Chiquitano brasileiros conseguiram sobreviver fisicamente ao colonialismo e assumem, neste momento, a responsabilidade de reinventar o presente, reelaborando culturalmente muito do que lhes foi infligido. E, na volta da roda, com lenço em punho, retomam seu lugar, buscando suas tradições, recriando suas histórias e reavendo suas memórias linguísticas e culturais. Esta é a comprovação de que se recusam a desaparecer ou a se identificar, como intencionaram os opressores, com a população regional. Os Chiquitano brasileiros, aos poucos, estão se organizando e, no ‘baile que Deus deixou no mundo’, acertam os passos, buscam o ritmo de sua história. Hoje, com a

consciência de ser um grupo étnico, reclamam para si seu reconhecimento enquanto povo indígena brasileiro, ou seja, o direito de entrar na roda e tomar o seu lugar no grande baile da vida.

REFERÊNCIAS

ADELAAR, Willem F. H. Buscando as relações externas do Macro-Jê. In: **IV Encontro Macro-Jê 2005**, Recife. *Handout* de Comunicação Oral. Recife: NEI / UFPE / ANPOLL. nov. 2005.

_____. Relações Externas do Macro-Jê – O Caso do Chiquitano. In: TELLES, Stella & DE PAULA, Aldir Santos (Orgs.). **Topicalizando Macro-Jê**. Recife: Néctar, 2008. p. 9-28.

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. In: Mana 7 (2): 7-33, 2001.

AIKHENVALD, Alexandra Y. **Language Contact in Amazonia**. New York: Oxford University Press, 2002.

ALBÓ, Xavier. El Futuro de Los Idiomas Oprimidos. In: ORLANDI, Eni (org.) **Política lingüística na América Latina**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988. p. 75-104.

_____. Los Pueblos Indígenas del Oriente. In: **Etapas de una larga marcha**. Alex Centneros. La Paz: s. ed., 1991, p. 18

_____. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Coleção Formação Sociopolítica e Cultural.

ALMEIDA, Soraya Campos de. **Relatório de viagem às comunidades indígenas Chiquitano**. Região de fronteira entre o Brasil (Estado de Mato Grosso) e a Bolívia. Brasília: Fundação Nacional do Índio, 2000. 90p.

AMADO, Rosane de Sá. **Notas sobre o alongamento vocálico em Pykobjê**. 2006. Disponível em:
<http://www.fflch.usp.br/dl/Vilenapol/trabalhos/AMADORosane.pdf> Acesso em 10 de janeiro de 2011.

APCOB – Apoyo para el Campesino-Indígena del Oriente Boliviano. **El Mundo de los Chiquitanos**. Santa Cruz de La Sierra, BO: APCOB, 2004 – VCD- PC CD ROM.

ARRUTI, José Maurício Andion. **A Emergência dos Remanescentes**: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana. Out.1997, vol.3, nº 2, p.7-38.

BAKER, Colin. Foundations of bilingual education and bilingualism. Clevedon: **Multilingual Matters**, 2001. p. 42-66.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BORGES, Mônica Veloso. O Fenômeno da Diferenciação entre as Falas Feminina e Masculina em Línguas Indígenas. In: **Revista do Museu Antropológico**. Goiânia, v.3/4 nº 1, p. 75-103, 1999/2000.

_____. **Aspectos Fonológicos e Morfossintáticos da Língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, Campinas, SP.

CABRAL, Otaviano. **Histórias de uma Região (Mato Grosso, fronteira Brasil - Bolívia e Rondônia)**. Niterói, RJ: Editora Himalaya, Ltda, 1963.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas, SP.: Mercado de Letras, 2002 – (Coleção Idéias sobre Linguagem).

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial: 2002.

_____. **As Políticas Linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: Ipol, 2007.

CASTRO, Pablino Parapaino; JIMÉNEZ, Pedro Ipamo; OLÍVIO, Janneth. **Guia del Alfabeto Bésiro**. La Paz, Bolívia: Viceministerio de Educación Escolarizada y Alternativa, Ministerio de la Educación, 2003.

CASTRO, Pablino Parapaino. **Isiukiché Nikorokó Bésiro – Guia de Escritura del Idioma Bésiro - Vocabulário Bilingüe Bésiro Castellano**. Santa Cruz – Bolívia: Unión de Artesanos de la Tierra – UNIARTE, 2008a.

_____. **Nikoró Bésiro (Alfabeto Bésiro)**. Concepción – Santa Cruz - Bolívia: Organización Indígena Chiquitana OICH – Consejo Educativo del Pueblo Originário Chiquitano CEPOCH, 2008b.

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Terezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita: o que está em jogo?**. Campinas: UNICAMP, 2005.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística – contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Trad.: Quintana, Ricardo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (1941) 2005.

DAVIS, Irvine. Comparative Jê Phonology. **Estudos Lingüísticos**: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 1, n. 2. p. 10-24. 1966.

_____. Some Macro-Jê Relationships. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, USA, v. 34, n. 1. p. 42-47, jan. 1968.

DUNCK-CINTRA, Ema Marta. **Vozes silenciadas**. Situação sociolingüística dos Chiquitano no Brasil – Acorizal e Fazendinha, MT. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia.

_____. Vozes silenciadas: um estudo sociolingüístico dos Chiquitano do Brasil. In: Joana Aparecida Fernandes Silva. (Org.). **Estudos sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidade**. 1ª ed. Goiânia: Editora da UCG, 2008. p. 97-134.

ETHNOLOGUE. **Languages of the World**. Sixteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International. Lewis, M. Paul (ed.), 2009. Disponível em: <http://www.ethnologue.com> Acesso em 28 de fevereiro de 2011.

FALKINGER, Sieglinde. **História y situacion actual de la Lengua Chiquitana** – Versão abreviada y revisada de la tesis de licenciatura apresentada em 1993. APCOB - Apostila.

_____. El lenguaje femenino y masculino en idioma chiquitano (besïro). In: **Revista Lengua** - vol 13, p. 117-153, La Paz: Universidad Mayor de San Andrés, Facultad de humanidades y ciencias de La educación, Carrera de lingüística e Idiomas, julio de 2002a.

_____. **Gramáticas y Vocabulários de la Lengua Chiquita / Chiquitana**. Ponência – Primer Congreso Internacional Chiquitano. San Inácio – Bolívia – Maio de 2008.

_____. **Anauxti Jesucristo Mariaboka**. Santa Cruz de la Sierra: Fondo Editorial APAC, 2010.

FONSECA, João Severiano da. **Viagem ao Redor do Brasil (1875 – 1878)**. Rio de Janeiro: Typografia de Pinheiro & C., 1880 – 1º Volume.

FREYER, Bärbel. **Los Chiquitanos: Descripción de um pueblo de las tierras bajas orientales de Bolívia según fuentes jesuíticas de siglo XVIII**. (Pueblos indígenas de las tierras bajas de Bolívia. Vol. 15 - Editor Jürgen Riester - APCOB) Santa Cruz de la Sierra - Bolívia - 2000.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE - FUNASA. **Demonstrativo – Famílias - Polo Base Chiquitano**. Siasi: 23.07.2009.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI. **Localização atual das comunidades Chiquitano**. Cuiabá, MT: FUNAI, 2000.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI/DAF. **Plano de Desenvolvimento de Povos Indígenas (PDPI)** – Grupo Indígena Chiquitano, MT. Diretoria de Assuntos Fundiários: Brasília, 2002.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI – Índios do Brasil. Disponível em: <http://www.funai.gov.br> Acesso em 01 de setembro de 2010.

GEARY, James. *Speaking in Tongues*. Time. Amsterdam: **Time Warner Publishing**, vol. 150, nº 1, p.38-44, July 1997.

GLEASON Jr, H. A. **Introdução à Linguística Descritiva**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

GOLDSMITH, John A. **Autosegmental and Metrical Phonology**. Massachusetts: Cambridge Center, 1990.

GRASSO, Dick Edgar Ibarra. **Lenguas Indígenas de Bolívia**. La Paz, Bolívia: Libreria Editorial “Juventud”, 1982.

GRAY, Giles Wilkeson & WISE, Claude Merton. **The Bases of Speech**. New York: Harper & Brothers Publishers, 1959.

GREENBERG, Joseph H. **Language in the Americas**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

GROSJEAN, François. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge Mass: Harvard University Press, 1982.

HAAN, Harry. **Secretos del idioma Chiquitano**: algunos aspectos de una morfología compleja. Ponência apresentada no I Congresso Internacional Chiquitano – San Inácio de Velasco, Bolívia em Maio de 2008.

HAGÉGE, Claude. **Não à Morte das Línguas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HAYES, Bruce. **Metrical stress theory: principles and case studies**. Chicago. The University of Chicago, 1995.

HIMMELMANN, Nikolaus. **Documentary and Descriptive Linguistics (full version)**. Disponível em: <http://www.hrelp.org/events/workshops/eldp2005/reading/himmelman.pdf>. Acesso em 08 de maio de 2009.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. (Orgs). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HYMAN, Larry M. **Phonology**: Theory and Analysis. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

IPA - **The sounds of the IPA**. London: Phonetics & Linguistics U.C.L, 1995 CD-ROM - Produced by the Listening Centre, Department of Phonetics and Linguistics - University College London - Wolfson House 4 Stephenson Way, London.NW 1 2 HE. Spoken by John Wells & Jill House.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <http://www.socioambiental.org> Acesso em 01 de setembro de 2010.

ISTRE, Giles Lothar. **Fonologia Transformacional e Natural** – uma introdução crítica. Florianópolis: Ensaios de Linguística da UFSC – Núcleo de Estudos Lingüísticos, 1980.

KIBRIK A. E. **The Methodology of Field Investigation in Linguistics** (setting up the problem). Paris: Mouton the Hague, 1977.

KINDELL, Glória Elaine. **Guia de Análise Fonológica**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

KREKELER, Birgit. **Historia de los Chiquitanos** - Pueblos indígenas de las tierras bajas de Bolívia - 2. Santa Cruz de la Sierra: Jürgen Riester Ed (APCOB), 1992.

KRÜSI, Martin & KRÜSI, Dorothee. Phonology of Chiquitano (1975). In: WIESEMANN, Úrsula (Ed.). **Work papers of the Summer Institute of Linguistics - Riberalta, Beni – Bolívia - 1972-1976**. Riberalta, Bolívia: Summer Institute of Linguistics, 1978. P. 53-93.

LABOV, William. **Padrões Sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEWIS, M. Paul (ed.), 2009. **Ethnologue: Languages of the World, Sixteenth edition**. Dallas, Tex.: SIL International. On line version: <http://www.ethnologue.com/>.

MALDI, Denise. **Vistoria na Fazenda Nacional de Casalvasco**. Administração Regional de Cuiabá. Fundação Nacional do Índio. Ordem de Serviço nº 134/95. Cuiabá, MT, 1995.

MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979 (Lingüística e Filologia).

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. 7 ed. São Paulo: HUCITEC; (Brasília): Editora da Universidade de Brasília, 1993.

MELIÁ, Bartomeu s.j. **Pasado, Presente y Futuro de la Lengua Guaraní**. Asunción, paraguay: CEADUC (Centro de Estudios Antropológicos de La Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”) e CPI (Centro de Postgrado e Investigación), 2010.

MÉTRAUX, Alfred. **The Native Tribes of Eastern Bolívia and Western Matto Grosso**. Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology. Bulletin 134, Washington: Government Printing Office, 1942.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MONTANI, Rodrigo M. Hablar, anotar, comprender, explicar: reflexiones sobre el lugar de la linguística en la etnografía – in: GARAY, Ana Fernandez & MALVESTITTI, Marisa. **Estudios lingüísticos y sociolingüísticos de lenguas indígenas sudamericanas**. Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa, 2007. p. 125-144.

MOORE, Denny. Brazil: Language Situation. In: Keith Brown, (Editor-in-Chief) **Encyclopedia of Language & Linguistics**, Second Edition, volume 2, pp.117-128. Oxford: Elsevier, 2006. Disponível em: http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/site%3Aell/ELL2_Moore_Brazil.pdf . Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; Gabas Júnior, Nilson. **O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas**. Disponível em: http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/media%3Aset2008/moore_2008_desafio.pdf . Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

MOREIRA DA COSTA, José Eduardo. **O Manto do Encoberto: Identidade e território entre os Chiquitano (MT)**, 2000. Monografia (Especialização em antropologia: Teoria e Métodos) – Universidade Federal de Mato Grosso, Deptº de Antropologia, Cuiabá, MT.

_____. O Manto do Encoberto: territorialização e identidade dos Chiquitano. In: **Territórios e Fronteiras** – Revista do Programa de Pós Graduação em História – UFMT – V3 – N2 – Jul / Dez 2002 – Cuiabá, MT. p. 57-78.

_____. **A coroa do mundo: religião, território e territorialidade Chiquitano**. 2004. Dissertação de Mestrado - Instituto de Ciências Sociais - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT.

MORENO, Alcides Parejas. Chiquitos - História de una Utopia - Parte I - In: MORENO, Alcides Parejas e SALAS, Virgílio Suárez (eds.) . **Chiquitos - História de una Utopia**. Santa Cruz, Bolívia: Imprensa Sirena, 1992. p. 15-161.

MORENO, Alcides Parejas & SALAS, Virgílio Suárez (eds.). **Chiquitos - História de una Utopia**. Santa Cruz, Bolívia: Imprensa Sirena, 1992. p. 15-161.

MORI, Angel Corbera. Aspectos da fonologia segmental Mehináku (Aruak). **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 37(1): 63-72, jan.-abr. 2008. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N1_06.pdf Acesso em 20 de dezembro de 2010.

MOSELEY, Christopher (Ed.). **Atlas of the World's Languages in Danger**. 3rd edn. Paris: Unesco Publishing, 2010. Versão *on line*: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Acesso em 17 de novembro de 2010.

NASCIMENTO, Ana Paula L. Mamede. **Estudo fonético e fonológico da língua Guajá**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, UNB, Brasília.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (ORG.) **A Viagem da Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED, 2004. p. 13-42.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade étnica, identificação e manipulação**. Publicado em: setembro de 2007. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1674113-identidade-etnica-identificcção-manipulação>. Acesso em 08.08.2008.

PAYNE, Thomas E. Grammatical categories. In: **Describing Morphosyntax: a guide for field linguistics**. U.K.: Cambridge Press, 1997, cap. 3, p. 32-68.

PERINI, Mário A. **Princípios de lingüística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PIKE, Kenneth L. **Phonemics: a technique for reducing languages to writing**. Ann Arbor – The University of Michigan Press, 1976.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. As línguas indígenas na escola: da desvalorização à revitalização. In: **Revista Signótica**. Goiânia, GO, Vol. 18, nº. 2, p. 381-395, jul/dez/2006.

_____. **Reflexões sociolingüísticas sobre Línguas Indígenas Ameaçadas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009a.

_____. Povos das Águas: uma história de luta pela manutenção do patrimônio lingüístico-cultural. **UniverSOS - revista de lenguas indígenas e universos culturales**: Universitat de València, ES. Vol 6, p. 155-165, 2009b.

_____. Ensino e aprendizagem de línguas numa perspectiva bilíngüe intercultural. In: ROCHA, Leandro Mendes; PIMENTEL, Maria do Socorro da Silva & BORGES, Mônica Veloso (Orgs.). **Cidadania, Interculturalidade e Formação de Docentes Indígenas**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010b. p. 85-102.

RIBEIRO, Eduardo Rivail. Macro-Jê. In: Keith Brown, (Editor-in-Chief) **Encyclopedia of Language & Linguistics** - Second Edition - volume 7, pp.422-426. Oxford: Elsevier, 2006. Disponível em: http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/site%3Aell/ELL2_Ribeiro_Macro-Je.pdf. Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

_____. Prefixos relacionais como evidência histórico-comparativa: os casos Chiquitano e Jabutí. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara e RODRIGUES, Aryon Dall'Igna et al (Orgs.). **Línguas e Culturas Tupi (volume 3); Línguas e Culturas Macro-Jê (volume 2)**. Campinas-SP: Editora Curt Nimuendajú; Brasília: LALI (UnB), 2011a. p. 105-120.

_____. **Matto Grosso como local de origem do tronco Macro-Jê: uma hipótese**. Texto disponível em: <http://www.wado.us/abstract:mattogrosso>. Acesso em 21/10/2011 (2011b).

RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. O comportamento fonológico das vogais orais nas línguas indígenas brasileiras. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. REVEL V. 4, N. 7, agosto de 2006.

RIESTER, Jorgen. El Habla Popular del Oriente Boliviano: el chiquito. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, Separata do v. 15 e 16, p. 171-195, 1967-68.

_____. **Zúbaka – La Chiquitania: Visión Antropológica de una región em desarrollo**, Tomo I, Vocabulário Español – Chiquito y Chiquito – Español, Cochabamba – La Paz: Los Amigos del Libro, 1986.

_____. **El Mundo de los Chiquitanos**. Borrador para la Elaboración de um CD Interativo de Carácter Educativo para las Escuelas Primarias y Secundarias Em Bolívia. Não Publicado (Texto gentilmente enviado pela direção da APCOB – Apoyo para el Campesino Indígena del Oriente Boliviano em outubro de 2003).

ROCHA, L; GONÇALVES, A. T. Identidades e etnicidades: conceitos e preceitos. In: SILVA, G. V. e outros (orgs). **As Identidades no Tempo: ensaios de gêneros, etnia e religião**. Vitória, Edufes, 2006. p. 11-34.

ROCHA, Leandro Mendes. Etnicidades e Fronteiras Políticas: Processos de Etnogênese no Brasil Contemporâneo. In: RODRIGUES, José Maria (Org.). **Educación, Lenguas y Culturas em el Mercosur: Pluralidad cultural e Inclusión social em Brasil y em Paraguay**. Asunción, Paraguay: CEADUC (Centro de Estudios Antropológicos Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”) e CCEBA (Centro Cultural de la Embajada del Brasil en Asunción), 2011. p. 59-70.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Patrícia Mendonça. **A Caminhada de Tanỹxiwé: uma teoria Javaé da História**. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago (EUA) - Chicago.

SAMARIN, W. J. **Field linguistics. A guide to linguistic field work**. New York/Chicago/San Francisco/Toronto/London: Holt/Rinehart/Winston, 1967.

SANS, Pierric. **Éléments de sociolinguistique et de phonologie du bésiro (Chiquitano)**: Langue em danger des basses terres de Bolivie. 2010. Mémoire de Máster 2. Université de Lyon.

_____. Is nasality an autosegmental feature of Bésiro (a.k.a. Chiquitano)? In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara e RODRIGUES, Aryon Dall’Igna et al (Orgs.). **Línguas e Culturas Tupi (volume 3); Línguas e Culturas Macro-Jê (volume 2)**. Campinas-SP: Editora Curt Nimuendajú; Brasília: LALI (UnB), 2011. p. 237-247.

SANTANA, Áurea Cavalcante. **Transnacionalidade lingüística: a língua Chiquitano no Brasil**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia.

_____. **Comparações preliminares entre a língua Chiquitano (Brasil-Bolívia) e o Proto-Jê**. 52 ICA. Sevilha, Espanha: Resumo de Comunicação Oral. Julho de 2006.

_____. A Língua Chiquitano no Brasil: Aspectos Fonéticos, Fonológicos e Transnacionais. In: Joana A. Fernandes Silva. (Org.). **Estudos sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidade**. 1ª ed. Goiânia: Editora da UCG, 2008. p. 61-96.

_____; DUNCK-CINTRA, Ema Marta. **Diversidade e Políticas Linguísticas: uma experiência com os Chiquitano do Brasil**. In: SECCHI, Darci; MENDONÇA, Terezinha Furtado. Coletânea Educação Escolar Indígena. Vol. 3. Cuiabá-MT: EDUFMT, 2009.

SCHANE, Sanford A. **Fonologia Gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

SELKIRK, Elisabeth. The Syllable. In: HULST, Harry; SMITH, Vander. **The Structure of Phonological Representations**. Foris: Dordrecht, 1982.

SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luis Donizete Benzi. **A Temática Indígena na Escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SILVA, Carmem Lúcia da. **Sobreviventes do extermínio**. Uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá. 1998. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: UFSC.

_____. **Em Busca da Sociedade Perdida**: O trabalho da memória Xetá. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia, UNB, Brasília.

SILVA, Edineide dos Santos. **Fonética e análise fonológica preliminar da língua Manxinéri**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, UNB, Brasília.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes; MOREIRA DA COSTA, José Eduardo. Chiquitano. In: **Povos Indígenas do Brasil – Chiquitano**. 2000. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/website/pib/epi/chiquitano/print.htm> Acesso em 16.02.2011.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes. Território e Fronteiras Brasil-Bolívia no País dos Chiquitanos. **Revista Museu Antropológico**. Goiânia, v.5/6 nº 1. p. 179-212, 2001/2002.

_____. Identidades e conflito na fronteira: poderes locais e os Chiquitanos. **Mem. am.**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 16, v. 2, p. 119-148, jul./dic. 2008a. ISSN 1851-3751.

_____. (Org.). **Estudos sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidade**. 1ª ed. Goiânia: Editora da UCG, 2008b.

_____. Educação indígena na área Xerente: apropriação e reforço cultural. In: ROCHA, Leandro Mendes; PIMENTEL, Maria do Socorro da Silva & BORGES, Mônica Veloso (Orgs.). **Cidadania, Interculturalidade e Formação de Docentes Indígenas**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. p.19-39.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira. **Estudo fonológico da língua Sateré-mawé**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, Campinas, SP.

SILVA, Renata Bortoletto. Os Chiquitano de Mato Grosso: dados preliminares sobre sua organização social. In: SILVA, Joana Aparecida Fernandes (Org.). **Estudos sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidade**. 1ª ed. Goiânia: Editora da UCG, 2008. p. 40-60.

SILVA, Thaïs Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Ilda de. **Koenukunoe emo'u – a língua dos índios Kinikinau**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP: Campinas - SP.

TORMO, Jesús Galeote. **Gramática moderna de la lengua Chiquitana y vocabulario básico**. Santa Cruz de La Sierra, Bolivia: Talleres Gráficos de “Imprensa los Huérfanos”, 1993.

WETZELS, William Leo. **Thoughts on the phonological interpretation of {nasal, oral} contour consonants in some indigenous languages of South-America**. São Paulo: Alfa (52/2): 251-278, 2008. Disponível em: www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-2/01-wetzels.pdf Acesso em: 10 de novembro de 2010.

ANEXOS

ANEXO A – ORAÇÕES CRISTÃS

MANKIKIKIA ÍMO CRISTIANO¹³⁸ ORAÇÕES DO CRISTÃO

UI NAUSÜPÜ SANTA KURUSÜRCH PELO SINAL DA SANTA CRUZ

Ui nausüpü Santa kurusürch
Pelo sinal da Santa Cruz
okümai suitchaku Vae Tuparch
dos nossos inimigos
nhünanama archüvama putchaneneko suinhemo.
livra-nos Senhor, nosso Deus.
Au nürichti naki Uiaü, ta naki Aütórchti, ta naki Espírito Santo.
Em nome do pai, do filho e do Espírito Santo
Amém.

SUIIAÜ PAI NOSSO

Suiiaü aka au napés, anaunu nüri, iebati nüriaka suinhemo
Pai nosso que estás no céu santificado seja teu nome venha a nós o teu reino
tari urchiane isiu nachiäka auna akü, takana au napés.
seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu
Atche sumutuvurivo nanenéka, aichimiaka tato nomünāti sovói,
dai-nos hoje o pão nosso de cada dia, perdoe as nossas ofensas
takana archüsomü sopichimiakata tato
assim como perdoamos
imo archüvama tchuchiampü uimia suinhemo;
a quem nos tem ofendido
tapü tchevo óvi suitchapene au makokotorch,
não nos deixe cair em tentação
aitiaesūmunusu somü eanaki nomünätü.
e livra-nos do mal
Amém

AVE MARIA

Ave María, atatainha ui grasiarch, archti Tuparch anati atchepékü,
Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco
apukünunka uvarchüpeku nanainha paüka
bendita sois vós entre as mulheres
tchiiaupü niarusürükürchti, naki anati akütüpükü, archti Jesús.
e bendito é o fruto, do teu ventre, Jesus

SANTA MARIA

Santa María, nipiakütoti Tuparch,
Santa Maria, mãe de Deus
äki suitchaku archüvama ane nomünätü sovói,
rogai por nós pecadores
archüna kaüma takanaintio, archtū tūsuisōka.
agora e na hora de nossa morte
Amém

¹³⁸ Textos do Livro de Oraciones para la Familia – Nakumananataxti Bae Tupax (Bolívia). Adaptados por Áurea Cavalcante Santana para a ortografia da língua Chiquitano no Brasil em junho de 2009.

ANEXO B – MENSAGEM DO PROFESSOR PABLINO PARAPAINO CASTRO**RE: Encontro com os Chiquitano do Brasil**

Segunda-feira, 7 de Dezembro de 2009 21:36

De: "Pablino Parapaino Castro" <parapaino_38@hotmail.com>

Para: "Aurea" <aurearsh@yahoo.com.br>

Si estimnada Aurea, lo siento mucho no me otorgaron el permiso correspondiente, pero mis ganas no han terminado, en otra oportunidad cuando se presente, mi mensaje a los profesores chiquitanos de Brasil Es:

"Queridos hermanos profesores y colegas al mismo tiempo, les deseo todo lo mejor para ustedes, solo les pido que mantengamos contactos e intercambiar experiencias, solicito que ustedes lleven adelante la revitalización del idioma bésiro (chiquitano), para que nuestro idioma no se muera ni se pierda este patrimonio cultural intangible que nos dejaron nuestros ancestros, que quede en nuestra memoria que el colonialismo nos lo dividieron nuestro territorio, pero para la cultura indígena no tendra que ser un umpedimento a nuestras relaciones esta división geográfica del territorio boliviano y brasileño.

La enseñanza de la Educacion intercultural bilingue debe ser el pilar fundamental para nuestro trabajo y por ende tenemos que dar énfasis a la revitalización de nuestros idiomas originario, de todo corazon reciban mi cordial saludo, disculpen no poder llegar en su pueblo para compartie. Adelante hermanos en la lucha por nuestra identidad propia. muchas gracias.

ANEXO C – VOCABULÁRIO GERAL

Os itens lexicais da língua Chiquitano, aqui apresentados, foram coletados nas comunidades Chiquitano brasileiras de Vila Nova Barbecho, Acorizal Central e Fazendinha, no município de Porto Esperidião, estado de Mato Grosso. Eles constituem o acervo de dados utilizados na pesquisa linguística para o Doutorado e foram levantados no período de outubro de 2003 a dezembro de 2009. Com o intuito de servir aos Chiquitano, em forma de consulta e/ou pesquisa, estão organizados em duas versões: a 1ª versão: **Chiquitano – Português – Chiquitano** e a 2ª versão: **Português – Chiquitano – Chiquitano**.

As versões em Chiquitano aparecem na forma ortográfica, utilizando a 2ª versão da Ortografia para a Língua Chiquitano no Brasil (conferir Quadro 6, item 5.1, no Capítulo V) e também na forma fonética, utilizando o Alfabeto Fonético Internacional (IPA). A versão Chiquitano ortográfica segue a ordem: a, ch, d, e, f, g, h, i, j, k, m, n, nh, o, p, s, t, tch, u, ü, w, v, rch. A ordem em Português segue o alfabeto brasileiro. Alguns itens trazem diferença no registro para as falas masculina e feminina, apresentados com os símbolos (Ff) para a fala feminina e (Fm) para a fala masculina. Também foram registradas as formas no plural, representadas pelo símbolo (PI). Considerando a situação de língua ameaçada, apresento, tanto na forma fonética quanto na forma ortográfica, todos os registros e variações dos itens lexicais em Chiquitano. Faço isso com intuito de fornecer o maior número de informações sobre essa língua.

1ª VERSÃO: CHIKUITANO – PORTUGUÊS – CHIKUITANO

Nº	CHIKUITANO VERSÃO ORTOGRÁFICA	PORTUGUÊS	CHIKUITANO VERSÃO FONÉTICA
001	a 'a	comer	a 'ʔa
002	achikie	ela foi buscar	aʃiki 'e
003	achinhaka	você quer?	aʃi 'pakə
004	achinhaka atcha 'a (chinhakitcha)	você quer beber?	aʃi 'paka a 'tʃaʔa ~ ʃipaki 'tʃa
005	achinhaka hanu (chinhakichanu)	você quer dormir?	aʃi 'paka 'hanu ~ ʃipaki 'ʃanu
006	achinhẽ (hachinhẽ)	eu	'aʃipẽ ~ 'haʃinhẽ
007	achinhẽ chapéémaka	estou cozinhando	'aʃipẽ ʃapɛɛ 'maka
008	achonẽ hauna	nós aqui	aʃo 'nẽ 'hawna
009	achonẽ'ẽ (hoinẽ ')	nós	aʃo 'nẽʔẽ ~ hoj 'nẽ
010	achuno 'õ	esse	aʃu 'noʔõ
011	achũ (hachũũ)	tu, você	'aʃi ~ 'haʃiĩ
012	aiaugu tiururch	abrir a porta	aja 'ugu tʃu 'ruʃ
013	aiauhu (hajaugu)	abra! (IMP)	aja 'uhu
014	aichamoné 'é	vá fazer!	ajʃamo 'nɛʔɛ
015	aikiókóta	você acredita	ajkʲo 'kɔta
016	aikiomasko 'o	conselho	ajkʲo 'maskoʔo
017	aikisuna 'a	ele corta!	aj 'kitsunaʔa
018	ainhama	fechar	aj 'pāmə
019	ainhama tiururch	fecha a porta!	aj 'pama tʃu 'ruʃ
020	ainhamata	coar - coou?	ajpa 'mata
021	aipiache	quebrar (o coco)	aj 'pʲaʃɛ
022	aitechepesuna (ĩtchipesuna)	parti – partiu	ajtʃɛpɛ 'sune ~ itʃipe 'sune
023	aitchokóka (jotokóka)	dançar	ajtʃo 'kɔka ~ jotokoka
024	aitchovu (haitchovurch)	folgada / foló (roupa)	aj 'tʃovu ~ hajtʃo 'vuʃ
025	ajokitio (hajokitia)	você está cortando	ajo 'kitʲo ~ hajo 'kitʲa
026	ajura	ajudar - acudir	a 'jura
027	akāsaka	vá descansar!	a 'kāsaka
028	akia 'u	arrancar mandioca	aki 'aʔu
029	akũpo (hakũpo)	vai mandar	a 'kipu ~ hakipu
030	amaririo	amarelo	ama 'ririw
031	améka (naméka)	andar	a 'mɛ:ka ~ na 'mɛ:kə
032	améũpo	entre!	amɛ 'ipu
033	amé 'tuve 'õ	saia!	a 'mɛʔ tu 'vẽʔõ
034	ananhã (anajã)	todo, inteiro	ana 'pã ~ ana 'jã
035	ané tukanhẽ 'ẽ	assim era antigamente	a 'nɛ tuka 'pẽʔẽ
036	anéétaarch (nanéétaarch)	amanheceu, clareou o dia	anɛɛta 'aʃ ~ nanɛɛta 'aʃ
037	aneuku (haneuku)	quebrar / partir	a 'newku ~ ha 'newku
038	anha ĩkamana (hanha ĩkamana)	coloque aí	apã ĩka 'mana ~ ha 'pã ĩka 'māna
039	anhaiki ĩkamana	põe mais aí	a 'pajki ĩka 'māna
040	anhané 'o	partir em pedaços	a 'pānɛʔo
041	anhanoko 'o (hanhanoko 'e)	acenda a vela, fogo	a 'panokoʔo ~ ha 'panokoʔe
042	anhata 'i (anhatai)	você chegou	apa 'taʔi ~ apa 'taj
043	anhema vaíta	espere um pouco!	a 'pēma 'vajta

044	anitiaka (hanitiaka)	você está falando	ani'tʃake ~ hani'tiake
045	apaōtomo (hapaōtomo)	rachar	apaō'tōmo ~ hapaō'tomu
046	apetaisunuma	mais altinho	apetajsu'numa
047	apetaisürürch (hapetaisürürch)	alto (árvores)	apetajsi'riş ~ hapetajsi'riş
048	apoküro	tenha dó	apo'kiru
049	apoküro itchakō'ō	perdão	apo'kiru itʃa'kōʔō
050	aposikia	você sonhou	apo'sikʃa
051	arapara (ajarapara)	despejar	a'rapara ~ aja'rapara
052	aréoku tooné' é (Ff)	ele chorou	a'rɛoku to:'nɛʔɛ (Ff)
053	areoku noniürch (Ff) areokuti (Fm)	o homem chorou	a'rɛoku noni'is (Ff) a'rɛokuti (Fm)
054	ari paama'a	veja/ olhe a lua	a'ri 'pa:maʔa
055	ariaka atcha'a	venha beber!	ari'aka a'tʃaʔa
056	ariörch	adeus	ariɔʃ
057	arosauvu	joga	arosa'uvu
058	asikia	fica!	a'sikʃa
059	asikia ikamana	fica aqui	a'sikʃa ika'mana
060	asumono (hasumō)	tocar inst. musical	asu'monu ~ hasu'mō
061	asusiho	aceitou	asu'tsihu
062	asutchéka (hasutchéka)	você está triste?	asu'tʃɛkɛ ~ hasu'tʃɛkɛ
063	atcha	beber	a'tʃa
064	atchaka (atchak)	você bebe	a'tʃake ~ atʃakʔ
065	atche inhemu	arruma para mim	a'tʃɛ i'pɛmu
066	atchéka inhemu	você deu pra mim	a'tʃɛkʔ i'pɛmu
067	atōmo vaita	sentar um pouco	a'tōmo 'vajta
068	atomō'ō (átomo)	sente-se!	ato'mōʔō ~ ato'mō
069	atópi	tomar banho	a'topi
070	atūūsai	levantar	a'ti:saj
071	avaich (havaich – haruvaich)	comprido, largo	ava'is ~ hava'is ~ haruva'is
072	avaich na chourch	cobra comprida	ava'is na ʃo'uʃ
073	avaich na tokörch	banco comprido	ava'is na to'koʃ
074	aveiku	está cheio, satisfeito	a'vejku
075	chaakükütu (chaakütu)	plantar	ʃaaki'kitu ~ ʃaa'kitu
076	chaich	cocô	ʃa'is
077	chajarés (Ff) nochajarés (Fm)	andorinha	ʃaja'rɛs (Ff) noʃaja'rɛs (Fm)
078	chakāsaka	está descansando	ʃakā'saka
079	chaki tchanóka	está roncando	'ʃaki tʃa'noka
080	chaküpu	mandei	ʃa'kipu
081	chaküpüka (chakupüka)	estou mandando	ʃaki'pika ~ ʃaku'pika
082	chamééka	andando	ʃame'eka
083	chamééka vaita	andando um pouco	ʃame'eka 'vajta
084	chanakarch	raiz	ʃana'kaʃ
085	chanitiaka	estou falando, conversando	ʃāni'tʃaka
086	chanóka	eu estou dormindo	ʃa'noka
087	chanhamata	coei	ʃāpa'mata

088	chapāka	mentir	ʃa'pāŋka
089	chapataka	mastigar	ʃapa'taka
090	chapéémaka	cozinhar	ʃapeɛ'maka
091	charesürch (Ff) nocharesürch (Fm)	cupim	ʃare'tsiʃ (Ff) noʃare'tsiʃ (Fm)
092	charuku	vou correr	ʃa'ruku
093	charukuka	está correndo	ʃaru'kuka
094	charüküka	deitado	ʃari'kikə
095	chatavaikia (kicha ta vaikia)	matar	ʃata'vajkʲa ~ ki'ʃa ta 'vajkʲa
096	chäterere (châtrere)	tripa da gente	ʃä'terere ~ ʃä'terere
097	chatopikia vaita	está tomando banho	ʃato'pikʲa 'vajta
098	chatūrai	vou levantar	ʃa'ti:raj
099	chētamanhē	sozinha	ʃē'tamāpē
100	chichórch (Ff) nochichórch (Fm)	rato	ʃi'ʃoʃ (Ff) noʃi'ʃoʃ (Fm)
101	chinhaka chō'ō	quer vomitar	ʃi'paka ʃōʔō
102	choēs	campo	ʃo'ēs
103	choripiakich (Ff) nochoripiakich (Fm)	barata	ʃoripʲa'kiʃ (Ff) noʃoripʲa'kiʃ (Fm)
104	chōūka	estou vomitando	'ʃōūŋka
105	chourch (Ff) nochourch (Fm)	cobra	ʃo'uʃ (Ff) noʃo'uʃ (Fm)
106	chuarch	remédio	ʃu'aʃ
107	chunumã (Ff) nochunumã (Fm)	beija-flor	'ʃunumā (Ff) no'ʃunumā (Fm)
108	diiritiurch	serra / morro	dʲiri'tʲuʃ
109	doch	dois	doʃ
110	estovuka	eu assustei	esto'vukə
111	esutchéka (hesutchéka)	estou triste	esu'tʃɛkə ~ hetsu'tʃɛkə
112	fakarch	faca	'fakaʃ
113	guajavarch	goiaba	gʷa'javaʃ
114	haakü'	está no chão	haa'kiʔ
115	hachinhu	alguém	ha'ʃipɯ
116	hako hupo (hako ta upo)	vai p/ dentro	'hako 'hupu ~ 'hako ta 'upu
117	hakóe (Ff) hakóité (Fm)	vai!	'hakoe (Ff) hakoʲ'tɛ (Fm)
118	haku anhá'a	deixar	'haku a'paʔa
119	haku atópi	vá tomar banho!	'haku 'atopi
120	hakuo kauma'a	vá agora	'hakuo 'kāwmaʔa
121	hamana tiururch	está fechada a porta	ha'māna tʲu'ruʃ
122	hamoosōka	ficar quieto	hamoo'sōka
123	hanasaka	tomar fôlego	ha'nasaka

124	hané 'é	assim	ha 'neʔe
125	hanitiaka	outro que está conversando	hāni 'tʰaka
126	hanó 'i (hanói)	vá dormir	ha 'noʔi ~ ha 'noj
127	hapanitia	conversem vocês	hapani 'tʰa
128	hapokunūka	você está alegre / contente	hapoku 'nūka
129	hapū	no alto, no céu	ha 'pi
130	hasatūmo	olha p/ ele	hasa 'timu
131	hatcheamo (hatcheaimo)	dar	hatʃe 'āmo ~ hatʃe 'ajmu
132	hatotché 'é (hatotchē 'ē)	pare!	hato 'tʃeʔe ~ hato 'tʃēʔē
133	hauna 'a	aqui	haw 'naʔa
134	hauvo	dentro	ha 'uʃu
135	havo riré 'é	você está vendo!	ha 'vo rirɛ 'ʔe
136	heskonho (héskonho 'o)	rápido	hes 'kōpu ~ hes 'kōpoʔo
137	hēsorū sūri	perdi o nome	'hētsoru 'sirɪ
138	hesuusóka (aküüsóka)	está com vergonha	hetsuu 'soka ~ akii 'tsokə
139	hichūka	está com medo	'hi:ʃika
140	hóchó nipia	está doendo meu braço	'hoʃo 'nipʰa
141	hóchó nitchāna	está doendo minha cabeça	'hoʃo ni 'tʃā:nə
142	hóchórch (ochooné)	está doendo	'hoʃoʃ ~ oʃo 'one
143	hogavo	seco	'hogavu
144	hokoro	azedo	'hokoru
145	homeno	está apertada (roupa etc)	ho 'mē:nu
146	homenóta taa	foram pra lá	home 'nota ta 'a
147	homo	queimou	'hōmu
148	hone	em cima	'hōne
149	honé 'é (oné ')	vai acontecer, vai ter	ho 'neʔ ~ o 'neʔ
150	honinha	gostoso	'honipa
151	hono	vomitar	'hōnu
152	hório	fedido	'horiw
153	hórchinha (hóchinha) (órchinha, óchinha)	está bem, bom, sim	'hoʃipa ~ 'oʃipa hoʃipa ~ oʃipa
154	hórchinha inhēmo	está tudo bem comigo	'hoʃipa i 'pēmu
155	hórchinha nesuvóriki	está bem de saúde	'hoʃipa netsu 'voriɪ
156	hótsó 'e	todos nós	'hotsəʔe
157	hotūürch (hótuürch)	fundo	hoti 'iʃ ~ hotu 'iʃ
158	hourara	ardendo como fogo	'howrare
159	hovaso (howaso)	comem	ho 'vatsu ~ ho 'watsu
160	hóvi	seu / teu	'hovɪ
161	hóvina	seu	'hovine
162	hō 'ō	não há de quê	hō 'ʔō
163	hūka	não, nunca	'hūŋka
164	hūka ichanóka	não estou dormindo	'hūŋka iʃa 'nokə
165	hūka napu	quem que é	'hūŋka 'napu
166	husara	derramou	'hutsare
167	husinha	está doce	husi 'pa
168	iaürch	rapaz	ia 'iʃ ~ ja 'iʃ

169	Ichaka (ichak)	eu como, comi	i'ʃaka i'ʃak'
170	icharutauvu	jogou	iʃaruta'uvu
171	ichiaka	roer	iʃi'akə
172	ichinhaka	eu quero	iʃi'pakə
173	ichinhakaki	quero mais	iʃi'pakakɪ
174	ichukapu	eu tenho medo	i'ʃukapu
175	ĩkamana	aqui, cá	ĩka'manə
176	ĩkia tinha 'a	vou colocar lá	'ĩkʲa ti'paʔa
177	ĩkiatu (ĩkietu)	sair	'ĩkʲatu ~ 'ĩkʲetu
178	ĩkiatu japatche	vai procurar	'ĩkʲatu ja'patʃe
179	ĩkiatu jasupari	vai urinar	'ĩkʲatu jasu'parɪ
180	ĩkiatu vaita	eu vou sair um pouco (viajar)	'ĩkʲatu 'vajta
181	ĩkie ta itche	vou para longe	'ĩkʲe ta i'tʃe
182	ĩkiéto chatópi	vou tomar banho	ĩkʲeto ʃa'topi
183	ĩkiókóta	eu acredito	ĩkʲo'kote
184	inhata	colocar / pôr	ĩ'pata
185	inhata na urchurchkich	está chegando o frio	'ĩpata na uʃuʃ'kiʃ
186	ĩnhatai (hĩnhana 'a)	eu cheguei	ĩpa'taj ~ hĩ'paʔa
187	inhaté	comeu	ĩpa'te
188	inhēmo (hinhēmo)	para mim	i'pēmu ~ hi'pēmu
189	inhéta vaita	vou pegar	i'peta 'vajta
190	inhonokono	acendo / acendi	ipōno'konu
191	inókūtūpu	seu corpo	inoki'tipu
192	io'orch	roça dele	io'ʔoʃ
193	ipiakūna kanhē	está correndo	ipʲa'kinā ka'pē
194	ipiakūna 'ā	correu	ipʲa'kināʔā
195	ipiéka	estou com febre	ipi'εkə
196	ipiókunūka	estou alegre / contente	ipʲoku'nūkə
197	ipiókuruka (ipioküruka)	está com dó	ipʲoku'ruke ~ ipʲoki'ruke
198	ipíosikia	sonhei	ipʲo'sikʲa
199	isurupūka	eu estou com fome	isuru'pika
200	isūta	chupar o caldo	i'site
201	itchaka (itchak)	eu bebo, bebi	i'tʃakə i'tʃak'
202	itchókóka (itiókóka)	estou dançando	itʃo'koke ~ itʲo'koke
203	itchosivikia	eu grito	itʃosi'vikʲa
204	ĩtu atai (hūtu atae)	como vai?	ĩ'tu a'tai ~ hū'tu a'tae
205	iürch	urina	i'isʃ
206	jakaupo (ĩkieta hupo)	vou para dentro	jaka'upu ~ 'ĩkʲete 'hupu
207	jasunarch	raio	jasu'naʃ
208	jasuparikia (tijasuparikia)	já urinou	jasupa'rikʲa ~ tijasupa'rikia
209	jasūūkóka (ĩnhasūkóka)	estou varrendo	jasūū'koka ~ ipasūū'koka
210	jatatcheka	estou cansado	jata'tʃeke
211	jatcheka haimo	vou dar para você	ja'tʃekə 'hajmu
212	jevótu	ela foi	je'votu
213	joich	farinha	jo'iʃ
214	joparch	mudo	jo'paʃ

215	jopourch	cera	jopo'us
216	jositchés	filha dele	josi'tʃes
217	kaãrch	pedra	ka'ãş
218	kaita itche nanénés	madrugada	kajta i'tʃe nanɛ'nes
219	kakone	baú	ka'kone
220	kalhes	rua	'kaʎes
221	kamana	aqui, cá	ka'mãne
222	kamapae	agora mesmo, logo	kama'pae
223	kamarch	cama	'kãmaş
224	kamizarch	camisa	kami'zaş
225	katoti taita	onde está seu pai?	kato'ti 'tajta
226	katre	catre, jirau de dormir	'katɾɪ
227	kauma'a	agora, hoje	kawma'ʔa
228	kavajurch	cavalo	kava'juş
229	kavané nūri	qual é o seu nome?	'kava nɛ 'niri
230	kavané'é	como?	kava'neʔɛ
231	kenenesema (keneneses)	pequeno, baixinho	kene'nesēma ~ kenene'ses
232	keninhē'ē	munheca	keni'pēʔē
233	kiaparch	caramujo da água	kia'paş
234	kiasi (Fm)	avó	ki'asɪ (Fm)
235	kiatarch	alguém, outra pessoa	kia'taş
236	kichórch (Ff) nokichórch (Fm)	lagartixa	ki'ʃos (Ff) noki'ʃos (Fm)
237	kiemóko	está gemendo	ki'ēmoko
238	kietürch (kiotórch)	suvela	kʲe'tiʃ ~ kʲo'toş
239	kimürch kimüka (Pl)	bicho (larva), bicheira	ki'miʃ ki'mika (Pl)
240	kinhana (hainha)	debaixo	ki'pãna ~ haj'pa
241	kiórórch	balaio	kʲo'roş
242	kioovich (Ff) nokioovich (Fm)	macaco	kʲo'viʃ (Ff) nokʲo'viʃ (Fm)
243	kiovo	nascer	'kiovu
244	kipiórurch (kivóvi)	barriga dela/dele	'kipʲoruş ~ ki'vovi
245	kitakarch (kütavo pieisich)	magro, fraco	kita'kaş ~ 'kitavu pʲej'siʃ
246	kitchararch	veneno	kitʃa'raş
247	kitchoniarch	papel	kitʃoni'aş
248	kitchores	feijão	kitʃo'res
249	kitchóriorch (Ff) nokitchóriorch (Fm)	caititu	ki'tʃoriorɔʃ (Ff) noki'tʃoriorɔʃ (Fm)
250	kitchusavo	inchado	ki'tʃusavu
251	kitouso (kitovuso)	você assustou	kito'utso ~ kito'βutso
252	kitüpürch (kütüpürch)	corpo	kiti'piş ~ kitipiş
253	kitüriki	vermelho	ki'tirikiɾ
254	kiumaturch	feio	kiwma'tuş
255	kiosórch	vergonha	kiw'tsoş

256	konho (kōjo) (Ff) konhoti (Fm)	ele morreu, está morto	'kōpo ~ kōjo (Ff) 'kōpoti (Fm)
257	konhórch	bonito, bom	ko'noʃ
258	korés (Ff) nokorés (Fm) nokoréka (Pl)	cigarra	ko'res (Ff) noko'res (Fm) noko'reke (Pl)
259	kosouro	forte, alto	ko'sowru
260	kosupekich	formigão, camundá	kosupe'kiʃ
261	kristianuka	pessoas, cristãos	kristʃa'nuke
262	kuchanama	bebê	kuʃa'nāma
263	kuinanenes	madrugada	kujna'nes
264	kunhapés	bolo	kūpa'pes
265	kunumasuma kunumasumaaka (Pl)	pintinho	kunu'masuma kunumasumaaka (Pl)
266	kupikich	mocinha	kupi'kiʃ
267	kupikinha	menina	ku'pikiʃa
268	kuri	vamos!	ku'ri
269	kuri aipiātomo sātiarch	vamos partir a melancia	ku'ri ajpʃā'tōmo 'sātʃaʃ
270	kuri mano	vamos dormir	ku'ri 'mānu
271	kuri otoko	vamos dançar?	ku'ri o'toko
272	kuri ótomo	vamos sentar	ku'ri 'otomu
273	kuriré'é (kurire)	então vamos!	ku'rireʔe ~ ku'rire
274	kurire ototché	vamos parar	ku'rire oto'tʃe
275	kuri sainhaama	vamos pertinho	ku'ri sajpa'āma
276	kuri ta itche	vamos para longe	ku'ri ta i'tʃe
277	kuri tué'ō	vamos para fora	ku'ri tu'eʔō
278	kuri upo	vamos pra dentro	ku'ri 'upu
279	kuri utcha'a	vamos beber?	ku'ri u'tʃaʔa
280	kuri utcha tuurch	vamos beber água!	ku'ri u'tʃa tu'uʃ
281	kuri uva'	vamos comer?	ku'ri 'uvaʔ
282	kuri waakūto	vamos plantar	ku'ri waa'kitu
283	kuri wakūpo	vamos mandar	ku'ri wa'kipu
284	kuri watopi	vamos tomar banho	ku'ri 'watopi
285	kurukusich (Ff) nokurukusich (Fm)	vaga-lume	kuruku'siʃ (Ff) nokuruku'siʃ (Fm)
286	kurusürch	cruz	kuru'siʃ
287	kuruvāsürch (Ff) nokuruvāsürch (Fm)	galinha - frango	kuruva'siʃ (Ff) nokuruva'siʃ (Fm)
288	kusagórch kusagóka (kusa'óka) (Pl)	nuvem	kutsa'goʃ kutsa'goka ~ kutsa'ʔoka (Pl)
289	kusich	babaçu - palmeira indaiá	ku'siʃ
290	kutapakich (Ff) nokutapakich (Fm)	anta	kutapa'kiʃ (Ff) nokutapa'kiʃ (Fm)
291	kuvitchiórch kuvitchioka (Pl)	batata doce	kuvitʃi'oʃ kuvitʃi'oka (Pl)
292	küchüvo	queimou	ki'ʃivu
293	kügaich	grosso - forte	kiga'iʃ

294	kükich (Ff) nokükich (Fm)	perdiz - jaó	ki'kiʃ (Ff) noki'kiʃ (Fm)
295	kümes	agulha	ki'mes
296	küókikich	tipo de enxada (pala)	kioki'kiʃ
297	küpürch (Ff) noküpürch (Fm)	mosca	ki'piʃ (Ff) noki'piʃ (Fm)
298	kürch (Ff) nokürch (Fm)	capivara	'kiʃ (Ff) no'kiʃ (Fm)
299	kürch (Ff) nokürch (Fm)	sapo cururu	kiʃ (Ff) no'kiʃ (Fm)
300	kürich (Ff) nokürich (Fm)	jacaré	ki'riʃ (Ff) noki'riʃ (Fm)
301	küsovo	está com vergonha	'kitsovu
302	küsunana	brilhante	kisu'nāna
303	küsupich (kisupich)	sujo	kitsu'piʃ ~ kitsu'piʃ
304	küsuurch (aküsuuka)	louco, doido	kisu'uʃ ~ akisu'uka
305	kütavo	fraco	'kitavu
306	kütórch (kütóórch)	pó	ki'toʃ ~ kito'oʃ
307	kütuvich (kutuvich)	buraco / poço	kitu'viʃ ~ kutu'viʃ
308	kütuviurch (kutuviurch)	estrada	kituvi'uʃ ~ kutuvi'uʃ
309	küürch	terra, chão	ki'iʃ
310	küüsórch	areia	kii'tsoʃ
311	maatúsés (Ff) nomaatúsés (Fm)	lobinho	maatu'ses (Ff) nomaatu'ses (Fm)
312	machikiarch	preguiça (bicho)	maʃiki'aʃ
313	māga	manga	'māga
314	maikórch	cabaça (vasilha)	maj'koʃ
315	makiitürch	vento	makii'tiʃ
316	makumana	deu para alguém	ma ku'māna
317	māma	mãe	'māma
318	manomutanhã	muitos anos	monomuta'pā
319	manharchich (Ff) nomanharchich (Fm)	macaco bugio	mapa'ʃiʃ (Ff) nomapa'ʃiʃ (Fm)
320	ma ochokono (mauchokono) (Ff) mauchokonoti (Fm)	enfermo, doente (homem)	ma o'ʃokonu ~ maw'ʃokonu maw'ʃokonoti (Fm)
321	ma õnonikiano	está ensinando	ma õnõniki'āno
322	ma paõtomono soise	está rachando lenha	ma paõ'tõmõnu 'sojse
323	ma sũukono (nhasũükóka)	está varrendo	ma sũu'kõnu ~ pasũu'koka
324	mastakama	bonito, lindo, limpo	mas'takame
325	masũkótórch	vassoura	masũko'toʃ
326	masunarch (masunana)	relâmpago	masu'naʃ ~ masu'nāna
327	matusunana (matũsunana)	cortar	matusu'nāna ~ matisunāna
328	meses (Ff) nomeses (Fm)	gato	me'ses (Ff) nome'ses (Fm)
329	mezarch	mesa	'mezaʃ
330	momes	instrumento para pescar	mo'mes
331	monananhã (monanajã)	eterno	mo'nānapā ~ mo'nana jã

332	motakürch	palmeira acori	mota'kiʃ
333	motorürch (Ff) nomotorürch (Fm)	papagaio	moto'riʃ (Ff) nomoto'riʃ (Fm)
334	motusaurch	neblina	motusa'uʃ
335	naakich	amendoim	naa'kiʃ
336	nāhéles	anjo	'nāheles
337	naich	boca do outro	na'iʃ
338	naïcha	xará (mulher)	na'ĩʃa
339	naivich	vestido dela	nai'viʃ
340	nakarch	cará	na'kaʃ
341	nakaru	neta / neto	na'karu
342	nakaru (Ff)	avô	na'karu (Ff)
343	nakipioru	barriga do outro	na'kipjoru
344	naku	bunda (anus)	'naku
345	naneetaarch	terreiro	nanɛta'aʃ
346	nanenes	o dia	nanɛ'nes
347	nanhes	carne	na'pɛs
348	napa	eu braço	'napa
349	napae	neta / neto	na'pae
350	napae (Ff)	avó	na'pae (Ff)
351	napānu	você está mentindo	na'pā:nu
352	napaurch	sovaco (axila)	napa'uʃ
353	napés	céu	na'pɛs
354	napiaka'a	seu fígado	napja'kaʔa
355	napūta	calcanhar do outro	na'pita
356	narorch	arroz	na'roʃ
357	naruki Maria	irmã de Maria	na'rukɪ ma'ria
358	narurch (arurch)	beijo de bicho	na'ruʃ ~ a'ruʃ
359	nasarone (nĩtchada)	enxada	natsa'rōne ~ nĩ'tʃada
360	nasitchi nausitchi (PI)	sua filha	na'sitʃɪ naw'sitʃɪ (PI)
361	nasküves nasküvéka (PI)	ano	naski'ves naski'veka (PI)
362	nastchoporo (nachoporo)	mato	nas'tʃoporu ~ na'ʃoporu
363	nasukarch	açúcar	nasu'kaʃ
364	nasukusich	palha de indaiá	nasu ku'siʃ
365	nasumotakürch	palha de acori	nasu mota'kiʃ
366	nasusurch	folha	nasu'suʃ
367	natcharch	machado	'natʃaʃ
368	nātereres	tripa	nātere'res
369	natūraich (naturaich)	flauta (de pé)	natira'iʃ ~ natura'iʃ
370	nauhu	seu filho	'nawhu
371	nausupurch	alma de outra pessoa	nawsu'puʃ
372	na urchurchkich	está frio	na uʃuʃ'kiʃ
373	navich	vila (cidade de Cáceres)	na'viʃ
374	nesa'i	minha boca	ne'tsaʔi

375	nesakü	sobrancelhas	ne'saki
376	nesamisa	a minha camisa / blusa	nesa'misa
377	nesarch	filho	'netsax
378	nesiasi (Fm)	irmã	ne'tsiasɪ (Fm)
379	nesitchi	minha filha	ne'sitʃɪ
380	neso'o	meu dente	ne'tsoʔo
381	nesorasone	coração	netsora'sōne
382	nestüpo	meu corpo	nes'tipuv
383	nestüpo anajã	corpo inteiro	nes'tipuv ana'jã
384	nesuki (nesuk)	minha pestana (cílios)	ne'sukɪ ~ ne'sukʻ
385	ni	canela (perna)	'ni
386	niatokama	pequeno, baixinho	niato'kāma
387	niausu (Ff)	sogro	nia'utsu (Ff)
388	nichich nichikia (PI)	bicho, larva	ni'ʃiʃ ni'ʃikʲa (PI)
389	niēsoka	vai perder	niē'sokə
390	nīcha	xará (homem)	ni'īʃa
391	nīřcha	joelho	ni'ītʃa
392	nikipiórch (nikipioru)	minha barriga	ni'kipʲoʃ ~ ni'kipʲoru
393	ninha	nariz	'nīpa
394	ninhasu	minha orelha	nī'pasu
395	ninhē'ē (ninhē)	minha mão	ni'pēʔē ~ nī'pē
396	nio noriórch	rabo de bicho	ni'o nori'oʃ
397	nio'o	minha roça	ni'oʔo
398	niorch	semente	ni'oʃ
399	niórch nioka (niok) (PI)	abelha	ni'oʃ ni'okə ~ ni'okʻ (PI)
400	niórch (niorch)	rabo	ni'oʃ ~ ni'oʃ
401	niosupo	minha alma	nio'supu
402	nipariēte	meu parente	nipari'ēte
403	nipia	meu braço	'nipʲa
404	nipiaka 'a (nipiakarch)	meu fígado	nipʲa'kaʔa ~ nipʲa'kaʃ
405	nipiapaso (Ff) nipiaküso (nipiakü) (Fm)	sogra	nipʲa'patso (Ff) nipʲa'kitso ~ nipi'aki (Fm)
406	nipiarch	braço dela/dele	'nipʲaʃ
407	nipiaürch	meu peito	'nipʲaiʃ
408	nipieta	meu calcanhar	ni'pʲetə
409	nipio	minha casa	'nipʲo
410	nipiopé	pé	'nipʲope
411	niprimo	primo	ni'primu
412	nispuso (Fm)	sogro	nis'putsu (Fm)
413	nitchamaka (nitchamanaka)	cunhado	ni'tʃamakə ~ ni'tʃamanakə
414	nitchamana	cunhada	ni'tʃamane
415	nitchana	minha cabeça	ni'tʃā:na
416	nitchapa	perna, coxa	ni'tʃape
417	nitchigaurch (Ff)	irmão	nitʃi'gauʃ (Ff)
418	nitchusi	meu peito (tórax)	ni'tʃusi

419	niuma (Fm)	avô	'niwma (Fm)
420	nochokórch (nóchkórch)	doença	noʃo'koʃ ~ noʃ'koʃ
421	noich	quati	no'iʃ
422	noinonés	tucano	nōjno'nes
423	nókórch	abóbora	no'koʃ
424	nokovoitché	sempre	noko'vojtʃɛ
425	nomunatu	pecar	nomu'nātu
426	nonhasu	lebre	no'pasu
427	noniakarch	tatu-bola	nonia'kaʃ
428	noniürch (noniurch)	homem	nōni'is ~ nōni'uʃ
429	nookich	cotia	nɔo'kiʃ
430	nó'órch	dente qualquer	no'ʔoʃ
431	nopéich	tatu-peba	no'peiʃ
432	nopiókórch	peixe	nopʲo'koʃ
433	nopütupaʃ (Ff)	Deus	nopitu'paʃ (Ff)
434	norich	está cheirando	no'riʃ
435	nóriórch	bicho do mato	nɔri'oʃ
436	noseórch	milho	nose'oʃ
437	nosorurch	rio, córrego	noso'ruʃ
438	nótórch	sangue	no'toʃ
439	nourch	capim	no'uʃ
440	nourch (nürch)	mata grande, floresta	'nowʃ ~ 'niʃ
441	novichama (nomichama) nomichamaaka (Pl)	ovelha novinha	novi'ʃāma ~ nomi'ʃāma nomiʃama'aka (Pl)
442	novicharch	carneiro / ovelha	novi'ʃaʃ
443	nusinha	o doce	nusi'pa
444	nutarch	fruta	nu'taʃ
445	nüre	nome	'niɾɪ
446	nürurich (nururich)	cabaça para água (cantil)	niɾu'riʃ ~ nuru'riʃ
447	nha'ana	vai chegar depois	pa'ʔāna
448	nhakāsaka vaita	descansando um pouco	pakā'saka 'vajta
449	nhākres (jākres)	boneca	'pākres ~ jākres
450	nhanai isoka	eu fico, fique	pa'naj i'soka
451	hanaurch (janaurch)	roça	pāna'uʃ ~ jana'uʃ
452	nhapaanurch (nhapaanürch)	ele está mentindo	papaa'nʊʃ ~ papaa'niʃ
453	nhasunaukóka	está criando	pasunaw'koka
454	nhasupóórch	surdo	pasupo'oʃ
455	nhasurch	orelha do outro	pa'suʃ
456	nhauma (nha'uma)	criança, menino	'pawme ~ paʔuma
457	nhemanakórch (nhemanaükórch)	verdade	pēmanā'koʃ ~ pēmanaũ'koʃ
458	nhĩoto	minha língua	pĩ'otu
459	ócho kivóvi	dor de barriga (diarréia)	'oʃo ki'vovɪ
460	okusi'õ (okusikia)	brigar	oku'tsiʔõ ~ oku'sikʲa
461	orchugavo (Ff) orchujavoti' (Fm)	bêbado	o'ʃugavu (Ff) o'ʃujavotiʔ (Fm)

462	ototche	pare!	oto'tʃɛ
463	ovich	só, somente	o'viʃ
464	ovich (hovich)	dele / dela	o'viʃ ~ ho'viʃ
465	ovich toné 'é	somente dele	o'viʃ to'neʔɛ
466	paaka	não coma	pa'aka
467	paané 'é	não aparece	pa'aneʔɛ
468	pa'apichu	você não tem medo	paʔa'piʃu
469	pachiórch	maracujá	paʃi'oʃ
470	padich	melão croá	pa'diʃ
471	paich	fumo	pa'iʃ
472	pajarés (Ff) nopajarés (Fm)	ema	paja'ɾɛs (Ff) nopaja'ɾɛs (Fm)
473	pakaurch pakauka (Pl)	banana bananas, bananal	paka'uʃ paka'ukə (Pl)
474	pakaurch vavaikia	banana comprida (de fritar)	paka'uʃ vava'ikʲa
475	pakiakü	derrubar	paki'aki
476	pakupioru (patchupéka)	estão brincando	paku'pʲoru ~ patʃu'pɛka
477	pama (paãma)	lua	'pa:ma ~ pa'āma
478	paravarch (Ff) noparavarch (Fm)	arara	para'vaʃ (Ff) nopara'vaʃ (Fm)
479	paravarchiórch	ararinha	paravaʃi'oʃ
480	pasapae na urchurchkich	está frio demais	pasa'pae na uʃuʃ'kiʃ
481	pasapé pieikich	está calor, quente	pasa'pɛ pʲej'kiʃ
482	pasório	coçar	pa'tsɔriw
483	paturich (Ff) nopaturich (Fm)	borboleta	patu'riʃ (Ff) nopatu'riʃ (Fm)
484	pautches pautchéka (Pl)	porco	paw'tʃɛs paw'tʃɛka (Pl)
485	pautovu (ipiãtomonu)	rachar	paw'tovu ~ ipʲãto'monu
486	paürch	mulher	pa'iʃ
487	péémakarch	comida	pɛɛma'kaʃ
488	pé'és	fogo	pɛ'ʔɛs
489	péésururch	água quente, chá, café	pɛɛsu'ruʃ
490	petarch (Ff) nopetarch (Fm)	jabuti (cágado)	pe'taʃ (Ff) nope'taʃ (Fm)
491	piakaarch	fígado	pʲaka'aʃ
492	piavórch (Ff) nopiavórch (Fm)	macaco curiango	pʲa'voʃ (Ff) nopʲa'voʃ (Fm)
493	pieikich (peikich)	calor, quente	pʲej'kiʃ ~ pej'kiʃ
494	pinharch	abacaxi	'piɲaʃ
495	pioma (pooma) (Ff)	velho, velhinho	pi'ōma (Fm) ~ 'po:ma
496	pioturch (piotürch)	coisa velha	pʲo'tuʃ ~ pʲo'tiʃ
497	piorchti	casa dele	pʲoʃ'ti
498	piririch (Ff) nopiririch (Fm)	perdiz do campo	piri'riʃ (Ff) nopiri'riʃ (Fm)
499	pitchanané	amargo	pitʃana'ne

500	pókununha'a	alegre, contente	poku'nūpaʔa
501	pókupósuma	velha	poku'pɔsuma
502	ponhoes (Ff) nophonhoes (Fm)	espécie de tucano	pono'es (Ff) nophonono'es (Fm)
503	póórch	galo	pɔ'oʃ
504	póórchich	casa grande	pɔo'ʃiʃ
505	póósich	peteca	pɔo'siʃ
506	pórch	casa	'pɔʃ
507	póreo	podre	'pɔreɔ
508	póse	foice	'pɔ:se
509	postues (postuges)	brasileiro	postu'es ~ postu'ges
510	puevlorch	povoado	pu'evloʃ
511	purususu	tatu liso	puru'susu
512	purusuvi (purchuvi)	branco	purusu'vi ~ puʃu'vi
513	pusanéka	saco, bolsa	putsa'neka
514	pusich	preto, negro	pu'tsiʃ
515	pusiórch	flor	putsi'oʃ
516	sa'i (tsa'i)	boca	'saʔi ~ 'tsaʔi
517	saichukapu	você tem medo	saj'ʃukapu
518	sainhaama	perto, pertinho	sajpa'āma
519	saivi	meu vestido	sa'ivɪ
520	samarch (Ff) nosamarch (Fm)	aranha	sa'maʃ (Ff) nosa'maʃ (Fm)
521	sanitia'a (chanitia ané'é)	vou falar assim	sa'ni'tjaʔa ~ ʃani'tja a'neʔe
522	sapaiurch	mamão	sapa'juʃ
523	sapaturch	sapato	sapa'tuʃ
524	sapórch (Ff) nosapórch (Fm)	sapo	sa'pɔʃ (Ff) nosa'pɔʃ (Fm)
525	saratūmo	olhando	sara'timu ~ tsara'timu
526	sare'óka (saregóka)	chorar	sare'ʔɔkə ~ sare'gɔkə
527	saru	beijo, lábio de pessoa	'sarv
528	saruki	irmão (Fm)	sa'rukɪ (Fm)
529	sātiarch	melancia	'sātjaʃ
530	saũrch (Ff) nosaũrch (Fm) saũka (PI)	formigão	sa'ũʃ (Ff) nosa'ũʃ (Fm) sa'ũŋka (PI)
531	savarurch (Ff) nosavarurch (Fm)	peixe curimba	sava'ruʃ (Ff) nosava'ruʃ (Fm)
532	semiriarch	cozido de milho (canjica)	se'miriaʃ
533	senéés (Ff) nosenéés (Fm)	anu branco	senɛ'es (Ff) nosenɛ'es (Fm)
534	sépés (Ff) nosépés (Fm) sépeka (PI)	formiga carregadeira	sɛ'pɛs (Ff) nosɛ'pɛs (Fm) sɛ'pɛkə (PI)
535	serémóiarch	ata	serɛ'moiʃ ~ tserɛ'moiʃ
536	seresuurch (tseresuurch)	sol se pondo	seresu'uʃ ~ tseresu'uʃ

537	sereüpo	ele entrou para dentro	sere'ipu ~ tsere'ipu
538	silharch	cadeira	'siɫaʃ
539	sinhaama (tsinhaama)	pouco, pequeno	sipa'āma ~ tsipa'āma
540	sinhopakich	sem bunda	sinopa'kiʃ
541	siórch (Ff) nosiórch (Fm)	periquito	si'os̥ (Ff) nosi'os̥ (Fm)
542	sisóvita	não é meu	si'sovita
543	sitóse	meio-dia	si'tose
544	siürch	sal	si'is̥
545	soisi	lenha, árvore	so'isɪ
546	soitchaka	muitos que beberam	soj'tʃakə
547	sotururch	cego	sotu'ruʃ
548	sovekato	vir (nós viemos)	sove'kato
549	sóvi	meu	'sovi
550	sóvi onhē (honhē - sóvo'e)	nosso	'sovi o'pē ~ ho'pē ~ 'sovoʔe
551	sóvita (achumata sóvi)	meu sozinho	'sovita ~ aʃu'mata 'sovi
552	sueóka	garoa	sue'oka
553	sukarch (Ff) nosukarch (Fm)	espécie de peixe	su'kaʃ (Ff) nosu'kaʃ (Fm)
554	sukich sukikia (Pl)	pestana, cílios do outro	su'kiʃ su'kikʲa (Pl)
555	suku'órch	brasa	suku'os̥
556	sukürch (nesuki)	lágrima	su'kiʃ ~ ne'suki
557	sunaurch	alto, grande (pessoa)	sunauʃ
558	sunuma (tsunumã)	muito, muitos, bastantes	sunu'mã ~ tsunu'mã
559	sunumana mokonho sunuma ko konhóka (Pl)	bastantes mortos	sunu'māna mo'kōpo ~ tsunu'māna sunu'mã ko'poka (Pl)
560	suorikia	estou vivendo	suo'rikʲa
561	suórukókórch (suvórokókórch) (Ff) nosuórukókórch (Fm)	coruja	suoruko'kos̥ (Ff) ~ suvorokokos̥ nosu'orukokos̥ (Fm)
562	suru	trovão	'suru ~ 'tsuru
563	suruotakühu (vaküarch)	caçador	suruo'takihu ~ vaki'aʃ
564	sururch	resina (leite de vegetais)	su'ruʃ
565	susich (Ff) nosusich (Fm)	cervo	su'siʃ (Ff) nosu'siʃ (Fm)
566	suspêsione	hemorragia	suspē'sione
567	sutonhēs (Ff) nosutonhēs (nostonhēs) (Fm)	estrela	sutō'pēs (Ff) nosuto'pēs ~ nosto'pēs (Fm)
568	suurch (suürch)	sol	su'uʃ ~ su'is̥
569	sūütórés (sōötórés)	bobo	sūüto'res ~ sōöto'res
570	sürupüka (kürupüka)	fome	siru'pikə ~ kiru'pikə
571	taa (ta'a)	lá	ta'a ta'ʔa
572	taanurch taanuka (Pl)	cabelo	taa'nuʃ taa'nuka (Pl)
573	taarch	chuva	ta'aʃ
574	taäsüru (taäsürürch)	manhã	ta'āsiru ~ ta'āsiriʃ
575	taichipoōma (Ff)	andorinha tesoura (filhote)	tajʃipo'ōma (Ff)

	notaichipoõma (Fm)		notajʃipo'õma (Fm)
576	taichipóórch (Ff) notaichipóórch (Fm)	andorinha tesoura	tajʃipo'õs (Ff) notajʃipo'õs (Fm)
577	taimi	é assim	'tajmɪ
578	taimovich	é dele	tajmo'viʃ
579	taita	pai	'tajta
580	ta itche	para longe	ta i'tʃe
581	tajoka	bater, levar pancada	ta'jokə
582	tajoka hakü (tajokü)	cair no chão (algo em pé)	ta'joka ha'ki ~ ta'joki
583	takomés narākarch	laranja	tako'mes na'rākaʃ
584	takonés	cana	tako'nes
585	takōórch (Ff) notakōórch (Fm)	tatu	takō'õs (Ff) notakō'õs (Fm)
586	takuchaparch	chapéu	takuʃa'paʃ
587	takürusu	acabou	ta'kirusu
588	takü sunoma'a (tchaküsuruka)	pobre	ta'ki sunomaʔa ~ tʃakisu'rika
589	tama'a	um	ta'maʔa
590	tama'a noinonés	um tucano	ta'ma: nōjno'nes
591	taméku	está andando	ta'meku
592	tamokórch (Ff) notamokórch (Fm)	cachorro	tamo'koʃ (Ff) notamo'koʃ (Fm)
593	tamósich (Ff) notamósich (Fm)	água	tamo'ʃiʃ (Ff) notamo'ʃiʃ (Fm)
594	tanénéka	amanheceu	tane'neke
595	tanénés	dia	tane'nes
596	tanóka	você já dormiu?	ta'noka
597	tapararch (Ff) notapararch (Fm)	gafanhoto	tapa'raʃ (Ff) notapa'raʃ (Fm)
598	tarība	girau	ta'rība
599	tarikapa' é jarukürch	está correndo muito	tarika'paʔe jaru'kiʃ
600	tarikapaé	muito (intensidade)	tarika'pae
601	tarikapaé charuku	correu muito	tarika'pae 'ʃaruku
602	tarikapaé kitakarch	está magro, fraco	tarika'pae kita'kaʃ
603	tarikapaé na urchurchkich	está com muito frio	tarika'pae na u'ʃuʃkiʃ
604	tarikapaé nochokórch	está doendo demais!	tarika'pae noʃo'koʃ
605	taropés	cabaça, cuia	taro'pes
606	taruku	demaís (intensidade)	'taruku
607	taruku nesutchéki	está triste demais	'taruku nesu'tʃeki
608	taruvu	quebrou, espatifou	'taruvu
609	tatchaka	você já bebeu?	ta'tʃake
610	taturchiórch	periquito (vaitaca)	tatuʃi'õs
611	tatüürai (chatüükai)	já levantou	ta'ti:raj ~ ʃa'ti:kaj
612	tauna'a	aqui, para cá	taw'naʔa
613	taurch (taürch)	barro, parede	ta'uʃ ~ ta'iʃ
614	tavarch	mandioca	ta'vaʃ
615	tavaurch	chicha	tava'uʃ

616	tavuróvi	está olhando, vendo?	tavu'rovɪ
617	tavuru	estou vendo	'tavuru
618	tavuru sóvi	eu vi ele	'tavuru 'sovɪ
619	testopüka (estopüka)	estou acordada	testo'pika ~ esto'pikə
620	tiaich	duro	tʃa'iʃ
621	tiakaitchu	já chegou	tʃaka'itʃu
622	tiaki nipia	pele do braço	tʃaki 'nipʃa
623	tiaki noriórch	couro de bicho	tʃa'ki nori'oʃ
624	tiaki soise	casca de pau	tʃa'ki 'sojse
625	tiakich	pele, couro, casca	tʃa'kiʃ
626	tiakiórch	pelado (nu)	tʃaki'oʃ
627	tiákórch	está morrendo	tʃā'koʃ
628	tiakuki (tiakuki ajsamoné'é)	por quê	tʃa'kukɪ ~ tʃakukɪ ajsamoneʔe
629	tianurch	cabeça dele / dela	tʃa'nuʃ
630	ti atchekümo (ti atchekamo)	já te deu	ti atʃe'kimu ~ ti atʃe'kamu
631	tichaka	eu já comi	ti'ʃakə
632	tichanóka	eu já dormi	tiʃa'noka
633	tichatopikia	já tomei, tomou banho	tiʃato'pikʃa
634	tichinhakapiki (tichinhakapik)	não quero mais	tiʃi'pakapikɪ ~ tiʃi'pakapikʔ
635	tichinhakapu	não quero	tiʃi'pakapu
636	tichoŭka (sichoŭka)	vomitou	ti'ʃōŭŋka ~ si'ʃōŭŋka
637	tikiovu	já nasceu	ti'kiovu
638	tiné'és (tininē'ē)	mão de outro	ti'neʔes ~ tini'nēʔē
639	tinhata'i	chegar	tiɲa'taʔi
640	tinhonokóta	acender (já acendi)	tipōno'kota
641	tiorurch (Ff) notiorurch (Fm)	bicho-de-pé	tʃo'ruʃ (Ff) notʃo'ruʃ (Fm)
642	tipich (Ff) notipich (Fm) tipikia (tipinhaaka) (Pl)	formiga	ti'piʃ (Ff) noti'piʃ (Fm) ti'pikʃa (Pl) ~ tipiɲa'aka
643	tisamoté naküpo	já obedeci o que mandou	ti'samote na'kipu
644	titchaka	eu já bebi	ti'tʃakə
645	titchauki	está pronto	ti'tʃawkɪ
646	tīterich	boneca (MIGUELENHO)	tīte'riʃ
647	tiururch	porta	tʃu'ruʃ
648	tiusich (tchusich)	peito dela	tʃu'siʃ ~ 'tʃusiʃ
649	tivivich (Ff) notchivivich (Fm)	peixe que parece piaba	tivi'viʃ (Ff) notʃivi'viʃ (Fm)
650	tomu	já queimou	'tōmu
651	tomu ta'a	já queimou lá	'to:mu ta'ʔa
652	tooné taméku	ele está andando	too'ne ta'meku
653	tooné'é (tooné')	ele (este ?)	tōō'neʔe ~ tōō'neʔ
654	toroma	bezerro	toro'mā
655	torórch	boi, touro (macho)	to'roʃ
656	tosivikio	alguém está gritando	to'sivikʃo
657	totchéko	parou	to'tʃēku

658	tovaka (Ff) tiovaka (Fm)	amanhã	'to:vaka (Ff) t'jo'vaka (Fm)
659	toovich	noite	to'viʃ
660	trech	três	treʃ
661	tukonho (Ff) tukonhoti (Fm)	já morreu	tu'kōpo (Ff) tu'kōpoti (Fm)
662	tupóku pósuma	está velha	tu'poku 'posuma
663	tupōōté'é	está ficando velho/a	tu'pō:teʔe
664	turch (Ff) noturch (Fm) tuumaka (Pl)	pica-pau	tuʃ (Ff) notuʃ (Fm) tuu'maka (Pl)
665	tururch	caracol do seco	tu'ruʃ
666	tusi inhemo	estou sabendo	tu'si i'pēmu
667	tutaich	bocaiuva (macaúba)	tuta'iʃ
668	tutovikia	já está de noite	tuto'vikʲa
669	tuurch	água	tu'uʃ
670	tuve'ō (tue'ō)	fora	tu'veʔō ~ tu'eʔō
671	tuvich	concha de rio	tu'viʃ
672	tuvinho	quantos	tu'vipo
673	tuvio nanénéka	quantos dias?	tu'viu nane'neka
674	tuwache	machucar, socar no pilão	tu'waʃe
675	tūkanhē	antigamente	tika'pē
676	tūkūchūvo	queimou	tiki'ʃivu
677	türch (Ff) noitürch (Fm) tüka (Pl)	mosquito	tiʃ (Ff) noj'tiʃ (Fm) 'tika (Pl)
678	tūsumonu	já está assado	tisu'mōnu
679	tūsūrōto	já foi (ir)	tisi'rotu
680	tütümümüka	tarde, entardecer	titimi'mika
681	tchakātaka	cantar	tʃakā'takə
682	tchapaparch (katre)	jirau de dormir	tʃa'papəʃ ~ 'katrɪ
683	tchaparch (tiaparch)	perna dele	tʃa'paʃ ~ tʲa'paʃ
684	tchapié (chapié)	obrigada/o (agradecimento)	'tʃapʲe ~ 'ʃapʲe
685	tchapié haimo	obrigada/o você	'tʃapʲe 'hajmu
686	tchapórch	copo	tʃa'pəʃ
687	tchauki (tchawk)	não, pronto, terminado	'tʃawkrɪ ~ 'tʃawkrʲ
688	tchauki tupōōté (to po'oma)	está velho	tʃawkrɪ tu'pō:te ~ to po'ʔoma
689	tchauki tuvatopio	ele já tomou banho	'tʃawkrɪ tuʃato'piu
690	tchavo	ele chupa, bebe	'tʃavu
691	tchetuseupaimo	você não sabe	tʃetusew'pajmu
692	tchiivórch (Ff) notchiivórch (Fm)	bode	tʃii'voʃ (Ff) notʃii'voʃ (Fm)
693	tchikich (chikich) tchikikia (sikikia) (Pl)	ovo	tʃi'kiʃ ~ ʃi'kiʃ tʃi'kikʲa ~ si'kikʲa (Pl)
694	tchomeenópu	não está apertada (roupa)	tʃo'mē:nopu
695	tchopeiiki (takürusu)	não tem, acabou	tʃo'pejkrɪ ~ ta'kirutsu
696	tchopenüre (chopenüre)	eu não tenho nome	tʃope'nirɪ ~ ʃope'nirɪ

697	tchoronórch	cabaça para carregar água	tʃoro'noʃ
698	tchosinhapü (tchopé sortehã)	azar	tʃosina'pi ~ tʃo'pe 'soχtehã
699	tchurapa	amigo	tʃu'rape
700	urchurchio	frio	u'ʃuʃiw
701	urchurchkich	está frio	uʃuʃ'kiʃ
702	utcha'a	beber (estão bebendo)	u'tʃaʔa
703	utchaka	beber (nós dois bebemos)	u'tʃake
704	ūtuvu	como?	ū'tuvu
705	uva (uwa)	comer	'uva ~ 'uwa
706	waarükütu	está plantando	waari'kitu
707	waküpu	vamos mandar	wa'kipu
708	wapata	está mastigando	wa'patara
709	watatchevo (watatcheo)	o outro tá cansado	wata'tʃevu ~ wata'tʃeo
710	watópi	vamos tomar banho	wa'topi
711	vaich	lagoa	'vaiʃ
712	vaiorchich (vajurchich)	flauta	vajo'ʃiʃ ~ vaju'ʃiʃ
713	vaisich	rede	vaj'tsiʃ
714	vaíta	um pouco	'vajta
715	vaituparch (Fm)	Deus	vajtu'paʃ (Fm)
716	vakarch	vaca	va'kaʃ
717	vakich (Ff) novakich (Fm)	garça	va'kiʃ (Ff) nova'kiʃ (Fm)
718	vakosupürch (kosupürch)	ladão	vakosu'piʃ ~ kosu'piʃ
719	vakupio (vakupi'õ)	brincar	vaku'piw ~ vaku'piʔõ
720	vapajutórch (frétcharch)	flecha	vapaju'toʃ ~ 'fretʃaʃ
721	vario sóise	derrubar o mato	'variw 'soise
722	varukürch (varukurch)	corrida	varu'kiʃ ~ varu'kuʃ
723	vatcheo ñhemo	deu para mim	va'tʃeo i'pẽmu
724	vatokarch (vatokama)	baixo (coisa e pessoa)	vato'kaʃ ~ βato'kãma
725	vatoorurch	bola	vatoo'ruʃ
726	vaurich (Ff) novaurich (Fm)	anu preto	vaw'riʃ (Ff) novaw'riʃ (Fm)
727	vauru	gordo	'vawru
728	vaürch (vaurch) (Ff) novaürch (Fm)	coelho	va'is ~ va'uʃ (Ff) nova'is (Fm)
729	veavórch (Ff) noveavórch (Fm)	peixe (bagre)	vea'voʃ (Ff) novea'voʃ (Fm)
730	vérarch	vela	'veraʃ
731	vésüro	correto	'vesiru
732	viavórch (ajakata - hajakata)	sorrir	via'voʃ ~ a'jakate ~ ha'jakate
733	vokürupu'õ	eles estão com fome	voki'rupuʔõ
734	vokütovuso	muitos assustaram	vokito'vutsu
735	votchavo	eles bebem	'votʃavu

736	vourch (Ff) nourch (Fm)	mel	vo'uş (Ff) no'uş (Fm)
737	vuravoi	vai falar	vura'voj
738	vurikia (Ff) novukiria (Fm)	constelação 7 estrelas	vu'rikʲa (Ff) novu'rikʲa (Fm)
739	vurikiarch	mula	vuriki'aş
740	rchorchiich (Ff) norchorchiich (Fm)	arco-íris	şoşi'iş (Ff) noşoşi'iş (Fm)

2ª VERSÃO: PORTUGUÊS – CHIQUITANO - CHIQUITANO

Nº	PORTUGUÊS	CHIQUITANO VERSÃO ORTOGRÁFICA	CHIQUITANO VERSÃO FONÉTICA
001	abacaxi	pinharch	'piɲaʃ
002	abelha	niórch nioka (niok) (Pl)	ni'os ni'okə ~ ni'okʻ (Pl)
003	abóbora	nókórch	no'koʃ
004	abrir (abra! imp)	aiauhu (hajaugu)	aja'uhu
005	abrir (abrir a a porta)	aiaugu tiururch	aja'ugu tʃu'ruʃ
006	acabar / terminar (acabou)	takürusu	ta'kirusu
007	acabar / terminar (está pronto)	titchauki	ti'tʃawki
008	acabar terminar (pronto, terminado)	tchauki (tchawk)	'tʃawki ~ 'tʃawkʻ
009	aceitar (aceitou)	asusiho	asu'tsihu
010	acender (já acendi)	tinhonokóta	tipōno'kota
011	acender (acenda a vela, fogo)	anhanoko'o (hanhanoko'e)	a'panokoʔo ~ ha'panokoʔe
012	acender (acendo / acendi)	inhonokono	ipōno'konu
013	acontecer (vai acontecer, vai ter)	honé' é (oné')	ho'neʔ ~ o'neʔ
014	acordar (estou acordada)	testopüka (estopüka)	testo'pika ~ esto'pikə
015	acreditar (eu acredito)	ĩkiókóta	ikʃo'kotə
016	acreditar (você acredita)	aikiókóta	ajkʃo'kota
017	açúcar	nasukarch	nasu'kaʃ
018	adeus	ariórch	arioʃ
019	agora mesmo, logo	kamapae	kama'pae
020	agora, hoje	kauma'a	kawma'ʔa
021	água	tuurch	tu'uʃ
022	água quente, chá, café	péésururch	péesu'ruʃ
023	água	tamósich (Ff) notamósich (Fm)	tamo'ʃiʃ (Ff) notamo'ʃiʃ (Fm)
024	agulha	kümes	ki'mes
025	ajudar - acudir	ajura	a'jura
026	alegre / contente (você está)	hapokunüka	hapoku'nüka
027	alegre / contente (eu estou alegre)	ipiókunüka	ipʃoku'nükə
028	alegre, contente	pókununha'a	poku'nüpaʔa
029	alguém	hachinhu	ha'ʃinu
030	alguém, outra pessoa	kiatarch	kia'taʃ
031	alma (de outra pessoa)	nausupurch	nawsu'puʃ
032	alma (minha alma)	niosupo	nio'supu
033	alto (árvores)	apetaisürürch (hapetaisürürch)	apetajsi'riʃ ~ hapetajsi'riʃ
034	alto (mais altinho)	apetaisunuma	apetajsu'numa
035	alto (no alto, no céu)	hapü	ha'pi
036	alto, grande (pessoa)	sunaurch	sunu'ʃ
037	amanhã	tovaka (Ff) tiovara (Fm)	'to:vaka (Ff) tʃo'vaka (Fm)
038	amanhecer (amanheceu)	tanénéka	tanɛ'nekə

039	amanheceu, clareou o dia	anéétaarch (nanéétaarch)	anɛɛta'aʃ ~ nanɛɛta'aʃ
040	amarelo	amaririo	ama'riɾiw
041	amargo	pitchanané	pitʃana'ne
042	amendoim	naakich	naa'kiʃ
043	amigo	tchurapa	tʃu'rapə
044	andar	améka (naméka)	a'mɛ:ka ~ na'mɛ:kə
045	andar (andando um pouco)	chamééka vaita	ʃamɛ'ɛka 'vajta
046	andar (andando)	chamééka	ʃamɛ'ɛka
047	andar (ele está andando)	tooné taméku	too'ne ta'meku
048	andar (está andando)	taméku	ta'meku
049	andorinha	chajarés (Ff) nochajarés (Fm)	ʃaja'res (Ff) noʃaja'res (Fm)
050	andorinha tesoura	taichipóorch (Ff) notaichipóorch (Fm)	tajʃipo'oʃ (Ff) notajʃipo'oʃ (Fm)
051	andorinha tesoura (filhote)	taichipoōma (Ff) notaichipoōma (Fm)	tajʃipo'ōma (Ff) notajʃipo'ōma (Fm)
052	anjo	nāhéles	'nāheles
053	ano	nasküves nasküvéka (Pl)	naski'ves naski'veka (Pl)
054	anos (muitos anos)	manomutanhã	monomuta'nã
055	anta	kutapakich (Ff) nokutapakich (Fm)	kutapa'kiʃ (Ff) nokutapa'kiʃ (Fm)
056	antigamente	tükanhẽ	tika'nẽ
057	antigamente (assim era...)	ané tukanhẽ'ẽ	a'ne tuka'nẽʔẽ
058	anu branco	senéés (Ff) nosenéés (Fm)	sene'es (Ff) nosene'es (Fm)
059	anu preto	vaurich (Ff) novaurich (Fm)	vaw'riʃ (Ff) novaw'riʃ (Fm)
060	aparecer (não aparece)	paané'é	pa'aneʔe
061	apertada (está, a roupa etc)	homeno	ho'mẽ:nu
062	apertada (não está, roupa etc)	tchomeenópu	tʃo'mẽ:nopu
063	aqui	hauna'a	haw'naʔa
064	aqui, cá	ĩkamana kamana	ĩka'manə ka'mānə
065	aqui, para cá	tauna'a	taw'naʔa
066	aranha	samarch (Ff) nosamarch (Fm)	sa'maʃ (Ff) nosa'maʃ (Fm)
067	arara	paravarch (Ff) noparavarch (Fm)	para'vaʃ (Ff) nopara'vaʃ (Fm)
068	ararinha	paravarchióch	paravaʃi'oʃ
069	arco-íris	rchorchiich (Ff) norchorchiich (Fm)	ʃoʃi'iʃ (Ff) noʃoʃi'iʃ (Fm)
070	arder (ardendo como fogo)	hourara	'howrare
071	areia	küüsórch	kii'tsoʃ
072	arrancar mandioca	akia'u	aki'aʔu
073	arroz	narorch	na'roʃ
074	arrumar (arruma para mim)	atche inhemu	a'tʃe i'nẽmu
075	assar (já está assado)	tüsumonu	tisu'mõnu
076	assim	hané'é	ha'neʔe

077	assim (é assim)	taimi	'tajmɪ
078	assustar (eu assustei)	estovuka	esto'vukə
079	assustar (muitos assustaram)	vokūtovuso	vokito'vutso
080	assustar (você assustou)	kitouso (kitovuso)	kito'utso ~ kito'βutso
081	ata	serémóiarch	serɛ'moias ~ tserɛ'moias
082	avó (Fm)	kiasi (Fm)	ki'asi (Fm)
083	avó (Ff)	napae (Ff)	na'pae (Ff)
084	avô (Ff)	nakaru (Ff)	na'karu (Ff)
085	avô (Fm)	niuma (Fm)	'niwma (Fm)
086	azar	tchosinhapū (tchopé sortehã)	tʃosina'pi ~ tʃo'pe 'soχtehã
087	azedo	hokoro	'hokoru
088	babaçu – palmeira indaiá	kusich	ku'siʃ
089	baixo (coisa e pessoa)	vatokarch (vatokama)	vato'kaʃ ~ βato'kāma
090	balaio	kiórórch	kʲo'rɔʃ
091	banana bananas, bananal	pakaurch pakauka (Pl)	paka'uʃ paka'ukə (Pl)
092	banana comprida (de fritar)	pakaurch vavaikia	paka'uʃ vava'ikʲa
093	banco comprido	avaich na tokórch	ava'iʃ na to'koʃ
094	barata	choripiakich (Ff) nochoripiakich (Fm)	ʃoripʲa'kiʃ (Ff) noʃoripʲa'kiʃ (Fm)
095	barriga (do outro)	nakipioru	na'kipʲoru
096	barriga (minha barriga)	nikipiórch (nikipioru)	ni'kipʲoʃ ~ ni'kipʲoru
097	barriga (dela/dele)	kipiórurch (kivóvi)	'kipʲoruʃ ~ ki'vovi
098	barro, parede	taurch (taürch)	ta'uʃ ~ ta'iʃ
099	bastantes mortos	sunumana mokonho sunuma ko konhóka (Pl)	sunu'māna mo'kōpo~tsunu'māna tsunu'mā ko'ɲoka (Pl)
100	batata doce	kuvitchiórch kuvitchióka (Pl)	kuvitʃi'oʃ kuvitʃi'oka (Pl)
101	bater, levar pancada	tajoka	ta'jokə
102	baú	kakone	ka'kone
103	bêbado	orchugavo (Ff) orchujavoti' (Fm)	o'ʃugavu (Ff) o'ʃujavoti? (Fm)
104	bebê	kuchanama	kuʃa'nāma
105	beber	atcha	a'tʃa
106	beber (venha beber!)	ariaka atcha'a	ari'aka a'tʃaʔa
107	beber (eles bebem)	votchavo	'votʃavu
108	beber (estão bebendo)	utcha'a	u'tʃaʔa
109	beber (eu bebo, bebi)	itchaka (itchak)	i'tʃakə i'tʃakʰ
110	beber (eu já bebi)	tiitchaka	ti'tʃakə
111	beber (muitos que beberam)	soitchaka	soj'tʃakə
112	beber (nós dois bebemos)	utchaka	u'tʃakə
113	beber (vamos beber água!)	kuri utcha tuurch	ku'ri u'tʃa tu'uʃ
114	beber (vamos beber?)	kuri utcha'a	ku'ri u'tʃaʔa
115	beber (você bebe)	atchaka (atchak)	a'tʃakə ~ atʃakʰ
116	beber (você já bebeu?)	tatchaka	ta'tʃakə
117	beber (você quer beber?)	achinhaka atcha'a (chinhakitcha)	aʃi'ɲaka a'tʃaʔa ~

			ʃɪnaki'tʃa
118	beijo (de bicho)	narurch (arurch)	na'ruʃ ~ a'ruʃ
119	beijo (lábio de pessoa)	saru	'saru
120	beija-flor	chunumã (Ff) nochunumã (Fm)	'ʃunumã (Ff) no'ʃunumã (Fm)
121	bem / bom (está bem, bom, sim)	hórchinha (hóchinha) (órchinha, óchinha)	'hoʃɪna ~ 'oʃɪna hoʃɪna ~ oʃɪna
122	bem / bom (está bem de saúde)	hórchinha nesuvóriki	'hoʃɪna netsu'vorikɪ
123	bem/bom (está tudo bem comigo)	hórchinha inhêmo	'hoʃɪna i'nēmu
124	bezerro	toroma	toro'mã
125	bicho (larva), bicheira	kimürch kimüka (PI)	ki'miʃ ki'mika (PI)
126	bicho-de-pé	tiorurch (Ff) notiorurch (Fm)	tʃo'ruʃ (Ff) notʃo'ruʃ (Fm)
127	bicho do mato	nóriórch	nori'oʃ
128	bicho, larva	nichich nichikia (PI)	ni'ʃiʃ ni'ʃikʲa (PI)
129	bobo	sũütórés (sõötórés)	sũũto'res ~ sõõto'res
130	boca	sa'i (tsa'i)	'saʔi ~ 'tsaʔi
131	boca (do outro)	naich	na'iʃ
132	boca (minha boca)	nesa'i	ne'tsaʔi
133	bocaiuva (macaúba)	tutaich	tuta'iʃ
134	bode	tchiivórch (Ff) notchiivórch (Fm)	tʃii'voʃ (Ff) notʃii'voʃ (Fm)
135	boi, touro (macho)	torórch	to'roʃ
136	bola	vatoorurch	vatoo'ruʃ
137	bolo	kunhapés	kūpa'pes
138	boneca	nhākres (jākres)	'nākres ~ jākres
139	boneca (MIGUELENHO)	tīterich	tīte'riʃ
140	bonito, bom	konhórch	ko'noʃ
141	bonito, lindo, limpo	mastakama	mas'takamə
142	borboleta	paturich (Ff) nopaturich (Fm)	patu'riʃ (Ff) nopatu'riʃ (Fm)
143	braço (dela/dele)	nipiarch	'nipʲaʃ
144	braço (seu braço)	napa	'napa
145	braço (meu braço)	nipia	'nipʲa
146	branco	purusuvi (purchuvi)	purusu'vi ~ puʃu'vi
147	brasa	suku'órch	suku'oʃ
148	brasileiro	postues (postuges)	postu'es ~ postu'ges
149	brigar	okusi'õ (okusikia)	oku'tsiʔõ ~ oku'sikʲa
150	brilhante	kūsunana	kisu'nāna
151	brincar	vakupio (vakupi'õ)	vaku'piw ~ vaku'piʔõ
152	brincar (estão brincando)	pakupioru (patchupéka)	paku'pʲoru ~ patʃu'peka
153	bunda (anus)	naku	'naku
154	bunda (sem bunda)	sinhopakich	sinopa'kiʃ
155	buraco / poço	kūtuvich (kutuvich)	kitu'viʃ ~ kutu'viʃ

156	cabaça (para água - cantil)	nürurich (nururich)	niru'riʃ ~ nuru'riʃ
157	cabaça (para carregar água)	tchoronórch	tʃoro'noʃ
158	cabaça (cuia)	taropés	taro'pes
159	cabaça (vasilha)	maikórch	maj'koʃ
160	cabeça (dele / dela)	tianurch	tʃa'nuʃ
161	cabeça (minha cabeça)	nitchana	ni'tʃã:na
162	cabelo	taanurch taanuka (Pl)	taa'nuʃ taa'nuka (Pl)
163	caçador	suruotakühu (vaküarch)	suruo'takihu ~ vaki'aʃ
164	cachorro	tamokórch (Ff) notamokórch (Fm)	tamo'koʃ (Ff) notamo'koʃ (Fm)
165	cadeira	silharch	'siʎaʃ
166	cair (algo em pé caiu no chão)	tajoka hakü (tajokü)	ta'joka ha'ki ~ ta'joki
167	caititu	kitchóriorch (Ff) nokitchóriorch (Fm)	ki'tʃorios (Ff) noki'tʃorios (Fm)
168	calcanhar (do outro)	napüta	na'pita
169	calcanhar (meu calcanhar)	nipieta	ni'pjetə
170	calor (está calor, quente)	pasapé pieikich	pasa'pe pʃej'kiʃ
171	calor , quente	pieikich (peikich)	pʃej'kiʃ ~ pej'kiʃ
172	cama	kamarch	'kāmaʃ
173	camisa	kamizarch	kami'zaʃ
174	camisa (minha camisa / blusa)	nesamisa	nesa'misa
175	campo	choês	ʃo'ēs
176	cana	takonés	tako'nes
177	canela (perna)	ni	'ni
178	canjica (cozido de milho)	semiriarch	se'miriaʃ
179	cansaço (estou cansado)	jatatcheka	jata'tʃekə
180	cansaço (o outro tá cansado)	watatchevo (watatcheo)	wata'tʃevu ~ wata'tʃeo
181	cantar	tchakātaka	tʃakā'takə
182	capim	nourch	no'uʃ
183	capivara	kürch (Ff) nokürch (Fm)	'kiʃ (Ff) no'kiʃ (Fm)
184	cará	nakarch	na'kaʃ
185	caracol do seco	tururch	tu'ruʃ
186	caramujo da água	kiaparch	kia'paʃ
187	carne	nanhes	na'nes
188	carneiro / ovelha	novicharch	novi'ʃaʃ
189	casa	pórch	'poʃ
190	casa (casa grande)	póorchich	poo'ʃiʃ
191	casa (casa dele)	piorchti	pʃoʃ'ti
192	casa (minha casa)	nipio	'nipjo
193	catre, jirau de dormir	katre	'katɾɪ
194	cavalo	kavajurch	kava'juʃ
195	cego	sotururch	sotu'ruʃ
196	cera	jopourch	jopo'uʃ
197	cervo	susich (Ff) nosusich (Fm)	su'siʃ (Ff) nosu'siʃ (Fm)

198	céu	napés	na'pɛs
199	chão (está no chão)	haakü'	haa'kiʔ
200	chapéu	takuchaparch	takuʃa'paʃ
201	chegar	tinhata'i	tiɲa'taʔi
202	chegar (eu cheguei)	ĩnhatai (hĩnhana'a)	ĩna'taj ~ hĩ'naʔa
203	chegar (já chegou)	tiakaitchu	tʃaka'itʃu
204	chegar (vai chegar depois)	nha'ana	na'ʔāna
205	chegar (você chegou)	anhata'i (anhatai)	ana'taʔi ~ ana'taj
206	cheio (está cheio, satisfeito)	aveiku	a'vejku
207	cheirar (está cheirando)	norich	no'riʃ
208	chicha	tavaurch	tava'uʃ
209	chorar	sare'óka (saregóka)	sare'ʔokə ~ sare'gokə
210	chorar (ele chorou)	aréoku tooné' é (Ff)	a'reoku too'neʔe (Ff)
211	chorar (o homem chorou)	areoku noniürch (Ff) areokuti (Fm)	a'reoku noni'is (Ff) a'reokuti (Fm)
212	chuva	taarch	ta'aʃ
213	cigarra	korés (Ff) nokorés (Fm) nokoréka (Pl)	ko'res (Ff) noko'res (Fm) noko'rekə (Pl)
214	coar (coou?)	ainhamata	ajna'mata
215	coar (coei)	chanhamata	ʃāna'mata
216	cobra	chourch (Ff) nochourch (Fm)	ʃo'uʃ (Ff) noʃo'uʃ (Fm)
217	cobra comprida	avaich na chourch	ava'is na ʃo'uʃ
218	coçar	pasório	pa'tsoriw
219	cocô	chaĩch	ʃa'ĩʃ
220	coelho	vaürch (vaurch) (Ff) novaürch (Fm)	va'is ~ va'uʃ (Ff) nova'is (Fm)
221	coisa velha	pioturch (piotürch)	pʃo'tuʃ ~ pʃo'tis
222	comer	a'a	a'ʔa
223	comer	uva (uwa)	'uva ~ 'uwa
224	comer (comem)	hovaso (howaso)	ho'vatsu ~ ho'watsu
225	comer (comeu)	inhaté	ina'tɛ
226	comer (eu como, comi)	Ichaka (ichak)	i'ʃaka i'ʃakʰ
227	comer (eu já comi)	tichaka	ti'ʃakə
228	comer (não coma)	paaka	pa'aka
229	comer (vamos comer?)	kuri uva'	ku'ri 'uvaʔ
230	comida	péémakarch	pɛɛma'kaʃ
231	como?	kavané' é	kava'neʔe
232	como?	ūtuvu	ū'tuvu
233	como vai?	ĩtu atai (hũtu atae)	ĩ'tu a'tai ~ hũ'tu a'tae
234	comprido, largo	avaich (havaich – haruvaich)	ava'is ~ hava'is ~ haruva'is
235	concha de rio	tuvich	tu'viʃ
236	conselho	aikiomasko'o	ajkʃo'maskoʔo
237	constelação 7 estrelas	vurikia (Ff) novukiria (Fm)	vu'rikʃa (Ff) novu'rikʃa (Fm)
238	copo	tchapórch	tʃa'poʃ

239	coração	nesorasone	netsora'sōne
240	corpo	kitüpürch (kütüpürch)	kiti'piş ~ kitipiş
241	corpo (corpo inteiro)	nestüpo anajã	nes'tipu ana'jã
242	corpo (meu corpo)	nestüpo	nes'tipu
243	corpo (seu corpo)	inókütüpu	inoki'tipu
244	correr (correu muito)	tarikapaé charuku	tarika'pae 'şaruku
245	correr (correu)	ipiaküna'ã	ip'ja'kinãʔã
246	correr (está correndo muito)	tarikapa'é jarukürch	tarika'pae jaru'kiş
247	correr (está correndo)	charukuka	şaru'kuka
248	correr (está correndo)	ipiaküna kanhẽ	ip'ja'kinã ka'nẽ
249	correr (vou correr)	charuku	şa'ruku
250	correto	vésüro	'vesiru
251	corrida	varukürch (varukurch)	varu'kiş ~ varu'kuş
252	cortar	matusunana (matusunana)	matusu'nāna ~ matusunāna
253	cortar (ele corta!)	aikisuna'a	aj'kitsunaʔa
254	cortar (você está cortando)	ajokitio (hajokitia)	ajo'kitʔo ~ hajo'kit'ja
255	coruja	suórukókórch (suvórokókorch) (Ff) nosuórukókórch (Fm)	suoruko'koş (Ff) ~ suvorokokokos nosu'orukokokos (Fm)
256	cotia	nookich	noo'kiş
257	cozinhar	chapéémaka	şapee'maka
258	cozinhar (estou cozinhando)	achinhẽ chapéémaka	'aşinẽ şapee'maka
259	criança, menino	nhauma (nha'uma)	'nawme ~ naʔuma
260	criar (está criando)	nhasunaukóka	nasunaw'koka
261	cruz	kurusürch	kuru'siş
262	cunhada	nitchamana	ni'tşamane
263	cunhado	nitchamaka (nitchamanaka)	ni'tşamake ~ ni'tşamanake
264	cupim	charesürch (Ff) nocharesürch (Fm)	şare'tsiş (Ff) noşare'tsiş (Fm)
265	dançar	aitchokóka (jotokóka)	ajtşo'koka ~ jotokoka
266	dançar (estou dançando)	itchókóka (itiókóka)	itşo'koke ~ it'şo'koke
267	dançar (vamos dançar?)	kuri otoko	ku'ri o'toko
268	dar	hatcheamo (hatcheaimo)	hatşe'āmo ~ hatşe'ajmu
269	dar (deu para alguém)	makumana	maku'māna
270	dar (deu para mim)	vatcheo ĩnhemo	va'tşeo i'nēmu
271	dar (já te deu)	ti atchekūmo (ti atchekamo)	ti atşe'kimu ~ ti atşe'kamu
272	dar (você deu pra mim)	atchéka inhemu	a'tşek' i'nēmu
273	dar (vou dar para você)	jatcheka haimo	ja'tşeke 'hajmu
274	debaixo	kinhana (hainha)	ki'nāna ~ haj'na
275	deitar (deitado)	charüküka	şari'kike
276	deixar	haku anhá'a	'haku a'naʔa
277	dele (é dele)	taimovich	tajmo'viş
278	dele / dela	ovich (hovich)	o'viş ~ ho'viş
279	dele (somente dele)	ovich toné'é	o'viş to'neʔe
280	demais (intensidade)	taruku	'taruku
281	dente (dente qualquer)	nó'órch	no'ʔos
282	dente (meu dente)	neso'o	ne'tsoʔo

283	dentro	hauvo	ha'uʃu
284	dentro (vamos pra dentro)	kuri upo	ku'ri 'upu
285	derramar (derramou)	husara	'hutsarə
286	derrubar	pakiakü	paki'aki
287	derrubar (derrubar o mato)	vario sóise	'variw 'soise
288	descansar (descansando um pouco)	nhakāsaka vaita	nakā'saka 'vajta
289	descansar (está descansando)	chakāsaka	ʃakā'saka
290	descansar (vá descansar!)	akāsaka	a'kāsaka
291	despejar	arapara (ajarapara)	a'rapara ~ aja'rapara
292	Deus	nopütupaş (Ff)	nopitu'paş (Ff)
293	Deus	vaituparch (Fm)	vajtu'paş (Fm)
294	dia	tanénés	tane'nes
295	dia (o dia)	nanenes	nane'nes
296	dó (está com dó)	lpiókuruka (ipioküruka)	ip'joku'rukə ~ ip'joki'rukə
297	dó (tenha dó)	apoküro	apo'kiru
298	doce (está doce)	husinha	husi'na
299	doce (o doce)	nusinha	nusi'na
300	doença	nochokórch (nóchkórch)	noʃo'koş ~ noʃ'koş
301	dois	doch	doʃ
302	dor (dor de barriga , diarreia)	ócho kivóvi	'oʃo ki'vovi
303	dor (está doendo demais!)	tarikapaé nochokórch	tarika'pae noʃo'koş
304	dor (está doendo meu braço)	hóchó nipia	'hoʃo 'nipja
305	dor (está doendo minha cabeça)	hóchó nitchāana	'hoʃo ni'tʃā:nə
306	dor (está doendo)	hóchórch (ochooné)	'hoʃoş ~ oʃo'one
307	dormir (eu estou dormindo)	chanóka	ʃa'noka
308	dormir (eu já dormi)	tichanóka	tiʃa'noka
309	dormir (não estou dormindo)	hūka ichanóka	'hūŋka iʃa'nokə
310	dormir (vá dormir)	hanó'i (hanói)	ha'noʔi ~ ha'noj
311	dormir (vamos dormir)	kuri mano	ku'ri 'mānu
312	dormir (você já dormiu?)	tanóka	ta'noka
313	dormir (você quer dormir?)	achinhaka hanu (chinhakichanu)	aʃi'paka 'hanu ~ ʃipaki'ʃanu
314	duro	tiaich	tja'iʃ
315	ela foi buscar	achikie	aʃiki'e
316	ele (este ?)	tooné'é (tooné')	too'neʔe ~ too'neʔ
317	em cima	hone	'hōne
318	ema	pajarés (Ff) nopajarés (Fm)	paja'res (Ff) nopaja'res (Fm)
319	enfermo, doente (homem)	ma ochokono (mauchokono) (Ff) mauchokonoti (Fm)	ma o'ʃokonu ~ maw'ʃokonu maw'ʃokonoti (Fm)
320	ensinar (está ensinando)	ma õnonikiano	ma õnōniki'āno
321	entrar (ele entrou para dentro)	sereüpo	sere'ipu ~ tsere'ipu
322	entrar (entre!)	améüpo	ame'ipu
323	enxada	nasarone (nitchada)	natsa'rōne ~ nī'tʃada
324	esperar (espere um pouco!)	anhema vaita	a'nēma 'vajta
325	esse	achuno'õ	aʃu'noʔõ
326	estrada	kütuviurch (kutuviurch)	kituvi'uş ~ kutuvi'uş

327	estrela	sutinhês (Ff) nosutinhês (nostinhês) (Fm)	sutō'nēs (Ff) nosuto'nēs ~ nosto'nēs (Fm)
328	eterno	monananhã (monanajã)	mo'nānapā ~ mo'nanaĵā
329	eu	achinhê (hachinhê)	'aʃinē ~ 'haʃinhē
330	faca	fakarch	'fakaʃ
331	falar / conversar (conversem vocês)	hapanitia	hapani'tʃa
332	falar / conversar (estou falando)	chanitiaka	ʃāni'tʃaka
333	falar / conversar (o outro que está)	hanitiaka	hāni'tʃaka
334	falar / conversar (vai falar)	vuravoi	vura'voj
335	falar / conversar (você está falando)	anitiaka (hanitiaka)	ani'tʃakə ~ hani'tiakə
336	falar / conversar (vou falar assim)	sanitia'a (chanitia ané' é)	sa'nitʃaʔa ~ ʃani'tʃa a'nɛʔɛ
337	farinha	joich	jo'iʃ
338	febre (estou com febre)	ipiéka	ipi'ɛkə
339	fechar	ainhama	aj'nāmə
340	fechar (está fechada a porta)	hamana tiururch	ha'māna tʃu'ruʃ
341	fechar (fecha a porta!)	ainhama tiururch	aj'pama tʃu'ruʃ
342	fedido	hório	'horiw
343	feijão	kitchores	kitʃo'res
344	feito	kiumaturch	kiwma'tuʃ
345	ficar (eu fico, fiquei)	nhanai isoka	na'naj i'soka
346	ficar (fica aqui)	asikia ĩkamana	a'sikʃa ĩka'mana
347	ficar (fica!)	asikia	a'sikʃa
348	ficar quieto	hamoosōka	hamoo'sōka
349	fígado	piakaarch	pʃaka'aʃ
350	fígado (meu fígado)	nipiaka'a (nipiakarch)	nipʃa'kaʔa ~ nipʃa'kaʃ
351	fígado (seu fígado)	napiaka'a	napʃa'kaʔa
352	filha (filha dele)	jositchés	josi'tʃɛs
353	filha (minha filha)	nesitchi	ne'sitʃɪ
354	filha (sua filha)	nasitchi nausitchi (Pl)	na'sitʃɪ naw'sitʃɪ (Pl)
355	filho	nesarch	'netsaʃ
356	filho (seu filho)	nauhu	'nawhu
357	flauta	vaiorchich (vajurchich)	vajo'ʃiʃ ~ vaju'ʃiʃ
358	flauta (de pé)	natūraich (naturaich)	natira'iʃ ~ natura'iʃ
359	flecha	vapajutórch (frétcharch)	vapaju'toʃ ~ 'fretʃaʃ
360	flor	pusiórch	putsi'oʃ
361	fogo	pé'és	pɛ'ʔɛs
362	foice	póse	'po:se
363	folgada / foló (roupa)	aitchovu (haitchovurch)	aj'tʃovu ~ hajtʃo'vuʃ
364	folha	nasusurch	nasu'suʃ
365	fome	sūrupūka (kūrupūka)	siru'pikə ~ kiru'pikə
366	fome (eles estão com fome)	vokūrupu'ō	voki'rupu'ō
367	fome (eu estou com fome)	isurupūka	isuru'pika
368	fora	tuve'ō (tue'ō)	tu'veʔō ~ tu'ɛʔō
369	fora (vamos para fora)	kuri tué'ō	ku'ri tu'ɛʔō
370	formiga	tipich (Ff) notipich (Fm)	ti'piʃ (Ff)

		tipikia (tipinhaaka) (Pl)	noti'piʃ (Fm) ti'pikʲa (Pl) ~ tipina'aka
371	formiga (carregadeira)	sépés (Ff) nosépés (Fm) sépéka (Pl)	se'pes (Ff) nose'pes (Fm) se'pekə (Pl)
372	formiga (formigão)	saŭrch (Ff) nosaŭrch (Fm) saŭka (Pl)	sa'ūs (Ff) nosa'ūs (Fm) sa'ũŋka (Pl)
373	formiga (formigão camundá)	kosupekich	kosupe'kiʃ
374	forte, alto	kosouro	ko'sowru
375	fraco	kūtavo	'kitavu
376	frio	urchurchio	u'ʃuʃiw
377	frio (está chegando o frio)	inhata na urchurchkich	'ĩpata na uʃuʃ'kiʃ
378	frio (está com muito frio)	tarikapaé na urchurchkich	tarika'pae na u'ʃuʃkiʃ
379	frio (está frio demais)	pasapae na urchurchkich	pasa'pae na uʃuʃ'kiʃ
380	frio (está frio)	na urchurchkich	na uʃuʃ'kiʃ
381	frio (está frio)	urchurchkich	uʃuʃ'kiʃ
382	fruta	nutarch	nu'taʃ
383	fumo	paich	pa'iʃ
384	fundo	hotüürch (hótuürch)	hoti'is ~ hotu'is
385	gafanhoto	tapararch (Ff) notapararch (Fm)	tapa'raʃ (Ff) notapa'raʃ (Fm)
386	galinha - frango	kuruvasürch (Ff) nokuruvasürch (Fm)	kuruva'siʃ (Ff) nokuruva'siʃ (Fm)
387	galo	póórch	po'os
388	garça	vakich (Ff) novakich (Fm)	va'kiʃ (Ff) nova'kiʃ (Fm)
389	garoa	sueóka	sue'oka
390	gato	meses (Ff) nomeses (Fm)	me'ses (Ff) nome'ses (Fm)
391	gemer (está gemendo)	kiemóko	ki'ēmoko
392	goiaba	guajavarch	gʷa'javaʃ
393	gordo	vauru	'vawru
394	gostoso	honinha	'honina
395	gritar (alguém está gritando)	tosivikio	to'sivikʲo
396	gritar (eu grito)	itchosivikia	itʃosi'vikʲa
397	grosso - forte	kügaich	kiga'iʃ
398	hemorragia	suspēsione	suspē'sione
399	homem	noniürch (noniurch)	nōni'is ~ nōni'us
400	inchado	kitchusavo	ki'tʃusavu
401	instrumento para pescar	momes	mo'mes
402	ir (ela foi)	jevótu	je'votu
403	ir (então vamos!)	kuriré'é (kurire)	ku'rireʔe ~ ku'rire
404	ir (eu vou sair um pouco/viajar)	ĩkiatu vaita	'ikʲatu 'vajta
405	ir (foram pra lá)	homenóta taa	home'nota ta'a

406	ir (já foi)	tūsūrótó	tisi'rotu
407	ir (vá agora)	hakuo kauma'a	'hakuo 'kāwmaʔa
408	ir (vá fazer!)	aichamoné'é	ajʃamo'neʔe
409	ir (vai p/ dentro)	hako hupo (hako ta upo)	'hako 'hupu ~ 'hako ta 'upu
410	ir (vai!)	hakóe (Ff) hakóité (Fm)	'hakoe (Ff) hakoʃ'te (Fm)
411	ir (vamos!)	kuri	ku'ri
412	ir (vou para dentro)	jakaupo (ĩkieta hupo)	jaka'upu ~ 'ikʲeta 'hupu
413	ir (vou para longe)	ĩkie ta itche	'ikʲe ta i'tʃe
414	irmã	nesiasi (Fm)	ne'tsiasɪ (Fm)
415	irmã (de Maria)	naruki Maria	na'rukɪ ma'ria
416	irmão	nitchigaurch (Ff)	nitʃi'gauʃ (Ff)
417	irmão (fm)	saruki	sa'rukɪ (Fm)
418	jabuti (cágado)	petarch (Ff) nopetarch (Fm)	pe'taʃ (Ff) nope'taʃ (Fm)
419	jacaré	kürich (Ff) nokürich (Fm)	ki'riʃ (Ff) noki'riʃ (Fm)
420	jirau	tarĩba	ta'rĩba
421	jirau de dormir	tchapaparch (katre)	tʃa'papaʃ ~ 'katɪɪ
422	joelho	nĩtcha	ni'ĩtʃa
423	jogar (joga)	arosauvu	arosa'uvu
424	jogar (jogou)	icharutauvu	iʃaruta'uvu
425	lá	taa (ta'a)	ta'a ta'ʔa
426	ladrão	vakosupürch (kosupürch)	vakosu'piʃ ~ kosu'piʃ
427	lagartixa	kichórch (Ff) nokichórch (Fm)	ki'ʃoʃ (Ff) noki'ʃoʃ (Fm)
428	lagoa	vaich	'vaiʃ
429	lágrima	sukürch (nesuki)	su'kiʃ ~ ne'suki
430	laranja	takomés (narākarch)	tako'mes ~ na'rākaʃ
431	lebre	nonhasu	no'pasu
432	lenha, árvore	soisi	so'isɪ
433	levantar	atüüsai	a'ti:saj
434	levantar (já levantou)	tatüürai (chatüükai)	ta'ti:raj ~ ʃa'ti:kaj
435	levantar (vou levantar)	chatürai	ʃa'ti:raj
436	língua (minha língua)	nhōto	nĩ'otu
437	lobinho	maatúsés (Ff) nomaatúsés (Fm)	maatu'ses (Ff) nomaatu'ses (Fm)
438	longe (para longe)	ta itche	ta i'tʃe
439	longe (vamos para longe)	kuri ta itche	ku'ri ta i'tʃe
440	louco - doido	küsuurch (aküsuuka)	kisu'uʃ ~ akisu'uka
441	lua	pama (paāma)	'pa:ma ~ pa'āma
442	macaco	kiovich (Ff) nokiovich (Fm)	kʲo'viʃ (Ff) nokʲo'viʃ (Fm)

443	macaco bugio	manharchich (Ff) nomanharchich (Fm)	mapa'ʃiʃ (Ff) nomapa'ʃiʃ (Fm)
444	macaco curiango	piavórch (Ff) nopiavórch (Fm)	pʲa'voʃ (Ff) nopʲa'voʃ (Fm)
445	machado	natcharch	'natʃaʃ
446	machucar, socar no pilão	tuwache	tu'waʃe
447	madrugada	kaita itche nanénés	kajta i'tʃe nanɛ'nes
448	madrugada	kuinanenes	kujna'nes
449	mãe	māma	'māma
450	magro / fraco (está magro, fraco)	tarikapaé kitakarch	tarika'pae kita'kaʃ
451	magro, fraco	kitakarch (kütavo pieisich)	kita'kaʃ ~ 'kitavu pʲej'siʃ
452	mamão	sapaiurch	sapa'juʃ
453	mandar (estou mandando)	chaküpüka (chakupüka)	ʃaki'pika ~ ʃaku'pika
454	mandar (mandei)	chaküpu	ʃa'kipu
455	mandar (vai mandar)	aküpo (haküpo)	a'kipu ~ hakipu
456	mandar (vamos mandar)	kuri waküpo	ku'ri wa'kipu
457	mandar (vamos mandar)	waküpu	wa'kipu
458	mandioca	tavarch	ta'vaʃ
459	manga	māga	'māga
460	manhã	taāsüru (taāsürürch)	ta'āsiru ~ ta'āsiriʃ
461	mão (de outro)	tiné'és (tininē'ē)	ti'neʔes ~ tini'nēʔē
462	mão (minha mão)	ninhē'ē (ninhē)	ni'nēʔē ~ nī'nē
463	maracujá	pachiórch	paʃi'oʃ
464	mastigar	chapataka	ʃapa'taka
465	mastigar (está mastigando)	wapatará	wa'patara
466	mata grande, floresta	nourch (nürch)	'nowʃ ~ 'niʃ
467	matar	chatavaikia (kicha ta vaikia)	ʃata'vajkʲa ~ ki'ʃa ta'vajkʲa
468	mato	nastchoporo (nachoporo)	nas'tʃoporu ~ na'ʃoporu
469	medo (está com medo)	hichüka	'hi:ʃika
470	medo (eu tenho medo)	ichukapu	i'ʃukapu
471	medo (você tem medo)	saichukapu	saj'ʃukapu
472	medo (você não tem medo)	pa'apichu	paʔa'piʃu
473	Meio-dia	sitóse	si'tose
474	mel	vourch (Ff) nourch (Fm)	vo'uʃ (Ff) no'uʃ (Fm)
475	melancia	sātiarch	'sātʲaʃ
476	melão croá	padich	pa'diʃ
477	menina	kupikinha	ku'pikina
478	mentir	chapāka	ʃa'pāŋka
479	mentir (ele está mentindo)	nhapaanurch (nhapaanürch)	napaa'nuʃ ~ napaa'niʃ
480	mentir (você está mentindo)	napānu	na'pā:nu
481	mesa	mezarch	'mezaʃ
482	meu	sóvi	'sovi
483	meu (meu sozinho)	sóvita (achumata sóvi)	'sovita ~ aʃu'mata 'sovi
484	meu (não é meu)	sisóvita	si'sovita
485	milho	noseórch	nose'oʃ
486	mim (para mim)	inhēmo (hinhēmo)	i'nēmu ~ hi'nēmu

487	mocinha	kupikich	kupi'kiʃ
488	morrer (já morreu)	tukonho (Ff) tukonhoti (Fm)	tu'kōŋo (Ff) tu'kōŋoti (Fm)
489	morrer (ele morreu, está morto)	konho (kōjo) (Ff) konhoti (Fm)	'kōŋo ~ kōjo (Ff) 'kōŋoti (Fm)
490	morrer (está morrendo)	tiākórch	tʃā'koʃ
491	mosca	küpürch (Ff) noküpürch (Fm)	ki'piʃ (Ff) noki'piʃ (Fm)
492	mosquito	türch (Ff) noitürch (Fm) tüka (Pl)	tiʃ (Ff) noj'tiʃ (Fm) 'tika (Pl)
493	mudo	joparch	jo'paʃ
494	muito (intensidade)	tarikapaé	tarika'pae
495	muito, muitos, bastantes	sunuma (tsunumã)	sunu'mã ~ tsunu'mã
496	mula	vurikiarch	vuriki'aʃ
497	mulher	paürch	pa'iʃ
498	munheca	keninhẽ 'ẽ	keni'nẽʔẽ
499	não há de quê	hõ'õ	hõ'ʔõ
500	não tem, acabou	tchopeiki (takürusu)	tʃo'pejki ~ ta'kirutsu
501	não, nunca	hūka	'hūŋka
502	nariz	ninha	'nīna
503	nascer	kiovo	'kiovu
504	nascer (já nasceu)	tikiovu	ti'kiovu
505	neblina	motusaurch	motusa'uʃ
506	neta / neto	nakaru	na'karu
507	neta / neto	napae	na'pae
508	noite	tovich	to'viʃ
509	noite (já está de noite)	tutovikia	tuto'vikja
510	nome	nüre	'niri
511	nome (eu não tenho nome)	tchopenüre (chopenüre)	tʃope'niri ~ ʃope'niri
512	nome (perdi o nome)	hēsoru sūri	'hētsoru 'siri
513	nome (qual é o seu nome?)	kavané nūri	'kava ne 'niri
514	nós	achonẽ'ẽ (hoinẽ ')	aʃo'nẽʔẽ ~ hoj'nẽ
515	nós (todos nós)	hótsó'e	'hotsoʔe
516	nós aqui	achonẽ hauna	aʃo'nẽ 'hawna
517	nosso	sóvi onhẽ (honhẽ - sóvo'e)	'sovi o'nẽ ~ ho'nẽ ~ 'sovoʔe
518	nuvem	kusagórch kusagóka (kusa'óka) (Pl)	kutsa'goʃ kutsa'goka ~ kutsa'ʔoka (Pl)
519	obedecer (já obedeci o que mandou)	tisamoté nakūpo	ti'samote na'kipu
520	obrigada/o (agradecimento)	tchapié (chapié)	'tʃapje ~ 'ʃapje
521	obrigada/o você	tchapié haimo	'tʃapje 'hajmu
522	olhar (eu vi ele)	tavuru sóvi	'tavuru 'sovi
523	olhar (olhando)	saratūmo	sara'timu ~ tsara'timu
524	olhar (veja/ olhe a lua)	ari paama 'a	a'ri 'pa:maʔa
525	olhar / ver (está olhando, vendo?)	tavuróvi	tavu'rovi

526	olhar / ver (estou vendo)	tavuru	'tavuru
527	olhar / ver (olha p/ ele)	hasatūmo	hasa'timu
528	olhar / ver (você está vendo!)	havo riré 'é	ha'vo rirɛ'ʔɛ
529	onde (onde está seu pai?)	katoti taita	kato'ti 'tajta
530	orelha (do outro)	nhasurch	na'suʃ
531	orelha (minha orelha)	ninhasu	nĩ'nasu
532	ovelha novinha	novichama (nomichama) nomichamaaka (PI)	novi'ʃāma ~ nomi'ʃāma nomiʃama'aka (PI)
533	ovo	tchikich (chikich) tchikikia (sikikia) (PI)	tʃi'kiʃ ~ ʃi'kiʃ tʃi'kikʲa ~ si'kikʲa (PI)
534	pai	taita	'tajta
535	palha de acori	nasumotakürch	nasu mota'kiʃ
536	palha de indaiá	nasukusich	nasu ku'siʃ
537	palmeira acori	motakürch	mota'kiʃ
538	papagaio	motorürch (Ff) nomotorürch (Fm)	moto'riʃ (Ff) nomoto'riʃ (Fm)
539	papel	kitchoniarch	kitʃoni'aʃ
540	parar (pare!)	hatotché 'é (hatotchê'ê)	hato'tʃɛʔɛ ~ hato'tʃêʔê
541	parar (pare!)	ototche	oto'tʃɛ
542	parar (parou)	totchêko	to'tʃêku
543	parar (vamos parar)	kurire ototché	ku'rire oto'tʃɛ
544	parente (meu parente)	nipariête	nipari'ête
545	partir em pedaços	anhané 'o	a'nāɛʔo
546	partir (parti – partiu)	aitchepesuna (ĩtchipesuna)	ajtʃepe'sunɛ ~ itʃipe'sunɛ
547	partir (vamos partir a melancia)	kuri aipiātomo sātiarch	ku'ri ajpʲā'tōmo 'sātʲaʃ
548	pé	nipiopé	'nipʲope
549	pecar	nomunatu	nomu'nātu
550	pedra	kaārch	ka'aʃ
551	pegar (vou pegar)	inhéta vaita	i'pɛta 'vajta
552	peito / seio (dela)	tiusich (tchusich)	tʲu'siʃ ~ 'tʃusiʃ
553	peito / seio (meu peito)	nipiaürch	'nipʲaiχ
554	peito / tórax (meu peito)	nitchusi	ni'tʃusi
555	peixe	nopiókórch	nopʲo'koʃ
556	peixe (que parece piaba)	tivivich (Ff) notchivivich (Fm)	tivi'viʃ (Ff) notʃivi'viʃ (Fm)
557	peixe (bagre)	veavórch (Ff) noveavórch (Fm)	vea'voʃ (Ff) novea'voʃ (Fm)
558	peixe (espécie de peixe)	sukarch (Ff) nosukarch (Fm)	su'kaʃ (Ff) nosu'kaʃ (Fm)
559	peixe curimba	savarurch (Ff) nosavarurch (Fm)	sava'ruʃ (Ff) nosava'ruʃ (Fm)
560	pelado (nu)	tiakiórch	tʲaki'oʃ
561	pele, couro, casca (casca de pau)	tiaki soise	tʲa'ki 'sojse
562	pele, couro, casca	tiakich	tʲa'kiʃ
563	pele, couro, casca (pele do braço)	tiaki nipia	tʲaki 'nipʲa
564	pele, couro, casca (couro de bicho)	tiaki noriórch	tʲa'ki nori'oʃ

565	pequeno	kenenesema (keneneses)	kene'nesēma ~ kenene'ses
566	pequeno, baixinho	niatokama	niato'kāma
567	perdão	apokūro itchakō'ō	apo'kiru itʃa'kōʔō
568	perder (vai perder)	niēsoka	niē'sokə
569	perdiz - jaó	kükich (Ff) nokükich (Fm)	ki'kiʃ (Ff) noki'kiʃ (Fm)
570	perdiz do campo	piririch (Ff) nopiririch (Fm)	piri'riʃ (Ff) nopiri'riʃ (Fm)
571	periquito	siórch (Ff) nosiórch (Fm)	si'oʃ (Ff) nosi'oʃ (Fm)
572	periquito (vaitaca)	taturchiórch	tatuʃi'oʃ
573	perna (perna dele)	tchaparch (tiaparch)	tʃa'paʃ ~ tʃa'paʃ
574	perna, coxa	nitchapa	ni'tʃapə
575	perto (pertinho)	sainhaama	sajna'āma
576	perto (vamos pertinho)	kuri sainhaama	ku'ri sajna'āma
577	peessoas, cristãos	kristianuka	kristʃa'nukə
578	pestana / cílios (do outro)	sukich sukikia (Pl)	su'kiʃ su'kikʃa (Pl)
579	pestana / cílios (minha pestana)	nesuki (nesuk)	ne'sukɪ ~ ne'sukʻ
580	peteca	póósich	poo'siʃ
581	Pica-pau	turch (Ff) noturch (Fm) tuumaka (Pl)	tʊʃ (Ff) notʊʃ (Fm) tuu'maka (Pl)
582	pintinho	kunumasuma kunumasumaaka (Pl)	kunu'masuma kunumasumaaka (Pl)
583	plantar	chaakükütu (chaakütu)	ʃaaki'kitu ~ ʃaa'kitu
584	plantar (está plantando)	waarükütu	waari'kitu
585	plantar (vamos plantar)	kuri waaküto	ku'ri waa'kitu
586	pó	kütórch (kütóórch)	ki'toʃ ~ kito'oʃ
587	pobre	takü sunoma'a (tchaküsuruka)	ta'ki sunomaʔa ~ tʃakisu'rika
588	podre	póreo	'poreo
589	pôr / colocar	inhata	i'pata
590	pôr / colocar (vou colocar lá)	ĩkia tinha'a	'ikʃa ti'naʔa
591	pôr / colocar (coloque aí)	anha ĩkamana (hanha)	apā ĩka'mana ~ ha'nā
592	pôr / colocar (põe mais aí)	anhaiki ĩkamana	a'najki ĩka'māna
593	por quê	tiakuki (tiakuki ajsamoné'é)	tʃa'kukɪ ~ tʃakukɪ ajsamoneʔe
594	porco	pautches pautchéka (Pl)	paw'tʃes paw'tʃeka (Pl)
595	porta	tiururch	tʃu'ruʃ
596	pouco, pequeno	sinhaama (tsinhaama)	sina'āma ~ tsina'āma
597	povoado	puevlorch	pu'evloʃ
598	preguiça (bicho)	machikiarch	maʃiki'aʃ
599	preto, negro	pusich	pu'tsiʃ
600	primo	niprimo	ni'primu
601	procurar (vai procurar)	ĩkiatu japatche	'ikʃatu ja'patʃe
602	quantos	tuvinho	tu'vino

603	quantos (quantos dias?)	tuvo nanénéka	tu'viu nanε'neka
604	quati	noich	no'iʃ
605	quebrar (o coco)	aipiache	aj'pʲaʃe
606	quebrar (quebrou, espatifou)	taruvu	'taruvu
607	quebrar / partir	aneuku (haneuku)	a'newku ~ ha'newku
608	queimar (já queimou lá)	tomu ta'a	'to:mu ta'ʔa
609	queimar (já queimou)	tomu	'tōmu
610	queimar (queimou)	homo	'hōmu
611	queimar (queimou)	küchüvo	ki'ʃivu
612	queimar (queimou)	tüküchüvo	tiki'ʃivu
613	quem que é	hūka napu	'hūŋka 'napu
614	querer (eu quero)	ichinhaka	iʃi'nakə
615	querer (não quero mais)	tichinhakapiki (tichinhakapik)	tiʃi'nakapikɪ ~ tiʃinapakapikʰ
616	querer (não quero)	tichinhakapu	tiʃi'napapu
617	querer (quero mais)	ichinhakaki	iʃi'nakakɪ
618	querer (você quer?)	achinhaka	aʃi'nakə
619	rabo	niórch (niorch)	ni'oʃ ~ ni'oʃ
620	rabo (rabo de bicho)	nio noriórch	ni'o nori'oʃ
621	rachar	apaōtomo (hapaōtomo)	apaō'tōmo ~ hapaō'tomu
622	rachar	pautovu (ipiātomonu)	paw'tovu ~ ipʲāto'monu
623	rachar (está rachando lenha)	ma paōtomono soise	ma paō'tōmōnu 'sojse
624	raio	jasunarch	jasu'naʃ
625	raiz	chanakarch	ʃana'kaʃ
626	rapaz	iaürch	ia'iʃ ~ ja'iʃ
627	rápido	heskonho (héskonho'o)	hes'kōpu ~ hes'kōpoʔo
628	rato	chichórch (Ff) nochichórch (Fm)	ʃi'ʃoʃ (Ff) noʃi'ʃoʃ (Fm)
629	rede	vaisich	vaj'tsiʃ
630	relâmpago	masunarch (masunana)	masu'naʃ ~ masu'nāna
631	remédio	chuarch	ʃu'aʃ
632	resina (leite de vegetais)	sururch	su'ruʃ
633	rio - córrego	nosorurch	noso'ruʃ
634	roça	nhanaurch (janaurch)	nāna'uʃ ~ jana'uʃ
635	roça (minha roça)	nio'o	ni'oʔo
636	roça (roça dele)	io'orch	io'ʔoʃ
637	roer	ichiaka	iʃi'akə
638	roncar (está roncando)	chaki tchanóka	'ʃakɪ tʃa'noka
639	rua	kalhes	'kaʎes
640	saber (estou sabendo)	tusi inhemu	tu'si i'nēmu
641	saber (você não sabe)	tchetuseupaimo	tʃetusew'pajmu
642	saco, bolsa	pusanéka	putsa'neka
643	sair	ĩkiatu (ĩkietu)	'íkʲatu ~ 'íkʲetu
644	sair (saia!)	amé' tuve'ō	a'mεʔ tu'vēʔō
645	sal	siürch	si'iʃ
646	sangue	nótórch	no'toʃ

647	sapato	sapaturch	sapa'tuʃ
648	sapo	sapórch (Ff) nosapórch (Fm)	sa'poʃ (Ff) nosa'poʃ (Fm)
649	sapo cururu	kürch (Ff) nokürch (Fm)	kiʃ (Ff) no'kiʃ (Fm)
650	seco	hogavo	'hogavu
651	semente	niorch	ni'oʃ
652	sempre	nokovoitche	noko'vojtʃɛ
653	sentar (sentar um pouco)	atōmo vaita	a'tōmo 'vajta
654	sentar (sente-se!)	atomō'ō (átomo)	ato'mōʔō ~ ato'mō
655	sentar (vamos sentar)	kuri ótomo	ku'ri 'otomu
656	serra / morro	diiritiurch	dʒiri'tʃuʃ
657	seu	hóvina	'hovine
658	seu / teu	hóvi	'hovɪ
659	só, somente	ovich	o'viʃ
660	sobancelhas	nesakü	ne'saki
661	sogra	nipiapaso (Ff) nipiaküso (nipiakü) (Fm)	nipʃa'patso (Ff) nipʃa'kitso ~ nipi'aki (Fm)
662	sogro	niausu (Ff)	nia'utsu (Ff)
663	sogro	nispuso (Fm)	nis'putsu (Fm)
664	sol	suurch (suürch)	su'uʃ ~ su'iʃ
665	sol (sol se pondo)	seresuurch (tseresuurch)	seresu'uʃ ~ tseresu'uʃ
666	sonhar (sonhei)	ipíósikia	ipʃo'sikʃa
667	sonhar (você sonhou)	aposikia	apo'sikʃa
668	sorrir	viavórch (ajakata - hajakata)	via'voʃ ~ a'jakatə ~ ha'jakatə
669	sovaco (axila)	napaurch	napa'uʃ
670	sozinha	chētamanhẽ	ʃē'tamānē
671	sugar / chupar (ele chupa, bebe)	tchavo	'tʃavu
672	sugar / chupar (chupar o caldo)	isüta	i'sitə
673	sujo	küsupich (kisupich)	kitsu'piʃ ~ kitsu'piʃ
674	surdo	nhasupórch	nasupo'oʃ
675	suvela	kietürch (kiotórch)	kʃe'tiʃ ~ kʃo'toʃ
676	tarde (entardecer)	tütümümüka	titimi'mika
677	tatu	takōörch (Ff) notakōörch (Fm)	takō'ōʃ (Ff) notakō'ōʃ (Fm)
678	tatu-bola	noniakarch	nonia'kaʃ
679	tatu liso	purususu	puru'susu
680	tatu-peba	nopéich	no'peiʃ
681	terra, chão	küürch	ki'iʃ
682	terreiro	naneetaarch	nanɛɛta'aʃ
683	tipo de enxada (pala)	küókikich	kioki'kiʃ
684	tocar inst. musical	asumono (hasumō)	asu'monū ~ hasu'mō
685	todo, inteiro	ananhã (anajã)	ana'nã ~ ana'jã
686	tomar banho	atópi	a'topɪ
687	tomar banho (ele já tomou banho)	tchauki tuvatopio	'tʃawɪ tuβato'piu

688	tomar banho (está tomando)	chatopikia vaita	ʃato'pikʲa 'vajta
689	tomar banho (já tomei, tomou)	tichatopikia	tiʃato'pikʲa
690	tomar banho (vá tomar banho!)	haku atópi	'haku 'atopi
691	tomar banho (vamos tomar banho)	kuri watopi	ku'ri 'watopi
692	tomar banho (vamos tomar banho)	watópi	wa'topɪ
693	tomar banho (vou tomar banho)	ĩkiéto chatópi	ĩkʲeto ʃa'topi
694	tomar fôlego	hanasaka	ha'nasaka
695	três	trech	treʃ
696	tripa	nãtereres	nãtere'res
697	tripa da gente	chãterere (chãtrere)	ʃã'terere ~ ʃã'terere
698	tristeza (está triste demais)	taruku nesutchéki	'taruku nesu'tʃekɪ
699	tristeza (estou triste)	esutchéka (hesutchéka)	esu'tʃekə ~ hetsu'tʃekə
700	tristeza (você está triste?)	asutchéka (hasutchéka)	asu'tʃekə ~ hasu'tʃekə
701	trovão	suru	'tsuru
702	tu, você	achü (hachüü)	'aʃi ~ 'haʃii
703	tucano	noinonés	nōjno'nes
704	tucano (espécie de tucano)	ponhoes (Ff) nophonoes (Fm)	poɲo'es (Ff) nopoɲo'es (Fm)
705	tucano (um tucano)	tama'a noinonés	ta'ma: nōjno'nes
706	um	tama'a	ta'maʔa
707	um pouco	vaita	'vajta
708	urina	iürch	i'isʃ
709	urinar (já urinou)	jasuparikia (tijasuparikia)	jasupa'rikʲa ~tijasupa'rikia
710	urinar (vai urinar)	ĩkiatu jasupari	'ĩkʲatu jasu'parɪ
711	vaca	vakarch	va'kaʃ
712	vaga-lume	kurukusich (Ff) nokurukusich (Fm)	kuruku'siʃ (Ff) nokuruku'siʃ (Fm)
713	varrer (está varrendo)	ma sũũkono (nhasũũkóka)	ma sũũ'kõnu ~ pasũũ'koka
714	varrer (estou varrendo)	jasũũkóka (ĩnhasũũkóka)	jasũũ'koka ~ ĩpasũũ'koka
715	vassoura	masũkótórch	masũko'toʃ
716	vela	vérarch	'veraʃ
717	velha	pókupósuma	poku'posuma
718	velha (está velha)	tupóku pósuma	tu'poku 'posuma
719	velho (está ficando velho/a)	tupõõté'é	tu'põ:teʔe
720	velho (está velho)	tchauki tupõõté (to po'oma)	tʃawki tu'põ:te ~ to po'ʔoma
721	velho, velhinho	pioma (pooma) (Ff)	pi'õma (Fm) ~ 'po:ma
722	veneno	kitchararch	kitʃa'raʃ
723	vento	makiitürch	makii'tiʃ
724	verdade	nhemanakórch (nhemanaũkórch)	nēmanã'koʃ ~ nēmanaũ'koʃ
725	vergonha	kiosórch	kiw'tsoʃ
726	vergonha (está com vergonha)	küsovo	'kitsovu
727	vergonha (está com vergonha)	hesuusóka (aküüsóka)	hetsuu'soka ~ akii'tsoke
728	vermelho	kitüriki	ki'tirikɪ
729	vestido (meu vestido)	saivi	sa'ivɪ
730	vestido (dela)	naivich	nai'viʃ

731	vila (cidade de Cáceres)	navich	na 'viχ
732	vir (nós viemos)	sovekato	sove 'kato
733	viver (estou vivendo)	suorikia	suo 'rikʲa
734	vomitar	hono	'hõnu
735	vomitar (estou vomitando)	chõũka	'ʃõũŋka
736	vomitar (quer vomitar)	chinhaka chõ'õ	ʃi 'paka ʃõʔõ
737	vomitar (vomitou)	tichoũka (sichoũka)	ti 'ʃõũŋka ~ si 'ʃõũŋka
738	xará (homem)	nĩcha	ni 'ĩʃa
739	xará (mulher)	naĩcha	na 'ĩʃa